

O INSTITUTO

~~~~~  
SEGUNDA SERIE

OTUTITSI O

SECONDA SERIE

# O INSTITUTO

---

SEGUNDA SERIE

---

VOLUME XX

Novembro a Abril — 1874-1875

N.<sup>os</sup> 7 a 12



COIMBRA  
IMPrensa DA UNIVERSIDADE  
1874

O BASTANTE

XX ANNO - SECONDA SERIE

GIUGNO 77

NUMERO 100 - 1877

1877

LIBRERIA DI LONDRA  
1877



# INDICE

DAS

## MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME XX

.....  
A. M. Simões de Castro:

**A. A. da Fonseca Pinto:**

|                         | Pag. |
|-------------------------|------|
| Gato por lebre .....    | 177  |
| Cartas familiares ..... | 223  |

**A. A. da Costa Simões:**

|                                                          |     |
|----------------------------------------------------------|-----|
| Catalogo da collecção de preparações microscopicas ..... | 213 |
|----------------------------------------------------------|-----|

**Antonio José Gonçalves Guimarães:**

|                                 |     |
|---------------------------------|-----|
| Classificações zoologicas ..... | 206 |
| » » .....                       | 255 |

**A. J. Viale:**

|                                                                                               |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Francisca de Rimini (poesia) .....                                                            | 24  |
| Falla de Priamo prostrado aos pés de Achilles pedindo o<br>resgate do cadaver de Heitor ..... | 221 |
| O conde Ugulino .....                                                                         | 277 |

**A. M. Seabra d'Albuquerque:**

|                                                                                        |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Bibliographia da Imprensa da Universidade de Coimbra nos<br>annos de 1872 e 1873 ..... | 37 |
|----------------------------------------------------------------------------------------|----|

**Augusto Antonio da Rocha:**

|                                                                                  | Pag. |
|----------------------------------------------------------------------------------|------|
| Sessão da classe de sciencias physico-mathematicas em 16 de janeiro de 1875..... | 112  |

**A. Philippe Simões:**

|                                              |    |
|----------------------------------------------|----|
| Noticia do posto meteorologico de Evora..... | 78 |
|----------------------------------------------|----|

**A. M. Simões de Castro:**

|                                                                                          |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| O bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida e sua munificencia para com a sua cathedral ..... | 136 |
| A floresta do Bussaco .....                                                              | 199 |

**Augusto Sarmento:**

|                                      |    |
|--------------------------------------|----|
| Lembra-te de mim !... (poesia) ..... | 27 |
|--------------------------------------|----|

**Candido de Figueiredo:**

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| Duas andorinhas (poesia)..... | 122 |
|-------------------------------|-----|

**Fernando Mattoso dos Sanctos:**

|                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Sessão da classe de sciencias physico-mathematicas em 23 de janeiro de 1875..... | 152 |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----|

**F. A. Rodrigues de Gusmão:**

|                     |     |
|---------------------|-----|
| Bibliographia ..... | 178 |
|---------------------|-----|

**J. dos Santos e Silva:**

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| Estudo chimico d'alguns derivados da camphora..... | 18 |
|----------------------------------------------------|----|

|                                                                                               | Pag. |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Catalogo dos objectos existentes na collecção de archeologia<br>do Instituto de Coimbra ..... | 229  |
| Idem .....                                                                                    | 281  |
| <b>João Jacintho Tavares de Medeiros:</b>                                                     |      |
| Finanças .....                                                                                | 5    |
| Estudo sobre o artigo 741 do Codigo civil portuguez.....                                      | 241  |
| <b>José Epiphanyo Marques:</b>                                                                |      |
| Sessão da classe de sciencias physico-mathematicas em 16<br>de janeiro de 1875.....           | 106  |
| Idem, em 23 de janeiro de 1875 .....                                                          | 164  |
| <b>J. Frederico Laranjo:</b>                                                                  |      |
| Origens do socialismo.....                                                                    | 57   |
| <b>José Sebastião Martins Pereira:</b>                                                        |      |
| Apontamentos ácerca da muito antiga villa de Soure .....                                      | 28   |
| <b>Luiz Carlos:</b>                                                                           |      |
| Impossivel! (poesia).....                                                                     | 84   |
| <b>Luiz da Costa e Almeida:</b>                                                               |      |
| Composição de forças parallelas .....                                                         | 75   |
| <b>Luiz Garrido:</b>                                                                          |      |
| Jornadas .....                                                                                | 180  |

## Miguel Osorio Cabral de Castro:

|                                                                               | Pag. |
|-------------------------------------------------------------------------------|------|
| Relatorio dos trabalhos da secção de archeologia do Instituto de Coimbra..... | 86   |

## Tollens (Dr.):

|                                                                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Bosquejo ou exposição summaria da organização das faculdades de philosophia nas universidades de Allemanha.... | 49  |
| Idem .....                                                                                                     | 100 |
| Idem .....                                                                                                     | 145 |
| Idem .....                                                                                                     | 193 |

## Vicente Urbino de Freitas:

|                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Sessão da classe de sciencias physico mathematicas em 23 de janeiro de 1875..... | 158 |
| Breve estudo sobre a chlorose.....                                               | 264 |

## Vieira de Meirelles:

|                        |     |
|------------------------|-----|
| Geographia medica..... | 115 |
|------------------------|-----|

# O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

VOLUME XX — NOVEMBRO DE 1874

SEGUNDA SERIE — N.º 7

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

## SUMMARIO

|                                                                                                                                  | Pag. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| FINANÇAS — por João Jacintho Tavares de Medeiros . . . . .                                                                       | 5    |
| ESTUDO CHIMICO D'ALGUNS DERIVADOS DA CAMPHORA — por<br>J. dos Santos e Silva . . . . .                                           | 18   |
| FRANCISCA DE RIMINI (poesia) — por A. J. Viale . . . . .                                                                         | 24   |
| LEMBRA-TE DE MIM!... (poesia) — por Augusto Sarmiento . . .                                                                      | 27   |
| APONTAMENTOS Á CERCA DA MUITO ANTIGA VILLA DE SOURE<br>— por José Sebastião Martins Pereira . . . . .                            | 28   |
| BIBLIOGRAPHIA DA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA<br>NOS ANNOS DE 1872 E 1873 — por A. M. Seabra d'Albu-<br>querque . . . . . | 37   |

## EXPEDIENTE

Publicamos neste mez os numeros atrazados correspondentes a outubro e novembro de 1874, e d'este modo ficam completos os volumes semestraes XIX e XX do jornal. Começa no seguinte mez de julho o volume XXI, e seguirá regularmente a sua publicação mensal sem interrupção. Agradecemos cordalmente não só aos nossos collaboradores, cuja coadjuvação esperamos que continue, mas á Administração d'esta Imprensa e seus zelosos operarios o auxilio que nos prestaram para conseguirmos ver o jornal em dia.

*N. B.* Com o numero de julho distribuir-se-ha o indice dos volumes XIX e XX

# SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

---

## FINANÇAS

### CONTRIBUIÇÃO DE REGISTRO

Não é raro encontrar apreciadores da situação económica e financeira de um paiz qualquer tomando como thermometro infalível o seu *deficit* orçamental; e, ainda que este ponto de partida do espirito humano nas investigações d'esta ordem não deva ser de todo desprezado, está todavia bem longe de representar uma realidade scientifica, se não abstrahirmos do grande numero de ficções, que revelam apenas outros tantos jogos de politica aparatosa e nada mais.

Se abandonarmos as mesmas ficções orçamentaes para attendermos aos meios de equilibrio propostos por muitos pseudo-financeiros, resaltam ainda os erros de principios e absurdos, que uma crise muitas vezes ou a pretendida razão fiscal póde attenuar, mas que a sciencia não deve absolver.

Um simples calculo arithmetico, bem facil de ser comprehendido pelas intelligencias ainda as menos cultivadas, elimina num momento a differença existente entre a receita e despesa nacional ou com egualdade de sacrificio para ambos os termos pela addição e subtracção da semi differença em cada um dos termos respectivos, ou com desigualdade de sacrificio pelo augmento ou diminuição da differença total no termo que se pretender egualar.

Como porém estas meras illusões não podem sobreviver por muito tempo ás instigações das necessidades reaes, é forçoso lançar mão de meios de vida effectiva, attendendo não só ás fontes economicas, mas tambem aos progressos sociaes, de fórma que nem o desinvolvimento se paralyse, nem ao fim do Estado se sacrifi-

quem completamente os recursos da nação, lançando-a por isso na via dos empréstimos e da sua ruina total.

Se ha circumstancias financeiras, que impellem os estadistas a desattenderem ás forças economicas d'uma nação, nem por isso deve d'aqui induzir-se um principio generico, que produziria uma fluctuação permanente e uma vida accidentada de perigos eminentes; é necessario rigor scientifico na escolha de meios proprios, justiça na sua distribuição respectiva e moderação e equidade na percepção.

O imposto ou contribuição não é uma troca, mas sim um dos seus termos, e será justo quando houver equivalencia, isto é, quando os serviços de garantia prestados pelo Estado valerem a retribuição exigida aos cidadãos.

Sendo o Estado uma perfeita associação de garantia e nada mais, é evidente que o imposto não póde affectar a riqueza garantida, como força productiva, mas sim o seu rendimento; aliás a garantia tornar-se-hia prejudicial, aniquilando a riqueza individual e socializando-a por consequencia num futuro mais ou menos remoto; o Estado seria o unico proprietario; a idêa de dominio e a de Estado seriam identicas.

Se, abstrahindo da natureza hypothetica da instituição politica, suppozessesmos, por um pouco, que a individualidade se podia elevar á altura de um verdadeiro estado de direito, o organismo politico desappareceria completamente por não existir uma razão sufficiente, que podesse justificar-o; estabelecendo agora a hypothese contraria, o que não deve admittir-se é que a missão do Estado vá tão longe, que contrarie o principio que o legitima, concentrando o individuo e absorvendo todas as fontes de producção.

São estas as indicações do direito publico philosophico de harmonia com as da sciencia economica.

Partindo pois do principio de que o imposto deve equivaler aos serviços de garantia, a que se destina; de que não deve affectar as forças productivas de fórma que as mesmas deixem de desinvolver-se; de que a producção ou rendimento é periodico; e finalmente designando o imposto por I, as forças de producção

por P, as despesas de conservação e melhoramento, de que necessitam as mesmas forças para produzirem, por (C + M), a produção ou rendimento periodico por  $\frac{T}{100}$ , e a percentagem, ou relação existente entre o contingente distribuido e a materia collectavel, por  $\frac{Y}{100}$ , podemos sem duvida formular as relações, a que se deve attender para que o imposto seja justo, do seguinte modo :

$$I = P - (C + M) \frac{T}{100} \times \frac{Y}{100}$$

E sendo certo que o imposto nacional deve ser igual á somma dos differentes impostos individuaes, podemos representar cada um d'estes por

$$i = p - (c + m) \frac{t}{100} \times \frac{y}{100}$$

e por consequencia

$$I = \left( p - (c + m) \frac{t}{100} \times \frac{y}{100} \right) n$$

suppondo que os impostos individuaes são eguaes ou se consideram como taes, aliás converteremos a multiplicação em somma.

E egualando, como devemos,  $P - (C + M) \frac{T}{100}$  ao rendimento

livre, ou R, teremos em conclusão

$$I = \frac{R Y}{100} = \frac{r y}{100} n$$

A estes principios de verdade e justiça só podem satisfazer as contribuições ou impostos directos; rejeitamos por consequencia todos os impostos indirectos.

Alguns escriptores consideram impostos directos os que oneram os meios, e indirectos os que sobrecarregam as despesas; outros chamam imposto directo ao que é pago por conta do proprio contribuinte, e indirecto quando o contribuinte apenas o adianta ao Estado, rehavendo-o depois de outrem. Qualquer d'estas divisões não tem fundamento racional, porque as especies, em ultima analyse, não podem discriminar-se. Entendemos por tanto que o imposto é directo quando affecta immediatamente o rendimento do cidadão, e indirecto, quando se apoia em qualquer outra base collectavel.

Admittindo porém a primeira divisão, deveriamos considerar, como muitos escriptores, a contribuição de registro como imposto directo, o que não podemos acceitar.

O proprio sr. Ministro da Fazenda, conhecendo sem duvida a verdade do que deixamos dicto e a anomalia d'este imposto, separou-o das duas especies indicadas, mencionando-o conjunctamente com o sello, no artigo 2.º do rendimento do Estado, como se vê do orçamento geral para o actual exercicio a paginas 5.

Em harmonia com os principios expostos, vamos hoje estudar especialmente o fundamento racional da contribuição de registro, analysando as opiniões de alguns escriptores, que se têm occupado d'esta materia.

A contribuição de registro affecta as transmissões de propriedade, tanto por titulo gratuito como por titulo oneroso. Creada entre nós por leis de 30 de junho de 1860 e 1 de agosto de 1869, veiu em parte substituir o imposto de transmissão regulado por leis de 12 de dezembro de 1844 e 23 de abril de 1845, e, em outra parte, as antigas sizas estabelecidas nas côrtes de Braga de 1387, reguladas pelas Ord. aff., liv. 2.º, titt. 28 e 59 e posteriormente pelo regimento de D. Sebastião de 27 de setembro de 1576.

Tem pois a contribuição de registro uma auctoridade historica

respeitavel, se respeitaveis devem ser todas as instituições que a historia nos apresenta, e, alem d'isto, em seu favor a opinião de eruditos e abalisados financeiros, cujos argumentos todavia nos não parecem concludentes.

Stuart Mill, nos seus *Principios de economia politica*, liv. 5.º, cap. 2.º, § 3.º seguindo até certo ponto a doutrina de Bentham, e procurando a principal fonte da receita publica na propriedade transmittida por titulo gratuito, diz: «Em quanto ás grandes fortunas, provenientes de doação ou successão, a faculdade de legar é um dos privilegios da propriedade, que póde ser utilmente regulado no interesse da utilidade publica; e a melhor fórma de obstar á accumulacão das grandes fortunas nas mãos dos que as não adquirem por seu trabalho, consiste em limitar o que cada um póde adquirir por doação, legado ou successão. Alem d'isto, e segundo a doutrina de Bentham, anteriormente discutida, que consiste na suppressão das successões *ab intestato* entre collateraes, e na reversão dos bens para o Estado, considero as successões e os legados em geral, quando excedam certa quantia, como *uma materia eminentemente collectavel*, e creio que se deveria elevar a taxa do imposto, tanto quanto fosse possivel, sem facilitar os meios de illudir a lei por doação *inter vivos*, ou dissimulando as propriedades de tal fórma que fosse impossivel impedir a fraude.»

Garnier, no *Tractado de finanças*, cap. X, exprime-se de um modo tão lisongeiro em relação á contribuiçãõ de registro por titulo gratuito, que não será difficil imaginar que para o illustrado escriptor é este imposto o prototypo de todos os outros e por ventura um manancial fecundissimo de receita publica. Citemos as suas proprias palavras: «O Estado entra como consorte na herança ou doação; e a taxa tem por effeito attenuar a nova riqueza do herdeiro, no momento em que desaparece o antigo possuidor e em que o novo não tem ainda gozado d'uma propriedade, muitas vezes inesperada, que lhe advem por titulo gratuito, e que a sociedade lhe garante, prestando-lhe por isso um serviço, cuja retribuição lhe exige justamente.

Este imposto é o mais directo e o mais simples de todos. Mas é necessario que seja percebido com moderação para não desani-

mar o possuidor nas suas economias, nem obrigar-o a alienar simultaneamente a sua fortuna, nem ainda destruir nas mãos do herdeiro um instrumento de trabalho, util para elle e para a sociedade.

A base racional do imposto é o activo livre das successões, base adoptada pelo legislador na Belgica, na Prussia e na Inglaterra.

O essencial é que este imposto se exija em certos prazos de maneira que os novos proprietarios possam satisfazer-o por meio dos rendimentos, sem se verem obrigados a contrahir empréstimos ou fazer vendas prejudiciaes.

Fundam-se pois os illustres financeiros nos seguintes principios, para legitimarem a existencia da contribuição de registro por titulo gratuito :

1.º Deve impedir-se a accumulção de fortunas nas mãos dos que as não adquirirem por seu trabalho, supprimindo-se a successão *ab intestato* entre collateraes e revertendo por consequencia a propriedade para o Estado ;

2.º O Estado presta um serviço de garantia por occasião da successão, o qual deve justamente retribuir-se ;

3.º A materia collectavel é propriedade muitas vezes inesperada, adveniente por titulo gratuito ;

4.º O imposto deve comtudo ser moderado e limitado, exigindo-se em epochas em que o novo proprietario o possa satisfazer, sem sacrificio, por meio dos rendimentos.

Analysemos estes argumentos e vejamos a sua concludencia.

O primeiro implica de certo a questão de organisação da propriedade, tão agitada já entre os antigos communistas e socialistas, como ainda hoje em alguns corações, nobilissimos propugnadores do equilibrio das classes socias. Involve tambem uma errada noção do Estado e não menos falseada idéa do imposto.

A miseria e o pauperismo tem feito por mais de uma vez levantar brados unisonos e eloquentes contra os grandes detentores da propriedade, gravando-os com pesados encargos para attenuar os soffrimentos de um grande numero de infelizes. Estes protestos porém têm sido sempre impotentes e sem nenhum valor practico, quando se apoiam no principio da charidade official e numa justiça distributiva maximamente violenta.

A philosophia do Direito contorce-se, é verdade, para justificar a transmissão da propriedade por meio das successões; philosophos e politicos encontram-se na arena com opiniões diversissimas; e com quanto as idéas mais adiantadas e geralmente seguidas descubram o fundamento racional da propriedade nas necessidades e o seu titulo legitimo de aquisição no trabalho, é todavia certo que uns, como consequencia d'estes principios, e outros guiados pela voz da consciencia ou por conveniencias economicas e tambem sociaes, ainda se não atreveram a coarctar a liberdade de disposição dos bens justamente adquiridos, proscrevendo dos codigos as successões tanto testamentarias como *legitimas*.

Não aspiramos a dar á questão uma solução cabal, mas parece-nos contradictorio admittir o direito de livre disposição, limitando e restringindo a propriedade por meio de pesados impostos, que em pouco tempo a façam reverter completamente para o Estado. E embora estas restricções se opponham ás successões em linha collateral, nem por isso a medida é menos violenta e injusta.

O Estado não é proprietario, como não é tambem industrial, etc.; é apenas uma associação de garantia politica; não organisa a sociedade por meio do imposto, mas é o reflexo da sociedade já organizada, exigindo o imposto em harmonia com o fim determinado; o imposto não é correctivo das desigualdades sociaes, mas sim a retribuição d'um serviço e um meio para a manutenção da ordem e progresso social.

Que outr'ora na infancia das nações, quando a sciencia se achava confundida totalmente com a religião, e a reflexão não havia substituido a espontaneidade nativa, e ainda mesmo quando o Imperio assentava seus alicerces sobre a escravidão, a idéa do dominio equivallesse á de Estado nada era de admirar; mas hoje pretender por um torneio senão retrocesso inadmissivel restabelecer o que a sciencia e as mais gloriosas revoluções da humanidade têm destruido, é certamente aspiração inutil e trabalho demasiadamente inglorio.

Ao proverbio de Salomão — *Per me reges regnant et legum conditores juxta decernunt* —; ao dicto do Psalmista — *Domini est terra et plenitudo ejus* —; e ao texto de S. Paulo — *Omnis*

*potestas a Deo venit* — oppozeram Krause e muitos outros, seguindo as palavras de Christo, dantes annunciadas sem duvida por Platão, estas outras: «O Estado, que deve realisar a idêa divina do direito, está originariamente no homem, e do fóco interno de justiça, fortificado constantemente por acções justas e boas, deve irradiar a justiça sobre toda a ordem social.» Por consequencia, embora nos curvemos perante a auctoridade biblica para referir tudo ao Eterno; embora concedamos o *jus tributorum* ou reconheçamos o *ager publicus* e ainda mesmo o principio do imperia-lismo ou da realeza esmagando as classes medias *nominor quia leo*, como meras realidades historicas, é todavia certo que, elevado o homem á altura da sua personalidade juridica, é elle que constitue o Estado como associação de garantia politica.

É pois absurdo operar a reversão da propriedade individual para o Estado por meio do imposto sobre a transmissão, e não é menos condemnavel o pretendido equilibrio das classes sociaes, quando se concorre sem duvida para o aniquilamento do individuo (*faeniantismo*) habituando-o ao desprezo das forças proprias, para se lançar nos braços da providencia social.

Não julgamos mais felizes os financeiros citados em relação ao segundo principio.

Por ventura presta o Estado mais serviços que prestava anteriormente ao facto da transmissão?

Ainda mesmo que não podessemos seguir a affirmativa neste caso, era de sobejo sufficiente o demonstrarmos que a contribuição de registro affecta directa e immediatamente as forças productivas, roubando-lhes uma parte, para condemnarmos um tal imposto.

Nem o Estado presta serviços de maior garantia na occasião da transmissão, tanto por titulo gratuito como por titulo oneroso, nem a riqueza publica, e por consequencia as fontes de receita, são por isso augmentadas. Se a equação, que estabelecemos entre o imposto e a parte do rendimento, permanece a mesma em relação a um dos seus membros, deve evidentemente permanecer tambem com respeito ao outro.

Supponhamos porém que as transmissões exigem da parte do Estado serviços de maior garantia, por causa das questões a que podem dar logar; como poderá avaliar-se a relação entre os serviços prestados e a base collectavel? Mas nem mesmo admittida esta hypothese podia ella racionalmente gerar um fundamento plausivel de imposto, porque era necessario admittir tambem que nas questões meramente particulares a retribuição da justiça não sobrecarregasse as proprias partes como acontece.

Supponhamos ainda que este systema de retribuição é inaceitavel; poderemos por ventura partir de dados precisos para estabelecermos uma justa percentagem entre os conjuges e ascendentes, bem como uma razão progressiva em relação aos demais successores? Parece nos que não. Encontramos nas leis fiscaes uma certa quotidade para os conjuges e ascendentes, uma outra mais elevada para os collateraes no segundo gráu por direito civil, e assim successivamente em quanto aos demais; poderá determinar-se uma base para a primeira e uma razão progressiva para as outras? Seguimos a negativa, e não julgamos que, por mais esclarecido e conspicuo que seja o financeiro, possa com vantagem fixar principios *a priori* que regulem esta materia.

Pelas leis de 30 de junho de 1860 e 31 de agosto de 1869, a que já nos referimos, estão sujeitos á contribuição de registro:

1.º Os actos, que importam transmissão perpetua ou temporaria de propriedade immovel de qualquer especie ou natureza, por titulo gratuito ou oneroso, qualquer que seja a denominação ou fórma de titulo, comprehendendo-se nesta categoria os contractos de constituição de emphyteuse, censo e quaesquer outros, que importam transmissão de propriedade não sujeita ao pagamento da siza até 30 de junho de 1860 (Lei de 30 de junho de 1860, art. 2.º, n.º 1.º);

2.º Os actos, que importam transmissão de propriedade movel de qualquer especie ou natureza, comprehendidos os titulos de divida publica e acções de bancos e companhias ou sociedades anonymas e quaesquer papeis de credito, e bem assim os direitos e acções de valor excedente a cincoenta mil réis por successão.

testamentaria ou legitima, por dote e doação *inter vivos* ou *causa mortis*, quando se verificar a transmissão;

3.º Os actos, que importam transmissão de bemfeitorias em predios rusticos ou urbanos, exceptuadas as adquiridas pelo dono do predio bemfeitorisado;

4.º Os actos, que importam transmissão por titulo gratuito a favor de ascendentes, conjuges ou esposos, verificando-se o casamento;

5.º Os actos, que importam transmissão de propriedade movel ou immovel por titulo gratuito feita a misericordias, hospitaes, casas de expostos, asylos de mendicidade ou infancia desvalida, casas de educação gratuita, ou quaesquer outros estabelecimentos de beneficencia auctorizados pelo governo (Lei de 31 de agosto de 1869, art. 1.º, n.º 1 a 4).

Nas transmissões de bens moveis ou immoveis por titulo gratuito entre conjuges e a favor de ascendentes a contribuição é de 2 0/0; entre collateraes no 2.º gráu por direito civil de 3 0/0; entre collateraes no 3.º e 4.º gráu de 6 0/0; entre outras quaesquer pessoas de 10 0/0.

Nas transmissões de bens por titulo oneroso a contribuição é de 6 0/0. (Citt. LL. de 30 de junho de 1860 e 31 de agosto de 1869).

Por estas leis pouco ou nada escapou, como se vê, á idéa reversiva do legislador. Quando alguns escriptores apenas têm affectado as transmissões por titulo gratuito operadas entre collateraes, como dissemos a paginas 10, o nosso legislador foi mais longe ferindo tambem os ascendentes com o imposto de 2 0/0. Se só pela idéa de condominio podiamos difficilmente justificar as successões entre ascendentes e descendentes e *vice-versa*, pareceu melhor cortar por este meio todas as difficuldades, embora a contradicção com as leis civis seja flagrante.

Seja-nos licito repetil-o: não descobrimos base racional para este imposto, porque nem os serviços do Estado augmentam, nem as fontes da receita publica. Mas ainda que no campo das circumstancias os principios da sciencia cedessem á pretendida razão fiscal, não seriam dignas de melhor sorte as transmissões operadas a favor das misericordias, hospitaes, casas de expostos, asylos de

mendicidade ou infancia desvalida, casas de educação gratuita, ou quaesquer outros estabelecimentos de beneficencia auctorizadas pelo governo? Nem a miseria nem a ignorancia bradaram eloquentemente na consciencia de tão illustres financeiros?

A tanto chega a intransigencia da logica!

Não se diga tambem que o facto da aquisição de uma fortuna incalculada e imprevista muitas vezes é motivo sufficiente para fornecer ao Estado optima materia collectavel. Se o augmento de riqueza individual por successão pôde predispor os animos para mais serenamente supportarem as exacções fiscaes, nem por isso o imposto deixa de ser mais odioso e mais semelhante ás antigas e repugnantes *luctuosas*. Quem rejeitar estes principios não deve hesitar um só momento perante as consequencias extremas, e proclamar bem alto a extorsão traiçoeira ao proprietario indefeso.

Para attenuar estas e outras incoherencias, propõem, como já dissemos, os illustrados financeiros que o imposto seja moderado e limitado, exigindo-se em epochas em que o novo proprietario o possa satisfazer sem sacrificio por meio dos rendimentos. Neste sentido dispõem as instrucções regulamentares de 12 de outubro de 1860, art. 34.º, § 2.º e as de 30 de junho de 1870, art. 48.º, §§ 3.º, 4.º, e 5.º dizendo: «Se a transmissão for de bens de raiz e a contribuição não exceder comtudo a 150\$000 réis, pagar-se-ha em quatro prestações: uma no referido praso de oito dias e tres por conhecimentos cobraveis a seis, doze e dezoito mezes; se a contribuição exceder de 150\$000 até 800\$000 réis, pagar-se-ha em cinco prestações: uma no dicto praso de oito dias e quatro por conhecimentos cobraveis a seis, doze, dezoito e vinte e quatro mezes; se porém a contribuição exceder a 800\$000 réis será paga em seis prestações: uma no praso indicado de oito dias e as outras por conhecimentos cobraveis a seis, doze, dezoito, vinte e quatro e trinta mezes.»

Effectivamente é este um meio de suavisar um pouco a dureza do imposto e diminuir a reluctancia do contribuinte, mas nem por isso deixa de affectar as forças productivas, porque as prestações são de ordinario superiores ao rendimento. E se á contri-

buição de registro por titulo gratuito adicionarmos, como devemos, a contribuição predial e o imposto para viação, concluirmos necessariamente que o Estado é usufructuario da propriedade por um tempo muitas vezes superior a trinta mezes, desfalcando por consequencia o valor venal na importancia do usufructo em prejuizo do proprietario.

Não obsta que o imposto seja, como dizem, moderado e limitado, porque estas condições têm um valor practico tão insignificante, quanto é difficil se não impossivel estabelecer-lhe uma base justa e uma progressão racional. Não podemos precisar-lhe os limites, nem determinar-lhe a moderação.

Se attendermos com especialidade á contribuição de registro por titulo oneroso, que affecta em geral as transmissões operadas por meio da compra e venda ou permutações, não encontramos tambem principio algum, que melhor a justifique.

Na verdade é mais equal que a contribuição de registro por titulo gratuito, porque affecta todas as transmissões com 6 0/0 do seu valor venal, mas tambem devemos attender a que recáe sempre sobre o vendedor, no todo ou em parte, na occasião em que muitas vezes se acha em lucta com a fome e a miseria.

Garnier entende que esta contribuição recáe alternativamente sobre uma das duas partes contractantes, que mais é impellida a operar a transmissão, mas accrescenta que, na maior parte dos casos, são ambas expropriadas (em parte) em favor do fisco. Parece-nos porém mais accetavel a opinião de M. Passy, quando diz que este imposto é pago pelo vendedor, por isso que todo o comprador mette em linha de conta o que necessita pagar ao fisco, reduzindo proporcionalmente o preço a satisfazer ao vendedor.

Posto isto, podemos concluir:

- 1.º que o Estado, não presta serviços de garantia superiores aos que presta em geral, na occasião da transmissão, nem esta eleva o rendimento nacional, base de todo o imposto;
- 2.º que a contribuição de registro, tanto por titulo gratuito

como oneroso, não tem fundamento racional em que se apoie, e que, por consequencia, é uma expropriação injusta e desigual;

3.º que a occasião, em que a transmissão se verifica, não legitima a injustiça;

4.º finalmente, que o pagamento por prestações, bem como a moderação e limites do imposto, não passam de uma mera illusão para o contribuinte; o primeiro porque affecta da mesma fórma a propriedade e não o rendimento; as duas outras condições por impossiveis de determinar.

Temos contra estas nossas considerações a opinião auctorizada de muitos escriptores; não obsta porém isto a que expressemos conscienciosamente o nosso humilde modo de pensar.

Temos tambem a tão celebre como absurda *razão fiscal*, a que já por varias vezes nos havemos referido. Perguntarão muitos de que fontes deveriam sahir os 932 contos que o Estado cobra por esta fórma, quando se extinguisse a contribuição de registro? A resposta é facil, e mais facil é ainda comprehender que é o orçamento que deve subordinar-se aos principios da sciencia e não estes ao orçamento.

JOÃO JACINTHO TAVARES DE MEDEIROS.

## SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

### ESTUDO CHIMICO D'ALGUNS DERIVADOS DA CAMPHORA

Quando, ha alguns mezes, me occupei das experiencias sobre o acido camphocarbonico e alguns outros derivados da camphora ordinaria, obtive, pelo processo de Baubigny, uma quantidade consideravel de borneol no estado de pureza, como indiquei em um dos numeros d'este jornal<sup>1</sup>.

Como se sabe, o borneol é hoje considerado como um alcool, que, quanto á sua composição, está para a camphora ordinaria como o alcool ethylico está para o aldehyde acetico. Partindo d'esta idéa, geralmente recebida, procurei obter alguns derivados ethereos do borneol ou alcool campholico, seguindo para isso os processos geraes, por meio dos quaes se obtêm os derivados correspondentes do alcool ordinario e dos outros alcooes da mesma serie, não tanto com o fim de verificar as analogias entre o alcool campholico e os alcooes da serie gorda, como para enriquecer a collecção de chimica organica do laboratorio.

Em primeiro logar procurei obter, pela acção do chlorureto d'acetylo sobre o borneol, o derivado acetico que Baubigny não poudo preparar pela acção d'este chlorureto sobre o borneol so- dado, e que só preparou por meio do acido acetico anhydro. Fazendo a mistura dos dois corpos em um balão em quantidades calculadas, a reacção foi energica: o borneol tornou-se liquido, houve elevação de temperatura, e desenvolveu-se grande quantidade de acido chlorhydrico. Junctando agua ao liquido contido no balão, logo que a reacção terminou, separou-se uma camada oleosa, que foi tractada por uma solução de carbonato de sodio e fraccionado. A principio distillou um liquido turvo, mistura de agua, acido e oleo, e de 105° até 220° subiu o thermometro

<sup>1</sup> Instituto de Coimbra, 1874, vol. xviii, pag. 220.

rapidamente distillando então a totalidade do liquido entre 220° e 225°. O liquido distillado entre estas duas temperaturas, depois de tractado pelo carbonato de potassio secco, era perfeitamente neutro, incolor e transparente, e manifestava um cheiro especial muito agradável. Numa segunda distillação passou quasi todo entre 222° e 225° apresentando reacção levemente acida, o que indica decomposição parcial quando se faz a distillação á pressão ordinaria. A analyse elemental d'este producto deu:

$$C = 73,38$$

$$H = 10,14$$

e a formula do borneol acetico  $\left( \begin{matrix} C^{10}H^{17} \\ C^2H^3O \end{matrix} \right) O$  exige:

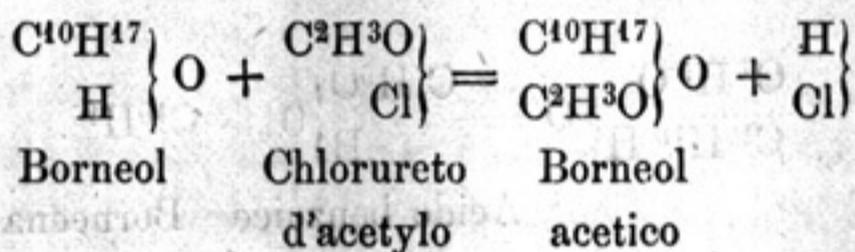
$$C = 73,46$$

$$H = 10,02$$

$$O = 16,52$$

$$\underline{\underline{100,00}}$$

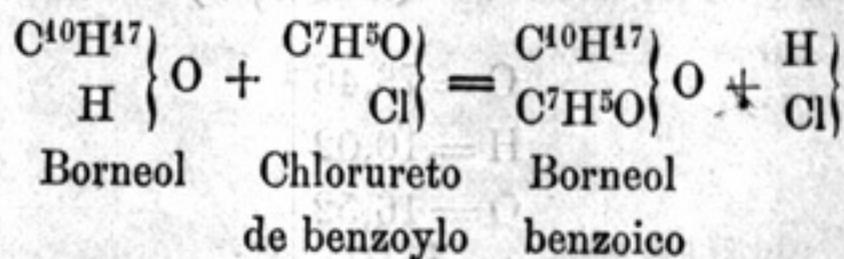
É pois o ether acetico do borneol, e a reacção que lhe dá origem é representada pela equação seguinte:



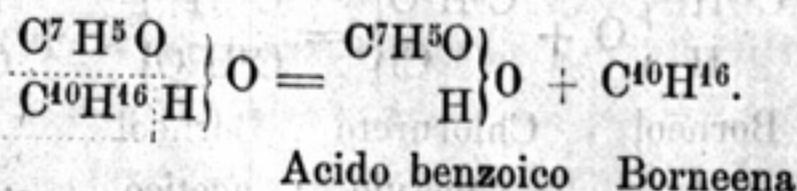
Em condições identicas, o chlorureto de benzoylo parece não produzir o borneol benzoico; ou, se o produz, a reacção é menos nitida que no caso precedente. Junctando o chlorureto de benzoylo ao borneol, não se manifestou reacção alguma, a frio; mas, aquecendo levemente o borneol, tornou-se liquido, e, elevando a temperatura pouco a pouco, começou a reacção com evolução de quantidades enormes de acido chlorhydrico. Pelo resfriamento o liquido prendeu-se em massa crystallina escura; e submettido á

distillação deu, até 235°, productos liquidos e solidos, e de 235° até 240° sómente productos solidos, sublimando-se ao mesmo tempo, na parte superior do apparatus distillatorio, agulhas elegantes de acido benzoico. Os productos da distillação, obtidos a diferentes temperaturas, foram tractados pelo carbonato de sodio e soda caustica em solução diluida, e o liquido alcalino foi agitado com ether. A solução etherea, evaporada espontaneamente, deixou um oleo aromatico amarellado, que submettido á distillação fraccionada passou, pela maior parte, na proximidade de 160°.

Estes resultados parecem indicar que a formação do borneol-benzoico tem logar realmente no começo da reacção, como a do borneol acetico:



mas que pela elevação da temperatura este ether se decompõe em acido benzoico e um hydrocarbureto (a borneena) como representa a equação seguinte:

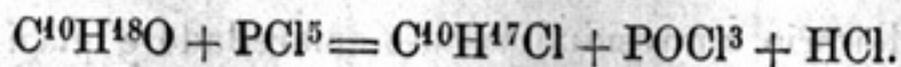


Não analysei o producto liquido, que eu considero como sendo a borneena; mas o seu ponto de ebulição, tão visinho do da essencia de terebenthina, e a consideração de que o borneol benzoico deve ter um ponto de ebulição (se é distillavel) muito mais elevado que o do borneol acetico, talvez proporcional aos pontos de ebulição dos chloruretos de benzoylo e de acetylo, não me permittiram admittir que o liquido que distilla na proximidade de 160° seja o borneol benzoico.

Na hypothese de que a reacção marcha como fica indicado, numa segunda eperação filtrei a substancia contida no balão com

o fim de lhe separar a parte oleosa, empregando para isso o aparelho aspirador de Bunzen. A parte solida e crystallina que ficou sobre o filtro era o acido benzoico; a parte oleosa, que parecia conter ainda chlorureto de benzoylo, foi agitada fortemente com carbonato de sodio e soda caustica em soluçao diluida, e tractada pelo ether. A soluçao etherea, submettida á distillaçao, começou a dar productos solidos (acido benzoico) á temperatura de 250° pouco mais ou menos, e o residuo da distillaçao á temperatura de 270° conservou-se liquido depois do resfriamento. A distillaçao feita no ar rarificado deu ainda os mesmos resultados. O borneol benzoico, se elle se fórma nesta reacçao, não é pois distillavel, e em consequencia d'isto não pode ser obtido no estado de pureza pelo processo, tão simples, que fornece o borneol acetico puro.

Pela acçao do acido azotico o borneol transforma-se facilmente em camphora ordinaria. Aquecido com acido chlorhydrico transforma-se no chlorureto solido ( $C^{10}H^{17}Cl$ ) isomero do chlorhydrato de essencia de terebenthina (Berthelot), e o mesmo composto se fórma tambem pela acçao do pentachlorureto de phosphoro (Kachler):



A mistura dos dois corpos liquifaz-se instantaneamente com elevaçao de temperatura e evoluçao d'acido chlorhydrico; e o producto lançado na agua, depois do resfriamento, deposita-se sob a fórma oleosa solidificando-se depois d'algum tempo. Lavando este producto com agua alcalina e fazendo-o crystallisar, da soluçao alcoolica obtem-se o chlorureto puro, cujo cheiro é terebinthaceo e o ponto de fusão a 132°.

Quando, no laboratorio chimico do professor Kekulé em Bonn, me occupei da preparaçao d'este chlorureto com o fim de o fazer passar por varias transformaçoes, observei que, todas as vezes que a quantidade do perchlorureto de phosphoro empregado era um pouco superior á quantidade theorica exigida pela molecula

do borneol, ou que para liquifazer completamente a mistura era necessario elevar artificialmente a temperatura; o producto da reacção não só era mais carregado em côr e se conservava mais tempo no estado oleoso no fundo da agua, mas, depois de solidificado, era unctoso e, na crystallisação da solução alcoolica, havia sempre uma certa quantidade que recusava crystalisar, formando com o alcool um liquido amarellado oleoso e espesso. Pareceu-me pois que por um excesso de perchlorureto de phosphoro sobre o borneol se poderia obter um composto differente do chlorureto solido ( $C^{10}H^{17}Cl$ ) preparado por Berthelot<sup>1</sup> e por Kochler<sup>2</sup>.

Com o fim de verificar se a idéa que eu tinha formado era ou não fundada, empreguei 50 gram. de borneol e a quantidade molecular do perchlorureto de phosphoro exigida pelos 50 gram. do composto organico; a mistura dos dois corpos liquifizez-se immediatamente com elavação de temperatura e evolução de grandes quantidades de acido chlorhydrico. Novas quantidades de perchlorureto de phosphoro, auxiliadas com a temperatura do banho-maria, continuaram a reagir, e o liquido tornou-se cada vez mais escuro. Lançado na agua, não se solidificou durante 24 horas, e, submettido á distillação pelo vapor da agua, deu um oleo incolor com cheiro mais ou menos terebinthaceo, ficando no aparelho distillatorio um residuo viscoso amarellado e quasi inodoro. O producto da distillação era neutro, e, sendo fraccionado, começou a distillar a 175° dando abundantes fumos brancos de acido chlorhydrico e adquiriu reacção; a 200° ficou ainda no aparelho distillatorio um pequeno residuo que se conservou liquido. O producto obtido entre 175° e 200°, depois de lavado com agua levemente alcalina e secco pelo chlorureto de calcio, era perfeitamente neutro, incolor, e ardia com chamma fuliginosa bordada de verde como quasi todas as substancias organicas chloradas. Novamente distillado, readquiriu a reacção acida, de modo que não me foi possivel fixar o seu ponto de ebullicão, e os resultados das analyses, executadas com o fim de lhe determinar a quan-

<sup>1</sup> Ann. de Chim. et de Phys. (III) LVI, 92.

<sup>2</sup> Ann. der Chem. und. Pharm. B. 164, 77.

tidade do chloro, não me permittiram até agora fixar a composição d'este novo composto.

Berthelot, obtendo o chlorureto  $C^{10}H^{17}Cl$  pela acção do acido chlorhydrico sobre o borneol, procurou reobter este composto pela acção da potassa alcoolica á temperatura de  $180^{\circ}$ , e observou que a substituição do chloro é muito difficil se não é impossivel. Se a constituição da camphora e do borneol é, como tudo leva a crer, analogia á da benzina e seus homologos, a resistencia que o chloro offerece á substituição prova que este elemento se acha collocado na cadeia central. Pareceu-me pois mais provavel que, pela acção prolongada d'uma temperatura elevada e da potassa ou do cyanureto de potassio em solução alcoolica, teria logar antes a decomposição do chlorureto do que a formação do borneol ou do seu cyanureto.

Com effeito, o chlorureto organico, aquecido durante 24 horas com cyanureto de potassio em solução alcoolica á temperatura de  $195^{\circ}$ , deu acido cyanhydrico, chlorureto de potassio, e um composto liquido, que distillou entre  $160^{\circ}$  e  $180^{\circ}$  e se solidificou passado algum tempo, mas que fundia com o calor da mão. Numa segunda experiencia obtive uma pequena quantidade do mesmo producto, que possuia o cheiro da essencia de terebenthina e que fundiu na proximidade de  $45^{\circ}$ .

Occupava-me d'estas experiencias quando chegou ao meu conhecimento que Riban, em França, apresentara á sociedade chimica de Paris os resultados das suas experiencias sobre o borneol-chlorhydrico, por meio das quaes elle obteve, com o auxilio da potassa alcoolica e da temperatura de  $180^{\circ}$ , um hydrocarbureto solido da formula  $C^{10}H^{16}$ . Pareceu-me que o composto que eu acabava de obter pela acção do cyanureto de potassio era o mesmo que Riban tinha obtido com a potassa alcoolica, e por isso puz de parte as minhas investigações, mas espero voltar a ellas brevemente.

J. DOS SANTOS E SILVA.

## LITTERATURA E BELLAS ARTES

### FRANCISCA DE RIMINI

#### EPISODIO DO V CANTO DO INFERNO DE DANTE<sup>1</sup>

Fallar quizera (eu disse) aos dois parceiros

Que alli te aponto, ó vate: eu vir os vejo,

Leves ao vento turbido, ligeiros.

Volveu: «De o conseguir terás ensejo.

«Eis vem chegando: pelo amor lh'o pede

«Que os conduz: cumprirão o teu desejo.»

Eu, mal o vento a nós os volve e cede,

«Fallai-nos (clamo), ó almas consternadas,

«Se acaso alguém não ha que vol-o vede.»

Quaes, com as azas firmes despregadas,

Saudosas pombas ao seu caro ninho,

Pelo proprio querer, vôam levadas,

Tal vem o par, do bando alli visinho

Onde está Dido, e para nós se inclina;

Tanto pôde o meu brado, o meu carinho.

«Mortal que mostras mente tão benina,

«Pelo ar escuro os tristes visitando

«Que tingimos o chão de côr sanguina,

«Se o rei da terra e céo nos fosse brando,

«Ousáramos pedir te dêsse paz,

«Pois que tens dó do nosso mal infando.

«O que ouvir e dizer vos ora praz,

«Ouvir, dizer, tambem a nós agrada,

«Em quanto o vento bonançoso jaz.

«A terra em que nasci é situada

«Do mar nas praias, onde o Pó descende,

«Por não ser do seu curso a paz turbada.

«Amor, que prestes nobre peito accende,

«A este captivou da formosura

«Que de guisa perdi que ainda me offende.

«Amor, que exige, em pago, amor, ternura,

«Por elle me inspirou paixão tão forte,

«Que, como vendo estás, inda hoje dura.

«Amor foi causa aos dois da mesma morte.

«*Caína*<sup>2</sup> aguarda e penas infinitas

«O matador.» Fallaram d'esta sorte.

Ouvindo as almas tetricas, afflictas,

Para o solo, pensoso, o rosto inclino,

Té que o vate me esperta: «O que cogitas?»

Triste exclamei: «Ó barbaro destino,

«Quanto longo scismar, que imagens ternas,

«Hão levado este par ao termo indino!»

A elles me volvi: «Tu me consternas,

«Francisca<sup>3</sup>, ao recontar teu negro fado,

«Que te faz padecer magoas eternas.

«Mas como, e quando, Amor vos ha inspirado,

«Dos suspiros na quadra, o alfim funesto

«Anhelos dubios, vívido cuidado?»

Ella me torna: «Nada mais molesto

«Que recordar, na dor, dita passada:

«Teu mestre o sabe, cujo dito attesto.

«Mas se queres a origem malfadada

«Do nosso amor saber e sorte impia,

«Chorando vou contal-a e lastimada.

«Por passatempo liamos um dia

«Do enamorado Lançarote o conto;

«Eramos sós, nenhum receio havia.

«Leitura tal nos provocou, mui prompto,

«A olhares ternos.... pallido o semblante....

«Mas o que nos venceu, foi um só ponto.

«Quando lemos ter dado o nobre amante

«No adorado sorriso um beijo ardente....

«Este meu socio eterno aqui penante<sup>4</sup>

«A bocca me beijou, todo tremente:  
 «Rufião foi o auctor, e o seu escripto...  
 «Não lemos nelle então mais longamente.»  
 Enquanto assim fallava aquelle esp'rito,  
 Chorava o outro; eu, subito, desmaio,  
 Tanto a dor me lacera o peito afflicto,  
 E como cae um corpo morto, caio.

A. J. VIALE.

<sup>1</sup> A traducção d'este episodio, com a de todos os cinco primeiros cantos do *Inferno*, foi inserida na *Miscellanea Hellenico-Litteraria*: hoje porém, são com muitas variantes, quasi todas no intuito de maior fidelidade ao texto original, com o qual os estudiosos a poderão confrontar.

<sup>2</sup> Uma das profundissimas masmorras que Dante pinta no poço do abysmo, onde são punidos os traidores a seus parentes, e entre elles o primeiro de taes criminosos, Cain, assassino de seu irmão Abel (Canto xxxii do *Inferno*).

<sup>3</sup> Francisca, filha de Guido de Polenta, senhor de Ravenna, contemporanea de Dante, foi mulher de peregrina formosura e de grandes prendas. Havendo sido dada por seu pae em casamento a Lanciotto, filho de Malatesta, senhor de Rimini, não guardou a devida fidelidade ao seu esposo, varão esforçado e de altaneiros pensamentos, porém deforme de tracto displicente. Tendo sido salteada em criminosa conversação, com seu cunhado Paulo, foi pelo ultrajado marido trucidada de um só e mesmo golpe com o seu complice.

<sup>4</sup> Os nossos dictionarios não trazem o vocabulo *penante*, nem como participio nem como adjectivo verbal. Sem embargo d'isso lembro-me de o ter achado em auctor classico. Em todo o caso do verbo *penar* bem se pode formar *penante*, por analogia de *andante*, *practicante*, *imitante*, etc.

## LEMBRA-TE DE MIM!...

Á berboleta, mais que o ar voluvel,  
 Diz flor mimosa, orgulho do jardim:  
 — «Foi meu calix teu leito d'uma noite,

«Mel e perfumes tenho ainda... volta:

«Ai! lembra-te de mim!...» —

Á vaga que da praia se retira

Diz a concha: — «Porque foges assim?

«Ainda humedecida por teus beijos,

«Mereço acaso já teu abandono?

«Ai! lembra-te de mim!...» —

Á folha desbotada pelo outono,

Que o tufão desprende e arrasta alfim,

Diz o tronco de galas despojado:

— «Quando volver a primavera, ingrata,

«Ai! lembra-te de mim!...» —

Á lua que se esconde no occidente

Diz a saudosa noite: — «P'ra que vim

«No mysterio involver nossos amores?

«Comtigo perco a luz que me alumia

«Ai! lembra-te de mim!...» —

Eu — como a flor, a concha, o tronco e a noite,

Proxima a ausencia de que ignoro o fim,

Sinto minh'alma repassar a magua,

Quando em vão proferir meus labios tentam:

— «Ai! lembra-te de mim!...» —

## APONTAMENTOS A' CERCA DA MUITO ANTIGA VILLA DE SOURE

(Continuado da pagina 118)

O rio Anços tem aguas salobras, que fervidas deixam residuos calcareos do terreno em que nasce: as aguas do Carbuncas, brotadas de terras granitosas e depuradas nos cascalhos e areias, que ladrilham o seu rego, são finas e saborosas. Um e outro correm mansos, e da sua junção para baixo são navegaveis por barcos de fundo de prato, de quatro até doze carradas de carga, pelo menos nove mezes no anno. E diminuindo as aguas do meado de junho até o de setembro, se costumam tapar para as regas dos campos de Villa Nova, sob a inspecção da auctoridade publica. Para cima de Soure não são elles navegaveis, mas poderiam selo — o Anços sempre até á Redinha — o Carbuncas até Pombal ou para cima, se os seus alveos fossem beneficiados com encanamentos e comportas, e o commercio d'estes pontos podera (que não pode) compensar estas despesas. A parte navegavel d'estes rios não tem moinhos, azenhas, assudes ou cachoeiras; mas para cima existem assudes permanentes; e do Anços se extrahê a grande levada — meia legua acima da villa, — que rega parte dos campos, toca muitas pedras, e vem cortar a villa, refrescando os seus pomares e jardins.

O pescado d'este rio pode dizer-se que é o barbo em pouca abundancia, e em menor ainda algum outro mais miudo.

Tem uma ponte na affluencia dos dois rios ao poente da villa, feita em 1703, como se vê da sua inscripção. Tem outra ponte sobre o Anços ao sul; e ambas servem de passeio. A passagem é gratuita, e nenhuma barca existe.

Não ha lagoas nem paues. Os ventos mais habituaes são, no estio o norte; no outono e inverno, o poente e sul; na primavera, ás vezes, o noroeste.

As molestias predominantes são — no inverno catarraes e pulmonias — e depois da primavera as gastricas e sesões.

As aguas medicinaes só na quinta da Cruz em um valle na parte — norte — da raiz do monte, onde está o assento da quinta, nascem ferreas, que ha pouco começaram a ser aproveitadas.

Ha na villa um hospital, onde se tractam ordinariamente quatro doentes: é administrado pela Misericordia e mantido por seus poucos rendimentos, adquiridos de legados pios.

Tem a villa na actualidade um medico e um cirurgião, do partido da camara. Ha um pharmaceutico da Misericordia, e além d'estes mais tres boticas particulares.

Nenhum estabelecimento fabril ha na freguezia. Ha uma feira em cada anno pelo S. Mattheus, que occupa todas as ruas e largos da villa, e dura de tres a cinco dias. Concorrem lojas de pannos, de capella, de chapéus, de calçado e de louças ordinarias: ourives, ferrajeiros, arameiros e correeiros: madeiras e objectos d'esta materia, como pipas, dornas, arcas e outros moveis. Ha tambem nos dias 15 de cada mez, juncto á capella do Bom Successo, feira de gado bavino com abundancia, e cavallar em menor quantidade: e na villa um mercado em todos os domingos, abundante em cereaes, todas as fructas e ortaliças; em gado suíno, e outros objectos. Da instituição da feira do Bom Successo já acima falámos.

Tem Soure um castello, que disputa a sua antiguidade, pelo menos, com a povoação d'este nome. Barbosa nos *Apontamentos* citados data a sua origem do fim do seculo IX ou principios do seculo X: e esforçando-se por descobrir a etymologia do nome — Soure —, com bons fundamentos a vai buscar ao nome — Sauria — por que os Romanos significavam as armas do caçador; do qual chamaram — Saurium — a um rio dos Cantabros, que correndo entre o Nausa e o Paz desagúa no oceano pela costa do norte, para com este nome perpetuar a memoria do feito da destruição d'este povo por Agrippa, dando-lhe caça, depois da victoria, sem perdoar a um só dos seus naturaes; parecendo provavel que passasse depois este nome para uma povoação no bispado de Lugo, colonia para alli trazida por D. Affonso o catho-

lico; e d'aqui depois para as margens do Anços, onde, como escrevera Salvado, por grande numero de homens chamados — sourenses — fôra edificada a villa de Soure antes do seculo XI, e juncto d'um castello, cuja tradição no seculo XII passava por antiga.

Que o nome — Soure — nas margens do Anços não seja anterior a estes tempos, não sabemos razão com que possamos contestal-o; mas não podemos deixar de convencer-nos, de que a povoação e seu castello remonta a maior antiguidade, sendo todavia ignorado hoje o nome d'aquella, assim como a origem d'este, pelas razões que vamos notar.

É pois certo, como já dissemos, que na margem esquerda do Anços houve uma povoação; e Barbosa nos *Apontamentos* a põe mais d'um seculo antes do nascimento de Christo, fundada por Quinto Mariniano, e talvez povoada por Herminios. É tambem certo que, desaparecendo até o nome d'esta povoação, se fundara outra no mesmo local com o nome — Saurium, que pela origem que se lhe dá não era o primitivo nome. Naquella localidade da margem esquerda do Anços aponta a tradição ainda o antigo *Soure*; alli se descobrem hoje os seus vestigios; alli é ainda o pequeno passal do parochio, assento da primitiva igreja, e onde consta fôra ainda sepultado o primeiro vigario, (que parece, que com este nome «vigario» devia ser parochio do tempo da ordem de Christo) quando já servia de parochia a igreja de *Finis Terrae*; e naquelle mesmo local foi encontrado o cippo, documento certo de sua antiga origem, do qual se occupou Barbosa.

O tempo e causa da total destruição d'esta primeira povoação presume Barbosa que foi ou a epocha da occupação da Hespanha pelos Suevos, Vandalos e Alanos, ou o incendio de Coimbra por D. Affonso III, o Grande.

Da trasladação de Soure para o norte do rio Anços presumimos nós que não foi outra a causa e o tempo senão o incendio do castello por seus proprios habitantes, quando, ameaçados pelo braço destruidor de Aly, se refugiaram em Coimbra em 1117, reedificando depois em 1124 a rainha D. Theresa o castello e a villa na margem opposta, com o fim talvez de interpor o rio An-

cos ás surprizas dos Sarracenos, que tinham mais facilidade em dirigir do sul as suas hostilidades.

Qualquer que fosse a razão d'esta trasladação da villa, é certo que este facto teve logar, e as razões que vamos apontar não deixarão de convencer que elle se deu quanto á villa e seu castello conjunctamente.

• Esta povoação romana ao sul do Anços aniquilou-se com o seu proprio nome: nós vemos no mesmo logar uma povoação christã, cuja parochia foi S. Pedro: vemos um mosteiro de Soure, que já em 103 da era de Christo foi doado ao da Vacariça: vemos um castello, que no seculo XII já passava por antigo, e juncto ao qual se havia edificado por homens sourenses a villa, a que deram o seu nome; é pois forçoso concluir d'aqui que este mosteiro e castello de vida tão antiga, de certo foram coevos da povoação christã, cujo aniquilamento a tradição e memoria ainda viva de sua existencia não pode consentir que se atraze a tantos seculos.

Do logar d'esse mosteiro não ha na actual villa lembrança, nem ainda a mais escassa; e tão apagada está ella, que a noticia da sua passada existencia surprehende hoje a todos, entendendo-se assim a memoria do mosteiro, como sepultada nas ruinas da antiga povoação.

Os restos do castello, que ainda hoje resistem ao vandalismo dos modernos tempos, apresentam argumentos não equivocos de ter sido construido de fragmentos d'outro antigo castello; e de ter sido edificado com a ligeireza nascida do receio pela presença do inimigo. Na face exterior da parede do norte, onde hoje encosta o celleiro, chamado de S. Pedro, se observam pedras mutiladas e com letras, que parecem ter sido monumentos sepulchraes, que agora estão travando os angulos das paredes: pelo interior d'esta densa muralha estão collocadas pedras, que tiveram apparelho: no torreão do sul e no centro da parede de dez ou doze palmos de espessura se vê a verga d'uma pequena porta: na altura do primeiro andar, que pelos seus labores e feitio se conhece foi para alli apropriada, tendo servido de verga de fresta d'outro antigo castello, igual a outras frestas, que no actual castello

ainda figuram: o que tudo convence de que este castello foi, não reparado das ruínas, mas de novo edificado dos seus alicerces com os fragmentos d'outro anterior, e mesmo d'outras edificações, que haviam sido abaladas dos seus primitivos logares.

A deserção d'estas campas para os cunhaes d'um novo castello faz convencer da completa ruína da antiga povoação, e não da sua reedificação no mesmo logar, mas em outro, porque tudo se moveu de donde estava; e faz por tanto convencer que o castello de Soure com seu claustro de monges, de que falla Salvado, seria na margem esquerda do Anços, onde não padece duvida foi antes povoação christã; e que para a margem direita fora transferido já com a villa o seu castello, e que esta transferencia não podia ser em outro tempo, que no da rainha D. Thereza, convindo tambem a este tempo a ligeireza d'esta edificação, pelos continuos assaltos dos Agarenos, que, tendo forçado seus habitantes a destruil-o sete annos antes, o conquistaram aos templarios, já seus defensores, oito annos depois de reedificado; sendo de presumir que este bulicio de guerra não permittiria a perfeição e solidez, como nas obras feitas na paz.

Este castello acha-se hoje em grande ruína e diminuição: parece que elle abrangera parte da actual villa, e apenas resta hoje um pequeno recinto amuralhado com uma torre no angulo do sudoeste e outra no angulo do nordeste, onde juncto d'uma seteira, na altura de 40 palmos talvez, está em alto relevo a cruz, insignia da Ordem de Christo. A architectura d'esta torre, que pelo poente fora encostada á antiga muralha, é mais solida e bella; e não se conhece nella uma só pedra, que pareça ter servido em outra edificação; e d'isto concluimos que esta edificação fora posterior, feita em occasião de menos perigo, e naturalmente já pelos seus segundos possuidores, os cavalleiros de Christo.

Não tem o castello guarnição permanente, nem accidentalmente a pode ter. Servindo por muito tempo de raia e como de atalaia contra os mouros, muitas vezes foi por estes atacado; mas só temos noticia de ter sido tomado em 1132, levados captivos os cavalleiros do templo, a flor dos seus moradores e o virtuoso fr. Martinho.

Diz fr. Manuel da Rocha (*Portugal Renascido*) que D. Afonso II, o casto, vencera uma batalha aos mouros nas margens do rio Anços: já talvez para este acontecimento contribuisse o castello nas margens d'este rio.

Quanto a monumentos, só existem algumas lapides com inscripções: tres d'estas lapides foram tiradas da frontaria da egreja de Finis Terrae, quando se demoliu, e dizem:

1.<sup>a</sup>

Ecce Domus Domini, Locus in nimium reverendus  
 Quem construerunt Martinius atque Menendrus  
 Fratres dilecti, miro templum genitricis  
 Hic restaurarunt; urgentibus Ismaelitis  
 At cum transierint fatali morte gravati  
 Annuat omnipotens, ut sint super astra locati.

2.<sup>a</sup>

Hic requiescit corpus Menendii Aries hujus Ecclesiae Presbiteri, qui post fratrem ejus Dominum Martinum, bonae memoriae Presbiterum eam bene regens per septem annos pulchre ornatam reliquit, ejus animae requiescat in pace amen.  
 Obiit autem setimo Idus novembris sub era M.C.XXXVIII.

3.<sup>a</sup>

E : M : CC : XXX : VII : III : KLS : SET : OBIIT . . . .

Uma existe na face interior da parede lateral esquerda da egreja de S. Thiago, e diz:

Esta Igreja mandou fazer D. Manoel, Duque de Beja, e filho do Infante D. Fernando, e netto d'El-Rei Duarte: e mandou-a fazer sendo Governador d'este Mestrado por sua doação sem a ordem a isso ser obrigada: foi feita no tempo do muito virtuoso e poderoso Rei D. João II, cujo primo coirmão o dito Duque era: acabou-se no mez d'Agosto da era de Nosso Senhor Jesus Christo de 1490 annos.

Na mesma igreja e na face interior lateral da capella do Sanctissimo está outra lapida, que diz:

Esta capella mandou fazer Rodrigo de Parada Cavaleiro Fidalgo da casa de Sua Magestade. Dotou-lhe Reis mil e dusentos crusados. Tem missa cotidiana e sua Lampada até o fim do mundo. Era 1614.

Outra inscripção ha na mesma igreja na columna do centro da nave esquerda, que não podemos ler.

Na capella de S. Matheus tambem ha a lapide, que acima mencionámos, e diz:

Hic jacet Rigius, qui locum istum de nimia condensitate silvarum in Lucem et planitiem post maximum laborem convertit, ibique Ecclesiam aedificavit ad honorem Sancti Mathei Apostoli, et obiit tertio Kalendas Januarii die Sancti Jacob. Era MCCXX —

Duas mais estão na ponte debaixo — uma no primeiro talhamar da parte da villa, e outra em monumento levantado na estrada da mesma ponte e no mesmo principio d'ella, e dizem:

1.ª

Esta ponte mandou fazer El-Rei Nosso Senhor D. Pedro II na era de 1703 annos; e sendo Juiz de Fora d'esta Villa o D.ºr Custodio Pereira Leitão de Coimbra. Mestre d'esta obra Manoel Gonsalves Currião da Villa d'Ançã.

2.ª

Esta ponte mandou fazer El-Rei Nosso Senhor D. Pedro II á custa de sua fazenda... (N. B. Acha-se truncado o resto da inscripção, e não se pode ler: e consta ser sido vingança contra o nome do Juiz de Fóra *Ramires*, que alli se achava escripto; só no fim se vê ainda)... Villa de Soure em o

anno de 1705. — (Parece ser o anno em que a ponte se acabou.)

Celebre em virtude se tornou nesta villa fr. Martinho Aires, de que já fallámos, ainda que parece não ser d'ella natural; mas nella se naturalizou, e foi ella o theatro de suas boas acções, que lhe adquiriram a reputação de sancto.

Pedro da Covilhã, que el-rei D. João II mandou a descobrir o caminho da India pela Ethiopia, não temos certeza que fosse natural d'esta villa; mas haverá probabilidade para affirmal-o por existir ainda hoje aqui a sua representante, D. Theresa Barbara de Castello Branco e Sequeira, segundo escreve Barbosa na sua *Collecção d'Arvores*; cuja familia, que é do appellido — Covilhã, é tão antiga nesta villa, que não deixará de abranger os tempos d'aquelle seu consanguineo.

Seguindo pela ordem dos tempos, temos Thomé Coelho, que foi distincto capitão nas conquistas da India: elle defendeu a Tranqueira de Manicavaré, em Ceilão, contra D. João, tyranno de Candia — como se lê nas *Decadas* anno 1599. Foi elle filho de Jorge de Carvalho Coelho, que viveu em Soure: neto de Francisco Coelho, Anadel-mór de espingardeiros em Azamor: e bisneto de João Coelho, Balio de Leça. É hoje seu representante Luiz de Mello Tocho d'Almeida Soares de Albergaria de Castro, filho de José Maria de Mello Cardoso, que possui nesta villa o morgado da Quinta da Cruz, que o mesmo Thomé Coelho instituiu por seu testamento feito em Chaul, onde morreu, sendo Fronteiro, no anno de 1602. Tudo se pode ver nas notas 6 e 7 da *Arvore Geneologica*, que João Carlos Feio fez imprimir da sua familia em 1829.

Tambem foi natural d'esta villa Antonio de Azevedo Coutinho, que se distinguio por suas letras: foi do conselho do ultramar e nomeado Desembargador do Paço. É hoje seu representante João d'Azevedo Coutinho, que casou em Alter do Chão, onde reside.

Giraldo Pereira Coutinho foi lente na Universidade e Desembargador. Tambem foram lentes Francisco Xavier de Vasconcellos e seu irmão Sebastião Xavier de Vasconcellos: aquelle Des-

embargador do Paço, e este do conselho da fazenda. Todos foram naturaes d'esta villa, e foram distinctos por suas letras; o primeiro é do principio do seculo passado, e os dois ultimos já abran-geram o seculo presente; e de todos é hoje o representante Ma-rino da Costa de Vasconcellos Coutinho.

Ultimamente notaremos Pedro Maria d'Ataide e Mello, natural da sua Quinta da Capa-rotta, d'esta freguezia, o qual foi governador de Matto Grosso no Brazil e primeiro e ultimo visconde de Condeixa, na sua familia. E por aqui findar a enumeração dos mais celebres, naturaes d'esta freguezia, não se segue que não haja outros, de que se não faz nota, por nos escacearem d'elles as noticias, merecendo especial menção o nosso contemporaneo José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, socio da Academia Real das Sciencias e bibliothecario mór em Lisboa, onde falleceu da epidemia de febre amarella, e que muito se distinguuiu nas letras, principalmente no ramo genealogico.

A villa tem brasão d'armas, que consiste em uma aguia — tendo sobre o peito um escudo com as armas do Reino: ao lado direito da aguia a cruz de Christo, e por cima da cruz um crescente de lua com as pontas para baixo: ao lado esquerdo uma esphera e por cima d'esta uma estrella: nas garras da aguia uma fita com a inscripção — *Aquila Regalis Sigillum Suari*. — Este brasão estava em relevo em um antigo pelourinho no largo da actual Misericordia ainda ha poucos annos, o qual hoje se vê mutilado no pateo da mesma egreja. Está tambem em um antigo sinete, de que constantemente a Camara tem feito uso; e pintado nas varas antigas dos vereadores, que modernamente se reformaram com egual insignia. No archivo da Camara não existe documento que diga e auctorise a sua origem; mas o antigo manuscrito, que já referimos, affirma terem passado por esta villa os romanos com Scipião, e que d'este acontecimento proviria ter a villa por armas a aguia, insignia d'aquelle povo, e a inscripção. Sendo neste caso certo que os mais emblemas se lhe acrescentariam depois por outras circumstancias.

Soure, em julho de 1858.

JOSÉ SEBASTIÃO MARTINS PEREIRA.

**BIBLIOGRAPHIA DA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
NOS ANOS DE 1872 E 1873**

(Continuado do n.º 6, paginas 288)

**R**

127) — *Regulamento para o Hospicio dos abandonados e providencias relativas aos expostos do districto de Coimbra*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, 4.º, 23 paginas.

Extincta a roda dos expostos do districto de Coimbra pela deliberação da Junta Geral do Districto em sessão em 21 de março de 1872, o sr. governador civil, Antonio de Gouvêa Osorio, visconde de Villa Mendo, approvou os sessenta artigos que contém este regulamento, por despacho de 1 de julho de 1872.

É director do Hospicio o illustrado clinico o sr. dr. João Antonio de Sousa Doria, e official do registo o sr. Adriano Freire de Macedo.

128) — *Relatorio e contas do Monte-Pio da Imprensa da Universidade, relativo ao anno de 1871 a 1872*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, 4.º, 7 paginas.

129) — 1872 a 1873. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1873, 4.º, 7 paginas.

O Monte-Pio da Imprensa da Universidade foi fundado por dezeseis operarios em 8 de setembro de 1849. Os seus estatutos foram approvados pelo decreto de 11 de setembro de 1867.

Diminuto como é o numero dos seus associados, pois não vão alem d'esta casa, assim mesmo nas duas gerencias de 1871 a 1872 e 1872 a 1873 apresentou o seguinte resultado:

|                            |            |
|----------------------------|------------|
| Saldo de 1871 a 1872 ..... | 1:039\$010 |
| Receita effectuada .....   | 397\$480   |
| Somma.....                 | 1:436\$490 |
| Despesa .....              | 377\$060   |

|                                         |            |
|-----------------------------------------|------------|
| Fundo que passou para 1872 a 1873 ..... | 1:059\$430 |
| Receita effectuada .....                | 338\$430   |
| Somma.....                              | 1:397\$860 |
| Despesa .....                           | 314\$435   |
| Saldo em cofre .....                    | 1:083\$425 |

Presidiu á gerencia de 1871 a 1872 o sr. João Corrêa dos Sanctos, typographo, e pela sua boa administração foi reeleita pelo voto unanime de toda a assemblêa geral para o anno de 1872 a 1873.

O sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, como administrador da Imprensa, é presidente nato d'esta Associação.

130) — *Relatorio e contas da sociedade Philantropico-Academica, 1871 a 1872. Da administração da sociedade d'aquelle anno economico.* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, 4.º, 11 paginas.

Esta Associação, puramente academica, foi fundada em 23 de dezembro de 1849, sendo iniciador da idéa, e quem promoveu a primeira reunião preparatoria para a fundação da sociedade, o estudante do 3.º anno da faculdade de Direito, já fallecido, Feliciano Augusto de Brito Corrêa, natural do Funchal, Ilha da Madeira. Os seus estatutos foram approvados por decreto de 25 de fevereiro de 1863.

|                                                  |            |
|--------------------------------------------------|------------|
| Saldo que passou da Administração de 1870 a 1871 | 3:245\$610 |
| Recebido .....                                   | 1:345\$855 |
| Somma.....                                       | 4:591\$465 |
| Despesa neste anno.....                          | 1:356\$600 |
| Saldo que passou.....                            | 8:432\$365 |

Presidiu a esta gerencia o sr. João Augusto Teixeira, estudante do 3.º anno do curso Medico, tendo como secretario o estudante do 1.º anno do mesmo curso, o sr. José da Cunha Castello-Branco Saraiva, a quem esta Associação de beneficencia academica deve relevantissimos serviços.

131) — *Relatorio da direcção da Associação dos Artistas de Coimbra no anno de 1871*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, 4.º, 52 paginas.

132) — *Anno de 1872*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1873, 4.º, 34 paginas.

A Associação dos Artistas de Coimbra foi inaugurada em 8 de dezembro de 1862. Os seus estatutos estão approvados por decreto de 10 de novembro de 1863.

Á iniciativa do sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes se deve o nascimento d'esta sociedade, e por muitos annos foi seu presidente, elevando-a a um estado florescente, e com um numero de socios, de que não existe memoria nas Associações d'esta cidade.

Saldo que passou para a Administração de 1871... 3:951\$163

Recebido ..... 2:734\$505

Somma..... 6:685\$668

Despesa neste anno..... 2:014\$553

Saldo que passou para 1872 ..... 4:671\$115

Recebido ..... 2:540\$090

Somma..... 7:211\$205

Despesa neste anno ..... 2:141\$635

Saldo para 1873 ..... 5:069\$570

Presidiu a esta associação em 1871 o sr. José Galvão Peixoto Lobato, já fallecido, e em 1872 o sr. José de Figueiredo Pinto.

133) — *Relatorio da Associação Conimbricense do sexo feminino, 1872*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, 4.º, 12 paginas.

134) — *1873*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1873, 4.º, 14 paginas.

A associação do sexo feminino foi fundada em 8 de dezembro de 1867. Os seus estatutos mereceram a approvação do governo por decreto de 8 de fevereiro de 1871.

O que para muitos era uma utopia, realisou-o um homem, que, não sendo filho de Coimbra, lhe tem prestado numerosos serviços.

Relevem os nossos leitores que ainda uma vez, neste pequeno trabalho, citemos o nome do sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, pois foi o iniciador da idéa e fundador d'esta Associação de soccorros mutuos, unica que existe no reino. Deixou de ser utopia, e é hoje uma realidade, como se mostra pelo numero de socias, que em 1872 foram 356, e no anno de 1873 são 399. O fundo d'esta sociedade é o seguinte:

|                            |            |
|----------------------------|------------|
| Saldo que passou para 1872 | 4:601\$740 |
| Recebido                   | 1:912\$100 |
| Somma                      | 6:513\$840 |
| Despesa                    | 1:454\$775 |
| Saldo que passou para 1873 | 5:059\$065 |
| Recebido em 1873           | 1:988\$715 |
| Somma                      | 7:047\$780 |
| Despesa                    | 1:553\$955 |
| Saldo que passou para 1874 | 5:493\$825 |

Presidiu nestes dois annos a esta associação a sr.<sup>a</sup> D. Maria José de Campos Ferreira, sendo secretária a sr.<sup>a</sup> D. Julia de Sousa Fragoso.

135) *Relatorio da direcção da companhia edificadora Figueirense*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, 8.<sup>o</sup>, 24 paginas.

136) — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1873, 8.<sup>o</sup>, 23 paginas.

Esta companhia foi fundada na villa da Figueira da Foz por iniciativa do sr. conselheiro Francisco Maria Pereira da Silva, director das obras da barra em 1861; porém só funcionou legalmente a 10 de setembro de 1867, e nesta mesma data foram apresentados os estatutos por que se rege.

A companhia em 30 de junho de 1872 tinha o capital de réis 42:279\$286, e em 30 de junho de 1873 o seu balanço foram 42:445\$305 réis.

137) — *Revista de legislação e de jurisprudencia*, 4.º anno, 1871 a 1872, n.ºs 157 a 208. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, folio, 752 paginas.

138) — 5.º anno, 1872 a 1873, n.ºs 209 a 260. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1873, folio, 832 paginas.

Este jornal das sciencias juridicas principiou no 1.º de maio de 1868, e foram seus fundadores os srs. drs. Manuel de Oliveira Chaves e Castro, Luiz Leite Pereira Jardim e Lucas Fernandes Falcão. No 2.º anno a redacção mudou, ficando redactor principal o sr. dr. Manuel de Oliveira Chaves e Castro, e collaboradores os srs. conselheiro Augusto Cesar Barjona de Freitas, e os drs. Joaquim José Paes da Silva Junior e José Joaquim Fernandes Vaz, e assim continuou até ao n.º 218 de 13 de julho de 1872, do 5.º anno, mudando então a redacção em o n.º 219 de 20 de julho para os srs. drs. Joaquim José Paes da Silva Junior, José Joaquim Fernandes Vaz e Manuel de Oliveira Chaves e Castro, e como collaboradores os srs. bachareis José Ribeiro Rosado e Constantino Antonio Alves da Silva, advogados nos auditorios d'esta cidade, e assim tem continuado até hoje.

Os fins a que se propõe esta publicação dizem-n'os os seus fundadores no prologo do 1.º numero em 1868:

«Apparece hoje pela primeira vez á luz publica o novo jornal de direito intitulado — *Revista de legislação e de jurisprudencia*. Emprehendendo esta publicação, os seus redactores têm em vista concorrer para o estudo e desenvolvimento da jurisprudencia patria, que hoje mais que nunca precisa de ser esclarecida. A tarefa, que se impõe a redacção da *Revista de legislação e de jurisprudencia* é penosa e ardua; mas auxiliada pelas maiores illustrações da Universidade, e por todos os jurisconsultos, que prezam a cultura da sciencia juridica, espera desempenhal-a com agrado dos seus leitores.»

Este jornal tem sahido regularmente todos os sabbados.

Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, filho de José de Sousa Ribeiro, nasceu em S. Miguel de Oliveira do Douro, districto de Vizeu, aos 29 de fevereiro de 1808.

Entrou para a Universidade, matriculando-se no 1.º anno da faculdade de Mathematica em 1825, fez formatura em 1830, e recebeu o gráu de doutor na mesma faculdade em 1836.

É do conselho de Sua Majestade, Commendador da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, Lente de prima jubilado da faculdade de Mathematica, Director do Observatorio Astronomico da Universidade, Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Socio effectivo do Instituto de Coimbra, e collaborador das Ephemerides Astronomicas do Observatorio da Universidade de Coimbra. Escreveu e publicou:

(139) — *Elementos de Astronomia*, tomo I. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, 4.º, 416 paginas, e um supplemento e additamentos á primeira parte de 54 paginas, com 7 estampas lithographadas.

(140) — *Elementos de Astronomia*, tomo II. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, 4.º, 226 paginas e 12 estampas lithographadas.

Na advertencia que precede o primeiro tomo d'esta obra, diz o seu auctor o seguinte: «No meio do anno de 1866 estava impresso o mais essencial das duas primeiras partes d'esta obra, e da terceira a theoria da Lua, quando a urgencia de outros trabalhos astronomicos me obrigou a interromper a impressão.

Agora, que me é possivel continual-a, publico o primeiro volume, ajunctando-lhe em supplemento o que para isso tinha reservado da primeira edição, e o que me pareceu conveniente acrescentar.

Para evitar repetições, colloquei o que diz respeito ás leis do movimento diurno nos proprios logares onde se descrevem os instrumentos de cujo uso resulta a demonstração d'ellas.

Na descripção dos instrumentos tive as mais das vezes presentes os do Observatorio de Coimbra; notando porém as principaes modificações que ulteriormente receberam.

Espero que este trabalho, alem de servir para a cadeira respectiva, não será inutil aos astronomicos. Mas para estes não dispensará a leitura de tractados astronomicos mais extensos, e de memorias especiaes e noticias, como são os seguintes, que mais ve-

zes consultei: a *Astronomia* de Biot, 3.<sup>a</sup> edição; a *Astronomia* de Brunnow, traduzida pelos srs. Wolf, André e Lucas; as *Memorias e noticias mensaes* da sociedade astronomica de Londres; e a introdução ao primeiro volume das *Observações astronomicas* do Observatorio naval de Washington.»

Nos *Discursos recitados em côrtes como deputado e na Universidade como professor e reitor* pelo ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Basilio Alberto de Sousa Pinto, Visconde de S. Jeronymo, que colligimos e demos á estampa, escrevemos a pagina 158 da nota 40 o seguinte, ao mencionarmos o extenso numero de publicações feitas por este sabio astrónomo:— Alguns srs. deputados fallaram em diferentes sessões no sr. conselheiro Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, e ultimamente o sr. Pegado, referindo-se ao Observatorio Astronomico da Universidade, disse: «Se este estabelecimento já não possue os Monteiros, os Mayas, os Andrades e os Almeidas, ainda tem os Aquinos e Sousas Pintos (apoiados). Sinto prazer em proferir o nome de um meu disciplino; porque, sem duvida, se conta hoje entre os primeiros mathematicos de Portugal. Este elogio não é uma simples expressão do seu merito; mas está na sua obra o *Calculo das Ephemerides*, ha poucos annos publicada.»

Quando na sessão da camara dos deputados de 28 de julho de 1853 o sr. Pegado fez este merecido elogio, só tinha conhecimento d'aquella obra; mas os leitores podem ver na pagina citada o catalogo exacto das publicações feitas pelo sr. conselheiro Sousa Pinto, a quem todos classificam o primeiro mathematico do paiz. É juizo de nacionaes e estrangeiros, que muito honra este estabelecimento da Universidade de Coimbra, de quem é dignissimo filho.

Veja-se a *Memoria da Faculdade de Mathematica*, em todas as suas paginas, pelo sr. conselheiro Francisco de Castro Freire, e o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, tomo 7, paginas 182.

S

**Sebastião de Magalhães Lima** (bem conhecido no mundo litterario com o nome de Magalhães Lima), filho de Sebastião de Carvalho Lima, nasceu no Rio de Janeiro, Imperio do Brasil, aos 30 de maio de 1851.

Entrou para a Universidade, matriculando-se no 1.º anno da faculdade de Direito em 1870, obtendo neste anno a classificação de distincto. Acha-se ao escrevermos estas linhas matriculado no 4.º anno da mesma faculdade. É Socio honorario das sociedades *Terpsychore* e dos Artistas de Coimbra, um dos fundadores do jornal politico — *Districto de Aveiro*, e collaborador de muitos outros politicos e litterarios. Quando cursava o 2.º anno de Direito escreveu e publicou:

141) — *Miniaturas românticas: Martyrio d'um anjo; Amour et champagne; Um drama intimo; Fatalidade e o destino; Cambiantes da comedia humana; Estrellas e Nuvens; Á beira mar; Um dia de noivado*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1871, 8.º, 206 paginas.

Tem este livro o seguinte offerecimento: A meu Pae.

Do que são as *Miniaturas românticas* escreve o seu auctor na primeira pagina, onde diz: «É um livro modesto e despretencioso. O seu auctor não aspira aos louvores d'uma gloria certa e immorredoura. Tem desejos, estuda para isso, e tanto lhe basta.»

Entrou este livro no prélo em 1871; porém foi acabado em 1872, e por isso entrou nesta bibliographia.

Foi esta publicação a sua estreia litteraria, e de como foi bem recebida pelo publico mostra-o a grande lista de bons escriptores que d'ella se occuparam em varios jornaes, a saber: A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Angelica d'Andrade, *Gazeta Setubalense*, e os srs. José Silvestre Ribeiro, *Correspondencia de Coimbra*, Candido de Figueiredo, *Folha, Instituto*, sendo o artigo da *Folha* transcripto pelo sr. Pinheiro Chagas no *Diario de Noticias*, Assis Teixeira e Mello Freitas, *Districto de Aveiro*, Nogueira Sanctos, *Partido Constituinte*, Albano de Mello e Alberto Carlos, *Cam-*

*peão das Provincias, Conimbricense, Tribuno Popular e Progressista*, jornaes de Coimbra.

Hoje este auctor é muito conhecido pelas suas muitas e variadas publicações tanto litterarias como politicas.

## T

**Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira** (bem conhecido no mundo litterario com o nome de Thomaz Ribeiro), filho de João Emilio Ribeiro, nasceu em Parada de Gonta, districto de Vizeu, no 1.º de julho de 1831.

Entrou para a Universidade, matriculando-se no 1.º anno da faculdade de Direito em 1851, e fez formatura em 1855.

Foi Secretario geral do governo do estado da India, despachado por decreto de 23 de fevereiro de 1870, Governador civil de Bragança por decreto de 1 de agosto de 1872, de cujo cargo tomou posse aos 17 do mesmo mez e anno, Director geral dos negocios de justiça por decreto de 23 de outubro de 1873, e por isso agraciado com a carta de Conselho, Deputado em varias legislaturas, Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra, e collaborador de muitos jornaes litterarios e politicos do paiz. Escreveu e publicou:

142) — *Relatorio apresentado á junta geral do districto de Bragança na sessão ordinaria de 1872*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1873, folio, 92 paginas.

143) — *Jornadas, primeira parte, do Tejo ao Mandovy*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1873, 8.º, 403 paginas.

Este livro tem o seguinte offerecimento: Ao meu querido João de Gonta, signal d'um grande affecto, testemunho d'uma esperanza, timida porém paciente, expressão de paternal carinho.

Depois d'este offerecimento escreve o auctor uma carta a seu filho, que não podemos deixar de a lançar aqui como belleza de estylo epistolar.

«Amavel criança.— Se Deus te der vida, se fores homem um dia, has de pensar em mim, lembrando o muito que te quero, ou quiz, se tiver deixado de existir.

Quando souberes ler, acharás aqui o teu nome ao pé do meu: já que não posso deixar-te honras nem riqueza, fiquem-te ao menos, e desejo que os guardes bem, os conselhos que vou dar-te:

Sê modesto sem fraqueza nem servilismo; sê bom até para com os maus; sê amante da tua patria e respeitador das suas glorias.

Serve toda a causa nobre, embora infeliz, e todo o sentimento generoso.

Cumpra fielmente os teus deveres, e sê justo.

Respeita e protege todas as crianças, e todos os velhos e invalidos.

Sê liberal e progressista antes de obras que de palavras.

Pensa pouco em ti, muito nas tuas obrigações, e não aprendas a chamar sacrificios aos teus trabalhos.

Queixa-te o menos que podéres, e não encareças as tuas obras.

Dou-te em publico estes conselhos para que mais te obriguem.

— Thomaz Ribeiro. »

Este livro é escripto da Praia da Granja, em 31 de outubro de 1872.

Tem muitas publicações este auctor, em prosa e verso, e d'algumas faz menção o sr. Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico*, tomo 7.º, paginas 325.

## V

**Vicente Ferrer Neto Paiva**, filho de Manuel Francisco Neto, nasceu na quinta do Freixo, concelho da Louzã, districto de Coimbra, aos 27 de junho de 1798.

Entrou para a Universidade, matriculando-se no 1.º anno de Leis em 1815, fez formatura na faculdade de Canones em 1820, recebendo o gráu de doutor na mesma faculdade em 1821.

É do conselho de Sua Majestade, Commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, Ministro e Secretario de Estado Honorario, Fidalgo do Conselho, Digno Par do Reino, Lente de prima, decano e director jubilado da faculdade de Direito, antigo Reitor da Universidade de Coimbra, Socio da

Academia Real das Sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra. Escreveu e publicou:

143) — *Philosophia de Direito*, quinta edição, correcta e augmentada, 2 volumes. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1873, 8.º, tendo o 1.º vol. I-VIII, 268 paginas, e o 2.º vol. I-VIII, 134 paginas.

- Estes dois livros comprehendem, o 1.º os *Elementos de direito natural*, e o 2.º os de *Direito das gentes*. Este ultimo tem a seguinte dedicatória: A Sua Magestade El-Rei D. Fernando II.

Tem muitas publicações este auctor e d'ellas faz menção o sr. Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico*, tomo 7.º, paginas 242.

## Z

144) — *Zephyro (O)* publicação bimensal. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, 4.º grande, 4 paginas e uma estampa lithographada.

Em 13 de fevereiro de 1872 principiou a sahir esta publicação litteraria na typographia do sr. Manuel Caetano da Silva, na Praça de S. Bartholomeu, até ao numero 7, sendo o numero 8 e seguintes impressos nesta officina da Universidade.

Sobre o que é e deve ser *O Zephyro*, diz o seu redactor, o sr. Antonio Augusto Gonçalves, nas duas palavras que escreveu de *preambulo*: «Escrever um jornal litterario em terra onde tantos nascem hoje para morrerem amanhã é por sem duvida cousa temeraria, senão ingloria. Embora as boas idéas que *O Zephyro* apostolar, o zelo dos seus collaboradores, e a correspondente protecção que é de esperar das pessoas que se interessam pelo incremento das letras nacionaes, o elevarão acima das contingencias nocivas, das malquerenças, da inveja, e porventura da indifferença desdenhosa dos estacionarios.»

«*O Zephyro*, confiamos, deleitará, pelo menos os que preferem as salutaes diversões da palestra litteraria aos crapulosos passatempos, que, arruinando o corpo, terminam por arruinar a saude do espirito.»

«Voando por todos os assumptos litterarios e artisticos: *O Zephyro* depositará no coração de todos o *pollen* fecundante das boas doutrinas, a fragrancia das mais viçosas flores do romance e da poesia, o balsamo da religião, que é a seiva da sociedade.»

«Viver é lutar; lutar é desenvolver; desenvolver é aperfeiçoar; e aperfeiçoar é cumprir a lei do progresso.»

Sahiram nestes 12 numeros as seguintes estampas: Sé Velha de Coimbra, a Fonte do Castanheiro, Ruinas de Sancta Clara a velha, a Fonte dos Amores, o Mondego, vista da Memoria, tumulo da Rainha Sancta Isabel, Jardim Botânico, Salgueiral, artigos de A. A. Gonçalves, a Egreja do Salvador, a Egreja de S. Thiago, a Egreja de Sancta Justa, a Capella do Senhor do Arnado, artigos de A. M. Seabra d'Albuquerque.

As estampas são desenhadas e algumas gravadas pelos srs. Antonio Augusto Gonçalves, professor de desenho na Associação dos Artistas, e collaborador mais assiduo do jornal, e Antonio Augusto Monteiro de Figueiredo, professor de Calligraphia theorica e practica na Associação dos Artistas. Todas sahiram dos prélos lithographicos d'esta mesma Imprensa.

Alem dos dois collaboradores acima citados, outros escriptores enriqueceram as columnas d'este jornal com os seus artigos, sendo director, o sr. José Maria da Silva Torres, professor de Instrucção primaria na Associação dos Artistas de Coimbra.

Com o numero 12 findou esta publicação.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE.

## PUBLICAÇÕES NOVISSIMAS

offerecidas ao Instituto

*Excerptos dos principaes auctores de boa nota*, 3 vol. — por Antonio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

*Estros e Palcos* — por Luciano Cordeiro.

*Viagens — Hespanha e França* — por L. Cordeiro.

*Relatorio do serviço do commissariado portuguez em Vienna d'Austria* — pelo conselheiro Fradesso da Silveira.

*Principios de physica* — por Adriano Augusto de Pinna Vidal.

## REDACTORES

Antonio Candido Gonçalves Crespo  
Augusto Sarmiento  
Dr. Francisco Augusto Corrêa Barata  
Dr. João José de Mendonça Cortez  
Dr. José Epiphanio Marques  
José Frederico Laranjo  
Dr. Luiz da Costa e Almeida.

---

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em Coimbra, por anno, ou 12 numeros..... 1\$500  
Numero avulso ..... 160  
Para fóra de Coimbra, accresce o importe das estampilhas.

A correspondencia litteraria deve ser dirigida ao Dr. José Epiphanio Marques; a de administração e gerencia ao gabinete do Instituto, Coimbra.

# O INSTITUTO

175 ..... NOTICIA DO PORTO METEOROLOGICO DE EVORA — por A. P. I.

176 ..... COMPOSICAO DE FORÇAS PARALLELAS — por E. Almeida.

177 ..... QUESTAS NO SOCIALIZMO — por A. L. de S. L.

178 ..... TYPE BRUGES — por J. de S. L.

179 ..... IMPOSSIBILIDADE (poema) — por J. de S. L.

180 ..... RELAÇAO DOS TRABALHOS DA COMISSAO DE ANTHROPOLOGIA

**VOLUME XX — DEZEMBRO DE 1874**

---

SEGUNDA SERIE — N.º 8

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

## SUMMARIO

|                                                                                                                                     | Pag. |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| BOSQUEJO .OU EXPOSIÇÃO SUMMARIA DA ORGANISAÇÃO DAS FACULDADES DE PHILOSOPHIA NAS UNIVERSIDADES DE ALLEMÁNHA — pelo Dr. Tollens..... | 49   |
| ORIGENS DO SOCIALISMO — por J. Frederico Laranjo .....                                                                              | 57   |
| COMPOSIÇÃO DE FORÇAS PARALLELAS — por L. C. Almeida.                                                                                | 75   |
| NOTICIA DO POSTO METEOROLOGICO DE EVORA — por A. Filippe Simões .....                                                               | 78   |
| IMPOSSIVEL! (poesia) — por Luiz Carlos.....                                                                                         | 84   |
| RELATORIO DOS TRABALHOS DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA — por Miguel Oserio Cabral de Castro .....                 | 86   |

---

---

### EXPEDIENTE

Tendo-se este jornal atrazado muito na sua publicação, deliberaram os seus Redactores, de accordo com a Administração da Imprensa da Universidade, publicar os numeros atrazados alternadamente com os novos, no mais curto espaço de tempo que for possivel, até que a publicação entre de novo em dia. Por esse motivo sahe á luz agora o numero de Dezembro, alternado com o de Maio preterito; o de Janeiro sahirá alternado com o de Junho, e assim por diante.

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

## SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

### BOSQUEJO OU EXPOSIÇÃO SUMMARIA DA ORGANISAÇÃO DAS FACULDADES DE PHILOSOPHIA NAS UNIVERSIDADES DE ALLEMANHA

Desde a fundação da primeira Universidade allemã em Praga no anno de 1347, foram sempre as Universidades allemãs o centro da vida e movimento intellectuaes d'este paiz. D'ellas têm sahido a maior parte dos homens eminentes que brilham na historia, e os que hoje occupam as posições predominantes scientificas ou sociaes.

É bem natural que o interesse do Estado exija sempre um cuidado activo, e muitas vezes dispendioso, a favor da instituição, que lhe fornece os homens que fazem progredir as sciencias, a vida religiosa, politica e industrial; e se ás vezes esta sollicitude diminue durante as grandes calamidades, como aconteceu na guerra dos trinta annos, pelo contrario outras vezes redobra os esforços para aperfeiçoar o instrumento mais apto á restauração do paiz; e, cessando as calamidades, a Universidade eleva-se com grande vigor.

Na epocha da fundação das primeiras Universidades eram principalmente as tres faculdades — o Direito, a Theologia e a Medicina — que compendiavam em si os conhecimentos humanos; e o que não era do dominio d'estas tres faculdades, mas que servia a preparar os estudantes para o estudo d'estas sciencias, como eram as mathematicas, a metaphysica, a dialectica, a grammatica, etc., estava comprehendido debaixo do nome da quarta faculdade das *Artes*, que nos primeiros tempos se considerava como inferior ás suas tres irmãs, posto que o numero dos professores e estudantes que lhe pertenciam fosse consideravel.

Desvaneceu-se pouco a pouco esta inferioridade apparente, vendo-se que as variadas disciplinas, de que se occupava esta faculdade, eram bem dignas de um estudo especial. A riqueza dos conhecimentos nestes ramos foi de tal modo crescendo, que em breve viram os sabios das outras faculdades que não lhes era possivel accumular nos seus espiritos todas as disciplinas, que nella se ensinavam, antes de se occuparem das suas proprias sciencias. Emancipou-se então a faculdade das Artes; tomou a denominação de Faculdade de Philosophia, e figura hoje dignamente ao lado das outras tres.

O plano geral das faculdades ainda hoje é o mesmo: a Faculdade de Philosophia comprehende tudo o que não entra no quadro das faculdades de Theologia, Direito e Medicina; e todavia ella é a mais variada, e a que encerra maior numero de sciencias e reúne elementos muito heterogeneos.

O progresso das sciencias impoz aos sabios que as cultivam o dever absoluto de se limitarem ao estudo exclusivo da sua propria sciencia, occupando-se dos outros ramos só debaixo do ponto de vista de generalidade, para se não perderem no enorme labyrintho de noticias e factos que constituem cada uma d'ellas.

Antigamente a Theologia occupava-se tambem das linguas Orientaes, que exigem hoje o emprego de tres ou quatro professores. Tudo o que se refere á economia politica e á estatistica entrava antigamente no dominio da Faculdade de Direito, emquanto que hoje cada Universidade em Allemanha possui muitas cadeiras para estas sciencias. As sciencias naturaes eram tractadas pela Medicina ou pela Philosophia geral (sciencia que em geral se encarrega do estudo das cousas que nos cercam). Quando muito eram estas sciencias ensinadas por um unico professor, emquanto que hoje seria impossivel encontrar um genio universal, que as podesse abranger a todas; de sorte que os ramos de que se compõem as sciencias naturaes, como são a physica, a chimica, a botanica, etc. são hoje tractadas, cada uma d'ellas, por um professor que d'ellas faz durante toda a sua vida um estudo especial. Nalgumas até se estabelecem divisões, que demandam professores especiaes, como acontece com a chimica, que se divide em inor-

ganica, organica e analytica. Só d'esta maneira é que é possível satisfazer ao elevado dever, que tem o sabio, de fazer progredir a sciencia com descobrimentos novos, porque um homem, que quizer abraçar e cultivar muitas sciencias ao mesmo tempo, esgotará as suas forças e nada produzirá de verdadeiramente util nessas sciencias. Do mesmo modo as mathematicas e as suas applicações, a mechanica, a astronomia, a sciencia nautica, etc. têm adquirido um tal desenvolvimento, que para cada uma d'estas divisões é necessario um sabio que as cultive exclusivamente. Sabe-se que em Portugal as Mathematicas foram separadas do resto da Philosophia, formando uma faculdade nova, o que não impede que as sciencias naturaes invoquem o auxilio das Mathematicas para reduzir as leis que ellas descobrem no seu dominio a uma base fixa e logica, expressa em numeros invariaveis.

A similhaça das mathematicas e das sciencias naturaes, as sciencias que se occupam da linguagem, da historia, da philosophia propriamente dicta, isto é, do homem e do seu espirito, ou as *letras*, não ficaram ociosas; desenvolveram-se, e os ramos inferiores da arvore philosophica transformaram-se em novas arvores, cada uma das quaes demanda um cuidado e cultura especial. Comparando o quadro da Faculdade de Philosophia d'outros tempos com o que ella é hoje, vê-se quanto se têm multiplicado os seus ramos; podendo actualmente enumerar-se não menos de 60, que todos elles exigem um professor especial.

Em Allemanha (á excepção de Tubingen) tem-se conservado a Faculdade de Philosophia sem se dividir formalmente, mas partindo sempre do ponto *humano* para o dominio das *sciencias naturaes* (*Letras e Sciencias*).

Esta divisão operou-se completamente em algumas Universidades, não situadas em Allemanha, mas onde domina a lingua allemã. A Universidade de Dorpart na Russia e as Universidades da Suissa separaram a Faculdade de Philosophia em duas, creando a Faculdade *Historico-philologica*, que ficou sendo a 4.<sup>a</sup>, e a Faculdade *Physico-mathematica*, que ficou sendo a 5.<sup>a</sup>, e é esta ultima que comprehende as sciencias naturaes.

Em Tubingen ha seis Faculdades, sendo a de Philosophia de-

vidida em — *sciencias philosophicas* (comprehendendo philologia, historia, etc.) — *sciencias caméralisticas* (estatistica, economia politica, finanças, sciencia florestal, technologia, etc.) — e *sciencias naturaes*.

Permittam-me que adiante enumere as divisões que poderiam estabelecer-se na Faculdade de Philosophia, compondo assim uma Faculdade ideal, que comprehendesse tudo que pôde ser estudado ou ensinado especialmente sem invadir as outras Faculdades. Ao mesmo tempo tractarei de indicar aquellas disciplinas que de facto são ensinadas por professores especiaes.

É claro que o ensino de todos esses ramos exigiria um grande numero de professores, e que talvez não podessem ser facilmente encontrados; alem de que seriam tambem quasi invenciveis as difficuldades financeiras. É todavia verdade que muitas especialidades não têm senão um mediocre interesse, de sorte que até certo ponto as podemos pôr de parte, ou que um professor de alguma das disciplinas analogas ou proximas poderá d'ellas occupar-se occasionalmente.

É muito difficil decidir se uma qualquer disciplina é mais importante do que uma outra, e esta questão será resolvida de differente modo por differentes pessoas; e é por isso que todas as Universidades, e principalmente as de Allemanha, onde reina a mais completa liberdade, apresentam tantas differenças. Porém é sempre o quadro que apresento o que regula, salva a suppressão de uma ou outra disciplina, ou a introdução de uma nova. O grande numero das Universidades que existe em Allemanha permite uma especie de compensação, porque tal especialidade menos importante não é ensinada senão em uma certa Universidade, e tal outra tem o seu professor numa Universidade differente, dispensando-se a primeira de ensinar essa disciplina.

A tarefa de procurar capacidades sufficientes, ao menos para a maior parte dos ramos da Faculdade de Philosophia, torna-se mais facil pela organização das Universidades allemãs.

Ha nestas Universidades tres classes de sabios que leccionam: os professores *ordinarios*, que fazem as suas lições sobre as doutrinas reconhecidamente indispensaveis e sancionadas pela ex-

perencia. São estes professores ordinarios os que constituem o senado da Universidade, e que são muito bem pagos, principalmente quando a concorrência entre muitas Universidades eleva o vencimento de um sabio de grande reputação a uma somma consideravel.

Os professores *extraordinarios* algumas vezes leccionam sobre doutrinas que se podem considerar auxiliares; porém muitas vezes professam as disciplinas mais importantes, e então a differença entre elles e os professores ordinarios reduz-se a não terem assento no conselho universitario, a serem menos remunerados, e a não terem nomeação assignada pelo reinante do paiz, mas unicamente pelo ministro.

Alem d'estas duas classes de professores ha em cada Universidade algum *aggregado* (em allemão *Privat-Dozent*) ou jovens sabios, que leccionam sobre qualquer materia da sua escolha, com tanto que ella entre no quadro das disciplinas geraes, para o que ficam sujeitos a um exame perante o conselho da Faculdade. Claro está que estes *agregados* não escolhem especialidades de que outros professores se estejam já occupando de uma maneira satisfactoria, porque nesse caso arriscar-se-iam a não ter ouvintes; mas preferem leccionar sobre ramos ainda não tractados, completando de uma maneira util o ensino. Algumas vezes porém fazem concorrência aos professores, e por isso excitam estes a aperfeiçoar as suas lições.

Tudo isto não seria practicavel se os estudantes fossem obrigados a ouvir as lições de um certo e determinado professor, e se pagassem por juncto as lições. Em Allemanha cada lição se paga separadamente; e, pondo de parte algum constrangimento moral, proveniente da circumstancia de serem alguns professores tambem examinadores para os gráus de doutor ou para a obtenção dos diplomas de professores de lyceu, nenhuma obrigação existe que force os estudantes a ouvir de preferencia as lições d'este ou est'outro professor; e naturalmente o estudante segue o curso que melhor lhe parece.

## Quadro geral das sciencias professadas na Faculdade de Philosophia

### PHILOSOPHIA

1.º Philosophia geral (logica, metaphysica, ethica, esthetica, etc.);

2.º Historia da Philosophia;

Em geral esta divisão existe de facto, havendo dois professores de Philosophia na maior parte das Universidades de Allemanha.

### MATHEMATICAS

3.º Mathematicas puras ou theoricas;

4.º Mathematicas elementares para formar os professores dos lyceus;

5.º Mathematicas applicadas á physica e á chimica;

6.º Mathematicas applicadas á architectura, á Geodosia, á Mechanica.

Em muitas Universidades ha professores para todas estas divisões, ou mesmo dois professores de mathematicas puras. Uma porção de lições, destinadas especialmente para formar os professores dos lyceus, reune-se com a denominação de *Seminario mathematico*.

### LINGUISTICA E LITTERATURA

7.º Physiologia da linguagem. Grammatica geral;

8.º Grammatica comparada das linguas Indo-germanicas;

9.º       »                   »                   »       Semiticas;

10.º       »                   »                   »       Romanicas;

11.º       »                   »                   »       Slavicas;

12.º       »                   »                   »       Allemais;

13.º Grammatica especial da lingua grega;

14.º       »                   »       da latina e idiomas italicos;

15.º       »                   »       do Sanscrito;

- 16.º Grammatica especial do Hebreu, arabe, syriaco, etc.;
- 17.º » » do Chinez, etc.;
- 18.º Historia litteraria da Allemanha;
- 19.º » » classica (grego e latim);
- 20.º » » das linguas modernas (inglez, francez, italiano, portuguez e hespanhol).

As divisões das linguas e litteratura que acabo de enunciar nem todas têm professores. Em geral são:

- (a) A grammatica comparada das linguas em geral;
- (b) O sanscrito;
- (c) As linguas semiticas;
- (d) As linguas germanicas;
- (e) As linguas classicas (o grego e o latim);
- (f) A historia litteraria;

as quaes são dirigidas cada uma por um professor. Os professores de grammatica comparada geral occupam-se ao mesmo tempo da physiologia da linguagem; o sanscritista tracta as linguas indo-germanicas; o hebraico entra naturalmente no dominio do professor das linguas semiticas. O estudo das linguas romanicas é feito muitas vezes pelo professor das linguas modernas. Em quanto ás linguas germanicas são ellas professadas, seja por um só professor especial, seja pelo professor de historia litteraria. De um até quatro professores se encarregam nas Universidades allemãs do rico thesouro das linguas do oriente. O latim e o grego são indispensaveis para as necessidades dos lyceus; e o grande numero de estudantes que aspiram aos diplomas de professores dos lyceus obrigou a crear em muitas Universidades duas ou tres cadeiras de linguas classicas. Não se podendo extremar bem o estudo das linguas classicas do estudo dos documentos escriptos em grego ou latim, e dos acontecimentos de que os documentos se occupam, comprehendeu-se o estudo das linguas, dos costumes, da historia e dos documentos antigos, isto é, todos os estudos classicos, debaixo do nome de *Philologia*.

Alem das linguas já enumeradas, algumas Universidades têm creado cadeiras para outras linguas. Algumas vezes um sabio

eminente, que conseguiu fazer progressos importantes no conhecimento de uma lingua, recebe um convite para professar a sua especialidade. D'esta maneira nasceram as cadeiras para o estudo da lingua e da historia do antigo Egypto.

Debaixo da denominação de — *Seminario philologico* — formam certas disciplinas um curso especial para facilitar os estudos dos professores dos lyceus.

#### HISTORIA

- 21.º Historia antiga;
- 22.º » media;
- 23.º » moderna;
- 24.º » especial do paiz em que se acha a Universidade.

(*Continúa*)

DR. TOLLENS

(Aggregado á Universidade de Goettingue).

## ORIGENS DO SOCIALISMO

Conferencia recitada no Instituto de Coimbra em 7 de novembro de 1874

### AS MACHINAS

Meus senhores: No mesmo seculo, em que da penna de Camões se soltava este verso brilhante

Por mares nunca d'antes navegados,

um homem de genio concebia o plano audaz e risonho de abrir um novo caminho para as investigações do espirito. Esse homem era Bacon.

Aos olhos de Bacon, a humanidade não conhecia as suas riquezas, nem as suas forças. Como a aranha tira de si a sua teia, o homem tirava das evoluções da razão a sciencia; mas esta sciencia do homem não valia mais do que a teia do animal. Depois de ter creado o mundo, Deus tinha olhado para elle, tinha visto que tudo estava bom, e tinha descansado; no termo de muitos seculos, o homem olhava para as obras da sua intelligencia, e via que tudo era vaidade. Vamos observar a natureza, clama Bacon para Deus, e vencel-a obedecendo-lhe; faz com que tambem no fim possamos dizer que tudo está bom, e possamos descansar.

E com a sua imaginação, poderosa como a d'um poeta da India, Bacon traçava antecipadamente o quadro risonho do homem dominando a natureza.

O sonho ridentissimo de Bacon, senhores, era uma visão lucida; está realisado em parte e continuará a realizar-se. O homem vai observando a natureza, segue-lhe os passos, como um amante segue os d'uma namorada, e ella ou de vontade ou contrangida entrega-se. A physica e a mechanica deram-se as mãos, e uma descobrindo forças, e a outra dirigindo-as, vão fazendo da

natureza como que um genio collocado ao serviço do homem. A natureza! Olhai, e encontral-a-heis em toda a parte a trabalhar! Penelope despediu as criadas que a ajudavam a fazer e a desfazer a teia interminavel. Agora é a natureza que tece.

Dominámos-te por fim, soberba! Mas ella, senhores, passa trabalhando, mas rugindo. O seu dedo minimo substitue a força de mil homens; mas os latejos das suas ilhargas e os seus talões de ferro derribam-nos e trituram-nos. No poema de Valmiki os sessenta mil filhos do rei Sagara distribuem entre si a terra, e cada um escava a que lhe coube em sorte para ver se encontram um cavallo que estavam sacrificando e que lhes roubaram. A criação innumeravel de vegetaes e de reptis que vivem da terra sentindo-se pisada e cortada pelas enchadas dos principes, levantam para Brahma um grito immenso. Como os vegetaes e os animaes do Ramaiana, senhores, este vegetal e este animal que se chama o povo, quando viu a natureza feita machina de trabalho, sentiu-se pisado e cortado pelas suas rodas, reuniu as vozes e levantou este grito que ainda sôa — Senhor, comiamos o pão com o suor do nosso rosto; agora nem já nos permittes suar?

A este brado doloroso o que respondeu a sciencia? É o meu assumpto de hoje, senhores. Venho, como prometti na primeira conferencia, fallar da influencia das machinas nas idéas e na razão de ser do socialismo. Depois, farei perante vós, se quizerdes ouvir-m'a, a exposição das theorias socialistas; será a base para a discussão serena e placida do socialismo.

Ao clamor do povo responderam tres opiniões, a segunda das quaes é a antithese da primeira, a terceira a synthese de ambas.

Primeira opinião.—Vendo os estragos que as machinas faziam por onde passavam, houve homens de sciencia que gritaram — Abaixo as machinas.— Foi por exemplo um d'elles Sismondi.

Em nome da felicidade da humanidade condemnava-se a intelligencia da mesma humanidade. A Escholastica, segundo Bacon,

era esteril; como a Scilla da fabula, começava com rosto de virgem e acabava em controversias que ladram. Agora esta sciencia não era vã, era real, era solida; mas peor, muito peor, era homicida.

As superstições do povo julgam muitas vezes que os prodigios do pensamento são o resultado d'uma arte diabolica, homens da sciencia reuniam-se com os homens da superstição. Na Biblia, a humanidade perde o paraizo por comer do fructo da arvore da sciencia; agora o povo perdia o trabalho, a atmospheria em que vivia, ainda por causa da sciencia. Havia quem gritasse — *Pereça, pereça a sciencia para que não pereça o homem; abaixo as machinas, abaixo.*

E este grito de ruina, que sahia da intelligencia e do coração d'alguns homens, realizaram-no por algum tempo os que viviam do trabalho. A machina e o trabalhador julgavam-se dois inimigos; apparecia a machina, apparecia a guerra. No primeiro quartel do seculo dezesete apparece em Dantzic uma machina de tecidos, o magistrado destróe-a e manda afogar o inventor. A mesma machina apparece em Leide, o povo levanta-se, os magistrados proscvem-n'a. Quasi ao findar este mesmo seculo uma outra machina é queimada publicamente em Hamburgo, e um levantamento de povo destróe uma serra de agua estabelecida por um hollandez nas proximidades de Londres. A machina de Everet é reduziãa a cinzas por cem mil homens que ella lançava fóra do trabalho; contra a machina de Arkwright luctam as petições do povo apoiadas pelo Parlamento; e nos quinze primeiros annos do seculo dezenove a guerra contra as machinas generalisa-se, levanta-se uma nova Jacquerie, ha o movimento dos Ludditas<sup>1</sup>.

Esta primeira opinião e esta primeira practica eram de certo um erro. A sciencia não podia estar em opposição com o bem, nem o estava. A sciencia encarregava-se de obrigar a natureza a fazer o que até alli fóra tarefa do homem. Considerada a hu-

<sup>1</sup> Veja-se Karl-Marx, *Le Capital*, chap. 15, art. 5, pag. 184 e seg.

manidade sem as divisões de ricos e pobres, de empregados e jornaleiros, a humanidade ficava com menos trabalho, mais livre para produzir mais, mais livre para cultivar o espirito. O mal só podia nascer das relações em que estivesse o empregado com o jornaleiro. Mas, se não existia o mal senão por causa do modo por que estava constituída uma relação, o remedio seria mudar a constituição d'essa relação, e não suffocar a sciencia. Luz, luz, mais luz, bradava Goethe no seu ultimo momento de existencia. Compreende-se que seja este o brado do espirito do homem e do espirito da humanidade; mas pedir as trevas, pedir a noite, clamar contra a luz, como contra um assassino, não será a inversão de todos os axiomas de que se compõe a intelligencia? Mas é necessario tempo e experiencia, como diz Karl Marx<sup>1</sup>, para que os trabalhadores, tendo apprendido a distinguir entre a machina e o seu emprego capitalista, dirijam os seus ataques, não contra o meio material de producção, mas contra o seu modo de exploração social.» Esta primeira opinião e esta primeira practica eram a reacção espontanea da humanidade em lucta com as inundações d'um rio, que era a sua propria intelligencia, mas que ameaçava subvertel-a; e em sciencia social, como em todas as sciencias, a primeira idéa que vem ao espirito é um grão de verdade servindo de nucleo a uma montanha de erros.

Segunda opinião.— A segunda opinião é a opinião geral da Economia Politica; é a sybilla das classes opulentas que vai soltar as folhas dos seus oraculos infalliveis. Attenção para a rainha.

Na Economia Politica póde dizer-se que ha duas escholas — a eschola ingleza e a franceza. Da eschola ingleza escreve Adolpho Blanqui, um economista, o seguinte<sup>2</sup>: — Que a eschola ingleza se acostumou a considerar os operarios como meros instrumentos de producção — que vê com os labios cerrados e com os olhos serenos as miserias que resultam das desigualdades sociaes — que, fascinada pelo prestigio da civilisação, não pergunta a si mesma

<sup>1</sup> Obr. cit., pag. 185, 2.<sup>a</sup> columna.

<sup>2</sup> *Histoire de l'Economie Politique*, tom. 2.<sup>o</sup>, p. 201.

se este brilhante edificio é cimentado com lagrimas, e se a base é tão solida que não haja que receiar abalos.— A Economia Politica franceza tem pois mais coração; ouvir-lhe-heis os arrulhos ternissimos nesta questão das machinas, e pela Economia Politica da França podereis avaliar a da Inglaterra.

É Bastiat que tem a palavra.— Sophismas Economicos — O que se vê e o que se não vê — As Machinas.— Bastiat expõe a sua doutrina contando um conto. Façamos de tamaninhos por um pouco, ouçamos a fabula.

Thiago Bom-Homem tinha dois francos, dava-os a ganhar a dois operarios, mas imaginou certa disposição de cordas e pesos, e reduziu a meio o trabalho obtendo o mesmo resultado; poupa um franco e despede um operario. Eis o que se vê.

Não vendo senão isto, commenta Bastiat, diz-se:— Eis como a miseria segue a civilisação, eis como a liberdade é fatal á egualdade. O espirito humano fez uma conquista, e immediatamente um operario cahiu para sempre no abysmo da miseria.

A este monologo, que imagina, Bastiat responde — Atrás da metade do phenomeno que se vê está a outra metade que se não vê. Não se vê o franco poupado por Thiago Bom-Homem, nem os effeitos necessarios d'esta economia. Poisque por causa da sua invenção Thiago Bom-Homem não gasta mais d'um franco, resta-lhe outro; se pois ha no mundo um operario desoccupado, ha tambem um capitalista que offerece um franco livre. A relação entre a offerta e a procura do trabalho não está mudada. O resultado definitivo da machina é um augmento de satisfações com trabalho egual.

A conclusão de Bastiat é — não só que não ha mal para o operario, mas até que ha vantagens,— porque a machina faz baixar o preço do producto, e o operario póde comprar agora por menos o que antes comprava por mais.

Analysemos :

Inventa-se a machina, despede-se um operario.— É verdade.

Poupa-se um franco.— É verdade.

Baixa o preço do producto.— É verdade.

O franco poupado vai salariar um operario, portanto não estão

mudadas as relações entre a oferta e a procura do trabalho.— Nem é verdadeiro o principio, nem, que o fosse, era legitima a consequencia. Mas, para não sermos longos, demonstraremos só que, ainda que fosse verdadeiro o principio e legitima a consequencia, não se tinha demonstrado cousa alguma. A consequencia não resolve a questão, está fóra d'ella.

O franco poupado vai salariar um operario. Concedamos. Mas esse operario quem é? É o que foi despedido por causa da invenção da machina, ou é outro? O franco póde poupar-se aqui, em Portugal, ir gastar-se alem, na India. O franco irá salariar um operario, mas esse operario póde ser que não seja, nem é ordinariamente, o mesmo que foi despedido; ora é d'este que se tracta, é por causa d'elle que é a questão.

Façamos um additamento ao conto de Bastiat.—Vem a machina, é despedido o operario. Este operario bate á porta do illustre economista; franquêa-se-lhe uma sala, Bastiat pergunta-lhe o que quer.— Senhor, estava numa fabrica, inventou-se uma machina, não tenho trabalho — Para ser coherente, Bastiat responde — Oh! sim! não importa nada; o salario que o sr. ganhava, ganha-o agora um outro.— Ganha-o um outro, é verdade, mas é d'isso mesmo que eu me queixo.— Não tendes de que vos queixar, as leis da oferta e da procura não estão mudadas.— Não estarão, mas eu e a minha familia temos fome.— Tem fome? É que vós não sabeis nada de Economia Politica: o panno que tecieis está agora mais barato, as meias tambem, etc.— não só vos não deveis queixar, mas até vos deveis regosijar, tudo se fez em vosso proveito; mas, pois que sois teimoso, tomai lá uma esmola e tudo está remediado; e adeus.

Nunca um livro, senhores, teve um titulo que lhe revelasse melhor a natureza do que este de Bastiat — Sophismas Economicos!

Não estão mudadas as relações entre a oferta e a procura! Grande consolação na verdade! Mas a relação entre o empresario e o jornaleiro está ou não mudada? Este empresario e estes trabalhadores, de que eu fallo, não é empresario nome appellativo, não são trabalhadores generalidade; são uns empresarios e

uns trabalhadores de carne e osso e alma, que têm um nome, uma família, um estomago.

A questão não deu um passo; e vem aqui a proposito fazer um reparo. A economia politica diz que o seu methodo é a observação, mas encontra sempre um meio de fugir a ella generalizando os termos das questões concretas. Aqui, bem vêdes, a questão é das relações entre um capitalista e um trabalhador; mudam-se os termos para capital e trabalho, illudiu-se a questão, e nas alturas da abstracção achou-se uma harmonia que não se encontra na vida. Os pobres economistas não sabem que as idéas geraes têm abaixo de si muitas idéas individuaes, e que pôde mudar a relação dos individuos sem mudar a relação das idéas geraes.

Mas, uma observação, senhores. Para estar perto da sciencia, a hypothese de Bastiat devia ser verosimil; e a quantos milhões de leguas, magnifico estylista, está o vosso conto do paiz da realidade? Oh! reduzistes o mundo ao tamanho de uma laranja! Uma machina para substituir um operario! Que idéa! Dizei trezentos operarios, seiscentos, mil, milhares e milhares d'elles; agora estes milhares de homens batem-vos á porta e bradam-vos — Não temos trabalho. Dai-lhes a vossa resposta — O salario que vós ganhais ganham-n'o outros — as leis da offerta e da procura não estão mudadas — os pannos que vós tecieis estão mais baratos, etc.

E dão-a effectivamente; a economia politica é a sciencia das compensações, e uma das que lhe parecem mais harmonicas é esta — morrer um homem de fome compensa-se com morrer outro de indigestão. Não julgueis que exaggéro. Temos um exemplo de casa. Um homem, por certo de talento e estudo, que representou, e com muita distincção, na legislatura passada a cidade do Porto, num livro que escreveu — *A Revolução Social* — a paginas 132 e seguintes compensa as infelicidades dos pobres com as infelicidades dos opulentos. O espirito que resalta d'estas paginas é este — Consolai-vos, pobres; os opulentos, por causa da sua opulencia mesmo, soffrem tanto ou mais do que vós —. Em nome do senso commum e do senso moral pôde protestar-se contra esta idéa de que as desgraças d'uns devam ser lenitivo dos outros; se a opu-

lencia traz desgraças, se a miseria as traz, a consequencia seria — não que fica ella por ella, como se costuma dizer; mas que é necessario, pois que são dois males coordenados, destruir um, para destruir o outro. Oh! quando estou enfermo, muito feliz sou eu se me chegam aos ouvidos os gritos de dôr do visinho!

Mas deixemos estas considerações. Na questão das machinas, a primeira opinião dizia — Abaixo as machinas, por causa do homem. Esta diz — Sofra o homem, e conservem-se as machinas —. D'estas duas opiniões, a primeira era mais honesta, a da economia politica menos nociva. Supponhamos que a primeira opinião vencia, que as machinas desappareciam; a intelligencia e a civilisação da humanidade paravam. Com esta opinião — *laissez faire* — as machinas augmentam, vem com ellas o soffrimento, mas é da natureza do soffrimento procurar o remedio para si mesmo. O erro da economia politica é querer perpetuar o soffrimento levantando o phenomeno em lei, e atirar-nos com este verso horrivel — *Lasciate ogni speranza.*

Terceira opinião. — A ultima evolução da philosophia operou-a Kant: é sob o influxo d'essa evolução que se desenvolve ainda o pensamento; o resultado mais importante d'ella foi a mudança do absoluto em relativo, e por tanto a introducção d'um novo methodo na solução das questões sociaes, o methodo historico.

A eschola pantheista Allemã, a eschola que se diz Historica, a Philosophia Positiva abraçam-se á historia, e é com ella que caminham; toda a questão de legitimidade é uma questão de coordenação. Quer-se julgar o feudalismo, a realeza, a guerra? Não se bate á porta da razão pura, não se lhe pergunta o que dizes tu? Investiga-se se estes modos de ser harmonisam com os outros da mesma epocha, e se harmonisam são legitimos. Só o que é divergente é illegitimo, porque só o que é divergente é arbitrario.

As duas opiniões antecedentes sobre as machinas vimos que não tinham valor scientifico: uma e outra eram a consagração absurda da practica tambem absurda. A humanidade atterrava-se com as machinas? Mergulhava-as no mar, sumia-as no fogo? O

facto tornou-se dogma. As machinas venciam por fim, e os trabalhadores por seu turno eram derribados e mortos por ellas? O novo facto fazia-se o novo dogma. E o primeiro e o segundo eram dois erros.

Fóra d'estas duas escholas levanta-se uma terceira, que nem diz — Abaixo as machinas —, nem diz — O que é é —; quer as machinas, mas protesta que só se podem coordenar com um novo modo de organização do trabalho e por isso reclama-o. As machinas encerram uma contradicção, é necessario resolvel-a.

Homens que se contam entre os economistas vêem já o mal e pedem e propõem remedios; uns a participação dos trabalhadores nos lucros das machinas, outros a indemnidade. A minha tarefa não é discutir agora os remedios, mas só consignar o facto do reconhecimento do mal. Nem todos foram tão ousados ou tão ingenuos como Bastiat; nem todos tiveram dentro do seu ingenho subtil harmonias bastantes para suffocarem todas as dissonancias sociaes.

Dentro do socialismo, Proudhon nas contradicções economicas tracta da questão das machinas, o seu methodo faz-lhe reconhecer o bom e o mau das machinas, mas a sua analyse é superficial e pouco ordenada, a sua erudição colhida a esmo nas noticias de um ou de outro jornal, e o todo enreda-se na metaphysica oca em que o grande homem involvia ás vezes as suas idéas.

A questão é profundamente tractada quando se submete ao methodo historico, e é Karl Marx quem a tracta com mais profundez. Os geologos contam que primitivamente gyrava no espaço um grande mundo de fogo; a rotação fez destacar d'elle uma e outra parte, uma d'ellas arrefeceu e fez-se a terra. Karl Marx, o homem cujas idéas são da côr do sangue e do fogo, arrefece de quando em quando, e faz-se analyse.

A historia da industria póde dizer-se que tem tres phases; primeiro é serva, nasce das ordens d'um senhor e existe para elle, está feudalizada. Depois torna-se livre, e só obedece ao consumidor que se põe em relação directa com ella. Ultimamente submet-

te-se ao capital que lhe dá impulso, recolhe os productos e os apresenta ao consumo. Discutamos as duas ultimas epochas; á primeira chamemos-lhe industria manufactora, á segunda industria de producção capitalista; esta comprehende dois periodos, o da divisão do trabalho e o das machinas.

Na industria manufactora o homem não está subordinado ao instrumento do trabalho, pelo contrario o instrumento do trabalho está subordinado ao operario. Não ha tambem a divisão do trabalho, quer dizer, um mesmo objecto, como por exemplo um alfinete, um sobrescripto, não é o resultado de muitos trabalhos distinctos. Cada individuo trabalha em sua casa com maior ou menor intensidade, com maior ou menor habilidade; sobre cada producto póde pôr o seu nome, o seu coração, o seu espirito; o producto é um artefacto, o productor é um artista; o trabalho começa-o, interrompe-o, termina-o quando quer, e em quanto trabalha na loja, a mulher costura e canta, os filhos ainda crianças brincam e sorriem; o trabalho é trabalho, mas está ao pé do paraizo. Quem é que manda então no operario? O operario chama-se mestre, e mestre, *maître* em francez, é synonymo de senhor, de homem livre.

Depois vem a divisão do trabalho. Um alfinete podia fazel-o um só homem, mas a microscopica tarefa reparte-a por muitos a intelligencia humana. Agora o trabalho já não é em casa, é na officina; não o começa, não o suspende, não o termina quando quer. Vem o fio? corta. Vem o papel? dobra. O seu nome já o não póde pôr sobre o producto; já não é um individuo, é uma perna, um braço, um orgão d'aquelles com quem trabalha; a alma de todos é a idéa que analysou o trabalho, o corpo de todos a casa em que o executam. Já não é mestre, já não é livre. O dono da sua liberdade é o dono da officina, o patrão; patrão, quasi synonymo de pae, mas pae sem affeições, pae do direito romano; se elle quizer, despede-o do trabalho, mata-o.

Mas não bastava a divisão do trabalho, vieram as machinas; os instrumentos do trabalho soltam-se das mãos do trabalhador,

põem-se em linha como um exercito, e ao sibilo asperrimo do vapor, como ao som da buzina de Oberon, desatam em redemoinho rapido e confuso, e entre as suas correrias e voltas gritam aos trabalhadores — Fóra d'aqui; podeis cortar as mãos, aprendemos a trabalhar. Fiquem ahi alguns, mas os menos intelligentes, os que forem estupidos; quero uns criados que se veja bem que o são. Os que ficam hão de ganhar pouco; se não quizerem, aperfeiçoar-nos-hemos, e despedimol-os. Rua, rua.

O primeiro effeito das machinas é realmente lançar fóra do trabalho uma parte dos trabalhadores e depreciar o trabalho dos outros. Mas o preço do producto diminue, o consumo augmenta, augmenta por isso a producção, tomam-se por isso mais trabalhadores; mas a machina aperfeiçoa-se de novo, de novo são despedidos; e este fluxo e refluxo é interminavel.

Mas pois que as machinas augmentam o consumo, e o consumo a producção, e uma industria anda sempre ligada com outras, segue-se que outras industrias augmentam proporcionalmente e que augmenta proporcionalmente o commercio; mas estas industrias para se poderem coordenar com as que estão ligadas necessitam tambem de terem como base as machinas; nestas novas industrias produzir-se-hão pois os mesmos effeitos, repulsão e attracção constante.

A estas causas geraes d'este phenomeno cruel reune-se uma outra. O meio commercial da industria mechanica é a machina-caminho de ferro; o mercado é o mundo. Sabe a machina qual ha de ser a força do consumo? Não. A machina tem febre de produzir, produz quanto póde, os mercados transbordam de productos que se não vendem, cahe a fabrica, o operario fica debaixo das suas ruinas<sup>1</sup>.

A estes effeitos geraes seguem-se outros que vamos enumerar.

A machina que diz aos homens — rua, rua —, chama para fóra de casa as mulheres e as crianças. A machina tornou inutil a

<sup>1</sup> Para toda esta analyse dos effeitos das machinas veja-se *Le Capital* de Karl Marx, cap. xv.

força muscular, a machina tornou inutil a habilidade. Quando o capital se apoderou da machina, escreve Karl Marx, o seu grito foi — trabalho das mulheres, trabalho das crianças —. Um homem de idade madura, cujo salario variava de 18 a 45 sh. por semana, escreve Quincey, é agora substituido por tres rapariguinhas de 13 annos pagas por 6 a 8 sh.

Com effeito vêdes as mulheres e as crianças nas fabricas e os homens nos restaurantes. É a tal ponto vai este mal, que a crise que seguiu a guerra da America teve diversas vantagens. Uma d'ellas, que eu submetto á vossa consideração, era esta: — As mulheres tinham tempo para dar de mamar aos filhos em vez de os envenenarem com cordiaes. É um inspector do governo inglez que o escreve<sup>1</sup>.

Mas não se contenta com isto a machina. Depois de abater a liberdade dos operarios — de os expulsar da officina — de lhes chamar as mulheres e os filhos para fóra de casa, prostituindo-lhe umas, matando os outros, prolonga ainda o dia do trabalho; e prolonga-o por causa d'uma esperança e d'um receio; por causa d'uma esperança — o lucro; é no primeiro periodo, em quanto não tem concorrência, que a machina ganha mais, por tanto trabalhar todo o dia; por causa d'um receio, a machina teme que se inventem outras mais aperfeiçadas e que ella se deprecie, por tanto trabalhar toda a noite. Um lord inglez, escreve Karl Marx, deu ao economista Senior a seguinte lição — Quando um dos nossos trabalhadores abandona a fabrica, torna inutil um capital que custou 100:000 libras sterlinas. — E Senior escreve repetindo: — A proporção sempre crescente do capital fixo em machinas torna uma prolongação crescente do trabalho muitissimo desejavel<sup>2</sup>.

Mas a sociedade reage contra a prolongação do dia do trabalho; os clamores dos operarios vão até aos parlamentos, a justiça ouve, faz-se uma lei determinando o maximo do dia de trabalho. O capital responde com uma gargalhada: — Uma lei contra mim?

<sup>1</sup> Vej. Karl Marx, *Le Capital*, chap. xv, part. III, pag. 171, not. 1.

<sup>2</sup> Ibid., pag. 174, § 6 a pag. 177, e nota 1 a pag. 176.

Eu sou o omnipotente, Deus morreu, agora eu. Querem menos tempo de trabalho? Dobrarei a rapidez d'estas rodas e d'estes fusos, e em meia hora tirar-vos-hei do corpo mais substancia e mais forças do que vos tirava d'antes em duas. Com effeito um fabricante inglez declarava em 1863:—Comparado com o d'outr'ora, o trabalho a executar nas fabricas accrescentou-se consideravelmente em virtude da velocidade muito augmentada das machinas<sup>1</sup>.

E eis o cortejo das machinas — escravidão dos operarios pela subordinação aos instrumentos da producção —; preamar e baixamar de trabalho, preamar que despoeva os campos, baixamar que atulha as cadeias; desmoronamento da familia pela solidão da casa; cansaço e morte pela subtracção de forças. No meio de tudo isto tripudia o empregario, o senhor da roça, e cantam os economistas.

O senhor da roça! Vêde uma das suas meiguices:— Numa mina de hulha fez-se a lei de que os cestos que não chegassem cheios seriam lançados para o armazem sem serem pagos. O resultado d'este estatuto foi que a duodecima parte da hulha que se extrahiu da mina não foi paga aos que a extrahiram! — É um facto que se consigna num livro recente do actual Conde de Paris<sup>2</sup>; parece-me que a auctoridade não é suspeita —. Oh! senhor de Bastiat! que harmonias!

Mas o quadro não está completo.

Em todas as epochas da historia ha palavras que têm o condão singular de fazer tremer a sociedade. As palavras terriveis de hoje são — Greves — o Socialismo — a Internacional —. E quem deu força ás greves? Quem obriga o socialismo a ir-se realisando? Quem fundou a Internacional?

Ainda um pouco de historia.

O trabalho teve nos diversos tempos diversa organização. Sob o imperio Romano, porque se tinham violado todas as leis eco-

<sup>1</sup> Karl Marx, *ibid.*, pag. 177, § 6 a pag. 180.

<sup>2</sup> *Les Associations Ouvrières en Angleterre*, pag. 170.

nomicas, porque a uns se distribuiam terras, viveres, jogos, trabalhavam outros quasi de graça, e o industrial estava preso á sua industria, como o curial á curia, como o servo á gleba, como Prometheu ao seu rochedo. Esta escravidão da industria estava organizada em collegios<sup>1</sup>.

Vêm es barbaros, tudo se dissolve. Sob diversas influencias a sociedade e o trabalho tomam a fórma do feudalismo; mas no seculo XII o trabalhador já não é escravo, é vassallo, e por meio do resgate passa pouco a pouco á liberdade.

Pelo mesmo tempo levantavam-se as communas e renasciam os municipios; a industria allia-se com umas e com os outros e organisam-se as corporações de artes e officios. Havia nellas tres classes de pessoas — mestres, officiaes e aprendizes.

No seculo XIII officiaes e mestres estavam unidos pela egualdade no trabalho e pelos laços communs do corpo de officio; mas nos seculos XIV e XV o mestre distancia-se dos officiaes; e os officiaes d'uma mesma industria das cidades e villas da França formam as associações chamadas de *companheiros*. Ficou notavel entre ellas a dos franc-maçons, pedreiros que construíram as grandes cathedraes da idade media<sup>2</sup>.

Havia como que empresario e trabalhadores; as associações de companheiros de quando em quando faziam greves; o trabalho suspendia-se ás vezes durante um mez, e tres e quatro mil homens percorriam as ruas, armados de bordões, de adagas e espadas, soltando ameaças contra os patrões e mesmo contra os companheiros que se recusavam a acompanhá-los<sup>3</sup>.

Vêdes a greve vêdes uma especie de Internacional. Mas Turgot e a revolução franceza destroem as corporações de artes e officios, e o operario francez perde até a memoria da sua organização.

Vejamos a Inglaterra. Na Inglaterra havia colligações de tra-

<sup>1</sup> Vej. *Histoire des Classes Ouvrières en France par Levasseur*, tomo 1.º, cap. 1.º

<sup>2</sup> Vej. Levasseur, obr. cit., tomo 1.º, chap. vi, pag. 496 e seg.

<sup>3</sup> Ibid., tomo 2.º, pag. 318 e seg.

balhadores ainda antes das machinas. Quando estas appareceram, as colligações travaram com ellas uma lucta terrivel. Já vos fallei do Ludditas. Durante seis annos as fabricas são invadidas, roubadas, incendiadas, e ao roubo e ao incendio respondem a fuzilaria e as forcas.

Em 1812 metade da população de Nothingam tinha vivido de soccorros publicos, as Trade-Unions generalisam-se pela Inglaterra. Hoje, escrevia o Conde de Paris em 1866, o exercito dos trabalhadores alistados sob as bandeiras das Trade-Unions pôde rivalisar com o dos maiores Estados do continente, porque se compõe de mais de oitocentos mil voluntarios<sup>1</sup>.

Esta força de organização foi resultante da machina. A industria mechnica reúne numa mesma cidade, ás vezes num mesmo edificio, milhares e milhares de trabalhadores; esta reunião material torna possível a colligação, a identidade de interesses effectua-a. Destruí as machinas, destruis com ellas a agglomeração dos trabalhadores, e por isso mesmo destruis ou quebrais a força das colligações. Foram pois as machinas que deram força ás greves.

O socialismo, como demonstrei na conferencia antecedente, é a applicação do pantheismo á economia da sociedade, a subordinação da idéa do util á idéa de identidade. O consumidor e o commerciante têm interesses oppostos, os consumidores organisam-se em associação, destruiu-se um antagonismo — sociedades cooperativas de consumo. O empresario e os trabalhadores têm interesses oppostos, os trabalhadores associam-se para produzir; destruiu-se outro antagonismo — sociedades cooperativas de produção. Os banqueiros e os mutuarios têm interesses oppostos, diversos individuos formam um capital, que é emprestado aos mesmos que o formaram, segundo as suas necessidades — bancos populares. Ora isto que foi theoria é hoje tambem practica e em larguissima escala; mas destruí as machinas, dispersarieis a agglomeração, tirarieis o motivo da lucta, e desappareceria ou perde-

<sup>1</sup> Vej. *Les Associations Ouvrières en Angleterre par M. Le Comte de Paris*, cap. 2.º, pag. 27-34.

ria a força o movimento cooperativo, que tem como base a agglomeração dos trabalhadores, como antecedente a sua colligação para a defesa, e como causa proxima as ruins circumstancias em que as greves collocam os operarios. São pois as machinas que obrigam o socialismo a ir-se realizando.

Mais.—É a resistencia que oppomos aos objectos que nos dá o sentimento da nossa força. A união e a resistencia dos trabalhadores, união e resistencia a que as machinas os obrigam, deu-lhes o sentimento da sua força, deu-lhes a consciencia de si; e em quanto a burguezia dorme ao som das harmonias da economia politica, sedenta de instrucção, a classe dos trabalhadores estuda, propõe e discute problemas gigantes.

De tudo isto, a agglomeração num mesmo local, a colligação para a defesa, a união intima para a associação, o sentimento da propria força, desenvolveu-se a idéa da solidariedade de todos os trabalhadores através das barreiras de todas as nações; e pela sua propria força, esta idéa affirma-se e diffunde-se num organismo vastissimo. Em 1861 mil coristas dos orpheons francezes deram um concerto no palacio de crystal de Londres; á partida os operarios inglezes acompanham-nos até aos bateis. Em 1862 as differentes nações delegam operarios á exposição universal de Londres; os trabalhadores francezes intendem-se com os inglezes; as associações de officios são generalizadas, e ligando-se entre si, dão como resultante a Internacional<sup>1</sup>.

Servindo de base ás colligações, chamando a classe dos trabalhadores á consciencia de si mesmos, desenvolvendo a idéa de solidariedade, foram pois as machinas que fundaram a associação colosso; como a cruz do Christo, pois, as machinas torturam, mas redimem.

Foi este papel das machinas que Karl Marx comprehendeu muito bem. Na Inglaterra, as greves têm regularmente dado logar á applicação e á invenção de novas machinas. Os operarios faziam uma greve? Os empregarios respondiam com a invenção d'uma machina que os inutilisava. Proudhon brada aos tra-

<sup>1</sup> Vej. *L'Association Internationale* par Fribourg, pr.

balhadores — Não façais greves. Karl Marx replica — Greves, sempre greves. Respondem-vos com machinas? Estão abrindo o seu tumulto. São as machinas que hão de destruir a fórmula actual da sociedade<sup>1</sup>.

E Karl Marx tinha razão. Um manufactureiro-inglez escrevia — A mechanica libertou o capital da oppressão do trabalho. Por toda a parte em que empregamos ainda um homem, não é senão provisoriamente, esperando que se invente o meio de preencher sem elles a sua tarefa<sup>2</sup>.

Eleitos da sociedade, involtos nos reflexos do vosso ouro, que pretendeis apropriar-vos das forças da natureza, que empregais os trabalhadores provisoriamente, até que as machinas os tornem inúteis, animo; generalisai-as, estendei-as a todas as industrias, e morrer-vos-ha nas mãos esta fórmula social que julgais celeste e eterna. Matais com as machinas, morreréis por causa d'ellas; na proporção em que as diffundirdes, nessa mesma proporção se activará a organização dos trabalhadores, nessa mesma proporção se activará o movimento cooperativo. Tudo se coordena na sociedade; mudou-se a fórmula da produção? A consequencia é — ha de mudar-se a fórmula da distribuição. Os canhões, dizem, são a ultima razão dos reis; as machinas são a ultima razão do socialismo.

Pára aqui a minha tarefa, senhores. Na conferencia antecedente mostrei-vos as origens do socialismo no pantheismo allemão, na revolução franceza, nos physiocratas e nos codigos civis e commerciaes. Hoje, discutindo a questão das machinas, mostrei-vos na França as associações dos companheiros e as greves, e umas e outras decorrendo logicamente da organização social. Na Inglaterra mostrei-vos o phenomeno parallelo das associações de companheiros, e como bastaram alguns dias para que os operarios

<sup>1</sup> Proudhon, *Contradictions Économiques*, tomo 1.º, pag. 152.

<sup>2</sup> Karl Marx, *Misère de la Philosophie*, tomo v, pag. 167 e seg.

da França reencontrassem o fio perdido da sua organização, e para que surgisse este coloso — a Internacional.

A consequencia d'estes dados historicos já a deve ter deduzido a vossa penetração. Se o socialismo decorre do pantheismo da Allemanha — das idéas da revolução franceza — de toda a evolução do trabalho activada pelas machinas, se todos estes phenomenos são necessarios; o socialismo, como consequencia d'elles, é necessario, fatal, legitimo.

Quereis destruir o socialismo? É muito facil. Aniquilai 2400 annos de evoluções da intelligencia humana, rasgai as paginas da historia da philosophia desde Thales de Mileto até Augusto Comte. Quereis destruir o socialismo? É muito facil. Arrancai da historia, e bem pela raiz, o phenomeno espantoso da revolução franceza. Quereis destruir o socialismo? É muito facil. Ha alguns annos, uma sociedade de socialistas pretendeu alteiar o leito do Nilo atirando-lhe para dentro uma das pyramides; alteiai-o com as machinas. Consummada toda esta obra de aniquilação, então.... talvez.

J. FREDERICO LARANJO.

Para aqui a minha tarefa, senhores. Na conferencia anterior deitei-vos as origens do socialismo no pantheismo allemão, na revolução franceza, nas physicas e nos codigos civis e commerciaes. Hoje, discutindo a questao das machinas, mostrei-vos na França as associações das companhias e as greves, e em outras decorendo logiramente da organização social. Na Inglaterra e noutros a phisica e o pantheismo das associações de companheiros, e como bastam alguns dias para que os operarios

## SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

### COMPOSIÇÃO DE FORÇAS PARALLELAS

*Ainsi, quoique à la rigueur les deux principes du levier et de la composition des forces conduisent toujours aux mêmes résultats, il est remarquable que le cas le plus simple pour l'un de ces principes devient le plus compliqué pour l'autre.*

Méc. analyt. par Lagrange, 3.<sup>e</sup> édition, pag. 13.

Sejam  $P$  uma força applicada na origem das coordenadas, coincidindo em direcção e em sentido com o eixo dos  $xx$  positivos, e  $Q$  outra força situada no mesmo plano da primeira, formando o angulo  $\varphi$  com aquelle eixo, e applicada a um ponto do eixo dos  $yy$  situado á distancia  $d$  da origem.

A intensidade da resultante  $R$  d'essas duas forças será dada (\*) pela equação

$$R^2 = P^2 + Q^2 + 2PQ \cos \varphi \dots \dots \dots (1)$$

E como esta relação tem logar para todos os valores do angulo  $\varphi$ , que póde ser agudo ou obtuso, segue-se que ainda subsistirá para os limites d'aquelles valores (\*\*), isto é, para  $\varphi = 0$  e  $\varphi = 180^\circ$ .

Fazendo pois successivamente em (1)  $\varphi = 0$  e  $\varphi = 180^\circ$ , suppondo  $Q > P$  no segundo caso, e desprezando os valores negativos de  $R$  como soluções insignificantes na questão actual, teremos respectivamente

$$R = Q \pm P;$$

(\*) Duhamel, *Cours de mécanique*, troisième édition, tom. 1.<sup>er</sup>, pag. 113.

(\*\*)  $\varphi$  é um dos angulos de um triangulo. Duhamel, logar citado, pag. 112.

o que mostra que a resultante de duas forças paralelas é igual á somma ou á differença das componentes conforme estas actuam no mesmo sentido ou em sentidos contrarios.

Resta determinar o ponto de applicação da resultante sobre o eixo dos  $yy$  e a direcção e o sentido d'essa força. Para o conseguir, procuremos primeiramente a equação da resultante.

A força  $Q$  encontra o eixo dos  $xx$  á distancia  $-\frac{d}{\operatorname{tg} \varphi}$  da origem. Transportemos a este ponto as duas forças  $P$  e  $Q$ , e depois decomponhamos a ultima em duas outras, uma,  $Q \cos \varphi$ , dirigida segundo o eixo dos  $xx$ , a outra,  $Q \sin \varphi$ , numa direcção perpendicular a esse eixo. D'este modo teremos, em lugar das duas forças  $P$  e  $Q$ , as forças  $P + Q \cos \varphi$  e  $Q \sin \varphi$ . A resultante d'estas forças deverá passar pelo ponto de applicação d'ellas; e a sua inclinação  $\theta$  sobre o eixo dos  $xx$  será dada pela relação

$$\operatorname{tg} \theta = \frac{Q \sin \varphi}{P + Q \cos \varphi} \dots \dots \dots (2)$$

A equação da resultante será pois

$$y = \frac{Q \sin \varphi}{P + Q \cos \varphi} \left( x + \frac{d}{\operatorname{tg} \varphi} \right),$$

ou

$$y = \frac{Q x \sin \varphi}{P + Q \cos \varphi} + \frac{Q d \cos \varphi}{P + Q \cos \varphi} \dots \dots \dots (3)$$

Fazendo em (3)  $\varphi = 0$  e  $\varphi = 180^\circ$ , teremos respectivamente

$$y = \frac{Q d}{Q \pm P}; \dots \dots \dots (4)$$

o que mostra que a resultante de duas forças parallelas é parallelas ás componentes.

Como o primeiro valor de  $y$  dado por (4) é menor e o segundo é maior que  $d$ , segue-se que a resultante de duas forças parallelas passa entre as componentes, ou fóra d'ellas e do lado da maior, conforme estas forças actuam no mesmo sentido ou em sentidos contrarios.

A primeira de (4) equivale á proporção

$$Q + P : Q :: d : y,$$

donde se tira

$$P : Q :: d - y : y,$$

e logo

$$P : Q : R :: d - y : y : d,$$

ou

$$\frac{P}{d - y} = \frac{Q}{y} = \frac{R}{d};$$

o que mostra que é constante a razão de cada uma das tres forças para a distancia comprehendida entre as duas outras. E o mesmo tem logar no caso de as forças parallelas componentes obrarem em sentidos contrarios.

Presentemente resta apenas determinar o sentido da acção da resultante; para o que poderá servir a equação (2).

Fazendo variar  $\varphi$  nesta equação desde  $\varphi = 90^\circ$  até  $\varphi = 0$  e  $\varphi = 180^\circ$ , reconhece-se facilmente que a estes limites correspondem respectivamente  $\theta = 0$  e  $\theta = 180^\circ$ ; o que, traduzido, significa que a resultante de duas forças parallelas que actuam no mesmo sentido é tambem dirigida nesse mesmo sentido; e que a resultante de duas forças parallelas que actuam em sentidos contrarios é dirigida no sentido da maior d'essas forças.

L. C. ALMEIDA.

## NOTÍCIA DO POSTO METEOROLOGICO DE EVORA

A organização do serviço meteorologico em Portugal é uma novidade de poucos annos, sem que, todavia, o sejam as observações dos phenomenos atmosphericos.

Em quanto a meteorologia se considerou como parte da astrologia e permaneceu achacada de seus erros e chimeras, não faltaram em Portugal, como noutros paizes, astrologos, que por acertarem nos prognosticos, observassem conjunctamente os astros e os meteoros. Não foram raros nos seculos XVI e XVII os livros d'essa sciencia, em que, no pouco que tinha de verdadeira, se encontram já os principios da astronomia e da meteorologia. A parte ficticia, separada da real, baqueou ha dois seculos para os espiritos illustrados. Conserva, porém, ainda hoje a opinião de verdadeira no vulgo, apaixonado sempre de maravilhas e mystérios.

Entre os livros a que alludimos, e que abundam nas estantes das bibliothecas e dos collectores de curiosidades bibliographicas, ha um que prova que já nos principios do seculo XVII se faziam observações meteorologicas em Lisboa, pelo modo que seria possivel com o atrazo da physica naquella epocha e com as idéas predominantes da astrologia. Na *Summa astrologica* de Antonio de Najera, ou Naxera, que se intitula astrónomo lusitano, e se diz natural d'aquella cidade, lê-se a pag. 3 do prologo, o seguinte: «... Y si fuere bien recebido, y agradare la disposicion d'este asunto, me ofresco en breve con el favor de Dios salir a luz con una recopilacion de observaciones y experiencias meteorologicas ácerca de los tiempos e mudanças del Aire q tengo observado espacio de tiempo, todos los dias del ano, y cada uno en particular, los que fueron calidos, los humidos y secos, los lluviosos, los templados, y serenos, los ventosos, y tempestuosos, y finalmente en los que uvo truenos, relampagos etc.»

As observações regulares e conformes aos preceitos da sciencia

sómente muito mais tarde se fizeram em Portugal. Sabemos das do gabinete de physica e do hospital da Universidade, que se publicaram em 1812 e seguintes no *Jornal de Coimbra*. Ahi se encontram tambem observações thermometricas feitas pelo insigne Antonio de Almeida, em Penafiel, e por outro medico em Rendufe. Mais tarde o conselheiro Franzini fez por muitos annos em Lisboa, com admiravel dedicação, observações meteorologicas que se publicaram nas Memorias da Academia real das sciencias e em varios periodicos. Emfim, coube a gloria de organizar o serviço meteorologico em Portugal, de modo que podesse entrar na grande liga formada pelas outras nações, ao sr. Pegado a quem dignamente succederam o sr. Joaquim Antonio da Silva e o sr. Francisco da Silveira, actual director do observatorio do infante D. Luiz, em Lisboa.

Em agosto de 1869 tractei com este illustrado cavalheiro a fundação de um posto meteorologico em Evora, onde pela posição geographica, pois é o centro da vasta provincia do Alemtejo, muito conviria fazer observações. Em novembro d'este mesmo anno trouxe de Lisboa os instrumentos necessarios o sr. Antonio Francisco Barata, que foi nomeado ajudante do posto, tendo praticado antes por algum tempo no observatorio do infante D. Luiz.

A torre, denominada de *Sertorio*, era, em toda a cidade, o sitio mais proprio para se fazerem as observações. Como, porém, estivesse de posse d'este edificio o actual senhor da casa de Cadaval, fiz as necessarias diligencias para que me fosse cedida ou arrendada. No meado de novembro começaram-se na torre as obras indispensaveis para a collocação dos instrumentos.

Sendo a serventia da torre pelo collegio dos Loyos, pertença da casa de Cadaval, e não podendo continuar esta serventia por se achar alli estabelecida uma casa de educação, teve de se abrir outra num vão pertencente á Bibliotheca Publica, e que não tinha applicação nenhuma. A altura em que está um quintal, adjacente á torre em relação á rua, obrigou a construir abobadilhas para as escadas, o que, junctamente com a renovação do telhado, que de velho se desmoronava, levou mais de quinze dias a fazer.

Postoque a torre se denomine commumente de *Sertorio*, vê-se

claramente não ser construção romana, mas da idade media, pois toda ella é de alvenaria e sómente com os cunhaes de granito, enquanto as muralhas e todas as edificações que na cidade restam da dominação romana, são totalmente formadas de pedras de cantaria faciadas. A torre está hoje toda rebocada por fóra, o que, junctamente com alguns reparos interiores se fez no anno de 1864 por ordem do administrador da casa de Cadaval. Convém advertir que esta denominação de torre de *Sertorio* não lhe foi dada nem por André de Rezende nem pelos outros antiquarios dos seculos XVI e XVII, e só se generalizou no seculo passado, bem como a denominação de templo de Diana, que se dá ao edificio proximo, cuja fabrica primitiva, mui differente do que hoje mostra, foi, em verdade, no tempo dos romanos destinada para servir de templo áquella divindade, ou a outra.

A torre que chamam de *Sertorio* pertenceu, segundo parece, ao antigo castello da cidade, que esteve no sitio onde agora vemos a casa de Cadaval e foi em grande parte arrasado no tempo de D. João I, depois que os seus partidarios obrigaram a render-se os sequazes da rainha, encerrados dentro do castello, com os quaes pelejaram aos terraços da Sé e dos açougues (hoje templo de Diana) como se lê na chronica de Fernão Lopes.

No archivo do municipio eborense conserva-se um documento curioso, por onde se prova que no anno de 1487 fôra concedida licença por el-rei D. Manuel a um Ruy de França, seu escudeiro, para assentar na torre um moinho de vento de sua invenção, o que chegou a ter effeito, pois nalguns documentos antigos lhe deram o nome de *torre do moinho de vento*. A carta regia é do teor seguinte:

«Juiz, vereadores e procurador dos mestres, nos El-Rey vos enviamos muito saudar. Recebemos de vos em serviço dardes «lugar e licença a Ruy de França escudeiro de nossa casa que «possa assentar hum moiho de vento dos que elle ora ffaz de «nova invençam em huma torre da cidade que estaa de traz das «Carneçarias della. E nella o teer pois sserá coussa de que vyraa «proveyto aa cidade pello bem como o que se delle segue. E po- «rem vos encommendamos a sy ho facaaes e gradecervoloemos.

«Scripta em Euora a 7 dias de Junho antonio Carneiro a fez de  
«1497.—Rey. A' cidade deuora.»

Nos fins do seculo XVI o convento dos Loyos, fundado e man-  
tido pela casa de Olivença, donde procede a de Cadaval, estava  
já de posse da torre. É o que se deprehe de do que escreveu Diogo  
Mendes de Vasconcellos a respeito de certas inscripções que se  
dizia terem estado antigamente na muralha da Porta nova. Uma  
d'ellas, segundo refere o citado auctor, estava numa torre do con-  
vento de S. João, e continha o seguinte:

IVNIO. L. F. GAL.

RVLLO

C. NORBANVS. L. F.

IVNIVS. DEXTER.

HEREDES.....

Ora este letreiro, postoque em parte destruido, acha-se ainda  
hoje numa pedra do cunhal da torre que responde a nordeste.

Depois d'esta epocha nada mais sei da historia da torre, senão  
que no anno de 1846 esteve nella um telegrapho de palhetas que  
se communicava com Lisboa por Arrayolos.

A torre chamada de *Sertorio* é um edificio quadrangular, ou  
quasi quadrangular, que se ergue, livre e desacompanhado, na  
parte mais alta da collina em que jaz edificada a cidade de Evora.  
Enchem-lhe o vão interior duas casas abobadadas e uma escada  
de caracol que vai da primeira até ao terraço.

O terreno em que a torre assenta da parte do sul está na al-  
tura de 306,<sup>m</sup>38 acima do nivel do mar, e o terraço da torre na  
altura de 324,<sup>m</sup>78. A altura da face do lado do sul é, portanto,  
de 18,<sup>m</sup>10 acima dos terrenos adjacentes. A face do lado do norte  
tem na parte superior a largura de 8,<sup>m</sup>17, a do sul 8,<sup>m</sup>, a do  
nascente 8,<sup>m</sup>72, e a do poente 8,<sup>m</sup>65.

No meio do terraço, que é todo ladrilhado de tijolo e guarne-  
cido de um parapeito de 0,<sup>m</sup>73 de altura (o qual se comprehen-  
deu nas alturas indicadas) se collocou uma casa de madeira oita-  
vada com o tecto coberto de zinco e solidamente fixada ao pavi-

mento por escapulas de ferro. A linha mediana d'esta casa traçou-se segundo a direcção da agulha, por não ser conhecida a esse tempo a declinação magnetica. Assim, as quatro janellas da casa, nas quaes estão as aberturas necessarias para a renovação do ar no interior, ficaram em correspondencia não com os pontos cardeaes geographicos, porém com os magneticos. Sabe-se hoje que a declinação é de 20° e occidental. No canto do terraço que olha a nordeste collocou-se o anemometro; no angulo opposto, que responde a sudoeste, poz-se o udometro, cuja altura acima do terreno adjacente á torre é de 18,<sup>m</sup>98. Juncto d'este instrumento assentou-se o evaporimetro. Serviu de remate á casa de madeira, e no seu vertice tem uma grimpa com a rosa dos ventos.

Todos estes instrumentos estão em condições excellentes para darem indicações de grande exactidão e extrema sensibilidade. Nenhum edificio sobrepuja á torre, cujo terraço se eleva ainda acima do da Sé, que lhe fica proxima. O zimborio e as torres d'este templo são, é verdade, mais altas; porém seus pequenos volumes, em comparação da distancia, fazem com que não tenham influencia no terraço da torre.

A collina em que está situada a cidade de Evora, e que tem, como disse, no seu cume a torre de *Sertorio*, ergue-se no meio de vastos plainos limitados ao largo por serras extensas, porém não muito altas. Da parte do Oriente a serra d'Ossa; do sul a de Portel e Vianna; do poente a de Montemuro e do norte a de Arrayollos. Entre estas serras e a collina estendem-se os campos cortados pelos ribeiros Xarrama e Djebi, cujas aguas, copiosas no inverno, chegam quasi a desaparecer no estio. O terreno é, em geral, desarborizado, excepto do lado do poente, em que ha alguns monticulos povoados de azinhaes e olivedos.

A não ser nalgumas quintas situadas em distancia, nas quaes a vegetação permanece por mais algum tempo, a verdura dos campos sómente se conserva no inverno e na primavera, ficando como vastos areas seccos e escalvados no restante do anno. Succede, por isso, que no estio reflectem com intensidade os raios do sol e elevam consideravelmente a temperatura da cidade. Contribuem para o mesmo effeito no fim d'aquella estação as ro-

ças, ou queimadas que se fazem frequentemente em tratos muito extensos e de que algumas vezes resultam incendios que chegam a percorrer uma e mais leguas, destruindo os mattes e as pastagens.

Na sala inferior da torre collocou-se o barometro de Adie, o holosterico, o thermometro padrão e alguns instrumentos pertencentes á aula de introdução do lyceu de Evora, entre os quaes mencionarei os barometros de Fortin e de Gay-Lussac. O zero do barometro de Adie está na altura de 312,<sup>m</sup>94 acima do nivel do mar.

Depois de algumas observações para ensaio no mez de novembro, começaram as observações definitivas e regulares todos os dias ás nove horas da manhã e tres da tarde, desde o primeiro de dezembro d'este anno, e nesse dia se celebrou a inauguração do posto, hasteando-se num angulo da torre a bandeira nacional.

1869.

A. FILIPPE SIMÕES.

cas, ou queimadas que se fazem frequentemente em locais muito  
extensos e de que algumas vezes resultam incendios que chegam  
a destruir as pastas.

## LITTERATURA E BELLAS ARTES

### IMPOSSIVEL!

Não te poder amar... que dôr, que pena!

Ter já no peito o coração extinto,

E o desalento n'alma, exhausta e fria...

Meu Deus, que pena eu sinto!

Mas posso eu inda amar-te? E posso acaso

Dar-te um sorriso meu, dar-te uma esp'rança?...

Ai! não te illudas, não! Foge-me, foge

De mim, gentil criança!

A. FILIPPE SIMÕES

Borboleta inexperta, eu pude apenas

Soltar as azas ao calor da vida;

Mas cedo o fogo me crestou: meu seio

É cinza arrefecida!

Eu busquei um amor ardente, immenso

Como a álea sem fim de meus anhelos...

Phantasias em vão: sonhos inuteis,

Embora sonhos bellos!

E nessa lucta fatiguei minha alma,

No louco aneio, no aspirar sem termo;

Hoje pesa-me a vida, como pesa

A quem padece enfermo!

Hoje sinto o canção, o tédio enorme

De quem não sabe que fazer no mundo;

Por isso os cantos meus são hoje tristes;

São ais d'um moribundo!

.....

.....  
 E agora vinhas tu, graciosa e meiga,  
 Com teu riso d'amor, com teus carinhos!  
 Em vez da grata flor de lorangeira  
 Tenho c'rôa de espinhos!

Tua frente é mimosa: não, não queiras  
 Que eu a cinja de rispídos abrolhos!  
 Tens a ventura no sorrir fagueiro,  
 Tens a esp'rança nos olhos;

És alegre e feliz, ri-te o futuro,  
 E a mim causa-me horror, se nelle scismo...  
 É impossivel pois que nos amemos:  
 Ha entre nós o abysmo!

Junho de 1870.

**LUIZ CARLOS.**

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### RELATORIO DOS TRABALHOS DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA

Multa renascentur quæ jam cecidere....

Hon., Epist. ad Pis., v. 70.

A secção de archeologia do Instituto de Coimbra, numa das suas ultimas sessões, deliberou principiar a publicar no jornal da sociedade os trabalhos dos seus consócios, que fossem approvados pela secção, e quaesquer outros escriptos raros ou ineditos, donde proviesse auxilio para o estudo da archeologia.

Pareceu porém conveniente á mesma secção que estas publicações fossem precedidas d'uma noticia historica, ou relatorio dos seus trabalhos, para que d'esta fórma podesse o publico ter cabal conhecimento do que se tem feito, e ficassem registados os elementos necessarios á futura historia litteraria do Instituto.

Foi-nos imposta esta pequena tarefa. Dando-lhe cumprimento não carecemos de justificar a insufficiencia do trabalho; e quando o quizessemos fazer, bastar-nos-hia citar as palavras do nosso insigne Frei Luiz de Sousa, que, desculpando-se de emprehender a historia da sua ordem de S. Domingos, diz: — Fui mandado e obedeci.

O estudo da archeologia é incontestavelmente um dos primeiros auxiliares, senão a fonte mais abundante, dos estudos historicos; é, além d'isto, essencial ao desenvolvimento das bellas artes, e como tal não podia deixar de ser comprehendido nos trabalhos da terceira classe do Instituto, que se occupa de litteratura, bellas letras e artes.

Esta classe, com effeito, não esqueceu os trabalhos archeologicos; attestam-no varios artigos sobre antiguidades, que occupam as columnas do jornal, o *Instituto*, que com grande lustre para esta

sociedade litteraria já conta dezoito volumes, cheios de preciosos trabalhos. E seja-nos licito aqui lembrar os nomes dos nossos socios, Abilio Augusto da Fonseca Pinto e Manuel da Cruz Pereira Coutinho: o primeiro pelas publicações archeologico-historicas de Coimbra, artigos sobre os conimbricenses illustres e varios outros artigos, todos interessantes, que se encontram nos differentes volumes do *Instituto*: o segundo pelo cuidado e trabalho, com que, por bastante tempo, redigiu o *Instituto*, enriquecendo-o com importantes trabalhos historicos, taes como a Memoria sobre a Ponte de Coimbra, e outros que nos seria difficil agora enumerar sem percorrermos minuciosamente uma já tão volumosa publicação.

É certo porém que o estudo da archeologia propriamente dicta, feito aturadamente por todos ou por alguns dos socios do Instituto, não tinha tido logar até á criação da secção archeologica.

Ramos tão vastos dos conhecimentos humanos, como os que são comprehendidos na terceira classe do Instituto, não podem desenvolver-se sem o auxilio da divisão do trabalho. Esta alavanca economica do nosso seculo é tão necessaria ás artes como ás sciencias: tão difficil é ao artista produzir muito e bem, tendo de se empregar alternativamente em variadas tarefas, como ao sabio desenvolver os problemas da sciencia, se tiver a ousada pretensão de, com as limitadas forças da sua intelligencia, abranger todos os ramos da sciencia que se propõe estudar.

Estas considerações, e o desejo de aproveitar o muito que ha a estudar nos restos da antiguidade, levaram a terceira classe do Instituto a deliberar na sessão de 5 de março de 1873 — que fosse creada na mesma classe uma secção de archeologia, e que numa das salas do Instituto se dêsse cabida aos monumentos archeologicos e epigraphicos, que esta associação podesse adquirir, e que fossem dignos da attenção dos que prezam as investigações archeologicas. — Taes são as palavras da acta d'aquella sessão.

Esta proposta, approvada logo por unanimidade, foi feita pelo sr. dr. Augusto Philippe Simões, amator e incançavel investigador das nossas antiguidades. Cumpre-nos fazer aqui menção honrosa do seu nome, visto que ao seu zelo se deve o nascimento e criação d'esta secção; estava no animo de todos a idêa, mas a elle

pertence a gloria da iniciativa e competente proposta. Á sua instigação deve ainda a sociedade a entrada de alguns novos socios, que têm contribuido para os trabalhos importantes já encetados. Fique pois aqui registado o seu nome, como o está nas actas das sessões da terceira classe; e, perdõe-nos a sua modestia, não procedemos assim para estimular o seu zelo, que não carece de estímulo, mas como prova do nosso reconhecimento pelo conceito que immerecidamente lhe devemos.

Tal foi o principio da secção archeologica do Instituto de Coimbra.

Foi em seguida nomeada uma commissão, composta dos srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, Antonio Xavier de Sousa Monteiro, Augusto Philippe Simões, Augusto Mendes Simões de Castro, João Correia Ayres de Campos, João José de Mendonça Cortez, Manuel da Cruz Pereira Coutinho e Miguel Osorio Cabral de Castro, para tractarem de levar a effeito a acertada deliberação da terceira classe.

Seguiu-se-lhe em acto consecutivo a installação da commissão, que nomeou para seu presidente a Miguel Osorio Cabral de Castro, vice-presidente o sr. Manuel da Cruz Pereira Coutinho, e secretario o sr. Augusto Mendes Simões de Castro. Faltariamos a um dever de justiça e de verdade se não mencionassemos que a este nosso consocio, o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, se devem em grande parte os progressos da secção: o seu infatigavel zelo tem animado todos os trabalhos: assiduo nas reuniões, exacto no cumprimento de todos os deveres de secretario, prompto para fazer parte de todas as excursões archeologicas, onde se apresenta sempre com grande copia de noticias, que diminuem sensivelmente o trabalho dos investigadores, póde ser igualado mas não excedido. O publico conhece sufficientemente o auctor do *Guia do viajante em Coimbra* para que possa suspeitar de exaggeradas as nossas expressões. As actas das sessões podem attestar aos socios do Instituto quanto está ainda muito longe da verdade o pouco que temos dicto.

No dia 2 de abril de 1873 já a commissão nomeada se reunia mostrando o zelo de trabalhar que a animava, pois que delibe-

rou estudar as antiguidades de Coimbra, encarregando alguns dos seus socios de fazerem explorações archeologicas, com o fim de adquirirem objectos para o seu incipiente museu ; e com o mesmo fim se dirigiram convites a varias pessoas e corporações que possuíam objectos dignos de serem colleccionados, pedindo-lhes que os cedessem ou depositassem na sala destinada ao museu, para alli serem mais facilmente examinados pelas pessoas entendidas. Foram benevolmente attendidos estes pedidos, e assim se formou a primeira collecção com os objectos cedidos pelos srs. Visconde de Villa Maior, reitor da Universidade, Adolpho Ferreira de Loureiro, director das obras do Mondego, Mathias Cypriano Pereira Heitor de Macedo, director das obras publicas, João Correia Ayres de Campos, Miguel Osorio Cabral de Castro, Antonio Maria Seabra de Albuquerque, Ill.<sup>mo</sup> Cabido e actual Camara Municipal.

Da boa disposição do nosso consocio, o sr. Visconde de Villa Mendo, actual governador civil do districto, para com a secção archeologica, de que s. ex.<sup>a</sup> faz parte, espera esta uma importante aquisição, com que enriqueça o museu.

Pareceu conveniente fazer-se um regulamento especial para a secção archeologica; e para esse fim foi nomeada uma commissão, composta dos srs. Augusto Mendes Simões de Castro, João José de Mendonça Cortez, Manuel da Cruz Pereira Coutinho e Miguel Osorio Cabral de Castro, a qual em pouco tempo se desempenhou da sua tarefa, pois em 15 de abril de 1874 apresentou o seu parecer, que foi discutido e approvado nas sessões de 15, 16 e 17 do dicto mez.

Este regulamento será publicado na sua integra, e por isso nos poupamos ao trabalho de mencionar as suas disposições. Parece-nos comtudo que encerra em si o que é necessario para o bom desenvolvimento dos trabalhos da secção, e assim o julgou a illustrada Direcção do Instituto, approvando-o sem alteração alguma na sua sessão de 4 de julho de 1874.

Não podemos deixar porém de chamar a attenção do publico para duas das suas disposições, que nos parecem de maior alcance. Copiaremos os artigos em que ellas são determinadas: Artigo 11.º É creada uma classe de associados correspondentes

da secção de archeologia, os quaes serão eleitos por ella, dentre as pessoas que no reino ou fóra d'elle dérem provas de interesse por este estudo, ou se promptificarem a fornecer os esclarecimentos que lhe forem pedidos sobre assumptos archeologicos, ou enviar objectos para o museu a titulo de deposito ou de doação.» É claro que esta disposição tem em vista o maximo desenvolvimento do estudo, e auxiliarem-se mutuamente todos os amadores d'este genero de trabalhos.

As investigações archeologicas são quasi sempre filhas do acaso, que offerece muitas vezes a pessoas menos instruidas objectos, que, por desconhecidos, lhes excitam a curiosidade. O homem deseja naturalmente saber a historia das gerações que passaram, excitam-lhe a curiosidade os monumentos que encontra, ha um providencial respeito por aquellas memorias, e nem d'outra fórma se póde explicar a sua conservação; as mesmas crianças não se atrevem a destruir um objecto que pela primeira vez encontram e que lhes excita a admiração. Não é raro encontrar colleccionadores de antiguidades, pouco versados nos conhecimentos proprios para o seu estudo: aproveitar estas circumstancias, e, por assim dizer, educar os amadores menos versados nos conhecimentos archeologicos, offerecer-lhes as luzes e conhecimentos dos socios do Instituto, tal foi o pensamento que presidiu a esta disposição do regulamento.

Não são por certo de menor alcance as disposições do capitulo 7.º do regulamento, que no artigo 49.º diz: «Com o fim de dar maior desenvolvimento ao estudo da archeologia são creados no Instituto cursos publicos das disciplinas que constituem este ramo dos conhecimentos humanos.» A secção de archeologia não podia esquecer que os seus trabalhos têm logar na séde da primeira eschola superior do reino, aonde concorrem mancebos de toda a parte, que vêm procurar a instrucção, e, mais que tudo, o habito de estudar. Proporcionar-lhes gratuitamente o ensino de tão attraente ramo dos conhecimentos humanos é sem duvida um meio de promover a criação de novos amadores dos estudos serios, e das investigações historicas, que infelizmente se acham tão desprezadas entre nós.

A nossa educação litteraria resente-se muito do estrangeirismo, nem póde deixar de ser assim em quanto ao estudo das sciencias naturaes e philosophicas. A historia porém e a litteratura portugueza, elementos essenciaes do estudo archeologico, não podem ser estudadas por livros estrangeiros. As nossas chronicas e livros antigos, os nossos cartorios, que têm tido notaveis investigadores, mas que se acham ainda pouco estudados, são um manancial donde aquelles conhecimentos se podem tirar; indicar pois aos mancebos litteratos onde podem saciar a sua sêde de conhecimentos, ensinar-lhes a decifrar facilmente o que sem auxilio lhes seria penoso e talvez impossivel, é cortar grandes difficuldades á mocidade estudiosa e abrir um futuro brilhante á sociedade litteraria, a que a secção pertence, é fazer um verdadeiro serviço á patria.

Em 28 de janeiro de 1874, reunindo-se a assemblêa geral do Instituto, teve a commissão de archeologia a satisfação de ver que os seus trabalhos eram tomados em consideração por todos os socios presentes; a mesma assemblêa deliberou por unanimidade que se approvasse a resolução, tomada na terceira classe, para a criação d'uma secção especial de archeologia. Esta deliberação deu character de permanencia aos trabalhos da commissão, que, tendo conhecimento d'isto por participação official de 12 de fevereiro de 1874, deu por terminados os seus trabalhos installando-se immediatamente a secção de archeologia, nomeando para presidente, vice-presidente e primeiro secretario os socios que tinham desempenhado aquelles cargos em commissão, e para segundo secretario o sr. Manuel Marques Lima de Figueiredo.

Seria fastidioso para o leitor seguir sessão por sessão os trabalhos da secção, e por isso em resumo diremos que ella não esqueceu uma só vez as obrigações que contrahiu: todos os membros que a compõem têm procurado desempenhar-se dos trabalhos que lhes têm sido commettidos, e tem reinado entre todos o mais harmonico desejo de mutuamente se auxiliarem; não ha vaidades offendidas: todos estudam em commum, ninguem faz monopolio do que sabe. Não era de esperar outra cousa, mas não é raro succeder o contrario em sociedades litterarias de maior nomeada.

O verdadeiro merito porém é incompativel com essas pequeninas rivalidades, e é por isso que tem reinado tanta harmonia, e sem duvida podemos formar a lisongeira esperanza de que a sociedade avançará longe no caminho do estudo a que se dedicou: é licito esperar muito de quem em tão pouco tempo já tem feito bastante.

A secção archeologica tem apenas de existencia dezoito mezes, os seus socios são pela maior parte pessoas occupadas em empregos litterarios, civis e ecclesiasticos; dispõem de pouco tempo, e apesar d'isso houve dezoito sessões, fizeram-se duas prelecções, tiveram logar tres sessões publicas em que se discutiram assumptos archeologicos, duas que se acham publicadas no jornal o *Instituto* em os n.ºs 2 e 6 do volume XVII a respeito de Condeixa a Velha, outra ácerca de *Vasos lacrymatorios*, que tambem se acha publicada em parte em o n.º 2 do mesmo volume XVII, não tendo sido publicada toda porque o não permittiu a difficuldade da publicação de duas figuras essenciaes para a intelligencia do assumpto. Fizeram-se visitas archeologicas a Condeixa por tres vezes, uma a Montemór o Velho, a Tentugal, Ançã e S. Marcos; e em breve serão publicadas as investigações que d'aqui resultaram, o que nos poupa o trabalho de mais larga noticia sobre este assumpto.

Estabeleceu-se um museu, que já conta preciosos monumentos archeologicos e epigraphicos, catalogados pelo nosso consocio, o sr. João Correia Ayres de Campos, cuja competencia, de todos bem conhecida, faz com que o catalogo seja digno de figurar nas columnas do jornal, o que nos exime de mais nos referirmos a elle, pois o que é digno de apreço em si mesmo tem o seu elogio. A minuciosidade, exactidão e abundancia de noticias curiosas é o caracteristico dos trabalhos que o nosso illustre consocio já tem publicado; este não desdiz dos outros, e por estas palavras já os eruditos sabem o que vale a obra.

A secção archeologica lucha com a falta de meios, falta que infelizmente a sociedade do Instituto não póde remediar; quasi todas as despesas que tem feito têm recahido á conta dos seus membros, que generosamente a isso se têm promptificado.

Não podia deixar de procurar remedio para isto o incançavel zelo do nosso consocio, o sr. Mendonça Cortez; por isso lembrou a criação d'um fundo especial destinado á exploração das ruinas de Condeixa a Velha, por ser um dos pontos mais interessantes das proximidades de Coimbra, onde existem vestigios de edificações romanas, que se acham por estudar. Deu-se s. ex.<sup>a</sup> ao trabalho de sollicitar subscriptores, achou a melhor vontade nas pessoas que convidou, e algumas d'ellas extranhas até ao Instituto. Esta proposta, que foi apresentada pelo nosso consocio na sessão de 5 de fevereiro de 1874, foi examinada por uma commissão, que deu o seu parecer approvando-a, acompanhada de um regulamento para a direcção dos trabalhos de exploração, parecer que foi apresentado e approvado na sessão de 16 de abril de 1874.

Não carece de animação o zelo do nosso consocio, o sr. Mendonça Cortez, cuja pertinacia no trabalho incessante em que se emprega, é conhecida de todos; mas permitta-nos s. ex.<sup>a</sup> que aqui lhe roguemos que não desista do que se nos afigura de grande importancia, e que só s. ex.<sup>a</sup> pelas suas muitas relações poderá levar a cabo. Na Inglaterra este systema fez maravilhas; todos os que uma vez fomos ao museu de Londres temos presentes as preciosas collecções de moedas, lapidas e esculpturas, que alli se acham com a designação de terem sido adquiridas por subscrições: contentam-se os subscriptores em terem a satisfação de verem o seu nome figurando naquelle monumento europeu.

Se a memoria nos não falha, o magnifico tumulo das Harpias, os marmores de Chanthus, adquiridos por Fellows, foram levados ao museu por subscrição; este meio tem sido empregado ainda muitas vezes para adquirir objectos para aquelle primeiro estabelecimento do mundo, quando viajantes taes como Layar e outros têm pretendido fazer explorações carecendo dos meios necessarios para ellas.

Se a Inglaterra, apesar da sua riqueza, emprega este recurso a favor d'um estabelecimento largamente dotado pelo estado, não poderemos nós recorrer a elle para o nosso museu, que nenhuns recursos tem, e que num anno de existencia se principiou a povoar só com os recursos dos socios, e o pouco que a sociedade

pôde fazer por elle? Estamos certos de que alguma actividade bem dirigida neste sentido ha de dar felizes resultados.

Seguindo o exemplo das sociedades archeologicas estrangeiras, a secção de archeologia entendeu tambem que era do seu dever lembrar aos poderes publicos a necessidade de restaurar alguns monumentos, ou pelo menos evitar que se percam importantes reliquias da antiguidade, que jazem em abandono. Tem já feito algumas representações neste sentido ás respectivas auctoridades, e com satisfação dizemos que achou o melhor acolhimento na auctoridade superior do districto, e membro da secção, o sr. visconde de Villa Mendo.

Numa das suas ultimas sessões deliberou-se lembrar ao governo a necessidade que ha de se restaurar o templo de Sancta Cruz, e muito principalmente o frontispicio da igreja. Este templo é um monumento historico e architectonico de subido valor, e vergonha é que á entrada de Coimbra contemple o estrangeiro o estado miseravel e desprezivel em que se encontra aquelle edificio! Conta-se de Carlos V que, vendo a magnifica Torre de Florença (Campanilha de Sancta Maria d'ei fiori) dissera que ella deveria estar mettida num estojo para que não estivesse sempre exposta aos olhos do publico; nós desejavamos que a frontaria do templo de Sancta Cruz estivesse sempre coberta com uma cortina para que se não expozesse aquella vergonha ao publico. E, seja dicto de passagem, não pertence a culpa á Junta de Parochia: estas corporações não são as mais competentes para encetar obras de restauração, e algumas, que sob a sua direcção se têm feito no reino, podem ser consideradas como verdadeiras offensas da arte, e muitas vezes vandalicas destruições. É porém a Junta de Parochia de Sancta Cruz uma excepção a esta regra, pois que esta corporação tem sempre pugnado e promovido a conservação do templo entregue á sua guarda; e ultimamente, apezar dos poucos recursos de que dispõe, reformou com todo o esmero e mestria alguns arcos do magnifico claustro chamado *do silencio*. A secção de archeologia não deixou de commemorar este facto, com que a Junta tanto se distinguiu do vulgar, lançando na sua acta de 18 de maio um voto de louvor á mesma Junta. Esta prova de

consideração dada por pessoas competentes não teve só em vista honrar a Junta, mas também estimular outras a procederem da mesma forma.

Na sua ultima sessão de 5 de novembro deliberou a secção publicar regularmente no *Instituto* os trabalhos dos seus socios, e, na falta d'estes, reproduzir livros raros ou publicar manuscriptos ineditos de que houver conhecimento, e que estejam em harmonia com a indole dos seus estudos. Uma das reproducções, que se resolveu fazer, foi a do *Antiquario*, jornal publicado em Coimbra pelo nosso consocio, o sr. Manuel da Cruz Pereira Coutinho, actual prior de S. Christovão. Esta publicação tornou-se rara, e é um bom elemento de estudo archeologico, muitas vezes procurado por entendedores até estrangeiros; terá ainda a vantagem de pôr em relevo quanto a nossa sociedade tem ainda a esperar da competencia do auctor, que se não poupa, apesar da sua vida occupada, a trabalhar na secção. Os amadores de archeologia hão de nos ser gratos por esta publicação. Também o sr. Francisco da Fonseca Correia Torres, que a morte acaba de nos roubar, tinha promettido publicar a continuação da lista de alguns artistas portuguezes, incetada pelo fallecido Cardeal Saraiva, D. Francisco de S. Luiz. Era um valioso auxilio para a historia da arte, de que ficaremos privados pelo triste acontecimento acima mencionado. Não podemos deixar de deplorar aqui a perda que a secção acaba de soffrer com a morte do seu esclarecido consocio, que, apesar da sua avançada idade, era dos mais assiduos aos trabalhos da secção, onde coadjuvava a todos pela innumera copia de noticias que dava ácerca de antiguidades. Será pena que os apontamentos que deixa se extraviem, pois que sabemos possuia grande peculio de noticias curiosissimas.

A secção de archeologia não tem desperdiçado o seu tempo, e em pouco mais de dezoito mezes de existencia, e com os poucos recursos de que dispõe, não poderia por certo esperar-se d'ella tanto. Poderá em breve fazer-se conhecida aqui, e nos paizes estrangeiros, se a boa vontade de todos a auxiliar, principalmente a d'aquelles que estão convencidos que nada é velho senão o que não presta, como com graça significava M.<sup>elle</sup> Bertin, mo-

disto da infeliz Maria Antoinette, quando lhe compunha um vestido, e que a rainha admirava pelo achar como novo, ao que a modista respondia: *Il n'y a de nouveau que ce qui est oublié*: conceito profundo para quem se applica á historia e á archeologia. Muitas cousas passam como invenções hodiernas, que foram conhecidas dos antigos, e que só o tempo fez esquecer. Não seria difficil provar que do estudo da antiguidade têm vindo ás artes, á industria e ás sciencias novos processos e grandes auxilios, e principalmente magnificos modelos. Este estudo entre nós torna-se mais necessario para não deixarmos definhar a nossa architectura, que por falta de gosto se acha em vergonhoso estado. Não se encontra uma unica obra digna de valor artistico entre tantas que, com grande dispendio, se estão a construir a cada passo; o que se encontra de melhor são copias de construcções francezas e inglezas das de peor gosto, onde são desprezadas as normas architectonicas mais rudimentares. Isto provém da falta de estudo do antigo e do conhecimento da arte. Já o nosso Camões dizia:

..... que a razão  
D'algum não ser por versos excellente

É não se ver prezado o verso e rima,

Porque quem não sabe a arte não a estima.

MIGUEL OSORIO CABRAL DE CASTRO.

# PUBLICAÇÕES NOVISSIMAS

offerecidas ao Instituto

D. Antonio da Costa — *No Minho* — 1 vol.

Thomaz Ribeiro — *Jornadas* — segunda parte — Entre Palmeiras (de Pangim a Salsete e Pondá) — 1 vol.

## CONDICÕES DA RESIGNAÇÃO

Em Coimbra, por ordem do Sr. Director, em 15 de Junho de 1850.  
Nunco de Almeida.  
Para a leitura da Resignação, e para a entrega das estampilhas.  
A correspondência litteraria deve ser dirigida ao Dr. J. de  
Epiphânio de Albuquerque, e de administração e gerencia ao Sr. J. de  
do Instituto.

## REDACTORES

Antonio Candido Gonçalves Crespo  
Augusto Sarmento  
Dr. Francisco Augusto Corrêa Barata  
Dr. João José de Mendonça Cortez  
Dr. José Epiphanio Marques  
José Frederico Laranjo  
Dr. Luiz da Costa e Almeida.

---

---

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em Coimbra, por anno, ou 12 numeros..... 1\$500  
Numero avulso ..... 160  
Para fóra de Coimbra, accresce o importe das estampilhas.

A correspondencia litteraria deve ser dirigida ao Dr. José Epiphanio Marques; a de administração e gerencia ao gabinete do Instituto, Coimbra.

# O INSTITUTO

SUMMARIO

|      |                                                                                                    |
|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Pag. |                                                                                                    |
| 100  | LEMANHA—pelo Dr. Tollen                                                                            |
| 106  | SESSÃO DA CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS                                                 |
| 115  | GEOGRAPHIA MEDICA—por Vieira de Meirelles                                                          |
| 122  | DAS ANDORINHAS (poema)—por Galdino de Figueiredo                                                   |
| 128  | REGULAMENTO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA                                       |
|      | <b>VOLUME XX—JANEIRO DE 1875</b>                                                                   |
|      | O BISPO DE COIMBRA D. JORGE DE ALMEIDA E SUA MUNIFICENCIA PARA COM A SUA CATEDRAL—por A. M. Simões |
| 136  | de Castro                                                                                          |

## SEGUNDA SERIE — N.º 9

### EXPEDIENTE

Tem-se este jornal estabelecido na sua publicação, de-  
 liberaram os seus Redactores, de accordo com a Administração  
 da Imprensa da Universidade, publicar os numeros estabelecidos  
 alternadamente com os novos, no mais curto espaço de tempo  
 que for possível, até que a publicação entre de novo em dia.  
 Por esse motivo sabe-se já agora o numero de Dezembro, alter-  
 nado com o de Maio pretérito; o de Janeiro seguirá alterando  
 com o de Junho, e assim por diante.

COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

## SUMMARIO

|                                                                                                                                            | Pag. |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| BOLETIM DO INSTITUTO .....                                                                                                                 | 97   |
| BOSQUEJO OU EXPOSIÇÃO SUMMARIA DA ORGANISAÇÃO DAS<br>FACULDADES DE PHILOSOPHIA NAS UNIVERSIDADES DE AL-<br>LEMANHA — pelo Dr. Tollens..... | 100  |
| SESSÃO DA CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS ..                                                                                      | 106  |
| GEOGRAPHIA MEDICA — por Vieira de Meirelles .....                                                                                          | 115  |
| DUAS ANDORINHAS (poesia) — por Candido de Figueiredo..                                                                                     | 122  |
| REGULAMENTO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO<br>DE COIMBRA.....                                                                       | 128  |
| O BISPO DE COIMBRA D. JORGE DE ALMEIDA E SUA MUNIFI-<br>CENCIA PARA COM A SUA CATHEDRAL — por A. M. Simões<br>de Castro .....              | 136  |

---

## EXPEDIENTE

Tendo-se este jornal atrazado muito na sua publicação, de-  
liberaram os seus Redactores, de accordo com a Administração  
da Imprensa da Universidade, publicar os numeros atrazados  
alternadamente com os novos, no mais curto espaço de tempo  
que for possível, até que a publicação entre de novo em dia.  
Por esse motivo sahe á luz agora o numero de Dezembro, alter-  
nado com o de Maio preterito; o de Janeiro sahirá alternado  
com o de Junho, e assim por diante.

## BOLETIM DO INSTITUTO

---

Socios que foram eleitos em differentes sessões para os cargos da Sociedade  
no corrente biennio de 1875 e 1876

### DIRECÇÃO GERAL

Presidente — Dr. João José de Mendonça Cortez  
Vice-Presidente — Dr. Luiz da Costa e Almeida  
1.º Secretario — Dr. Manuel de Jesus Lino  
2.º Secretario — Dr. José Epiphanyo Marques  
1.º Vice-Secretario — Augusto Mendes Simões de Castro  
2.º Vice-Secretario — Antonio d'Assis Teixeira de Magalhães  
Thesoureiro — Dr. Antonio dos Sanctos Pereira Jardim

### CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

Director — Dr. Manuel Emygdio Garcia  
Vice-Director — Dr. Manuel d'Oliveira Chaves e Castro  
Secretario — José Frederico Laranjo  
Vice-Secretario — Antonio Candido Ribeiro da Costa

### SECÇÕES

1.ª (de sciencias moraes)  
Dr. Avelino Cesar Augusto Maria Callixto  
Dr. Manuel de Jesus Lino  
Antonio d'Assis Teixeira de Magalhães

2.ª (de jurisprudencia)  
Dr. Antonio dos Sanctos Pereira Jardim  
Dr. José Joaquim Fernandes Vaz  
Dr. Manuel d'Oliveira Chaves e Castro

3.<sup>a</sup> (de sciencias economicas e administrativas)

Dr. Antonio dos Sanctos Pereira Jardim

Dr. João José de Mendonça Cortez

Dr. Manuel Emygdio Garcia

#### CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

Director — Dr. Antonio dos Sanctos Viegas

Vice-Director — Dr. João Jacintho da Silva Corrêa

Secretario — Fernando Mattoso dos Sanctos

Vice-Secretario — Vicente Urbino de Freitas

#### SECÇÕES

1.<sup>a</sup> (de sciencias mathematicas)

Dr. Luiz da Costa e Almeida

Dr. José Joaquim Pereira Falcão

Adolpho Ferreira de Loureiro

2.<sup>a</sup> (de sciencias historico-physicas)

Dr. Julio Augusto Henriques

Dr. Augusto Filippe Simões

Dr. Francisco Augusto Corrêa Barata

3.<sup>a</sup> (de medicina)

Dr. Antonio Augusto da Costa Simões

Dr. Julio Cesar de Sande Sacadura Botte

Dr. Filomeno da Camara Mello Cabral

#### CLASSE DE LITTERATURA E BELLAS ARTES

Director — Joaquim Alves de Sousa

Vice-Director — Abilio Augusto da Fonseca Pinto

Secretario — Antonio Candido Ribeiro da Costa

Vice-Secretario — Antonio Lopes Guimarens Pedrosa

## SECÇÕES

1.ª (de litteratura) e 2.ª (de litteratura privativamente dramatica)

Dr. Antonio João da França Bettencourt

Augusto Sarmiento

Antonio Candido Ribeiro da Costa

Augusto Antonio da Rocha

3.ª (de bellas artes)

Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte

Dr. Julio Augusto Henriques

Adolpho Ferreira de Loureiro

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Presidente — Miguel Osorio Cabral de Castro

Vice-Presidente — Manuel da Cruz Pereira Coutinho

1.º Secretario — Augusto Mendes Simões de Castro

2.º Secretario — Abilio Augusto da Fonseca Pinto

Conservador do museu — João Corrêa Ayres de Campos

Thesoureiro — Dr. João José de Mendonça Cortez

SECCOES

## SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

1.ª (de litteratura) e 2.ª (de litteratura privativamente de-  
matica)

Dr. Antonio João da França Bellenconr

### BOSQUEJO OU EXPOSIÇÃO SUMMARIA DA ORGANISAÇÃO DAS FACULDADES DE PHILOSOPHIA NAS UNIVERSIDADES DE ALLEMANHA

(Continuado do n.º 8, paginas 56)

Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte

### SCIENCIAS AUXILIARES DA HISTORIA

Adolpho Ferreira de Lencastre

- 25.º Diplomatica;
- 26.º Heraldica;
- 27.º Chronologia, Numismatica, etc.;
- 28.º Ethnographia, (vid. adiante);
- 29.º Anthropologia, (vid. adiante).

### HISTORIA DAS ARTES

- 30.º Archeologia;
- 31.º Historia das bellas artes.

Encontram-se quasi sempre tres professores de historia em todas as grandes Universidades. Os ramos da sciencia que elles especialmente cultivam são muito variados, como testemunham os programmas das Universidades.

Os professores de historia antiga occupam-se ao mesmo tempo das linguas grega e latina. (Vid. *Philologia*).

As sciencias auxiliares da historia são bastante variadas para que no seu ensino tomem parte de quatro a seis professores. Principalmente a archeologia, a geographia, a historia das bellas artes são tractadas por sabios especialistas: a ethnographia e a anthropologia são tractadas muitas vezes ou pelo professor de zoologia, ou pelo de anatomia.

## SCIENCIAS CAMERALISTICAS

Formam estas sciencias um campo muito vasto, em que entram todos os ramos que dizem respeito á economia politica. A Universidade de Tuebingen, como já disse, constituiu com ellas uma Faculdade separada.

32.º Economia politica;

33.º Estatistica;

34.º Geographia politica e geral;

35.º Historia do commercio;

36.º Historia monetaria;

37.º Regras geraes de administração, etc.

Em quasi todas as Universidades se encontram professores de economia politica e de estatistica: as outras especialidades são lecionadas, ou pelos mesmos professores, ou por um professor de historia.

Em todos os cursos, acima enumerados, acham-se os professores em frente dos estudantes sem poderem julgar do effeito das suas lições, o que se não poderia alcançar sem que lhes dirigissem interrogações, o que tomaria um tempo muito precioso. Para remediar esta falta e para estabelecer um contacto mais intimo entre o professor e os estudantes, fazem-se, em philologia, em historia, em linguas orientaes, etc., por um lado repetições, nas quaes o professor interroga os estudantes sobre as cousas que elles devem saber; e por outro lado fazem-se lições particulares ou exercicios chamados — *Sociétés* — em que se tracta de applicar os conhecimentos adquiridos a problemas um pouco difficeis, e nas quaes o estudante pôde fazer perguntas sobre os objectos que não comprehendeu bem. São estas — *Sociedades* — que correspondem aos exercicios practicos de chimica e de physica.

## SCIENCIAS NATURAES

Alem do consideravel dominio das sciencias philosophicas, ou das *Letras*, existe ainda o dominio das sciencias naturaes ou simplesmente *Sciencias*.

Desde muito tempo se dividem as *sciencias* em *sciencias descriptivas* e *sciencias racionais*; portanto cada sciencia descriptiva tende presentemente para a separação em parte descriptiva e em parte racional.

#### ZOOLOGIA

38.º Zoologia descriptiva;

39.º Anatomia comparada (zoologia racional).

Posto que o dominio, ou campo, da systematica dos animaes seja dos mais vastos e se tenham estabelecido em zoologia descriptiva divisões, taes como a entomologia, a conchyologia, etc., a zoologia descriptiva não se separou ainda da zoologia racional na maior parte das Universidades allemãs, e fica dependente das opiniões e dos conhecimentos do professor o inclinar-se elle mais para a descripção pura ou para o estudo racional dos animaes. Em geral o professor de zoologia é o director dos gabinetes de zoologia. (Veja-se mais adiante — *Estabelecimentos*.)

#### BOTANICA

40.º Botanica descriptiva;

41.º Botanica racional, ou physiologia vegetal, demonstrações microscopicas, etc.;

42.º Geographia vegetal.

Em botanica adoptou-se definitivamente a divisão em sciencia descriptiva e sciencia racional. As Universidades possuem em geral dois botanicos que dividem entre si o trabalho, como fica exposto, e a geographia vegetal compete ao professor de botanica systematica. (Vid. jardins botanicos).

#### MINERALOGIA

43.º Mineralogia systematica;

44.º Chrystallographia;

45.º Geognosia e geologia;

46.º Paleontologia (zoologia e botanica do mundo antigo.)

A maior parte das vezes acham-se dois professores que se occupam do estudo da historia da terra, mas a divisão das disciplinas entre os dois professores póde fazer-se de differentes maneiras. Ou são a mineralogia e a crystallographia que se separam da geologia e da paleontologia; ou a geologia se reúne ás duas primeiras; e a paleontologia tracta-se separadamente neste caso. Tambem algumas vezes é o professor de physica que se occupa da crystallographia. (Vid. collecções.)

#### ASTRONOMIA

47.º Astronomia theorica (Perturbações, Mechanica celeste, etc.);

48.º Astronomia espherica e theoria dos instrumentos;

49.º Observações astronomicas. (Vid. Observatorio.)

Um unico astronomo basta para satisfazer ás necessidades da maior parte das Universidades.

#### PHYSICA \*

50.º Parte magneto-electrica;

51.º Optica e calorico;

52.º Mechanica.

Em vez d'esta divisão, a physica nalgumas Universidades é dividida em Physica-mathematica (vid. mathematicas) e em Physica experimental. Se numa Universidade ha dois physicos, é a ultima divisão a mais geralmente adoptada, ainda que esta divisão nem sempre é bem pronunciada. (Vid. Gabinetes de physica.)

#### METEOROLOGIA

53.º Meteorologia geral.

Esta sciencia é algumas vezes considerada como sciencia separada; porém muitas vezes são os professores de physica ou de astronomia que d'ella se occupam. (Vid. Observatorio.)

## CHIMICA

- 54.º Chimica geral ou physico-chimica;
- 55.º » inorganica;
- 56.º » organica;
- 57.º » analytica;
- 58.º » medica ou physiologica;
- 59.º » tecnologica.

Tendo-se a chimica desenvolvido prodigiosamente ha um seculo a esta parte, não sómente ella se emancipou da medicina, mas, crescendo todos os dias, breve chegará o tempo em que as seis divisões acima indicadas serão lidas em toda a parte por um professor especial. Hoje mesmo ha já Universidades que occupam 5 ou 6 professores de chimica. Todavia a chimica tecnologica é abandonada ás Escolas polytechnicas. (Vid. Laboratorios.)

## PHARMACIA

A Pharmacia é em geral considerada como fazendo parte da Philosophia; no entretanto em algumas Universidades pertence á Medicina.

- 60.º Pharmacia geral;
- 61.º Pharmacognosia;
- 62.º Toxicologia e analyse legal.

Os estudantes de Pharmacia frequentam as lições geraes de chimica, de physica, de botanica, etc.; todavia nalgumas partes fazem-se lições d'estas sciencias, referidas especialmente ás applicações pharmaceuticas.

## AGRICULTURA

Na maior parte das Universidades allemãs fazem-se lições de agricultura, que entram naturalmente no qua'ro da Faculdade de Philosophia. Porém a agricultura tem-se constituido como sciencia á parte, separando-se algumas vezes da Universidade, e têm-se fundado academias especiaes de agricultura, quer seja na mesma

cidade em que se acha a Universidade, quer seja em outro logar separado.

As lições de agricultura feitas na Universidade comprehendem, na maior parte dos casos, o seguinte:

- 63.º Agricultura geral;
- 64.º Chimica applicada á agricultura, estudo das terras;
- 65.º Principios da engorda dos gados;
- 66.º Industrias agricolas;
- 67.º Lições de veterinaria;
- 68.º Relações juridicas da agricultura.

Em quanto á chimica, physica, botanica, etc. seguem-se os cursos geraes, se os não ha especiaes para as necessidades da agricultura.

Eis aqui o quadro das materias de estudo que se podem fazer entrar na Faculdade de Philosophia. Dissemos acima que algumas d'estas especialidades nem sempre são tractadas por homens especiaes; e se com effeito o numero dos professores ordinarios, extraordinarios e aggregados em algumas Universidades se aproxima do numero 68, ou o excede mesmo como em Berlin, onde é de 86, outras Universidades ha que se contentam com menor numero de professores, como Rostock (14) e Friburgo (15).

As Faculdades de Philosophia de Goëttingen têm 58; a de Leipsig 60; a de Bonn 60; a de Heidelberg 51; a de Munich 41; e a de Keil 23, etc., isto é, numeros intermediarios<sup>1</sup>.

Alem dos professores e aggregados ha em cada Universidade um certo numero de mestres que ensinam as linguas vivas, como francez, inglez, hespanhol, portuguez e italiano; e as artes, como o desenho, a pintura, a musica, a stenographia, a esgrima, a dança, a gymnastica e a equitação. Ha alem d'isto um veterinario que dirige o hospital veterinario.

(Continúa)

DR. TOLLENS

(Aggregado á Universidade de Goëttingen).

<sup>1</sup> Os numeros aqui referidos eram exactos no ultimo semestre.

## SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

SESSÃO DA CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS  
EM 16 DE JANEIRO DE 1875PRESIDENCIA DO EX.<sup>mo</sup> SR. DR. ANTONIO DOS SANCTOS VIEGAS

O sr. presidente disse que esta sessão era consagrada á discussão da these — *Será a erysipela uma febre eruptiva?* — e convidou o sr. dr. José Epiphanio Marques a encetar o debate. Como nenhum membro da classe quizesse fallar primeiro, o sr. Epiphanio disse:

Sr. presidente:— Tendo algumas duvidas sobre o ponto de que hoje se tracta, lembrou-me propôl-o para discussão de classe.

Como auctor da proposta, assiste-me o dever de empenhar-me na discussão; confesso porém que declinaria de bom grado este encargo, se airosamente o pudésse fazer, e isto por motivos faceis de conjecturar.

Com effeito, a conferencia e a palestra não têm a mesma indole. A primeira, alem de muito boa materia, exige boa fórma. A segunda é uma simples conversa familiar entre os individuos da classe, uma exposição singela e despretenciosa dos factos e opiniões proprias de cada um, em que se dispensa a fórma elegante e bem pensada, inseparavel do bom discurso ou conferencia.

Tencionando eu pois empenhar-me numa simples palestra scientifica, não estou realmente preparado de modo que satisfaça ás exigencias d'um auditorio tão numeroso, como illustrado. A minha consciencia exigia-me que fizesse esta declaração; e agora, certo de ser escutado com a benevolencia que a franqueza deve inspirar, passo a fazer algumas considerações relativamente á these proposta.

*Será a erysipela uma febre eruptiva?*

Pensam certos pathologistas que um agente contagioso, penetrando no organismo e encontrando nelle condições de receptividade, gera a erysipela.

Suppõem outros que a molestia é o simples producto de dois factores — predisposição e causa determinante.

Esta ultima hypothese parece-me mais conforme com os factos.

A predisposição é com effeito *conditio sine qua non* da evolução de qualquer molestia não especifica; aliás seria inexplicavel o effeito multiplo dos agentes etiologicos, e não menos a immuni-  
dade permanente ou temporaria de alguns individuos para certas molestias, posto que affrontem frequentemente as causas mais proprias a provocal-as.

Sob a influencia do frio, por exemplo, póde desenvolver-se a nevralgia, o rheumatismo, a bronchite, a pneumonia, etc.

Ora, sendo a causa geral e susceptivel de effeitos multiplos, só a predisposição póde explicar a preferencia d'um d'estes effeitos.

Individuos ha que, durante certo periodo, podem impunemente sujeitar-se á acção do frio; mais tarde porém, e sob a influencia da mesma causa, lhes sobrevirá fatalmente a pneumonia ou outra molestia a *frigore*. Isto significa que a predisposição para as molestias a *frigore*, nulla durante certa epocha e desenvolvida em periodo ulterior, se converteu em molestia em presença da causa determinante. A predisposição pois influe poderosamente na séde e natureza das molestias.

Se applicarmos á erysipela estas noções elementares de pathologia geral, ser-nos-ha facil conceber a sua evolução independentemente de agentes contagiosos, cuja presença não póde provar-se na hypothese.

E não se pense com Jaccoud que a espontaneidade e fórma, ás vezes epidemica, da erysipela se oppõem á doutrina exposta.

Assim, embora, na genese da pneumonia e rheumatismo, o frio represente um papel importante, é innegavel que este elemento etiologico não é sufficiente nem necessario, como affirma o proprio Jaccoud. Não é sufficiente, porque o numero de pneumonicos e rheumaticos é muito inferior ao dos individuos que se

expõem ao frio: não é necessario, porque a predisposição, só por si, póde provocar a manifestação d'estas molestias, como o provam os factos de pneumonia e rheumatismo sem arrefecimento anterior. Ora, se o character de espontaneidade das especies morbidas não envolve necessariamente o de sua contagiosidade, claro está que a erysipela, com ser ás vezes espontanea, póde todavia não ser contagiosa.

Ao segundo argumento de Jaccoud ha a responder que a fórma epidemica das molestias não implica necessariamente a idéa da sua contagiosidade.

Frequentemente presenciâmos epidemias de anginas, de catharros gastricos ou intestinaes, de pneumonia, etc. sem causa determinante apreciavel; e todavia ninguem se lembrou ainda de invocar a intervenção d'um agente contagioso para explicar a genese d'estas epidemias; suppondo-se pelo contrario que as circumstancias de meio, alteradas de modo inapreciavel e actuando simultaneamente sobre muitos individuos, lhes imprimem modificações em certo sentido, de maneira a predispol-os para determinada molestia.

Concordando pois na fórma epidemica da erysipela, não creio comtudo na contagiosidade d'este padecimento.

Não é tarefa tão simples, como parece, decidir da contagiosidade ou não contagiosidade d'uma especie morbida.

Uma dada molestia póde ser contagiosa, e comtudo não o parecer por falta de receptividade dos individuos que se aproximam do fóco, ou por circumstancias de meio pouco favoraveis á propagação do contagio. Pelo contrario, uma certa molestia póde parecer contagiosa pelo numero de individuos que ataca, sendo apenas o resultado de modificações atmosphericas, ou d'outras condições não especificas, mas muitas vezes desconhecidas.

O thermometro mais fiel que temos para conhecer a contagiosidade d'uma especie morbida é a inoculação, e principalmente a importação.

Não tenho factos proprios de inoculação ou importação da erysipela, mas conto na minha practica numerosissimos casos de erysipela, desenvolvida sob a influencia de causas ordinarias, e li-

mitada aos individuos atacados, postoque muitos d'esses individuos, durante a doença, estivessem constantemente rodeiados de parentes e amigos.

Sr. presidente, a erysipela é um padecimento vulgarissimo; e se num pequeno numero de casos este padecimento póde revelar-se sem causa determinante apreciavel, a sua evolução será geralmente facil de explicar por causas communs e palpaveis, por exemplo, impressão do frio ou do calor, abuso accidental de bebidas alcoolicas, traumatismo, etc. Parece-me pois que na etiologia da erysipela podem e devem figurar as causas ordinarias, mas não o contagio, aliás seremos forçados a suppôr que o elemento *contagioso* persegue constantemente certos individuos; e que, como para occultar a sua acção malefica, só penetra no corpo d'esses individuos ao sujeitarem-se elles á acção de alguma causa determinante.

É certo que os livros de pathologia enumeram casos de erysipela, em que a transmissibilidade parece evidente: todavia, respeitando muito os auctores que referem esses casos, assiste-me o direito de duvidar da sua fiel interpretação, visto não poder harmonisar o contagio da erysipela com a predisposição que um primeiro ataque confere para ataques ulteriores.

Pathologistas ha emfim que affirmam ser a erysipela contagiosa só em certos casos. Para estes o contagio não é um character inherente á natureza da erysipela ou de outra qualquer molestia contagiosa, mas sim uma qualidade que accidentalmente se lhe ajuncta, podendo por conseguinte uma especie morbida ser ou não transmissivel segundo as circumstancias.

Esta doutrina vai de encontro aos factos, por quanto a observação mostra que toda a molestia transmissivel por contagio, qualquer que seja a sua physionomia e intensidade, não perde a qualidade de contagiosa.

Sem negar pois o contagio da erysipela, declaro que me inclino muito para a opinião dos anticontagionistas.

Sr. presidente, se á genese da erysipela não preside um elemento específico e contagioso, como eu penso, este padecimento não póde figurar entre as febres eruptivas: permitta-se-me porém

que faça uma ligeira comparação entre a primeira e as segundas, a fim de que possa assentar em bases mais solidas a doutrina a que me inclino.

1.º É certo que a erysipela se acompanha ás vezes de lesões anatomicas extensas, variadas, e semelhantes ás das molestias typhicas; mas estas lesões não são constantes, não são especificas, nem differem das que Liebermeister encontrou algumas vezes nas molestias francamente febris<sup>1</sup>.

A filiação d'estas lesões na excessiva elevação do calor morbido parece ter uma base solida no apparecimento das mesmas lesões em molestias benignas, como, por exemplo, a pneumonia e angina tonsillar, quando as acompanha um calor morbido elevado. As proprias lesões do musculo cardiaco, que Ponfick observou na erysipela, não são characteristics d'esta molestia, pois que Vallin logrou produzi-las artificialmente em animaes, submettendo-os a uma isolação intensa e prolongada<sup>2</sup>.

Demais as queimaduras extensas e superficiaes da pelle determinam, segundo Dupuytren, congestões e inflammações das visceras, ainda as mais afastadas da séde da lesão. Ora, havendo analogia entre as lesões das queimaduras superficiaes da pelle e as da erysipela, concebe-se facilmente que nesta ultima, quando extensa, se encontrem alterações analogas.

Assevera Ponfick que, num pequeno numero de casos, a lesão apreciavel da erysipela consiste na simples diffluencia do sangue. Quid inde?

A erysipela póde affectar individuos depauperados e revestir desde logo um character typhoide; neste caso, assim como nas outras molestias febris que revestem este character, a diffluencia do sangue ha de manifestar-se em maior ou menor gráu.

Finalmente, nas erysipelas extensas e adynamicas a hematose pulmonar e cutanea são de certo mais ou menos compromettidas, e talvez esta circumstancia preste o seu contingente para o estado de diffluencia do sangue em certos casos da molestia em questão.

<sup>1</sup> *Dicc. de Med. e Chir.* de Jaccoud.

<sup>2</sup> *Idem.*

Na erysipela franca assevera Gintrac encontrar-se frequentemente o augmento de fibrina; e esta asserção está em harmonia com a observação de Andral, que diz oscillar a fibrina entre 3,6 e 7,6.

Das lesões anatomicas pois, assim como do estado do sangue, não póde deduzir-se que a erysipela seja uma febre eruptiva.

2.º Do periodo prodromico, na erysipela, deduziram alguns pathologistas um argumento em favor da analogia d'esta molestia com as febres eruptivas.

Não cançarei o auditorio com a impugnação d'este argumento; por quauto a raridade do periodo prodromico na erysipela — a sua explicação geralmente facil por lesões ganglionares — e a frequencia relativa de identico periodo em molestias febris benignas — oppõem-se áquella pretendida analogia.

3.º A marcha da erysipela tambem me parece não ter valor para provar a sua aproximação das febres eruptivas.

Com effeito, a erysipela tem, ou não, periodo prodromico: os phenomenos geraes coincidem ou seguem-se á erupção, e mesmo muitas vezes não se revelam: a molestia nasce, cresce, e morre no ponto primitivamente affectado, ou invade successivamente novas superficies, tendo uma duração comprehendida entre tres e trinta ou quarenta dias: emfim a febre está geralmente em relação com a extensão da erupção.

As febres eruptivas, pelo contrario, têm um periodo prodromico constante, constituindo a falta d'este, na escarlatina, uma verdadeira curiosidade pathologica. Além d'isso têm periodos bem definidos e de duração antecipadamente calculavel, sendo facil pre-dizer com certa aproximação a duração total das dictas molestias.

A marcha da febre é typica, mathematica, por assim dizer, podendo figurar-se por curvas thermometricas prefixas.

Finalmente, ou a erupção seja discreta, confluenta, ephemera ou persistente, o movimento febril é sensivelmente o mesmo na intensidade, deduzindo-se d'aqui não haver relação de causalidade entre a erupção e a febre.

São pois tão sensiveis as differenças entre a marcha e sympto-

matologia da erysipela e das febres eruptivas, que não podemos aproximar conscienciosamente a primeira das segundas.

4.º Da therapeutica enfim nada podemos deduzir em favor da pretendida analogia.

Os medicos, reconhecendo que o organismo, os orgãos, e mesmo a propria cellula, tendem a voltar ao typo physiologico logo que cesse a causa perturbadora que os desviou do mesmo typo, põem geralmente de parte o tractamento perturbador, e só applicavel a casos especiaes. Por tanto, nas febres eruptivas, na erysipela, e mesmo em muitas phlegmasias que marcham com regularidade, o tractamento resume-se em meios brandos e harmonicos com as tendencias do organismo. O tractamento, pois, parece-me não poder servir de thermometro para avaliar a natureza da erysipela.

Em conclusão: a erysipela não me parece ser uma pyrexia que deva collocar-se ao lado da escarlatina ou sarampo; e, suppondo mesmo que não é febre eruptiva, duvido muito da sua contagiosidade.

Em seguida ao sr. Epiphanio tomou a palavra o sr. Augusto Antonio da Rocha, que disse:

Sr. presidente: — Depois da exposição, tão brilhante como erudita, que acaba de ouvir-se, eu não tomaria a palavra, se s. ex.ª tivesse limitado a discussão a saber — se a erysipela era ou não uma molestia contagiosa —, como fôra inscripto na acta, porque a esse respeito sou partidario da mesma opinião; porém, desde que s. ex.ª manifestou desejos de ampliar a discussão, investigando qual a natureza da erysipela, e entrou nesse caminho, eu não posso deixar de dirigir alguns reparos ao modo como isso se fez.

O meu intuito é collocar o problema sob a sua verdadeira luz, porque me parece que elle foi examinado sob um aspecto pouco largo, e nada consentaneo com as tendencias e com as aspirações da medicina moderna.

Para estudar e resolver o seu problema, o sr. dr. Epiphanio Marques procurou saber se a erysipela era ou não uma febre eruptiva, e adduziu nesse intuito varios argumentos; ora estudar a natureza de uma molestia qualquer não é por certo ver se ella

cabe ou não cabe em um grupo de molestias, viciosamente formado. Sendo assim, investigar a natureza da erysipela não é descobrir se os seus characteres a aproximam ou afastam do grupo das febres eruptivas, mórmente quando é certo que este grupo não é um grupo perfeitamente natural, e é fundamentalmente erroneo; porquanto toma para base a febre, que é apenas uma elevação de temperatura, e por tanto um producto de factores ainda desconhecidos; — porque a verdade é que nem os solidistas, nem os humoristas, Traübe ou Claude Bernard, a explicam, e a erupção, cujo processo intimo, e cuja ligação pathogenica são também desconhecidos, e que é a final um character commum a diversissimas molestias.

Accresce, por outro lado, que o grupo das febres eruptivas está eivado da nomenclatura falsa e das idéas medicas de outros tempos. Este vicio procura a sciencia fazel-o desaparecer, substituindo ao termo vago de febre, o conhecimento preciso das condições organicas, que a determinam.

Outr'ora, nos tempos em que a escholastica arrasava todos os campos do pensamento, e os esterilizava a todos; quando a medicina se acanhava dentro dos limites de theorias abstrusas; quando lampejavam para os organismos innumeraveis *archeus*, mais ou menos poderosos, e o dominio dos *espiritos* era illimitado, o grupo das febres essenciaes foi extensissimo. Ellas emanavam de principios subtís e mysteriosos, levados por processos inconcebiveis ao seio dos organismos, e actuando ahi em virtude de actividade propria. Estas idéas mysticas foram pouco a pouco expulsas pela observação e pela analyse, e o grupo das febres foi por isso mesmo diminuindo, a ponto de ser hoje limitadissimo, ou, para melhor dizer, nullo, — pois que nas proprias febres, que ainda se conservam para satisfazer a fins inteiramente clinicos, se reconhece a existencia primitiva de modificações organicas, por ora pouco determinadas, que a observação descobrirá certamente, e a que ha de dar, em futuro mais ou menos afastado, a sua sancção definitiva.

Ora, se taes são as tendencias medicas, não será extemporaneo reviver um problema, cuja formula está condemnada pela cor-

rente scientifica? Não será inutil e até perigoso o resuscitar de antigas questões, correspondentes a idéas, já de ha muito postas de lado? Não será mais logico, e mais em harmonia com a indole dos estudos medicos, substituir esse problema esteril, que aqui se enunciou e se discutiu, pelo exame preciso das condições anatomo-pathologicas, em que a erysipela se produz, conjuntamente com o do modo funcional por que actuam essas condições anatomicas? Porque a verdade, sr. presidente, é que a cada entidade morbida correspondem, como para a Anatomia e Physiologia normaes, órgãos e funcções correspondentes: — verdade tão notavel, e que só ao nosso seculo competia accentuar e definir com os progressos da microscopia!

Por tanto, se eu quizesse conhecer a natureza da erysipela, como a de outra molestia, procuraria satisfazer a estas tendencias, e progredir neste caminho, inteiramente firmado na observação e na experiencia, fontes de todo o conhecimento scientifico.

E para terminar, sr. presidente, sempre direi que é absolutamente preciso ir constituindo a classificação das molestias sobre novas bases. Para isso, devem substituir-se as classificações, mal definidas, vagas, e pouco scientificas, que pullulam ainda pelas paginas dos melhores livros, por outras inteiramente naturaes, organisadas conforme as regras que devem presidir a esta ordem de trabalhos.

Procedendo por esta fórma, nós, inspirados pelo genio da medicina moderna, e pelo geral espirito da verdadeira sciencia, poderemos contribuir com as nossas forças para auxiliar a reorganisação scientifica, que por toda a parte tende a operar-se.

— Estando a hora adiantada, o sr. presidente convidou a classe a reunir-se no sabbado seguinte á mesma hora para continuar a discussão d'este assumpto, ficando com a palavra reservada os srs. Fernando Mattoso dos Sanctos e Vicente Urbino de Freitas.

---

## GEOGRAPHIA MEDICA \*

Os sabedores, que interrogavam nas *chartas*<sup>1</sup> do Brucheion e do Serapeion a genese e evolução da idéa antiga, estreme de accrescentamentos e interpolações, tinham em singular veneração os *escriptos da estante pequena*<sup>2</sup>. Assim havia nome certa collecção de papyros, membranas e taboas enceradas, em que uma geração privilegiada enthesourara as mais peregrinas joias da sciencia da vida, num cyclo immenso de muitos seculos<sup>3</sup>. Porque estavam alli encelladas as experiencias e observações medicas de, talvez, myriadas de annos. Era o impulso irracionado do instincto, de-frontando a concepção ponderada da intelligencia, o successo

\* A 15 de janeiro de 1873 falleceu nesta cidade (como sabem os leitores do *Instituto*) o dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, antigo redactor d'este jornal, e que lhe prestou relevantes serviços. Commemoramos o segundo anniversario do seu fallecimento, hoje 15 de janeiro de 1875, inserindo neste numero algumas paginas da sua obra *Memorias de Epidemiologia Portugueza*, que tractam da geographia medica.

O merito litterario do dr. Meirelles é reconhecido de todos os que tractam letras; e é inutil encarecer com encomios a cópia dos seus conhecimentos, a pureza e castidade da sua linguagem. São dotes que se revelam nos seus escriptos e que o canonisaram mestre na nossa litteratura.

Mas, alem d'isso, o dr. Meirelles era um excellente character, e a sua memoria ficou gravada indelevelmente no coração dos seus amigos. A leitura d'estas paginas instruirá a todos e ao mesmo tempo enternecerá a muitos, áquelles que em sua vida apreciaram na sua convivencia as nobilissimas qualidades que eram reflexo do seu grande espirito. A. A. F. P.

<sup>1</sup> Montfaucon, *L'Antiquité Expliquée*, tom. 3, pag. 350, Paris, 1722.

<sup>2</sup> Galen. Opp. ed. Basil. in fol., 1538 — De dispnoea, lib. II, pag. 181, cit. por Sprengel, *Histoire de la Médecine*, tom. 1, pag. 294, e ed. Ven., 1576 — Galeni Librorvm Tertia Classis, pag. 136 H, e pag. 137 A.

<sup>3</sup> Galeni Librorvm Septima Classis, pag. 197 E, Venetiis, 1576 — Galeni Librorvm Tertia Classis, pag. 162 F, idem — Brünings, *Compendivm Antiquitatvm Graecarvm*, pag. 57, Francofurti ad Moenum, 1759 — José Vicente Gomes de Moura, *Noticia Succinta dos Monumentos da Lingua Latina*, pag. 27 e 30, Coimbra, 1823.

desvairado do acaso, acendrado nas cogitações profundas da razão, o mysticismo poetico dos templos, enflorando a discussão austera dos gymnasios, a resposta nevoenta dos antros, esclarecida pela phrase luminosa, e nunca taxada, dos porticos.

Mas nesse erario, copiosamente opulento do bom oiro das doutrinas, sobrelevava por meritos inconcussos o famoso livro — *Dos Ares, das Aguas e dos Logares*. Primores na fórma, excellencias na idéa. Trabalhara o Hippocrates, um dos mais fecundos artistas do pensamento na Grecia antiga, e que aquinhôa com os raros predestinados do genio o cognome, ainda mais raro, de *divino*.

E era naquellas paginas que se encontravam os primeiros lineamentos de geographia medica na culta antiguidade. Traçados por mão certa, e com mostrarem na firmeza e graça dos toques a finissima palheta que os lançou, deixam todavia a desejar pela variedade e amplidão do debuxo. Como que dão a lembrar a estatua de marmore, onde, no avultar do rosto, no desentranhar dos membros e no recamar dos vestidos, se sente já pura e esplendida a inspiração do esculptor, mas sem a vida a espelhar-lhe nos olhos o azul dos céos, sem um sorriso a encrespar-lhe os labios mudos e descoloridos, nem um anelo de esperanças a arfar-lhe o seio tumido e alvissimo. Bem esmerilhadas mostram tão sómente qual seja a influencia da exposição e dos ventos na producção das molestias, as propriedades das aguas, que servem ao uso commum, o influxo das estações e a acção dos climas na conformação physica e disposições moraes do homem.

E, passante de dois mil annos, não houve quem avultasse esses traços, e completasse o esboço imponente, que fôra gloria de Hippocrates e um dos maiores prodigios, que o genio feracissimo dos gregos logrou delinear nas *phyliras*<sup>1</sup> preciosas dos seus livros. Tomou a si este empenho a nossa idade, e tão bem se desobrigou d'elle, que não ha mais cubiçar para sciencia em tão verdes annos. Schnurrer, Clark, Boudin, Fuchs, Mühry e outros deram vulto áquelles rasgos, coloriram-os, animaram-os, e acabaram por desenrolar na tela o grande quadro da geographia medica.

Donde vem estar ahi a nova sciencia concitando francos ap-

<sup>1</sup> Montfaucon, *L'Antiquité Expliquée*, loc. cit., pag. 351.

plausos, e colhendo bem merecidos louvores. E na verdade a geographia medica, no fastigio a que a exalçaram as descobertas de trabalhadores indefessos, illustra a pathogenia, por si se inculca, e todos os que professamos a sciencia da vida a trazemos sempre deante dos olhos do espirito. Já de si está o mesmo nome explicando e insinuando o muito para que é e o que vale. Diz relação dos phenomenos geologicos e climatologicos de cada zona do globo com as condições biologicas dos que a habitam. Assim comprehendida, a geographia medica é estrella e bussola, luz e guia da medicina. Illumina a etiologia, aponta a therapeutica, allumia a epidemiologia, encaminha a hygiene. E, revelando a mutabilidade das molestias da especie humana no tempo e no espaço, assignala tambem as que pullulam sobre todo o globo, como as que nascem em certos paizes, em pontos determinados, e as que são privativas das differentes raças.

Têm as constellações latitude propria, e ha uma fauna para cada zona e uma flora para cada região. Esplende o *cruzeiro do sul* no hemispherio austral, paira o condor sobre as cristas nivasas do Chimborazo, e nos jardins do Indostan desabrocha a asôka seus cachos floridos. Como o astro, a ave e a flor, têm as molestias sua latitude, zona e região. Só roreja o suor anglico entre 43° e 59° da latitude norte<sup>1</sup>; a *spedalskhed* apenas se mostra endemica desde os 60° até aos 70° de latitude boreal<sup>2</sup>; e a tara vive sómente na Siberia, ferindo a cidade do seu nome e a população das margens do Irtisch<sup>3</sup>.

Toma-nos porém a mão, no illucidar este ponto, uma gravissima auctoridade, e que, como poucos, conseguiu levantar em formoso relevo aquellas analogias. «Assim como ha plantas, diz o sr. Boudin, que germinam em quasi todos os pontos do globo, com existirem algumas que só viçam ao modo endemico, em lugares mais ou menos circumscriptos, assim as molestias do homem surgem eguaes por toda a terra, ou prendem dissimilhantes em

<sup>1</sup> Boudin, *Traité de Géographie et de Statistique Médicales*, tom. 2, p. 705, Paris, 1857.

<sup>2</sup> Idem, loc. cit., pag. 703.

<sup>3</sup> Idem, loc. cit., p. 717.

assignaladas zonas e determinadas localidades. Têm pois as molestias, como as plantas, *habitats*, estações e limites geographicos. Archangel, situado a 64° de latitude norte, marca na Europa o limite boreal da cholera. Até hoje ainda ella não logrou invadir a Islandia, nem a Groëlandia, nem a Siberia; na America entrou o Canadá, e assentou seu limite meridional em 21° de latitude austral. O cabo da Boa Esperança e a Australia nunca foram devastados. Ás febres palustres, no antigo continente fecha-as a curva isothermal de 5° centigrados, e jámais as viram o norte da Escossia, as Hebrides e as Orcades, as ilhas Shetland, as Feroë e a Islandia. No hemispherio sul nem sequer attingem a isothermal de 15°. A febre amarella nunca ultrapassou o 48° de latitude boreal, nem o 27° de latitude austral; é seu theatro ordinario todo o litoral do golpho do Mexico e do mar das Antilhas, com ter-se ainda observado no litoral americano do Oceano Pacifico. A pelagra domina entre o 42° e 46° de latitude norte; o botão d'Alepo entre 33° e 38°, e beriberi entre 16° e 20° norte.

Com relação á longitude geographica notam-se limites analogos. Assim na peninsula escandinava encontra-se a radesyge especialmente a éste, e a spedalskhed a oeste das montanhas; os verugas topam-se no Perú, e tão sómente na vertente occidental dos Andes; a febre amarella só tem grassado, em nossos dias, entre Acapulco e Liorne; á peste limita-a para o oriente uma linha que se estendesse do golpho do Mexico ao mar Caspio<sup>1</sup>.

Tambem no sentido da altitude têm muitas molestias bem demarcado limite. Os verugas não se encontram no Perú senão entre 600 e 1:600 metros acima do nivel do mar; no Mexico a febre amarella jámais se eleva alem de 924 metros; o cretinismo, que na America do Sul se observa a mais de 4:000 metros, alcança apenas 2:000 metros de altitude no Piemonte e 1:000 na Suissa. No mesmo Piemonte contam-se em 10:000 habitantes 35 cretinos nas montanhas, e apenas 4 nos plainos; 100 affectados da papeira nas primeiras, e sómente 16 nos segundos. A influencia da latitude traduz-se muitas vezes por uma simples modificação na fórma das molestias. D'ahi vem que, assim como o typo das

<sup>1</sup> Ha nisto manifesta illusão do auctor.

febres palustres destôa cada vez mais na continuidade, á proporção que nos alongamos do estio e do equador, assim nos paizes quentes e pantanosos pôde, como se vá subindo, distinguir-se uma serie graduada de fórmãs, verdadeira stratificação de typos desde o continuo até á mais singular intermittencia.

Algumas molestias não ha vel-as senão em regiões mais ou menos circumscriptas. D'ellas temos, por exemplo, os verugas no Perú, a pinta no Mexico, o caak na Nubia, a plica na Polonia, o botão dos Ziban na Algeria, os hydatides do figado na Islandia; outras são exclusivas de certos paizes, ou apparecem alli por excepção, como a tenia na Abyssinia, a catarata na bahia de Biafra, o garrotilho em algumas partes da Suecia, o trismo dos recém-nascidos na ilha Westmannoë, o pemphigo na Islandia, o bicho no Brasil.

Paizes sabemos tambem notabilissimos pela raridade ou ausencia de certas molestias. Falha a pellagra na Sicilia e Sardenha; o cancro é rarissimo no Egypto; a gotta rastreia-se apenas no Perú, Brasil e Nubia; a phtysica, muito menos que vulgar no archipelago de Viti, é quasi desconhecida na Islandia, nas Feroë e nos *steppes* dos Kirghis; os calculos vesicaes são pouco communs em Pisa, Madrid e na Guiana; as hemorrhoidas não se observam na Nubia; as escrofulas, raras nas Feroë e nos *steppes* dos Kirghis, jámais appareceram na Islandia; e a obesidade mal se avoluma na America do norte.

E porém molestias ha que parecem affeição-se a certos terrenos. A epidemia de milliaria, que appareceu em 1821 no departamento de Oise e do Sena e Oise, alojou-se nos valles formados por terrenos de turfa. Outra epidemia igual, que dominou na Dordonha de 1841 a 1842, parecia derivar do terreno cretaceo, e parou em frente do granito e do terreno oolithico. Muitas localidades, em que se desenvolve a papeira, pertencem aos calcareos metamorphisados pela magnesia; e, pegados com elles, mas limpos de massas adventivas de dolomia, os terrenos de mica-chisto e os da epocha cretacea são as mais das vezes completamente poupados. A cholera tem assignalada predilecção pelos terrenos terciarios e de alluvião, desertando rapidamente dos terrenos antigos.

Tamanha é pois a solidariedade entre o solo e certas molestias, que a modificação do primeiro arrasta comsigo, as mais das vezes, uma transformação correspondente nas manifestações pathologicas. Em muitos logares dos Estados Unidos da America e da Suissa a desaparição das febres palustres, causada pelo dessecação do solo, parece trazer após ella a apparição ou multiplicação da phtysica pulmonar<sup>1</sup>.»

Não ha mais a desejar. Destacam-se multiplicados os factos, avultam-se por uma das suas feições mais characteristics, enfileiram-se cerrados, entalham-se profundos, agrupam-se em diferentes planos, e fica um vistoso e bem composto embrechado, em que resaltam cambiadas as mais curiosas e interessantes observações de pathologia medica. A este esmiudar particularidades, cuja dilucidação e nexos se sublima ás alturas da theoria, antecipa a razão seus eternos principios, e cava fundos alicerces á geographia medica. Porque, sendo a molestia um producto de dois factores, impressão e reacção, consoante estes variarem, assim o resultado será distincto. Influem-os porém causas externas e circumstancias individuaes, derivando-se de agentes diversissimos, cuja potencia, por mui differente, de necessidade se ha de revelar em bem estremados effeitos. Por onde a innumera variedade de especies morbidas. E pois que a razão e a historia se dão as mãos no fundamentar as bases da nosogeographia, não feriremos no trabalho de assentar alguns materiaes, que para o edificio servem, tirados d'entre os muitos, que ahi se apinhoam a estorvar-nos o passo.

Ensina a geographia medica que a peste, a febre amarella e a cholera morbus têm *habitats*, latitudes e zonas diversas; e, medindo-lhes o ambito, doutrina o ponto pelo seguinte teor:

A peste é originaria do Baixo Egypto. Irrompe, accesa por uma temperatura de 17° R., do lodo e limo do Nilo, «d'aquelle Nilo tão crescido, e tão soberbo, na phrase correcta do chronista da companhia de Jesus, que enchendo tudo de verde a verde, e de monte a monte, vay alagando, e fertilizando as largas cam-

<sup>1</sup> Boudin, *Traité de Géographie et de Statistique Médicales*, tom. 1, pag. XLIII-XLV, Paris, 1857.

pinas e estendidas varzeas do Egypto<sup>1</sup>. É endemica entre 29° 42° de latitude norte e 25° 30° de longitude oriental, e, com nunca ter apparecido na America<sup>2</sup> nem no hemispherio do sul, abarca até hoje a área geographica, comprehendida entre 20° e 67° de latitude norte, a longitude occidental de 28° e a oriental de 135°. Sua altitude não sóbe grande numero de pés sobre 600.

A febre amarella nasce do litoral do golpho do Mexico e do mar das Antilhas. Aviventada pelo calor de 24° centigrados, cresce e estende-se numa zona vastissima, demarcada pelo 48° de latitude boreal e 35° austral, a latitude oriental de 8° e a occidental de 103°. Abalisam-lhe 3:000 pés a elevação extrema acima do nivel do mar<sup>3</sup>.

A cholera morbus traz sua origem do Indostan. Golfa das margens do Ganges e outros rios da antiga Ferakh-Kand, alastra a India inteira, espraia-se pela maior parte da superficie da terra, invade quasi todas as longitudes, ascende a todas as altitudes, e morre aos 65° de latitude boreal e 55° de latitude austral<sup>4</sup>.

Assentam estes principios em chão batido e firmissimo. Formou-o a experiencia de muitos seculos, travou-o a observação de innumerous factos, consolidaram-o fadigosos estudos de medicos e geographos distinctos. Donde o arreigarem-se aquelles profundamente, e medrarem e crescerem á farta.

E as consequencias, aquinhoando natureza identica á dos principios, evidenciam a verdade d'estes, como as queiramos aquilatar na sua applicação á historia epidemiologica de cada paiz.

VIEIRA DE MEIRELLES.

<sup>1</sup> Balthazar Tellez, *Historia Geral de Ethiopia a Alta*, pag. 17.

<sup>2</sup> A despeito da asserção do padre Antonio Vieira. *Cartas*, tom. 2, pag. 349, Lisboa, 1735, etc.

<sup>3</sup> Al. de Humboldt, *Essai politique sur le Royaume de la Nouvelle-Espagne*, tom. 4, pag. 477 e segg., Paris, 1811.

<sup>4</sup> *Archivo de Pharmacia e Sciencias accessorias da India Portugueza*, 2.º anno, pag. 243 e segg., e 3.º anno, pag. 14 e segg.

## LITTERATURA E BELLAS ARTES

### DUAS ANDORINHAS

(TRAD. DE E. LEGOUVÉ)

Ao bom amigo e excellente prosador — A. A. da Fonseca Pinto

Hontem, fui assentar-me junto ao lar;

que as rajadas primeiras

do frio inverno sóem convidar

ao tépido remanso das lareiras.

E o nordeste me trouxe então os grifos

de duas andorinhas palradeiras:

— Filha, é mister partir: os parvoncinhos,

o inverno annunciando,

cruzam os céos em bando;

e dos freixos visinhos,

desfolhados e tristes, já soou

tres vezes nosso grito convocando

as nossas companheiras. Vem.

— Não vou!

— Vem. Olha tu como o esquadrão primeiro  
já se alinha, formando-se em vanguarda!

A hora da partida, vês? não tarda,  
deixamos esta noite o paradeiro;

bem sabes tu que a escuridão cerrada  
 nos occulta de todos, ao partir;  
 e que, feita ness'hora a retirada,  
 não nos póde o milhafre perseguir.

— Minha mãe! tua filha não irá  
 á paragem longinqua, aonde vais;  
 nesta noite, d'aqui não partirá,  
 nem ámanhã, nem ao depois! jámais!

— Porquê?

— No mesmo ninho  
 em que tu me creaste, minha mãe,  
 creando fui tambem  
 minha primeira prole; o meu carinho,  
 barbara mão foi perturbar-m'o alli:  
 lançou-me fóra, e trépida fugi!

Aquella casa, por bem pouco tempo,  
 dos meus amores foi quieta estancia;  
 e meus filhinhos, de azas incipientes,  
 nem sequer chegarão a estas correntes...

— Vem: é tímida a infancia;  
 e tu mesmo, no anno, que lá vai,  
 receavas partir d'estes logares,  
 até que emfim teu pai  
 te amparou, e seguiste-o:  
 ampara-os, que elles seguir-te-hão nos ares.

— Repara nelles, mãe:  
 o corpo seu franzino,  
 bem vês, apenas tem  
 raro froixel, bem raro e inda mais fino.

— Mas que ha de ser de ti, pobre innocente?  
 O inverno aqui é áspero, inclemente,  
 e jámais esquecel-o poderei:  
 Um dia, pelo outomno, uns caçadores  
 as azas me feriram; cá fiquei!

Quanto eu soffri de horrores!  
 A neve cobriu tudo! não havia  
 insectos nem abrigo! e a cada lado  
 um passaro se via  
 cahir no chão, morrendo enregelado.

— Enregelado, mãe?!

— Viam-se alguns tambem  
 percorrer os espaços a gritar,  
 cahir na terra, ao despedir da vida,  
 e de fome expirar!

— De fome, mãe querida?

— E eu salvei a existencia amargurada  
 paredes habitando,  
 coberta de geada,  
 e faminta buscando  
 cadaveres de insectos no tear  
 das aranhas... Teus filhos vae chamar!

— Apenas têm voejado  
 em volta do telhado...

— Que importa? adeja-lhes emtôrno; ostenta,  
 suspenso do teu bico, algum insecto.  
 Quem é pequeno, a gulodice o tenta:  
 se dá um passo, recuamos outro;  
 e vai andando empós d'aquelle objecto

que tanto o prende; arroja-se, e por fim  
Libra-se nos espaços prazenteiro.

Lembras-te? foi assim  
que recebeste o ensino meu primeiro.

— Mas se elles, pelas ceifas  
inda não eram nados!

— Ergue-te pois sósinha a esses ares,  
e abandona comigo estes logares,  
coito de ruins fados.

— Deixal-os morrer, eu?!

— Mas, se ficares,  
escaparão os miseros?

— É que não morrerão desamparados:  
inda que o frio enregelar-me venha  
com elles achegados ao meu peito  
em nosso ninho estreito;  
inda que, além, do resfriado lar,  
reaccendendo-se o lume, me viessem,  
durante cada dia,  
ondas de negro fumo suffocar,  
eu nunca os deixaria!

Lá dentro ou fóra, e ou seja dia ou noite,  
buscarei sempre, com afan e amor,  
que a todos os acoite  
este meu corpo... Eu creio que o amor  
me ha de alargar as azas... Se Deus véda  
que o meu sangue lhes sirva de alimento,  
não véda que lhes dê o seu calor.

Quero, por cima d'elles estendida,  
 soltar assim meu derradeiro alento;  
 e, para os defender  
 mesmo depois de me fugir a vida,  
 eu quero-lhes fazer  
 de meus restos mortaes uma guarida!

— Filha, procedes bem.

Como tu, eu seria corajosa  
 por ti, como elles débil, nestes sitios.

Fica. A turba anciosa  
 de meus filhos, aguarda sua mãe  
 naquelle freixo, alem.

O dever que te prende é o que me arrasta.

É mister separar-nos, desligar  
 dos teus destinos os destinos meus.

Oxalá que te seja este logar  
 propicio sempre. Adeus pois, filha.

— Adeus. —

E não ouvi mais nada.

O bater de umas azas revelou  
 da andorinha mais velha a retirada;  
 depois, suspiro tenue resoou.

E eu disse a sós comigo: —

Não tenhas medo, affavel andorinha,  
 que não corres perigo.

Tomarei a meu cargo, em cada dia,  
 dar-te alimento e aos filhos, andorinha.

Eu farei com que a tua moradia

bem separada fique

do fumo da cosinha,

por um grosso tabique.

Ao ninho socegado  
ha de chegar sómente  
um calor temperado,  
suavissimo, innocente.

E como que já sinto aquelle jubilo  
que hei de na primavera resentir,  
quando te encontrar viva a mãe saudosa;  
e quando ella te ouvir,  
ainda duvidosa,  
a historia dos teus dias,  
que eu salvei para novas alegrias.

23 — 5 — 74.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### REGULAMENTO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA

#### CAPITULO I

#### Da secção e dos socios que a constituem

Artigo 1.º Por deliberação da assembléa geral do Instituto de Coimbra é creada na terceira classe do mesmo Instituto uma secção de archeologia.

Art. 2.º Esta secção tem por principal objecto dos seus trabalhos o estudo da archeologia geral, e da especial do reino de Portugal, e bem assim o desenvolvimento e propagação dos conhecimentos d'esta parte das sciencias historicas.

§ unico. Este estudo versará sobre:

1.º archeologia architectonica, comprehendendo monumentos religiosos, civis e militares; ruinas, casas, templos, muralhas, praças de guerra, pyramides, obeliscos, theatros, tumulos, estradas, e toda a especie de construcções antigas;

2.º archeologia esculptural, comprehendendo esculptura monumental, religiosa, civil e militar; estatuas, bustos, baixos e meios relevos, e todos os objectos que tenham relação com a esculptura antiga;

3.º archeologia da pintura, comprehendendo pinturas religiosas, civis e militares; frescos, esculpturas pintadas, obras de talha pintadas ou douradas, quadros em pedra, madeira, cobre ou téla, pinturas em vidro, papyros, illuminuras, livros manuscriptos ou impressos, e tudo o que tiver relação com a arte da pintura;

4.º archeologia da gravura em pedras finas; pedras gravadas em vasado ou em relevo;

5.º archeologia da gravura em metal ou em madeira ou pedra ordinaria; laminas de pedra, madeira ou metal destinadas a reproduzir as gravuras;

6.º epigraphia, comprehendendo inscripções gravadas ou traçadas ou em relevo; materia em que são feitas, alphabets, linguas, abreviaturas, paleographia, sphragistica, paleotypos, e tudo o mais que tiver relação com o estudo dos monumentos da linguagem escripta;

7.º medalhas e moedas; epochas em que foram cunhadas, materia de que foram feitas, uso a que eram destinadas, povos a que pertenciam, linguagem das suas inscripções; e a numismatica propriamente dicta;

8.º archeologia domestica e ornamental; moveis, utensilios religiosos, domesticos, militares, funerarios, artefactos de ourivesaria, tecidos e bordados.

Art. 3.º A secção de archeologia terá duas reuniões pelo menos em cada mez.

§ unico. Estas reuniões poderão ser secretas quando assim convier.

Art. 4.º Sollicitar-se-hão reuniões geraes da terceira classe do Instituto, para os assumptos que tenham relação com a dicta classe.

§ unico. Estas reuniões serão convocadas e presididas pelo presidente da terceira classe, em conformidade com as disposições do regulamento do Instituto.

Art. 5.º Haverá cursos especiaes dos differentes ramos de archeologia, em conformidade com o capitulo 7.º, que serão publicos com o fim de propagar o estudo d'este ramo dos conhecimentos humanos.

Art. 6.º Haverá discussões sobre pontos de archeologia, que serão para esse fim escolhidos pela respectiva classe, precedendo a approvação da secção e em conformidade com as disposições do artigo 31.º do regulamento interno do Instituto.

Art. 7.º Instituir-se-ha um museu archeologico, onde se reco-

lherão todos os objectos relativos ao estudo da archeologia, e que possam ser adquiridos pela secção ou pelo Instituto.

§ unico. Este museu ficará pertencendo ao Instituto, e, no caso de esta sociedade ser dissolvida, passará a sua propriedade para a Universidade de Coimbra.

Art. 8.º Far-se-ha a publicação regular dos trabalhos d'esta secção, ou por meio das suas actas, que serão impressas quando ella assim o julgar conveniente, ou por meio de memorias e artigos publicados no jornal do Instituto, ou impressos á parte.

§ unico. O producto d'estas publicações especiaes, feitas por conta da secção de archeologia, será destinado para as despesas da mesma secção, em conformidade com as disposições do artigo 29.º

Art. 9.º Far-se-hão investigações archeologicas a fim não só de estudar a archeologia nacional, mas tambem para enriquecer o museu e chamar a attenção dos poderes publicos para que salvem da total ruina os restos memoraveis da antiguidade.

Art. 10.º São membros da secção de archeologia:

1.º todos os socios effectivos de qualquer classe do Instituto, que declararem querer pertencer a esta secção;

2.º todos os socios correspondentes nacionaes e estrangeiros, que fizerem igual declaração.

Art. 11.º É creada uma classe de associados correspondentes da secção de archeologia, os quaes serão eleitos por ella d'entre as pessoas que no reino ou fóra d'elle dérem provas de interesse por este estudo, ou se promptificarem a fornecer os esclarecimentos que lhes forem pedidos sobre assumptos archeologicos, ou a enviar objectos para o museu a titulo de deposito ou de doação.

§ 1.º Os associados correspondentes só poderão passar a socios correspondentes do Instituto, quando tenham os requisitos exigidos no titulo 2.º dos estatutos da associação do Instituto, e com as formalidades estabelecidas no respectivo regulamento para a sua admissão.

§ 2.º A proposta para associado correspondente será feita á meza da secção archeologica, por escripto e assignada por dois socios effectivos da secção em qualquer das sessões ordinarias, e

será votada na seguinte sessão, sendo declarado associado correspondente quando seja approvada pela maioria dos socios presentes naquella sessão.

§ 3.º Os associados correspondentes residentes em Coimbra, ou que ahi estejam temporariamente, serão admittidos ás sessões da respectiva secção, e poderão tomar parte nos seus trabalhos, mas não têm voto nas deliberações.

§ 4.º Serão associados correspondentes d'esta secção o governador civil do districto de Coimbra e o presidente da camara municipal, e terão um logar de honra nas sessões publicas da secção.

## CAPITULO II

### Das obrigações dos socios

Art. 12.º Os socios são obrigados:

- 1.º a concorrer ás sessões ordinarias e a tomar parte nos trabalhos da secção;
- 2.º a apresentar pelo menos um trabalho annual, para ser publicado quando a secção o julgar conveniente;
- 3.º a promptificar-se para fazer as investigações archeologicas para que forem nomeados;
- 4.º a enriquecer o museu archeologico pelos meios que estiverem ao seu alcance;
- 5.º a desempenhar-se dos cargos para que forem eleitos.

## CAPITULO III

### Da direcção

Art. 13.º A direcção compõe-se d'um presidente, um vice-presidente, dois secretarios e um thesoureiro.

Art. 14.º A direcção será eleita de dois em dois annos, quando se proceder á eleição para cargos geraes do Instituto, por maioria dos socios presentes da secção de archeologia.

§ 1.º A direcção poderá ser reeleita.

§ 2.º Nenhum socio se poderá eximir de fazer parte da direcção senão por ter feito parte da direcção anterior, ou por escusa motivada apresentada á secção na sessão immediata áquella em que tiver sido eleito, e acceita por ella por votação especial, e por maioria dos socios presentes.

Art. 15.º Incumbe á direcção a execução d'este regulamento, a direcção dos trabalhos da secção, o regimen e administração da mesma e suas dependencias, o cumprimento das deliberações da secção, e intender-se com a direcção do Instituto e com a da terceira classe do mesmo, em tudo o que carecer das suas resoluções.

Art. 16.º Incumbe ao presidente convocar e presidir ás reuniões da secção e da direcção; regular os trabalhos d'uma e d'outra; vigiar pelo cumprimento d'este regulamento, e pelo dos estatutos e regulamento do Instituto na parte que lhes disser respeito; auctorisar a entrada e sahida dos objectos do museu depois de assim o ter deliberado a direcção; rubricar todos os livros da secção; auctorisar todas as despesas que se effectuarem pelo cofre especial da secção, e que por deliberação d'esta tenham sido periodicamente determinadas, e mandadas effectuar pela direcção: assignar toda a correspondencia, os diplomas passados aos associados correspondentes, os mandados de despesa e guias de receita da secção; cumprir as deliberações da mesma, e dar as providencias que se julgarem urgentes em qualquer eventualidade, dando conta d'ellas na primeira sessão, e tendo previamente apresentado o objecto á direcção, cuja deliberação executará.

§ unico. O presidente terá voto de qualidade nas votações da direcção, no caso de empate.

Art. 17.º Incumbe ao vice-presidente fazer as vezes do presidente no seu impedimento, quando isto lhe seja por elle communicado.

Art. 18.º Incumbe aos secretarios expedir os avisos para as convocações ordinarias e extraordinarias da secção e direcção com expressa declaração do objecto, não contendo segredo; lavrar as actas das sessões da secção e da direcção; fazer cumprir as resoluções da secção e direcção, de accordo com o presidente; dirigir a correspondencia; passar diplomas de associado correspondente;

fazer o relatório annual de todos os trabalhos da secção, que, depois de por ella approved, será apresentado á respectiva classe para lhe dar o destino que achar conveniente; mandar imprimir todos os trabalhos que para esse fim forem destinados pela secção; auxiliar o presidente em todos os actos de direcção; executar as resoluções da meza, que disserem respeito á administração economica, de accordo com o presidente; mandar fazer annuncios, impressões, assignaturas de jornaes, compras de livros, quando estes actos dimanem de resoluções tomadas pela secção ou direcção; dirigir a escripturação da contabilidade; assignar com o presidente os recibos de cobrança da receita ordinaria e extraordinaria da secção, os mandados de despesa passados contra o thesoureiro e as guias de receita a favor do mesmo thesoureiro; archivar todos os livros e documentos de receita e despesa; inventariar todos os objectos que pertençam á secção, e, bem assim, os que constituam o museu, de que se fará inventario especial em duplicado, assignado por um dos secretarios e pelo conservador; finalmente fiscalisar a gerencia do cobrador.

§ unico As obrigações, que pertencem aos secretarios, serão distribuidas a ambos pela meza, de accordo com os interessados, devendo porém substituir-se reciprocamente nos seus impedimentos.

Art. 19.º Incumbe especialmente ao 1.º secretario a escripturação dos livros da secção e a guarda do seu archivo.

§ 1.º Haverá na secretaria dois livros de actas, o 1.º servirá para nelle se exararem as actas da secção, e o 2.º para as actas da direcção.

§ 2.º Haverá um livro de registo de toda a correspondencia, que será exarada por cópia, ou em resumo, segundo o exigir a natureza do objecto.

§ 3.º Haverá um livro para a inscripção dos membros e dos associados correspondentes da secção, no qual se lançará o nome, a residencia, a occupação, a epocha da sua entrada e salida, e numa casa especial de observações uma resumida noticia do trabalho que cada socio ou associado tiver feito, dos artigos ou memorias que tiver apresentado, declarando-se se foram publicados,

e onde; se têm feito algumas ofertas ao museu, e todos os mais serviços prestados á secção.

Art. 20.º Incumbe ao thesoureiro receber todas as quantias que constituirem a receita especial, ordinaria e extraordinaria da secção de archeologia, e pagar toda a despesa mandada fazer pela direcção, em harmonia com as forças do cofre, respondendo pelas sommas que lhe forem confiadas.

Art. 21.º Todas as verbas da receita darão entrada no cofre em virtude d'uma ordem numerada seguidamente, e assignada pelo presidente e por um dos secretarios; e nella se designará a proveniencia da quantia, a pessoa que a entrega, e a data em que ha de entrar no cofre.

§ unico. Estas ordens da mesma fórma que os mandados serão em duplicado e referidas ao livro respectivo que existe na secretaria; uma será devolvida pelo thesoureiro á secretaria, depois de nella haver passado o recibo da quantia que entrou no cofre, para alli ser archivada como documento justificativo das contas, a outra servirá para o thesoureiro passar o recibo ao portador da quantia entregue.

Art. 22.º O thesoureiro terá um livro, em que lançará, por partidas simples, toda a receita e despesa que effectuar, citando as ordens de receita, e os mandados de despesa, para que em qualquer occasião se possa conferir este livro com um identico que ha de haver na secretaria.

Art. 23.º A despesa será effectuada por mandados assignados pelo presidente e por um dos secretarios e redigidos similhantemente aos da receita, artigo 21.º

§ 1.º Os mandados de despesa serão de talão, ficando este archivado na secretaria, e a ordem ou mandado na mão do thesoureiro, exigindo que a pessoa, a favor de quem foi, passe recibo no verso do mesmo.

§ 2.º Com estes recibos justificará o thesoureiro as despesas feitas, e os talões servirão para conferir.

Art. 24.º As contas do thesoureiro reduzem-se ao balanço das quantias entradas e sahidas do cofre, effectuando-se pela conferencia dos livros e documentos de receita e despesa do thesoureiro

e secretario, e dos livros de receita e despesa do cofre e secretaria.

§ *unico*. As contas serão prestadas no fim de cada semestre, em reunião especial da direcção, e o saldo será entregue quando findar o cargo do thesoureiro ao que o substituir, ou lhe será lançado em debito quando elle continue com a gerencia do cofre.

Art. 25.º A direcção delibera por maioria, não podendo constituir-se sem que pelo menos estejam presentes tres dos seus membros, entrando o presidente e um dos secretarios.

Art. 26.º A direcção nomeará o cobrador, o guarda do museu, e quaesquer outros empregados que se julgarem necessarios.

Art. 27.º O cobrador será encarregado por um dos secretarios de fazer a cobrança pelos documentos que lhe forem entregues.

§ 1.º Estes documentos serão de talão, o qual ficará na mão do secretario, designando-se nelle a pessoa de quem se recebeu a quantia e a sua proveniencia, sendo este talão e o competente recibo numerados e assignados por aquelle dos secretarios que para esse fim for nomeado pela direcção.

§ 2.º Os vencimentos do cobrador serão os regulados pela direcção do Instituto, que poderá encarregar esta cobrança ao seu cobrador.

Art. 28.º O secretario, a cargo de quem estiver a direcção da cobrança, terá um livro de conta corrente com o cobrador, onde lançará com clareza e simplicidade a designação das quantias que o cobrador receber, e o numero de recibos que a este foram entregues, para por esse livro tomar-lhe contas, fazendo entrar os saldos no cofre em conformidade com o disposto no artigo 21.º

(Continúa).

## O BISPO DE COIMBRA D. JORGE DE ALMEIDA E SUA MUNIFICENCIA PARA COM A SUA CATHEDRAL

**D. Jorge de Almeida**, filho do primeiro conde de Abrantes **D. Lopo de Almeida**<sup>1</sup>, e irmão do grande vice-rei da India **D. Francisco de Almeida**, foi o 38.<sup>o</sup> dos bispos que têm regido a diocese de Coimbra depois que **D. Fernando Magno** conquistou aos mouros esta cidade<sup>2</sup>, e o segundo conde de Arganil, titulo que havia sido concedido por el-rei **D. Affonso v** ao bispo **D. João Galvão** e seus successores no bispado, em attenção aos assignalados serviços que este lhe prestara na tomada de Arzilla e Tanger<sup>3</sup>.

No conclave, que em seu tempo se celebrou em Roma, recahiram em **D. Jorge** muitos votos para supremo pastor da Igreja<sup>4</sup>.

Foi um dos prelados que o summo pontifice **Paulo III** nomeou inquisidores-móres d'este reino pela bulla *Venerabilibus fratribus Colimbriensi, et Lamecenci, ac Ceptensi Episcopis* de 23 de maio de 1536<sup>5</sup>.

Quando **D. João II** foi com o principe **D. Affonso** a Extremoz no anno de 1490 para acompanharem a princeza **D. Isabel**, foi **D. Jorge de Almeida** em companhia do monarcha; e tambem lhe assistiu nos seus ultimos momentos<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> *Agiol. Lusit.*, tomo iv, commentario :o dia 25 de julho, letra C.

<sup>2</sup> Esta conta é feita segundo o catalogo dos bispos de Coimbra publicado pelo sr. M. R. de Vasconcellos no vol. viii do *Instituto*.

<sup>3</sup> Póde vêr-se o artigo *Bispos-Condes* no volume xix d'este jornal, paginas 17.

<sup>4</sup> *Agiol. Lusit.*, logar citado.

<sup>5</sup> *Catalogo dos Inquisidores de Coimbra*, na *Collecção de Documentos e Memorias da Academia Real de Historia* do anno de 1723.

<sup>6</sup> *Chronica de D. João II* por Garcia de Rezende, cap. 121.

No anno de 1512 baptizou em Lisboa o infante D. Henrique, que depois foi cardeal e rei <sup>1</sup>.

Falleceu D. Jorge de Almeida no dia 25 de julho de 1543 com 85 annos de idade, havendo governado a sua diocese pelo dilatado espaço de 60 ou 62. Jaz na capella de S. Pedro da sé velha sob uma campa de marmore, na qual está gravado este epitaphio :

DIVINI . NVMINIS .  
 PIETATE . EPISCOPVS  
 COMES . GEORGIVS  
 DALMEIDA . HIC . SITVS  
 VIXIT . ANNIS . LXXXV  
 OBIT . VIII . KL . SEXTILES  
 ANN . D . M . DL . XXXIII  
 ANNIS . L X II VTRAQZ  
 DIGNITATE PRÆDITVS <sup>2</sup>.

Na mesma campa, que é orlada de uma mimosa tarja em baixo relevo, está insculpido o brasão do illustre bispo, composto de escudo esquartelado, tendo no primeiro e quarto campo, de vermelho, uma dobre cruz entre seis besantes de ouro; no segundo e terceiro campo, de prata, leão de púrpura; serve-lhe de timbre o chapéu prelatício.

## II

O bispo D. Jorge de Almeida tomou singularmente a peito

<sup>1</sup> *Europa Portugueza*, por Faria e Sousa, tomo 2.º, parte 4.ª, cap. 1.º, pag. 529.

<sup>2</sup> Segundo a letra do epitaphio, D. Jorge morreu de 85 annos em 1543, tendo gosado da dignidade episcopal 62 annos. Por esta conta deveria D. Jorge ter sido nomeado bispo em 1481 na idade de 23 annos. Por outro lado consta do *Livro 1.º dos Accordos*, existente no cartorio do cabido, que D. Jorge tomara posse por procurador em 23 de junho de 1483. Neste caso o governo effectivo seria de 60 annos e não de 62. É provavel que o epitaphio se refira não á posse, mas á nomeação.

ornar a sua sé, e foi por isso que mandou pôr no arco cruzeiro esta legenda: *Domine, dilexi decorem domus tuae* <sup>1</sup>.

As alfaias e obras sumptuosas com que ennobreceu a cathedral, executadas quando em o nosso paiz as artes chegavam a um notavel gráu de florescencia e esplendor, constituem parte muito importante das notabilidades d'aquelle famoso monumento; e o amator das bellas artes encontrará nellas o que nesta cidade ha de mais delicado em esculptura em pedra e madeira, e na arte de ourivesaria, tanto no estylo gothico e manuelino, como no classico ou do renascimento.

Os dois porticos da fachada septentrional, em cujos labores o auctor das *Bellezas de Coimbra* <sup>2</sup> notou o gosto dos architectos godos pelas miudezas e ornatos exquisitos, mas que á primeira vista se conhece haverem sido executados em tempo muito posterior, foram mandados construir pelo bispo D. Jorge. Fel-os o grande architecto João de Castilho, que tão celebre se tornou pelo bom gosto e esmero das suas construcções. Assim o affirma o sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, que, fallando d'este artista insigne, diz o seguinte: «Tambem esteve em Coimbra, pois sem duvida do seu tempo e suas são as portas excrescentes de pedra de Ançã da sé velha. Os bustos em medalhões, os arabescos ao divino, os nichos de concha, os balaustres, os vasos, as pilastras estriadas, a par de um arremedo das renascentes ordens dorica e corinthia, como tudo ahi se vê, não podem deixar de ser obra de Castilho, já meio convertido ás doutrinas de Vitruvio.» <sup>3</sup>.

Foi o bispo D. Jorge quem mandou vir de Sevilha os bellissimos azulejos esmaltados que forram algumas paredes do templo <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> *Historia Breve de Coimbra*, por Botelho.

<sup>2</sup> Cap. xx, pag. 129.

<sup>3</sup> *Noticia Historica e Descriptiva do Mosteiro de Belem*.

<sup>4</sup> «M. W. H. Harrisson dit que son revêtement de tuiles émaillées (azulejos) qu'il croit fabriquées en Flandre, fait un curieux effet.» — *Portugal* por M. Ferdinand Denis, pag. 388. De um manuscripto existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, intitulado: *Extractos varios tirados do Real Archivo da Torre do Tombo, relativos á Historia Ecclesiastica do Bispado de Coimbra*,

O retabulo de pedra da capella de S. Pedro, no qual se vê representado o martyrio d'este sancto, obra de excellente esculptura, e por ventura do mesmo escopro que lavrou os porticos lateraes do templo, foi mandado fazer pelo bispo D. Jorge de Almeida. É devido tambem a este illustre prelado o famoso retabulo de talha da capella mór, trabalho delicadissimo, que por sua perfeição tem sido celebrado por graves escriptores. Gasco diz ser este retabulo o mais curioso e subtil que se sabe haver em Hespanha<sup>1</sup>; o conde Raczynski o considera do mais puro estylo gothico<sup>2</sup>; Garrett disse que é o mais fino, perfeito e delicado lavor gothico em talha de que tinha noticia e talvez que exista<sup>3</sup>; e o sr. Vilhena Barbosa classifica-o entre as obras que revelam a um tempo na prodigiosa variedade de desenhos uma imaginação viva e fecunda, na perfeição do trabalho aquelle estudo e esmero que só pódem nascer do amor pela arte, e, finalmente, na concepção de tantos primores esse gosto apurado que caracteriza em qualquer nação a florescia das artes<sup>4</sup>.

Deve-se tambem ao mesmo insigne prelado a linda pia baptismal (hoje existente na sé nova), peça assás notavel e de grande merecimento não só pelo gosto e elegancia do desenho mas tambem pelo primor e mimo da esculptura<sup>5</sup>. É a bocca da pia de figura octogona. Na parte superior e exterior de cada uma das oito faces vê-se numas o brasão do bispo entre dois anjos, noutras dois meninos nús tangendo instrumentos musicaes, e por detrás d'elles uma fita em que se vê este distico de caracteres gothicos excellentemente gravados: *Omnes sitientes venite ad aquas. Nequid nimis*<sup>6</sup>.

consta que o bispo mandou vir os azulejos de Sevilha, e não de Flandres como julgou Harrisson.

<sup>1</sup> *Conquista, antiguidade e nobreza.... de Coimbra*, cap. xxii.

<sup>2</sup> *Les Arts en Portugal*.

<sup>3</sup> *Obras, Lyrica*, tomo xvi da 3.<sup>a</sup> edição, pag. 22.

<sup>4</sup> *Panorama de 1855*, pag. 386.

<sup>5</sup> Póde ver-se uma gravura que representa esta pia no *Archivo Pittoresco*, vol. x, pag. 13, e no *Panorama Photographico de Portugal*, vol. i, pag. 70.

<sup>6</sup> Esta mesma legenda *Nequid nimis* acha-se repetida nos quatro lados

No pé que sustenta a bacia está o seguinte letreiro de caracteres semelhantes: *Pº. Ariqez e seu irmão a fez.*

Temos até aqui mencionado as obras de esculptura em pedra e madeira que D. Jorge mandou fazer na sua cathedral. Vamos agora dar noticia das numerosas e ricas alfaias com que a presenteou, e para isso não faremos mais do que copiar a seguinte relação de um livro antigo<sup>1</sup>, que se conserva no cartorio do cabido. Bem se vê, por tão valiosos presentes, que o irmão do grande vice-rei da India viveu no reinado de D. Manuel, epocha venturosa, em que o ouro, a prata, os diamantes e as perolas vinham a jorros para Portugal da Asia e do Novo Mundo!

de uma tarja de angulos rectos que orla o brasão do bispo D. Jorge de Almeida na frente das *Constituições* que este prelado mandou imprimir, e que tem por titulo *Constituyções do bpdº de Coim'ra feytas pollo muyto reverendo e magnifico senhor, o señor dom Jorge dalmeyda bpo de Coimbra Conde Darganil, etc.* Esta obra, impressa em 1521, é rarissima. Vimos um exemplar d'ella na Bibliotheca da Universidade.

<sup>1</sup> É um catalogo dos bispos de Coimbra feito por Pedro Alvares Nogueira. D'este catalogo já fez alguns extractos o chronista dos regrantes D. Nicolau de Santa Maria. Na frente d'elle estão lançadas as seguintes noticias relativas ao auctor:

•Este livro das vidas dos Bispos desta See de Coimbra compoz o Doutor Pedralvrs Nogueira Conego na See desta cidade de Coimbra sendo cartulario e revendo os papeis do cartorio da dita see nos annos antes que fallecesse e falleceu no anno de 1597 em Janeiro dia 26 o qual livro mandou o Cabido recolher para o cartorio e guardar como se guardam os mais papeis. Está enterrado o dito Dr. Pedralvrs na nave de S. Pedro da See á mão direita quando se entra pela porta travessa

Tomou posse da conesia em 26 de Nov. de 1580

Foi conejo desta se 16 annos 2 mezes, e foi secretario do Cabido.

— Cinco capas de veludo avelutado carmesim com sabastros e capellos de bocado de pello com franjas de ouro e seda que foram avaliadas em duzentos mil reis.

— Huma capa de brocado de pello sobre seda cremezim com sabastro e capello broslado douro de figuras forrado de setim cremezim e preto franjada de ouro e seda que foi avaliada em 54 mil reis.

— Dez covados de brocado que servia no sepulchro que foram avaliados em cinquenta e seis mil reis.

— Sete capas de damasco branquo que foram avaliadas em cinquenta mil reis.

— Hum pontifical de veludo avelutado cremezim com sabastros de brocado com forros de tafeta amarello, com franjas tranças e botões douro q foi avaliado em cento sessenta e dous mil reis.

— Outro pontifical de brocado razo com suas almaticas e o mais que he necessario forrado tudo de tafeta, que foi avaliado em cento e vinte e oito mil reis.

— Quatorze cordões que servem nas almaticas que sam douro e dazul q foram avaliados em quarenta e cinco mil reis.

— Outro pontifical com vestimenta e almaticas de brocado nevado q foi avaliado em sessenta mil reis.

— Outro manto com suas almaticas de veludo preto que foi avaliado em vinte mil reis.

— Uma capa de tafeta catasol com sabastro e capello de setim cremezim forrada de tafeta preto franjada douro e seda q foi avaliada em sete mil reis.

— Hum Gremial de seda cremezim de huma banda com alcahofres e froles douro e verde, e da outra de damasco roixo pedrado douro e franjado douro que foi avaliado em seis mil reis.

— Hum manto de veludo preto com sabastros de veludo aliado escuro com alva manipolo estola e regaços foi avaliado em seis mil reis.

— Duas tunicellas huma de tafeta roxo outra de tafeta catasol foram avaliadas em tres mil reis.

— Duas tunicellas huma de setim cremezim forrada de tafeta

catasol outra de damasco roixo pedrado, forrada do mesmo tafeta, brosladas pelos cabos, cabeções e mangas que tinham vinte e hum botões douro, foram avaliadas em vinte cinco mil e trezentos reis.

— Outra tunicella de damasco verde broslada como a de cima com doze botões douro nas mangas, foi avaliada em sete mil e quinhentos reis.

— Hum pano de estante do altar douro e seda branca com barras largas de veludo cremezim e barras de veludo roxo, e outro pano de brocadilho roixo foram avaliados em tres mil reis.

— Huns sapatos apantufados de brocado com as fivellas e tachões douro foram avaliados em quatro mil reis.

— Dous pares de luvas de pontifical com algumas carreiras d'aljofre avaliados em tres mil reis.

— Duas almaticas de moços do Coro avaliadas em quatro mil reis.

— Hum cales q pesava onze marcos q o bispo mandou concertar e dourar, levou douro dez mil reis, e de feitio desaseis mil reis.

— Huma mitra lavrada de aljofre miudo... que tem noventa e seis perlas avaliada em setenta mil reis.

— Huma cruz de coral que tem nossa S.<sup>ra</sup> de uma parte e nosso S.<sup>r</sup> crucificado doutra com quatro castoens douro foi avaliada em oito mil reis.

— Hum pano de veludo preto com huma cruz de damasco pardo franjado de retros foi avaliado em quatro mil reis.

— Hum reposteiro de seda com as armas do bispo avaliado em desaseis mil reis.

— Outro reposteiro de grãa com as mesmas armas avaliado em dez mil reis.

— Humas cortinas de damasco verde com sua ilharga e costaneira e alparavazes e franja foram avaliadas em quarenta e sete mil reis.

— Hum dorcel de veludo cremezim com franjas de ouro e seda parda avaliado em trinta mil reis.

— Hum cobertor de setim avelutado cremezim foi avaliado em sesenta mil reis.

— Oito bandeiras de damasco verde e alionado com cordões e franjas de retros avaliadas em vinte tres mil reis.

— Seis corrediças de tafeta catasol que tinham setenta e tres covados avaliadas em quinse mil e setecentos reis.

— Huma cota d'armas forrada de setim roixo com as armas do bispo sobre damasco branco e cremezim que foi avaliada em quatro mil reis.

— Hum estandarte de damasco verde alionado branco e cremezim com uma cruz d'ouro e armas do bispo avaliado em oito mil reis.

— Tres almofadas de veludo azul com betas cremezins forradas de damasco avaliadas em tres mil reis.

— Outras tres almofadas de veludo forradas de damasco alionado avaliadas em cinco mil reis.

— Outras tres almofadas de veludo alionado com borlas d'ouro e seda verde avaliadas em sete mil reis.

— Duas almofadas de veludo azul avaliadas em quatro mil e quinhentos reis.

— Um pano de figuras que tem a historia do Credo avaliado em oitenta mil reis.

— Tres panos dantre soilas de ras avaliados em setenta e cinco mil reis.

— Quatro guarda portas de ras da estofa dos panos avaliadas em vinte e sete mil reis.

— Outra guarda porta com a historia da Samaritana avaliada em seis mil reis.

— Outra guarda porta deste toque que tem o decendimento da cruz avaliada em dez mil reis.

— Tres panos grandes de ras amarelo que tem a historia de Troya avaliados em quarenta e cinco mil reis.

— Huma alcatifa grande d'alevante avaliada em quinze mil reis.

— Outra alcatifa grande de rodes avaliada em onze mil reis.

— Dous bancaes pera os bancos do corpo da see avaliados em dous mil reis.

— Duas mitras branquas huma de damasco outra de pano.

— Quatro toalhas de frandes para os altares.

- 9 — Huns corporaes com sua guarda e pala muito lavrados.
- Huma armação de cortinas de beatilhas de paris para o sepulchro.
- Outros corporaes com sua guarda e pala lavrados dourados.
- Hum fruteiro bordado de argentearia para a Custodia.
- Duas pastas de prata que pesavam trinta marcos pera se faser uma custodia.
- Todas ou as mais destas peças trasiam suas camizas de linho ou doutros panos; e deu assi outras m.<sup>tas</sup> cousas, e arquas e cofres p.<sup>o</sup> se metterem estas peças, que em memoria e reconhecimento deste beneficio que fez á see e serviço a nossa Sr.<sup>a</sup>, prometteram os conegos de faserem acabando a prima quando decem ás estações uma commemoração por elle a nossa Senr.<sup>a</sup>

Depois disto deu o mesmo prelado trezentos cruzados em peças e dinheiro á see entre os quaes foi um anel que tinha duas esmeraldas, quatro rubís e uma safira que foi avaliado em vinte mil reis, e um missal escripto em pergaminho illuminado d'ouro cuberto de veludo cremezim com brochas de prata esmaltadas e douradas que foi avaliado em quarenta mil reis.

E a condeça d'Abrantes sua may deu hum pano de ras muito grande que tem a historia de José, e quatrocentos cruzados para ornamentos de que se compraram frontaes e vestimentas e outras cousas. E deu mais esta senhora um dorcel de damasco verde e roixo com sua cercadura dourado.

São em verdade para admirar-se as sommas valiosas gastas pelo bispo D. Jorge com a sua sé! E deve notar-se que estes donativos de tanta importancia e riqueza foram feitos numa epocha em que o trigo valia 15 a 20 réis o alqueire, e a quantia de trinta mil réis era de tal modo valiosa, que para a transportar de um ponto do reino para outro se tornava necessario fazel-a acompanhar por uma escolta de cavallaria.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

## PUBLICAÇÕES NOVÍSSIMAS

offerecidas ao Instituto

D. Antonio da Costa — *No Minho* — 1 vol.

Thomaz Ribeiro — *Jornadas* — segunda parte — Entre Palmeiras (de Pangin a Salsete e Pondá) — 1 vol.

*Da Architectura religiosa em Coimbra durante a idade media* — pelo doutor Augusto Filipe Simões, lente substituto da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto da mesma cidade e socio correspondente da Associação dos archeologos civis de Lisboa — 1 folh.

*Congresso meteorologico de Vienna de Austria em 1873* — Relatorio do conselheiro Joaquim Henriques Fradesso da Silveira.

*Resposta* — no inventario a que se procede na 6.<sup>a</sup> vara civil de Lisboa por fallecimento do conselheiro José Maria de Abreu, dada por parte da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz e Menezes e mandada publicar por seu filho Miguel Osorio Cabral de Castro.

*Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes.*

*Codigo das Posturas da Camara Municipal de Coimbra.*

**REDACTORES**

Antonio Candido Gonçalves Crespo

Augusto Sarmiento

Dr. Francisco Augusto Corrêa Barata

Dr. João José de Mendonça Cortez

Dr. José Epiphanio Marques

José Frederico Laranjo

Dr. Luiz da Costa e Almeida.

Relatório do Congresso meteorológico de Navarra de 1873 -- Relatorio do con-

**CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA**

|                                                           |        |
|-----------------------------------------------------------|--------|
| Em Coimbra, por anno, ou 12 números                       | 1\$500 |
| Numero avulso                                             | 160    |
| Para fóra de Coimbra, accresce o importe das estampilhas. |        |

A correspondencia litteraria deve ser dirigida ao Dr. José Epiphanio Marques; a de administração e gerencia ao gabinete do Instituto, Coimbra.

# 0 INSTITUTO

SUMARIO

## REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

LEZANIA — pelo Dr. Tellen . . . . . 145

SESSO DA COMISSÃO DE SCIENCIAS PHYSICO-MATHematicas . . . . . 153

AS UNIVERSIDADES DE AGRICULTURA DE COIMBRA . . . . . 170

GATO POR LEBRE — por A. A. da Fonseca Lima . . . . . 177

BIBLIOGRAPHIA — por F. A. Rodrigues de Gusmão . . . . . 178

JORNADAS — por Luis Garcia . . . . . 180

### VOLUME XX — FEVEREIRO DE 1875

DR. COIMBRA . . . . . 180

SOCIOS DO INSTITUTO — inscriptos na sessão de Archeologia até 31 de Janeiro de 1875 . . . . . 182

SEGUNDA SERIE — N.º 10

### EXPIEDIENTE

Tendo-se este Journal estrahido muito na sua publicação, de-  
 liberaram os seus Redactores, de accordo com a Administração  
 da Imprensa da Universidade, publicar os numeros estrahidos  
 alternadamente com os de es, no mais largo espaço de tempo  
 que for possível, até que a publicação entre de novo em dia.  
 Por esse motivo sahira a luz o numero de Dezembro, alternado  
 com o de Maio pretérito; o de Janeiro com o de Maio; agora  
 o de Fevereiro com o de Julho; e assim por diante.

COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

## SUMMARIO

|                                                                                                                                         | Pag. |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| BOSQUEJO OU EXPOSIÇÃO SUMMARIA DA ORGANISAÇÃO DAS FACULDADES DE PHILOSOPHIA NAS UNIVERSIDADES DE AL-<br>LEMANHA — pelo Dr. Tollens..... | 145  |
| SESSÃO DA CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS ..                                                                                   | 152  |
| AS UNIVERSIDADES DE AGRAM E DE COIMBRA.....                                                                                             | 170  |
| GATO POR LEBRE — por A. A. da Fonseca Pinto .....                                                                                       | 177  |
| BIBLIOGRAPHIA — por F. A. Rodrigues de Gusmão.....                                                                                      | 178  |
| JORNADAS — por Luiz Garrido .....                                                                                                       | 180  |
| REGULAMENTO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO<br>DE COIMBRA.....                                                                    | 186  |
| SOCIOS DO INSTITUTO — inscriptos na secção de Archeologia<br>até 31 de janeiro de 1875.....                                             | 192  |

---

---

## EXPEDIENTE

Tendo-se este jornal atrazado muito na sua publicação, deliberaram os seus Redactores, de accordo com a Administração da Imprensa da Universidade, publicar os numeros atrazados alternadamente com os novos, no mais curto espaço de tempo que for possivel, até que a publicação entre de novo em dia. Por esse motivo sahiu á luz o numero de Dezembro, alternado com o de Maio preterito; o de Janeiro com o de Junho; agora o de Fevereiro com o de Julho; e assim por diante.

COIMBRA

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE

## SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

### BOSQUEJO OU EXPOSIÇÃO SUMMARIA DA ORGANIZAÇÃO DAS FACULDADES DE PHILOSOPHIA NAS UNIVERSIDADES DE ALLEMANHA

(Continuado do n.º 9, paginas 105)

#### Estabelecimentos especiaes da Faculdade de Philosophia

Um dominio muito importante e muito dispendioso é o das collecções e laboratorias da Faculdade de Philosophia. Estes estabelecimentos são para o estudante de Philosophia o que a anatomia e os hospitaes são para o medico. É claro que estes estabelecimentos são absolutamente indispensaveis, e com effeito desde muito tempo são objecto de especial cuidado.

É principalmente a chimica a que em nossos dias é a mais exigente, e sumptuosos edificios testemunham o cuidado dos governos para auxiliar os progressos d'esta sciencia.

Não tem sido tambem diminuto o cuidado para as outras sciencias philosophicas, e o grande numero de observatorios astronomicos, de gabinetes de physica, de muzeus de zoologia, de jardins botanicos, etc. são d'isso testemunhas. A maior parte d'estes estabelecimentos acham-se em bom estado e satisfazem ás exigencias crescentes da sciencia actual.

Estes estabelecimentos são constituídos com o duplo ponto de vista do progresso da sciencia e da instrucção dos estudantes. A sciencia pura exige que se façam novos descobrimentos ou que se fixem os antigos por meio de novas observações que os completem, o que tudo se não poderia fazer sem auxilio dos estabelecimentos; e ao mesmo tempo a instrucção dos alumnos requer de um modo absoluto o emprego de estabelecimentos proprios e recursos sufficientes.

Antes de fazer a descripção dos estabelecimentos notemos que elles apresentam entre outras vantagens para o professor e para os estudantes a de estabelecerem um contacto diario entre elles. Criam-se d'este modo relações mais intimas entre o sabio e o alumno, e o primeiro sabe de um modo seguro o que falta aos conhecimentos do segundo, e modifica as suas lições no sentido de supprir essa falta.

É claro que uma similhante instrucção, em que o professor se occupa de cada um dos alumnos, requer da sua parte bem mais tempo do que uma lição em que todos os estudantes são leccionados simultaneamente, exigindo tambem a manutenção dos estabelecimentos maior cuidado e mais tempo. Por estas razões se aggregam ao professor um ou mais preparadores ou assistentes (*Assistent*), que lhe preparam as demonstrações practicas das curvas, ou lhe servem para o auxiliar na instrucção practica dos alumnos. São os *chefes dos trabalhos practicos*.

Os assistentes vigiam os trabalhos dos alumnos debaixo da immediata direcção do professor, e muitas vezes conseguem ser admittidos no numero dos aggregados (*Privat-docent*) para fazer lições na sua especialidade, e é principalmente entre estes que são escolhidos os directores de estabelecimentos analogos, porque é evidente que o contacto continuo com os estudantes, e as questões que estes lhe propõem para sua instrucção, os obriga a um incessante estudo para não se mostrarem falhos nas doutrinas da sua profissão.

#### OBSERVATORIOS ASTRONOMICOS

Os observatorios astronomicos são bastante completos em Alemanha. Possuem em posição conveniente o circulo meridiano, os instrumentos para a observação das passagens com os seus collimadores, pendula, chronometro e aparelhos registradores, lunetas, e ainda um reflector montado parallaticamente e múnido de spectroscopio, achando-se collocado debaixo de cupola girante.

É indispensavel que o astronomo tenha alojamento no observatorio.

Em algumas Universidades as observações magneticas e me-

teorologicas fazem-se nos observatorios astronomicos. (Vid. gabinetes de physica.) O registo do magnetismo terrestre faz-se em barracas construidas sem emprego de ferro.

### ZOOLOGIA

Neste ramo ha em primeiro logar uma galeria de zoologia geral e comparada, que está patente ao publico em dias e horas certas da semana. Alem d'esta existe uma officina ou laboratorio para as necessidades da galeria, para os trabalhos do professor, para exercicio dos estudantes, e para as observações microscopicas e outras.

É evidente que um jardim zoologico com o competente *aquarium*, etc. é um *desideratum* de maior utilidade, mas que raras vezes se encontra na mesma cidade em que está estabelecida a Universidade.

Algumas vezes os sabios são enviados pelas Universidades em exploração scientifica da fauna dos paizes estrangeiros, e recolhem elles mesmos os objectos que acham dignos de serem estudados ou collocados nas galerias dos muzeus. Os muzeus assim enriquecidos são os mais estimados. O mesmo se faz em relação á botanica e ás sciencias mineralogicas.

Muitos dos professores allemães têm ido á sua custa, antes mesmo de entrarem no professorado, aos paizes estrangeiros com o fim de esclarecer questões importantes.

Estes homens são os preferidos, quando se tracta de procurar uma pessoa conveniente para um logar vago de professor das respectivas sciencias.

### BOTANICA

Neste ramo os estabelecimentos são o *jardim botanico*, as *estufas*, *viveiros*, etc. para as plantas vivas indigenas e exoticas, e um *herbario* para as plantas seccas. Alem d'isto requerem-se salas e estufas para as experiencias vegeto-physiologicas, demonstrações microscopicas, etc.

Um dos professores dirige os estudantes nas excursões botânicas nas visinhanças para lhes fazer conhecer a flora allemã.

O Jardim botânico é administrado por um inspector, debaixo da direcção do professor: o inspector executa as disposições adoptadas pelo professor, e a sua experiencia practica auxilia os conhecimentos theoricos do director.

**MINERALOGIA**

Estão á disposição d'esta sciencia os muzeus ou gabinetes e um pequeno laboratorio de chimica. Alem do grande gabinete ou galeria, onde tudo o que póde ser adquirido pelos meios da Universidade se acha armazenado e classificado, existe em geral uma pequena collecção especial e menos preciosa para os exercicios dos estudantes, e do mesmo modo as collecções de cristaes e modelo crystallographicos. Neste gabinete encontra-se o goniometro, o microscopio, o polariscopio, etc. A geologia e a paleontologia dispõem egualmente de galerias especiaes. Em geral todas estas collecções estão reunidas no mesmo edificio.

É tambem no mesmo edificio que se acham os amphitheatros em que se fazem as lições. Esta proximidade das aulas e dos gabinetes de collecções é tão necessaria á mineralogia como ás outras sciencias, para facilitar o transporte do material necessario ao ensino.

#### PHYSICA

Os gabinetes de physica e o observatorio meteorologico são os estabelecimentos principaes da physica. Ha todo o cuidado em completar a collecção dos aparelhos em relação com os progressos da sciencia e na medida das dotações dos gabinetes. As collecções dividem-se em tres partes: os aparelhos destinados para as demonstrações dos cursos; os aparelhos que servem aos exercicios dos alumnos, e finalmente um certo numero de aparelhos destinados para os trabalhos scientificos do professor ou de alguns alumnos e dos professores aggregados que se occupam de investigações originaes.

O observatorio meteorologico deve estar munido dos apparelhos registradores automaticos para registrar os phenomenos atmosphericos e magneticos, e é reunido telegraphicamente com as outras estações meteorologicas.

Algumas vezes o observatorio meteorologico está unido ao observatorio astronomico.

#### CHIMICA

É a chimica á que exige mais em relação a estabelecimentos espaçosos. Na maior parte das Universidades allemãs existem sumptuosos laboratorios que permitem que um grande numero de alumnos se occupem dos trabalhos necessarios para adquirir a practica indispensavel para emprehender investigações theoricas e practicas.

O principal estabelecimento é o laboratorio geral de chimica, no qual existem salas especiaes destinadas aos trabalhos de chimica organica analytica, gasometrica, pharmaceutica, analyse legal, etc.

A sala dos cursos é construida com os maiores cuidados para as variadas experiencias que a instrucção completa requer. Juncto á mesa das demonstrações estão as tinas de mercurio e agua; os fornos e chaminés, etc. estão ao alcance do experimentador, e os gazes inrespiraveis têm sahida pelos conductores que se abrem na chaminé de aspiração.

As salas dos alumnos são espaçosas e bem ventiladas; e em Goëtinguen, por exemplo, têm logares para 100 alumnos; em Berlin para o mesmo numero; em Bonn para perto de 130; e assim nas outras.

Muitas vezes os principiantes estão separados dos estudantes mais adiantados, que se occupam da analyse quantitativa e de diversas preparações de chimica organica. Os trabalhos que produzem vapores nocivos requerem logares espaçosos. Os pharmaceuticos trabalham algumas vezes separados do resto dos alumnos, assim como os medicos; mas esta separação não é adoptada em toda a parte. As investigações toxicologicas ou medico-legaes fa-

zem-se sempre em local separado das salas de trabalho geral. O professor e os *assistentes* executam os seus trabalhos scientificos em laboratorios, separados das salas dos estudantes, mas tão proximos quanto é possivel.

Para facilitar os trabalhos em todos estes estabelecimentos têm elles annexa uma pequena bibliotheca especial, que dispensa o ter de recorrer á grande bibliotheca, que ordinariamente se acha distante, e sempre exige as formalidades necessarias em taes estabelecimentos.

Alem d'isto, nestas pequenas bibliothecas annexas aos laboratorios, a escolha dos livros depende unicamente do director especialista, e satisfaz por isso melhor ás necessidades do momento.

Quando uma sciencia exige collecções e edificios proprios, é muito util que o director resida no proprio estabelecimento; e pelo que toca á chimica é isso indispensavel. As investigações practicas exigem muito tempo e uma contínua vigilancia, de sorte que a presença do director é necessaria durante quasi todo o dia; e se elle se occupa de trabalhos proprios, não os póde fazer bem senão no proprio estabelecimento. Assim quasi todos os laboratorios de Allemanha possuem alojamentos para o director e para os assistentes.

Diremos ainda algumas palavras a respeito dos *assistentes*. É impossivel que o director, por maior que seja a sua actividade, possa vigiar pessoalmente mais de 12 a 20 alumnos simultaneamente; mas, sendo auxiliado por alguns *assistentes* (dos quaes o primeiro se denomina *chefe dos trabalhos practicos*), póde este serviço ser feito ainda com maior numero de alumnos.

Em geral alguns d'estes assistentes são chimicos muito habéis, e por isso o director do laboratorio lhes permite bastante liberdade na direcção dos alumnos que lhes estão confiados, no que muito lucra o ensino pela variedade da instrucção.

Alem do laboratorio de chimica geral ha os laboratorios especialmente destinados ás investigações de chimica physiologica.

A maior parte do que fica dicto se applica tambem a estes ultimos. Alem d'isso encontram-se tambem alli locaes proprios para

ter os animaes vivos para ensaios, e salas para as investigações microscopicas, electricas e outras<sup>1</sup>.

### PHARMACIA

As lições de pharmacia carecem de collecções de drogas e productos pharmaceuticos, que muitas vezes se acham reunidas ao laboratorio de chimica, ou estão separadas, e algumas são de propriedade particular do professor.

Em quanto ao exercicio practico da pharmacia não está elle a cargo do Estado ou da Universidade; os pharmaceuticos que têm feito a aprendizagem em qualquer pharmacia, e que, depois de um primeiro exame, têm alguns annos de practica, fazem os seus estudos em uma Universidade para poderem ser examinados e declarados capazes de dirigir uma pharmacia.

(Continúa)

DR. TOLLENS

(Aggregado á Universidade de Goettingen).

<sup>1</sup> Uma descripção breve, mas auxiliada por meio de plantas dos laboratorios modernos de Allemanha, foi publicada por M. Wurtz (Paris, 1870, Imp.<sup>o</sup> Imp.<sup>al</sup>o.)

## SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

ATHENAS

### SESSÃO DA CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS EM 23 DE JANEIRO DE 1875

PRESIDENCIA DO EX.<sup>mo</sup> SR. DR. JOÃO JACINTHO DA SILVA CORRÊA

*Ordem da noite — Será a erysipela uma febre eruptiva?*

O sr. Fernando Mattoso dos Sanctos, disse:

Sr. presidente: — Não venho esclarecer, mas esclarecer-me.

Sollicitei por alguns momentos a attenção da classe para lhe expor as reflexões que me suggeriu o paralelo da erysipela com as febres eruptivas; e que me parece confirmam a opinião sustentada, na sessão anterior, pelo meu consocio e respeitavel mestre, o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Epiphanio Marques.

Mas, antes d'isto, quero dizer a razão por que, contra uma opinião que se aventou aqui, eu acceito a discussão no campo em que entendeu dever collocar-a o auctor da proposta. Parece-me que o determinar se a erysipela é ou não uma febre eruptiva, será alguma cousa mais, muito mais até, do que introduzil-a num grupo nosologico viciosamente formado. Será tambem — e não o creio de pouca importancia — apreciar um certo numero de factos observados, elementos constituintes dos dois typos morbidos que se comparam, para, reconhecendo-lhes as analogias ou dissimilhanças, reunir num mesmo quadro os que pareçam ter uma origem commum.

Não é outro o processo da sciencia moderna. Auxiliada de dois poderosos instrumentos: a experimentação e a observação, — ou tenta reproduzir os phenomenos, realisando as condições que os originam, — ou aprecia os factos, nas condições em que se produzem, esforçando-se por lhes determinar as relações que possam ter com outros já conhecidos.

Eu bem sei que a natureza das febres eruptivas e a das molestias de pelle — como a de quasi todas as outras molestias — é um problema que o futuro terá de resolver; mas entendo que o trabalho dos que hoje se dedicam á sciencia deve ser o de armazenar e classificar os factos pelo seu maior numero de similhaças. Querer, com o pequeno numero d'elles hoje conhecidos e mal analysados, construir largas syntheses, será perder-se em theorias quasi sempre improficuas, muitas vezes prejudiciaes. A historia da sciencia registra, em muitas das suas paginas, tristissimas consequencias d'este excessivo amor á hypothese.

Na impossibilidade de determinar actualmente qual seja a natureza da erysipela, diligenciemos aproximal-a, por um exame attento das *condições que a produzem e dos phenomenos que a characterisam*, de algum grupo nosologico com que mais se harmonise a sua etiologia e symptomatologia. Classificar, aproveitando quanto possivel todas as circumstancias conhecidas, não é nunca trabalho improductivo, nem que se deva desprezar por inutil.

Quando, pelos progressos da pathologia, se precisar o modo de ser da actividade vital que corresponde a um certo estado pathologico, explicando-se todos os phenomenos que lhe são elementos, então conhecer-se ha tambem, para os estados morbidos que com aquelle se agruparam pelo maior numero de characteres communs, senão a natureza, pelo menos o modo de producção dos phenomenos analogos. D'aqui a vantagem d'estas comparações; d'aqui muita utilidade de estudar com qual dos dois grupos nosologicos tem maiores affinidades a erysipela, — se com as febres eruptivas, se com as molestias de pelle.

Qualquer que seja a natureza das molestias de pelle, o que não vem para agora discutir, — ou sejam molestias locaes, ou diathesicas, ou ainda, como pretende Danlos, se aproximem das nevroses, — é certo que, a não serem circumstancias excepcionaes, tem por unica lesão anatomo-pathologica *constante* as efflorescencias cutaneas. As febres eruptivas, pelo contrario, alem das lesões da pelle, são, nas suas fórmias graves, acompanhadas de determinações anatomo-pathologicas complexas e que indicam uma infecção mais profunda do organismo. Assim, após uma febre

eruptiva mortal, qualquer que ella seja, e qualquer que tenha sido a regularidade da marcha, o envenenamento traduz-se sempre por lesões visceraes gravissimas. Na variola, é a phlegmasia do intestino sempre intersticial; são as inflammações dos bronchios, da pleura, dos pulmões e do coração. As manifestações do envenenamento rubeolico têm logar simultaneamente na pelle e nas vias aereas: — na larynge, é um catharro simples, ou uma escudação membranosa da variedade intersticial: — no apparelho broncho-pulmonar, são todas as lesões do catharro bronchico e da pneumonia lobular, desde a hypersecreção simples com collapso e emphyseuma, até á infiltração caseosa dos lobulos inclusivamente. Na escarlatina, apparecem as lesões da pharynge, que podem ir, do catharro pharyngo-lingual á inflammação febrinosa com escudato intersticial e necrose dos tecidos infiltrados; e as determinações renaes, desde a fluxão pouco intensa, até ao primeiro estadio da nephrite brightica.

Na erysipela não se observa isto. Como nas molestias de pelle não ha lesões visceraes *constantes*.

Eu bém sei, que na epidemia de erysipela, què houve em Heidelberg em 1866, Ponfick diz ter visto as erysipelas graves serem acompanhadas de alterações parenchymatosas do figado, dos rins e dos musculos do coração, da pneumonia, pleuresia, parotidite e enterite com infiltração das glandulas solitarias das placas de Peyer. Mas estas lesões, alem de serem observadas em casos de erysipela *cirurgica*, e poder portanto duvidar-se se seria a erysipela que as produziu, ou as condições em que se achava o doente, já filhas do traumatismo, já da molestia que deu causa a praticar-se a operação, falta-lhes tambem o gráu de constancia com que se manifestam nas febres eruptivas.

Pondo mesmo de parte as fórmias graves: que ha na erysipela, que, pela frequencia do seu apparecimento, possa comparar-se á rachialgia e perturbações gastro-intestinaes da variola; ao catharro oculo-nasal e bronchite do sarampo; á angina da escarlatina?

A erysipela, é verdade, precedem-na por vezes, ou acompanham-na nos primeiros dias, fluxões mais ou menos intensas em algumas mucosas, geralmente visinhas da séde da erupção; mas

estas fluxões desaparecem quando o exanthema está plenamente desenvolvido; o contrario do que se vê constantemente nas febres eruptivas, o mesmo que é de observação vulgar nas molestias de pelle.

Como nestas ultimas, a lesão cutanea da erysipela, sem perder o *fundo* anatomo-pathologico que a characterisa, póde apresentar modificações que não lhe dão sempre o mesmo aspecto, nem indicam uma mesma extensão do processo morbido. Assim, a erupção póde ter o aspecto eczematoso, phlyctnoide, phemphigoide, pustuloso ou phlegmnoso; como podem manifestar-se tambem, com algumas d'estas modificações, as efflorescencias cutaneas proprias do eczema, do erythema, ou de qualquer outro dos estados pathologicos d'este mesmo grupo. Nas febres eruptivas as determinações sobre o orgão cutaneo são sempre identicas no aspecto e na extensão do processo morbido. A erupção da variola é sempre uma dermatite suppurante e ulcerosa; a do sarampo e escarlatina nunca irá alem d'um exanthema.

Não param ainda aqui as affinidades que o estudo comparativo da erysipela e das molestias de pelle, me parece, demonstra existirem entre estas e aquella.

Longe de, como todas as molestias typhicas, conferir immuni-  
dade, a erysipela predispõe o individuo, que uma vez d'ella pa-  
deceu, a frequentes recidivas, similhantemente ao que succede  
com as molestias de pelle.

As observações que vamos citar, ainda que com fim differente,  
demonstrariam, se não fosse cousa bem conhecida de todos, a ver-  
dade do que asseveramos.

Estas observações reunidas por Danlos na sua memoria — *Étu-  
de sur la menstruation au point de vue de son influence sur les  
maladies cutanées* — mostram-nos a molestia que estudamos ligada  
a um conjuncto de circumstancias, em que nunca se revelam as  
febres eruptivas. A complexidade das acções organicas, relacio-  
nadas com a menstruação, predispõem a mulher, desde o momento  
da puberdade — e anteriormente, até ao fim da menopausa, — e  
mesmo depois, a um certo numero de enfermidades, que umas  
vezes acompanham esta funcção e lhe são concomitantes, outras

se filiam das perturbações, mais ou menos pronunciadas, a que causas variadissimas podem dar origem. A correlação entre a função genital e o desenvolvimento d'alguns estados morbidos é facto julgado em pathologia, e diaramente confirmado pela observação clinica.

Colligindo observações de Royer-Collar, Bazin, Cazenave, Divergie, Laillier, Racibroski, Behier, etc., e criticando-as, tem por fim Danlos, na memoria que citei, demonstrar: — que, entre os differentes padecimentos sobre que a função cataménial tem manifesta influencia, devem figurar as molestias de pelle.

Não é um assumpto novo, bem sei, e o proprio auctor o confessa; mas até hoje pouco ou nada tem merecido a attenção dos pathologistas. Os tractados classicos de dermatologia quasi que nem fallam de tal; e apenas aqui ou alli se nos deparam alguns factos isolados, em que nem sempre ha a minuciosidade e precisão que seriam para desejar.

Entre o grande numero de casos clinicos, cujas historias se lêem na memoria de que fallo, faz-se menção d'alguns de erysipela, que vou mais especialmente indicar.

O primeiro é uma observação de Behier.

«Une femme de 28 ans, mère de trois enfants, avait éprouvé pendant son dernier accouchement, une émotion violente. Depuis cette couche, elle était prise au moment de chaque époque menstruelle (régulière et exacte d'ailleurs), d'un érysipèle occupant souvent la face, quelquefois l'une des épaules ou l'une des jambes (obs. x, pag. 28).»

Na epocha em que isto se publicou (1864) durava este estado havia cinco annos; tinha-se, por tanto, repetido pelo menos sessenta vezes. Creio impossivel attribuil-o a simples coincidencias.

A segunda observação é um pouco mais complexa; mas, pondo de parte a escrofulose e albuminuria, o facto d'uma erysipela periodica dependente da menstruação é evidente.

«Alice M..., batteuse d'or, 19 ans, ... oedème considerable de la face et des jambes datant de dix-huit mois... L'enflure de la face et des jambes est permanente e stationaire. De temps en

temps, quand les règles sont pour venir, il se fait à la figure une poussée inflammatoire, peut-être un érysipèle. La malade éprouve alors des frissons, la peau se tend, devient rouge, cuisante et douloureuse. En quatre ou cinq jours tout s'apaise... Malgré l'état d'anémie, les règles sont régulières, mais le sang est pâle et peu abondant... Cette poussée ne se produit pas à chaque époque menstruelle. Il peut se faire un intervalle de deux ou trois époques.... (obs. XI, pag. 29).»

A observação que passo a ler foi extrahida do *Dublin quartly Journal of Medicine*, de 1855; é um caso curiosissimo de erysipela periodica supplementar.

«Elise D...., 21 ans, célibataire et couturière, pâle et lymphatique, a toujours joui d'une bonne santé jusqu'à ces deux dernières années. A cette époque ses règles, régulières jusqu'alors, cessèrent tout à coup de paraître. Peu après une large plaque d'érysipèle parut sur le côté droit du corps, disparut promptement, mais reparut bientôt à chaque période menstruelle en durant un peu plus long temps. Cet érysipèle périodique continua ainsi d'exister pendant 11 à 12 mois, et pendant tout ce temps il y avait absence de règles. Cette eruption s'accompagnait de fièvre, de malaise, de défaillance, durait deux ou trois jours, puis disparaissait.

«Au bout d'un an, malgré l'absence de règles, l'érysipèle menstruelle cessa de paraître, il y eut de la toux et à chaque époque la malade vomit du sang.» (Obs. XVI, pag. 33).

Esta ultima circumstancia justifica a designação, que, com Danlos, dei a esta erysipela, de supplementar; e prova bem a intima dependencia em que estava a erupção da amenorrhœa.

— Não desejo cansar-vos, por isso apresentarei só mais uma observação de erysipela ainda supplementar, mas consecutiva á menopausa.

«Il s'agit d'une femme de 54 ans, chez laquelle, au moment où s'établit la ménopause, les règles furent, à des époques exactement correspondantes, remplacées par des érysipèles de la face.

«Les phénomènes généraux ne furent pas sans gravité et furent presque toujours caractérisés par du coma.» (Obs. XXVI, pag. 46).

Do que tenho dicto deduz-se que a menstruação pode nuns casos ser acompanhada d'uma erysipela, que nasce e morre com ella; noutros, apparecer regularmente a erysipela nas epochas em que deveria correr o fluxo catamenico suspenso por uma causa qualquer.

Nunca das febres eruptivas se poderá dizer o mesmo; nem se comprehende como harmonisar, com factos d'esta ordem, a idéa do contagio.

Alguma cousa mais, que poderia dizer sobre a contagiosidade ou não contagiosidade da erysipela, já aqui foi dicto por quem melhor do que eu o poderia fazer; e por isso não abusarei mais da attenção da classe.

Se as razões que deixo expostas, cada uma isoladamente, não têm grande força, creio que de todas reunidas se póde concluir: — *Ha muito maior numero de similhanças, entre a erysipela e as molestias de pelle, do que entre aquella e as febres eruptivas.*

Outros, com mais intelligencia e mais saber do que eu, elucidarão melhor o ponto que se discute. Lamento ter-lhes roubado o tempo; mas termino como comecei: não vim esclarecer, e sim pedir que me esclarecessem.

Em seguida disse o sr. Vicente Urbino de Freitas:

Sr. presidente: — Parece-me que estava na intenção de quem propoz este assumpto ao nosso estudo o encarar-se a natureza da erysipela sob o ponto de vista da sua contagiosidade, e ainda do paralelo a estabelecer ou a rejeitar entre aquella molestia e as febres eruptivas. Este segundo ponto, considerado como subsidiario do primeiro, como elemento importantissimo para a questão da contagiosidade da erysipela, foi objecto de profundo estudo por parte do sr. dr. Epiphanio.

Como este senhor, considero que é inaceitavel toda e qualquer aproximação entre a erysipela e as febres eruptivas; e, nas proprias expressões de Jaccoud<sup>1</sup>, vejo argumentos de sobejo com

<sup>1</sup> S. Jaccoud, *Traité de Pathologie interne*, 1872, 2.º vol.

que fundamentar uma tal convicção. Não creio, porém, que esta questão importe muito para a da contagiosidade da erysipela. — Tenho para mim como assente de um modo geral, ainda que não inteiramente absoluto, que a evolução symptomatica de uma molestia, ainda nas chamadas de marcha cyclica, não é um producto immediato do seu fundo essencial e caracteristico; se o fôra, por certo desappareceria da clinica uma das fontes mais poderosas de difficuldades diagnosticas. Intervem no phenomeno da evolução symptomatica, e por muito, um outro factor, variabilissimo nas suas condições proprias — o organismo. D'aqui deverá resultar, evidentemente, jámais podermos deduzir, e com segurança, um character essencial á molestia do estudo da sua evolução symptomatica. A contagiosidade constitue um character essencial á molestia, é um modo de ser do *antecedente* mais proximo do *consequente* que ella constitue. Assim o estudo da contagiosidade da erysipela não lucraria muito com o da sua evolução symptomatica.

Depois é facil ver-se que, assente que esteja não ser a erysipela uma febre eruptiva, nem por isso fica provado que não seja contagiosa.

E porque estou convencido do que venho expondo, tractarei de procurar uma fonte de elementos para a questão principal, que hoje chama a nossa attenção.

A contagiosidade é um modo de ser na genese de uma molestia, e será por tanto no estudo da etiologia da erysipela que encontrarei os elementos desejados. Eis indicado o material para o estudo: como elaboral-o? A sciencia medica, desde que, abandonando as tendencias systematicas, se deixa guiar pelo methodo experimental, realisa de anno para anno adiantamentos que não alcançou durante seculos. Seguirei pois este caminho, porque é o mais curto, o mais seguro, e porque emfim é o unico scientifico ou que deva ser considerado como tal.

Vejam as condições etiologicas da erysipela, conheçamos as interpretações que os homens da sciencia lhes dão, e, finalmente, sujeitemos estas á verificação experimental. O valor real, positivo, verdadeiramente scientifico d'aquellas interpretações depen-



cia tem realizado, tendo em vista uma ou outra d'aquellas verificações; o que asseguro é que não obteve ella ainda os resultados positivos, que, só esses, a poderiam preparar para uma solução satisfactoria. No emtanto, e como não podia deixar de ser á vista dos resultados que acabo de expor, gladiam-se as duas interpretações no campo da sciencia, aspirando ambas á primasia dos fundamentos sobre que assentam.

Expôr e criticar esta outra parte da questão da contagiosidade da erysipela representa um trabalho muito longo, e sobre tudo muito pesado para as minhas debeis forças. A sciencia possui já muito nesta parte, porque muitos têm sido, e continuam a ser, os obreiros illustres que procuram enriquecê-la. Não dispondo de erudição sufficiente, e porque sou ainda novo e principiante, abster-me-hei de tirar conclusões que não estejam dentro da limitadissima porção do campo que me é permittido percorrer, consoante minhas forças.

Compreende-se que uma observação mais completa pelo tempo e ás mãos de maior numero de observadores nos colloque a coberto das difficuldades experimentaes ha pouco apontadas. Assim, se a observação mostrar que as condições, que presidiram ao primeiro caso, não podem ser evocadas para explicar os demais, é evidente que a contagiosidade da erysipela terá neste facto um argumento muito favoravel; ora Trousseau<sup>1</sup> diz-nos que é principalmente após um caso de erysipela traumatica, que se revela o character epidemico; e o traumatismo, condição productora do primeiro caso, não póde por certo encarar-se como tal para os demais; d'onde parece dever-se concluir que, não havendo influencias communs, o individuo primeiro affectado se constituiu causa unica e determinante — foco de infecção.

Nota-se, porém, que os casos referidos por aquelle illustre clinico são todos de erysipela maligna, adynamica; e no proprio espirito de Trousseau levanta-se a duvida — se nestes casos a lesão erysipelatososa não deverá ser considerada como manifestação exterior de uma outra molestia mais grave e infecciosa; e esta

<sup>1</sup> A. Trousseau, *Clinique médicale de l'Hotel de Dieu*.

duvida, que tambem me assaltou, arreigou-se-me tanto mais, quanto eu notei que na primeira epidemia que elle refere nos diz: que a irmã da caridade, que tractara do individuo primeiro affectado, ao recolher-se ao seio da communitate, deu origem, não a erysipelas, mas a *variadas affecções de fundo adynamico*.

No entanto entre nós, e aqui mesmo na nossa eschola, practicos illustradissimos asseguram ter observado casos bem averiguados do contagio de erysipela benigna ou commum.

Posta a questão no campo da auctoridade practica, crescem as difficuldades na sua resolução. Em face de nomes igualmente respeitaveis, firmando opiniões oppostas e contradictorias, o nosso espirito vacilla; e vacillará em quanto a propria observação não vier fundamentar-nos uma convicção.

Eis pois o estado do meu espirito no estudo exclusivamente practico d'esta questão.

Já o mesmo não succede, encarando a questão sob o ponto de vista dos principios geraes, que bebi na sciencia e que o estudo tende a robustecer de dia para dia.

Em casos de generalisação da molestia, e em que o individuo primeiro affectado se não sujeitou a influencia alguma apreciavel, diz-se: que nelle se gerou espontaneamente a molestia; e isto, evidentemente, porque, admittidas influencias exteriores, poderiam estas explicar as manifestações ulteriores. Esta necessidade da interpretação contagionista indis põe-me contra ella. Á face dos principios mais elementares não se concebe a geração espontanea de uma molestia. Combinadas as variadas acções organicas segundo um plano de maravilhosa harmonia, todas se encaminham parallelamente para o complemento do cyclo que a cada organismo cabe realisar: Reunem-se os materiaes; combinam-se as acções, e em ordem crescente no periodo de geração; tende a completar-se o maravilhoso mechanismo no periodo já de vida independente; e mais tarde vem a decomposição do todo; porém sempre harmonica, gradual, e em que a vida do organismo terminaria como começara, se a morte physiologica fosse possivel. A vida é assim uma condição para a morte; e seria a unica, se não existisse a molestia. Esta porém resulta da perturbação, que

jámais se poderá considerar como resultado de tendencias espontaneas ao organismo.

Se, pois, o individuo primeiro affectado se sujeitou a influencias, embora inapreciaveis para nós, estas mesmas explicam perfeitamente as manifestações ultteriores, que, segundo os contagionistas, traduzem o character epidemico.

O valor das influencias communs e exteriores nem sempre é devidamente apreciado; ou seja pela deficiencia dos nossos recursos actuaes, ou ainda pelo penoso trabalho, que observações d'esta ordem importam. E não obstante, é convicção minha que o futuro util e grandioso da arte de curar está na aquisição de conhecimentos profundos e exactos sobre aquellas mesmas influencias, e na esclarecida e perseverante applicação de taes conhecimentos.

Admittir um principio erysipelatoso facilita a questão e poupa trabalho. A etiologia fica assim exempta da necessidade de explorações continuadas e arduas; e a therapeutica cruza os braços ante a esperança de um especifico que o acaso lhe fornecer.

A especificidade etiologica encontrou e encontrará sempre em mim uma repugnancia extrema a vencer; e nos casos, que se dizem mais bem averiguados, o meu espirito, á falta de bases mais solidas, vacilla ainda, dominado por um desejo, que um sentimento intimo e uma esperança no futuro animam.

Finalmente, voltando ao acaso especial que faz objecto dos nossos actuaes cuidados, acrescentarei apenas: que a erysipela, ainda para os contagionistas, está bem longe de justificar com extrema facilidade o character epidemico, que se lhe assigna em casos de generalisação. Assim, diz Jaccoud: — «L'erysipèle possède une transmissibilité bien moins puissante que celle des fièvres éruptives.

(..... loc. cit., pag. 716).

É verdade que o auctor accrescenta ser aquella bastante para nos levar a admittir o contagio. Não offerece porém argumentos que o justifiquem.

Concluo dizendo: inclino-me para a não contagiosidade da erysipela; e nutro a esperança de que a propria practica, se a rea-

lisar, virá confirmar plenamente o que hoje a prudencia me obriga a apresentar como mera inclinação, mas que o verdor dos annos e o enthusiasmo pelos principios, que mais acato, me levavam a denominar — convicção. Eis francamente uma opinião que se julga e é humilissima entre as demais e muito auctorizadas que aqui foram ouvidas.

Sr. presidente: — Como na sessão passada, pelo adiantado da hora, não pude responder ao brilhante improvisado do sr. Augusto Rocha, fal-o-hei hoje, accomodando as mesmas considerações ao pouco tempo de que podemos dispor.

O sr. Augusto Rocha, com aquelle talento e erudição que o distinguem, começou por fulminar as pyrexias em geral e as febres eruptivas em particular. Para o distincto orador, as pyrexias, já reduzidas a uma cifra limitadissima, mas conservadas ainda na sciencia para satisfazer a fins puramente clinicos, não podem, nem devem figurar nos livros de pathologia, porque á sua evolução presidem modificações organicas primitivas.

Sr. presidente, a essencialidade febril, cuja paternidade não se contesta a Galeno, encontrou sempre grandes attritos para erigir-se em — doutrina universal: — a prova vemol-a no empenho de eminentes pathologistas de todas as epochas em filiar de lesões locais as molestias characterisadas por calor e frequencia de pulso.

Já Van Helmont, attribuindo a febre á luta do *archeu* com a causa morbifica, subordinava, sem o pensar, aquella molestia ao estomago, visto residir neste orgão o supposto *archeu*.

Sanctorio explicava as febres graves pela gangrena das visceras.

Baglivi filiava as febres malignas na erysipela e phlegmão das entranhas.

Chirac asseverava que, nas autopsias de individuos, victimas de febres graves, encontrara sempre lesões inflammatorias de cerebro e de vias digestivas.

Bordeu proclamava bem alto — que todas as febres derivavam da irritação de alguma viscera.

É ocioso multiplicar as citações para demonstrar a tendencia que, de longa data, se manifestava para localisar as febres. Entretanto a essencialidade permaneceu no seu posto; reagiu mesmo com certa energia aos ataques violentos de Sauvages; neutralizou os trabalhos d'outros pathologistas emprehendidos no intuito de a banir; e logrou a final, ao menos por certo periodo, absorver quasi toda a pathologia febril.

Na segunda metade do seculo XVIII alguns medicos sensatos tentam pôr um dique a esta torrente pyretologica, e conseguem, não sem grandes esforços, eliminar da pyretologia muitas inflammções indevidamente decoradas com o pomposo titulo de febres ou pyrexias.

Tal era o estado da questão quando appareceu a *Nosographia Philosophica* de Pinel. Nesta obra monumental, fructo de aturado estudo e de escrupulosa observação, o auctor promettia separar as phlegmasias das febres, e reduzir as ultimas a seus justos limites; mas, diga-se a verdade, a promessa não foi cumprida.

Pinel com effeito, considerando as febres como molestias sem lesão local primitiva, e subordinando-as quasi ao mesmo tempo a irritações de vasos, de vias digestivas, de cerebro, de glandulas, etc., além de cahir em grave contradicção, que só acha desculpa nas tendencias anatomicas da epocha, construiu com tão pouca solidez o seu edificio pyretologico, que a ruina ameaçava ser completa ao primeiro abalo que se lhe imprimisse.

O prognostico era com effeito legitimo. A essencialidade, insustentavel em face da pretendida subordinação das febres, succumbiu aos primeiros golpes de Broussais. O illustre medico de Val de Grace, com o talento privilegiado que o distinguia, com a palavra facil e seductora de que dispunha, com a argumentação vigorosa emfim de que se servia, logrou convencer a generalidade do mundo medico: 1.º de que a existencia de pyrexias era incompativel com os factos anatomo-pathologicos; 2.º de que as febres essenciaes dos auctores eram apenas movimentos febris symptomaticos de gastro-enterite simples ou complicada. A essencialidade febril foi por tanto condemnada no meio do applauso geral.

Nem todos os pathologistas participaram de igual entusiasmo. Chomel, Fages, Dardonville, Gendrin, Littré, etc., conservaram-se fieis á doutrina da essencialidade febril, demonstraram a incompatibilidade da metamorphose pathologica de Broussais com os factos clinicos e anatomo-pathologicos, e conseguiram a final restabelecer a pyretologia.

Depois de tantas e tão acaloradas discussões, a bandeira da essencialidade febril foi novamente hasteada; e, desde então, denominou-se — febre essencial — a molestia febril, cuja perturbação evidente se resume em *movimento febril*, e não uma molestia *sine materia*, ou, o que vale o mesmo, uma molestia em que o chamado *principio vital*, apenas estivesse affectado; por quanto a essencialidade assim definida difficilmente se conceberia.

Todos os pathologistas supõem que ao movimento febril devem corresponder lesões organicas primitivas; com tudo têm sido baldados os esforços empregados no sentido de reconhecer as alterações que perturbam o funcionalismo organico: conserva-se pois na sciencia a denominação de pyrexia — febre essencial — ou simplesmente — febre — para designar as molestias febris, independentes de lesão primitiva apreciavel. Definindo assim febres essenciaes, exprime-se uma verdade incontestavel.

Para o meu collega, o grupo de febres eruptivas é fundamentalmente erroneo, visto servir-lhe de base a — febre — producto de factores desconhecidos, e a — erupção — cujo processo intimo e ligação pathogenica são tambem desconhecidos.

Sr. presidente, não assevero que seja perfeita a classificação das chamadas — febres eruptivas — porque a imperfeição, em maior ou menor gráo, é condição inherente a todas as classificações nosologicas: creio porém que, no estado actual da sciencia, o grupo de febres eruptivas não podia ter melhor base.

A febre, como já disse, pode depender de lesões organicas, ou ostentar-se com character de essencialidade; neste ultimo caso, a molestia febril reúne os characteres especiaes que passo a descrever:

1.º As febres essenciaes são geradas por causas especificas, e, geralmente, susceptiveis de reproduzir-se; 2.º são, desde o prin-

cipio, molestias geraes, constitucionaes, ou *totius substantiae*; 3.º nos casos typos, a febre e desordens funcionaes inherentes á elevação de temperatura constituem a perturbação evidente; 4.º a esta perturbação não presidem lesões organicas primitivas, apreciaveis pelos nossos meios de observação; 5.º podem acompanhar-se d'uma lesão pathologica constante; esta lesão, porém, como consecutiva e insufficiente, pode esclarecer o diagnostico, mas não explicar a febre; 6.º as alterações mais frisantes do sangue são — diminuição d'albumina de fibrina e de globulos rubros «augmento d'urée e de principios similares»; 7.º a marcha das febres emfim é cyclica, e a sua duração — fatal.

Eis os requisitos indispensaveis das febres essenciaes: ora, as chamadas — febres eruptivas — reúnem este conjuncto de caracteres; logo, estas especies morbidas têm direito incontestavel a figurar ao lado das febres essenciaes, e a reclamar a denominação de — febres.

Além dos caracteres já descriptos, algumas febres têm por symptoma caracteristico, ainda que tardio, uma efflorescencia ou erupção cutanea particular, que pode ser fugaz a ponto de passar despercebida, ou mostrar-se assás intensa e extensa. Seja qual for o seu gráo, é certo que a dicta erupção constitue a lesão caracteristica de certo numero de pyrexias: concordaram pois os pathologistas em qualificar de eruptivas, e reunir num grupo especial, as febres caracterisadas por aquella efflorescencia cutanea; por quanto estas especies morbidas, revelando uma physionomia especial, reclamavam nome e logar distinctos na pathologia.

Das considerações expostas deduz-se naturalmente a conclusão seguinte:—o grupo de febres eruptivas, longe de ser fundamentalmente erroneo, satisfaz pelo contrario ao maximo rigor scientifico na actualidade, visto ser baseado em caracteres essenciaes e communs ás respectivas especies morbidas.

Acceito por tanto, como dogma, a realidade das febres exanthematicas, porque não me julgo auctorizado a alterar principios solidamente estabelecidos e geralmente adoptados; e creio ainda que a erysipela não pode figurar no grupo das referidas febres, por se lhe oppor a diversidade de causas, de lesões e de symptomas.

O sr. Augusto Rocha lamentou emfim que, tractando eu de investigar a natureza da erysipela e entrando nesse caminho, não procurasse satisfazer ás tendencias da epocha, isto é, não examinasse precisamente as condições anatomo-pathologicas, em que a erysipela se produz, conjunctamente com o do modo funcional por que actuam essas condições anatomicas.

Sentindo não me ter feito comprehender pelo sr. Augusto Rocha, declaro francamente que nunca me lembrei de investigar a natureza da erysipela, por ser tarefa superior ás minhas forças e mesmo por estar convencido de que a essencia das molestias é problema que não é dado resolver á presente geração medica, nem talvez ás futuras. As minhas aspirações limitaram-se a demonstrar, seguindo o methodo mixto de classificação, que a erysipela não podia figurar nos livros de pathologia com o pomposo titulo de — febre eruptiva.

Agora cumpre-me mostrar que o processo de reconhecer a natureza das molestias, referido pelo sr. Augusto Rocha, não satisfaz ao fim; e para isso, sem me valer dos proprios argumentos do illustre orador, perfilharei as considerações de Behier<sup>1</sup> a proposito da definição de *molestia*. «Pour la maladie étudiée en général, la difficulté est plus grande, car il est impossible de connaître le mouvement intime qui la produit, la modification moléculaire qui la constitue. Nous saisissons quelquefois les effets de la maladie quand nous trouvons les lésions anatomiques qui ont changé l'apparence de tel ou tel organe; mais ces lésions anatomiques qui sont, lorsqu'elles existent, un caractère précieux pour reconnaître la maladie et séparer la forme particulière des formes analogues, ne sont pas tout, puisqu'elles, se rencontrant dans certains autres exemples, alors que rien ne pouvait les faire supçonner, alors que nulle altération fonctionnelle n'avait révélé leur présence. Ailleurs des désordres graves se manifestent dans l'économie, la mort même peut survenir, quand l'examen attentif fait avec tous nos moyens d'investigation ne révèle aucune modification appréciable de nos organes. Enfin, nous voyons sou-

<sup>1</sup> Supplemento ao Dicc. de Fabre, pag. 408.

vent une lésion matérielle et saisissables dans les organes, et notre esprit ne peut cependant y trouver une cause suffisante aux phénomènes qu'il a observés.»

Considerações analogas, e que o sr. Augusto Rocha conhece muito bem, se acham consignadas nos *Éléments de pathologie générale* de Chomel no artigo — De la nature ou de l'essence des maladies.

Termino, sr. presidente, dizendo que o problema enunciado e discutido, longe de ser esteril e inutil, como asseverou o sr. Augusto Rocha, tem pelo contrario grande interesse practico. Assim, se eu elevasse a erysipela á altura de febre eruptiva, necessariamente tinha de a considerar — transmissivel — e é incontestavel que, se resultam gravissimos inconvenientes de desconhecer o contagio quando é real, offendem-se graves interesses em admitil-o quando não existe.

— Estando a hora adiantada, o sr. presidente levantou a sessão.

## LITTERATURA E BELLAS ARTES

### AS UNIVERSIDADES DE AGRAM E DE COIMBRA

o Em outubro passado foi instituida em Zagrabia ou Agram, capital da Croacia, sob os auspicios do imperador da Austria, uma universidade, que do nome do patrono tirou a denominação de Universidade Francisco-Josephina Zagrabiense.

A Croacia e a Slavonia, fronteiras ao imperio ottomano, sentiram por largos annos o vexame de barbaras incursões e o peso dos exercitos que alli defendiam contra as hostes turcas a civilização do centro e occidente da Europa. Em taes circumstancias difficilmente podiam medrar as letras por aquella região. Por isso aconteceu que das provincias do vasto imperio austro-hungaro nenhuma em nossos dias carecia tanto como a Croacia de escholas de instrucção superior. Chegou-lhe em emfim a occasião de lá se fundar uma Universidade.

Da criação de tal instituto trouxe a Coimbra noticia indubitavel uma carta de convite, dirigida pelos academicos de Agram aos da nossa Universidade. O texto da carta, escripta em croata e francez, é do teor seguinte:

Braco i drugovi! Od davnih vjekova osnivahu si kulturni narodi sveucilista kao stjecista znanosti, da jim budu i vrjelista narodnoga razvitka i doticalista sa inimi narodi prosvietljenimi. Ni narod hrvatski nije mogao ostati u zabiti i zaboravi, gledajuc, gdje, se evropski narodi natjecu u plemenitom radu na polju kulture svjetske. Narod hrvatski stojeci na pragu medju zapadom i iztokom, zvan od vajkada, da presadjuje kulturu sa zapada na iztok, zadovoljivase vec pocetkom zivota svojega u sadanjoj postojbini toj zadaci svojoj. No uz vjekovite borbe svoje sa narodi azijatskimi i u neprestanoj skrbi, da sacuva svoju narodnu slobodu proti raznim protivnikom svojim, oslabio je on u kulturnoj radnji

te se je tek u ovom stoljecu oporavio na toliko, da moze dostojno mjesto zauzeti u znanstvenom kolu evropskih naroda.

Mjeseca listopada o. g. otvara se prvi hram znanosti — sveuciliste — u sredini Hrvatâ.

Ogromna je i tezka zadaca toga sveucilista. Ono ima brzim korakom nadoknadjivati u Hrvatâ, sto se je za toliko burnih vjekova u nas propustilo, da i mi uzmogremo sustizati ostale narode u znanstvenom i kulturnom radu njihovom; ono ce hrvatski narod pribliziti kulturnim narodom Evrope.

Da se otvorenje prvoga sveucilista u Hrvatskoj dostojno proslavi, izabrase sadanji pravnici kr. pravoslavne akademije u Zagrebu iz svoje sredine odbor, te mu povjerise izvedbu te svecanosti.

Odbor pravnicki «za proslavu otvorenja hrv. sveucilista Franje Josipa I.» pozivlje i Vas, braco i drugovi, da nas pocastite svojom prisutnoscu, izaslav svoje zastupnike, koji ce Vas zastupati kod svecanoga otvorenja sveucilista, te ce tom prigodom pruziti bratske ruke prvim slusateljem sveucilista hrvatskoga.

Nadajuci se, da cete se nasemu pozivu odazvati, izrucujemo Vam nas bratski pozdrav.

U Zagrebu, 9. srpnja 1874.

Odbor «za proslavu otvorenja hrv. sveucilista Franje Josipa I. u Zagrebu»

**Stjepan Doma** v. r.                      **Jaroslave Golub** v. r. A  
predsjednik.                                      tajnik.

*Buduci da dan otvorenja nije jos ustanorljen, to cemo Vam isti u horu putem glavnih novina evropskih obznaniti. Umoljavate se uljudno, da gore podpisanomu odboru svoj dolazak do konca Srpnja obznaniti izrolite.*

Amis et compagnons d'études ! Déjà dans les temps relativement assez reculés, les peuples avancés fondèrent des Universités, ce

s foyers de l'activité intellectuelle, ces points de contact entre les nations éclairées. Serai-t-il permis à une nation quelconque de rester, dans les conditions actuelles, spectatrice inactive de la noble émulation des peuples sur le champs de la culture intellectuelle et du progrès universel? Depuis longtemps déjà, il est vrai, la nation Croate a été appelée par sa position géographique de servir de médiatrice entre la civilisation de l'Occident et la rudesse des moeurs de l'Orient. Mais les combats éternels contre l'invasion des barbares, mais les longues luttes contre les ennemis de sa liberté nationale l'empêchèrent d'accomplir sa tâche. Elle perdit même les traditions de l'antique culture et ne fit rien pour le progrès des sciences. Ce n'est que dans ce dernier temps qu'elle peut librement aspirer à occuper une place parmi les nation adonnées à la culture du beau et du vrai, et elle a hâte de se servir de son droit, se voyant arriérée.

Dans le courant du mois d'Octobre de cette année la fête de l'inauguration du premier temple de la Science en Croatie, aura lieu à Zagrebe (Agram), la capitale du pays.

Cette nouvelle Université a une tâche à remplir, qui paraîtra énormément difficile. Elle doit fertiliser un terrain longtemps inculte et négligé par un sublime élan, ce qui a été anéanti pendant des siècles d'agitations. Un travail assidu et pressé seul nous amènera au point où se trouvent les autres nations civilisées, plus heureuses étant moins exposées à l'assaut de la barbarie qui nous entoure.

Afin que la fête de l'inauguration de l'Université croate de François Joseph I. à Zagreb soit célébrée dignement, les étudiants actuels de l'Académie de droit dans cette ville ont formé un comité et lui ont confié l'arrangement de la solennité.

Ce comité vous invite donc, chers amis et compagnons d'études, à vouloir bien nous honorer de votre présence, en décidant un certain nombre d'entre vous à venir à Zagreb pour vous représenter à cette fête d'inauguration et nouer à cette occasion ces liens d'amitié, qui souvent commencent par un serrement cordial des mains pour résister plus tard à toutes les intempéries des événements imprévus.

Dans l'espoir que vous accepterez notre invitation, nous vous prions de recevoir nos salutations fraternelles.

Zagreb, 9 juillet 1874.

Le comité de l'inauguration solennelle de l'Université croate de François Joseph I. à Zagreb

Le président: **Etienne Doma** m. p. Le secrétaire: **Jaroslav Golub** m. p.

*Le jour de la fête de l'inauguration n'étant pas encore fixé, nous vous le feront connaître à temps par les grands journaux européens. Nous vous prions instamment de vouloir bien annoncer votre arrivée au comité ci-nommé et cela jusqu' à la fin du mois d'août si faire se peut.*

Esta carta, datada de Agram em 9 de julho, e em cujo sobrescripto se lia unicamente a direcção para a Universidade de Coimbra, chegou ás mãos do Reitor no principio das ultimas ferias grandes, quando os academicos, a quem cumpria deliberar sobre a resposta, estavam ausentes. A impossibilidade de se responder convenientemente até o fim de agosto, como pediam os signatarios, era manifesta.

O tempo destinado entre nós para o descanso das lides escolares foi passando, e quando expirava o praso das ferias grandes recebeu o prelado da Universidade uma carta, enviada ao corpo cathedratico de Coimbra pelos encarregados de dirigirem as solemnidades com que se haviam de inaugurar os novos estudos em Agram. A carta vinha escripta em croata e latim, e é como se segue num e outro idioma.

Br. 12—1874.

Slavnomu senatu sveucilista u Coimbri! Na dan 19. listopada 1874, otvoriti ce se pro hrvatsko sveuciliste. Franje Josipa I. u Zagrebu.

U proslavu ovoga dana, toli znamenita po kulturni preporod hrvatskoga, naroda, cast je podpisanomu odboru, pozvati najljubnije slavni senat sveucilista u Coimbri, da po svojih izaslanicah prisustvovati izvoli svecanomu otvorenju hrvatskoga sveucilista.

U Zagrebu, 1. rujna 1874.

Akademicki odbor za proslavu svecanoga otvorenja sveucilista Franje Josipa I. u Zagrebu

Predsjednik:

**M. Mesic** s. r.,  
sveucilistni professor.

Biljeznik:

**Dr. Fr. Vrbanc** s. r.,  
sveucilistni professor.

Nr. XII — MDCCCLXXIV.

Venerabili senatui universitatis Coimbriensis! A. d. XIV. Kal. Novembr. (die XIX. Octobris) litterarum universitas Francisco-Josephina Zagrabiensis, quae prima est Croatarum, aperietur; quam diem quum celebrari omni apparatu atque honore par sit, nos, qui has litteras subscripsimus, venerabilem universitatis Coimbriensis senatum humanissime invitamus, ut ad diem constitutam, qui vicem suam implentes selemnibus intersint, Zagrabiam mittere velit.

Datum Zagrabiae Kalendis Septembribus anni MDCCCLXXIV.  
Curatores academici solemnum aperiundae universitatis Francisco-Josephinae Zagrabiensis

Praeses:

**M. Mesic** m. p.,  
Universitatis professor.

Ab epistolis:

**Dr. Fr. Vrbanc** m. p.,  
Universitatis professor.

O prelado, aproveitando o ensejo da reunião dos lentes, na festa com que annualmente se abre a universidade no dia 1.º de outubro, convocou o claustro para lhe apresentar a carta, em que o corpo docente era convidado para assistir por seus delegados ás solemidades em Agram. No claustro transpareceu a boa von-

tade de se mandarem delegados que representassem a nossa universidade na inauguração da da Croacia; viu-se porém a impossibilidade de chegarem á capital d'esta provincia antes do dia 19 de outubro por causa da interrupção das vias ferreas no norte da Hespanha. Portanto o claustro decidiu que se agradecesse o convite, que se ponderassem as circumstancias que impediam a viagem, e que finalmente se affirmasse que muito eram para desejar as relações litterarias e scientificas entre as duas universidades.

A carta de agradecimento, enviada para a universidade de Agram foi escripta em portuguez e latim, e concebida nos seguintes termos:

Ao Ill.<sup>mo</sup> Reitor e Sapiientissimos Professores da Universidade Francisco-Josephina de Agram.

O Corpo docente da Universidade de Coimbra recebeu com agrado e benigno acolhimento o convite que lhe dirigistes para se representar por seus delegados nas grandes solemnidades academicas que ora preparaes em Agram para o dia 19 de outubro.

Promptificar-se hiam para o desempenho de tão honroso encargo muitos membros d'esta Universidade se lhes não obstasse a estreiteza do tempo e a grande distancia entre Coimbra e Agram. Mas já que as circumstancias não permittem que vos enviemos deputados com a missão especial de assistirem ás vossas solemnidades, ao menos d'aqui vos acompanhamos com os votos pelo engrandecimento da Universidade Francisco-Josephina Zagrabienese.

Prosperos successos a tal instituto deseja a Universidade de Coimbra, sua irmã. Se algum dia procurardes nesta Universidade relações litterarias e scientificas, abertamente vos certificamos que achareis entre nós facil e cordeal recepção.

Coimbra, 10 de outubro de 1874.

*Visconde de Villa Maior, Reitor.*

*Dr. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello.*

*Dr. Bernardo de Serpa Pimentel.*

*Dr. Antonio Augusto da Costa Simões.*

*Dr. Raymundo Venancio Rodrigues.*

Clarissimo Rectori Sapientissimisque Professoribus novae Universitatis Francisco-Josephinae Zagrabiensis.

Grata et benigne accepta senatui Universitatis Conimbricensis invitatio fuit, ut suorum aliquos eligeret, qui Zagrabiae quarta decima die kalendas novembris vestris quam magnis solemnitatibus academicis rite intersint. Praeclarum munus plurimi nostrorum quidem susciperent, nisi temporis angustia et magna locorum distantia forent impedimento. Quoniam autem vetat fors, quominus Zagrabiam adire possint, qui ob id unum vicem nostrae Universitatis impleant, hinc saltem pro studiorum incremento in Francisco-Josephina Universitate Zagrabiensi vota facimus.

Exoptat tanti operis prosperos successus germana Universitas Conimbricensis. Hanc profecto in quodcumque litterarum scientiarumque commercium vocaveritis, lubenti animo, palam testamur facilem aditum semper invenietis.

Datum Conimbricae kalend octob. MDCCCLXXIV.

*Vice-Comes de Villa Maior, Rector.*

*Doctor D. Victorinus ab Conceptione Teixeira Neves Rebello.*

*Doctor Bernardus de Serpa Pimentel.*

*Doctor Antonius Augustus da Costa Simões.*

*Doctor Raymundus Venancius Rodrigues.*

## GATO POR LEBRE

(FABULA DE FRANKLIN)

Era uma vez uma aguia.... A ave de Jupiter voava majestosa por cima d'uma granja, e espiando uma lebre, precipita-se sobre ella como o raio, empolga-a nas garras, e se eleva de novo aos ares. Mas logo viu que se enganara; os olhos, com que firme encara o sol, a illudiram d'esta vez. O animal era mais valente e destemido do que a lebre, e reconheceu então, mas já tarde, que se debatera por... um gato!

Gato por lebre é engano vulgar na pobre humanidade, mas na aguia rarissimo. O mal comtudo estava feito, e o gato lidava devéras pela vida. Desembaraçou-se a muito custo das garras que o apertavam e estreitou-se com a aguia num abraço desesperado, enganchando-lhe as unhas no corpo e trincando-lhe o pescoço com os dentes.

A posição, que a principio fôra critica para o gato, não o era agora menos para a aguia, que seriamente atrapalhada lhe dizia supplicante: «larga-me, que eu te largarei».

— Pois sim, retrucou o quadrupede; mas eu é que não quero cahir de escantilhão por esses ares abaixo, e fazer-me em pedaços. Já que me trouxeste aqui sem minha licença, desce agora e restitue-me ao meu logar; aliás.....

E foi o que fez a aguia.

Quando no seculo passado a America se emancipou da Inglaterra, improvisou Franklin esta fabula, com que exprimia bem o embaraço d'esta nação por ter provocado imprudentemente aquella. E occorreu isto a proposito de ter alguem affirmado na sua presença ser a fabula assumpto já exaurido por Esopo, La Fontaine e Gay. Como elle a julgava mina inexgotavel, pegou da penna e compoz logo esta para confundir os seus adversarios.

Do mesmo modo a poderíamos applicar, e porventura com mais propriedade, á ultima guerra europea, quando a aguia de Napoleão, illudida senão atraçoada, se arriscou a roçar com a aza o rosto felino do monarcha prussiano.

Coimbra, 1872.

A. A. DA FONSECA PINTO.

## BIBLIOGRAPHIA

*Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834, por Simão José da Luz Soriano, bacharel formado em medicina pela universidade de Coimbra, e socio correspondente do Instituto da referida cidade, e benemerito do Gremio Litterario da cidade de Angra do Heroismo.— Segunda epocha, Guerra da Peninsula, tomo III.— Lisboa, Imprensa Nacional, 1874, 8.º gr., 759 paginas.*

Acaba de sahir dos prelos da Imprensa Nacional o tomo terceiro da *Historia da guerra da peninsula*, publicado pelo sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano.

Damos com ineffavel prazer esta fausta noticia a todos os amigos das boas letras portuguezas e amantes das glorias patrias, ennobrecidas e honradas nesta importante obra.

Sabem todos os leitores dos escriptos do sr. Simão José da Luz Soriano, que são principalmente characterisados por summa perspicuidade e judiciosa critica, dictada pelo mais profundo amor da verdade e sentimento de justiça.

Resplandecem estes dotes, de um modo especial, no tomo da *Historia*, cuja publicação annunciamos. Aqui são julgados com toda a imparcialidade os feitos dos personagens principaes d'esta memoravel epocha.

Creemos, que poderia haver escolhido com mais propriedade, que outros historiadores, para epigraphe da sua obra, o conhecido verso de Virgilio:

Tros Tyriusque mihi nullo discrimine agetur.

Comprehende o tomo terceiro todos os successos, que respeitam á invasão de Portugal pelo marechal Massena em 1810, e á sua retirada em 1811, e outros occorridos então na peninsula.

E illustrado com os seguintes mappas:

*Mappa da batalha do Bussaco. Posição geral dos exercitos francez e luso britanico no dia 26 de setembro de 1810, e movimento do exercito francez no dia 28 em direcção a Mortagua, Boialvo, etc.*

*Mappa das linhas de Torres Vedras e sua ligação com Lisboa nos annos de 1810 e 1811.*

*Mappa do itinerario que trouxe o marechal Massena, quando invadiu Portugal em 1810, e do que seguiu, quando em março do anno d'elle se retirou perseguido pelo exercito luso-britannico.*

*Mappa do terreno que no anno de 1810 se destinou á defesa de Portugal, comprehendendo as provincias da Estremadura, Beira Alta e Beira Baixa.*

*Planta demonstrativa da batalha da Barrosa em 5 de março de 1811.*

*Planta do terreno alem do Coa.*

*Mappa do combate do Sabugal na retirada de Massena em 3 de abril de 1811.*

*Planta da batalha de Fuentes de Oñoro ganha em 5 de março de 1811.*

*Planta da batalha de Albuera em 16 de maio de 1811.*

*Planta demonstrativa das operações e combate de El Bordon.*

*Planta do terreno das operações do general Hill no anno de 1811.*

*Invasão dos francezes na Andaluzia.*

Termina com o tomo quarto a *Historia da guerra da península*, e está, felizmente, quasi concluido, para entrar no prelo, o manuscripto respectivo.

O sr. Simão José da Luz Soriano toma singularmente a peito levar ao cabo esta empreza com a brevidade possivel.

Fazemos os mais sinceros votos, não só para que logre seu patriotico empenho, conservando-lhe Deos firme saude, mas para que lhe conceda, tambem, os necessarios annos de vida, a fim de pôr o remate á *Historia da guerra civil*, que deve seguir-se á da *Guerra da península*.

Portalegre, 24 de outubro de 1874.

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

## JORNADAS

POR

Thomaz Ribeiro

### 2.<sup>a</sup> PARTE

Entre palmeiras

Nos tempos em que se escrevia a grande epopêa marítima que é o nosso livro nacional, usavam os Portuguezes sahir frequentemente de sua casa, ir ver o que se fazia lá por fóra, e contar depois o que tinham visto aos amigos que durante a sua ausencia se haviam conservado juncto dos lares. Monumentos eternos attestam e attestarão a benefica influencia das tres largas correntes de civilisação que a fé, a sciencia e o amor da patria levavam ás mais remotas regiões do globo. Esses monumentos são as nossas descobertas, a propagação da nossa crença religiosa e as nossas conquistas.

Porém o incansavel viajante enfastiou-se um dia de estar sempre a mudar de clima, de região, de costumes; o nomada começou a aborrecer-se da sua tenda e no lugar d'ella edificou uma casa. E, como o genio nacional não admite transacções, como a tendencia do nosso espirito é levar tudo ao extremo, o povo mais inquieto e ousado que tem existido para logo se tornou o mais timido e o mais caseiro.

Assim eramos no fim do seculo passado, e tão decisivamente nos haviamos deixado vencer pelos novos habitos, que nem os successos extraordinarios do primeiro terço d'este seculo conseguiram arrancar-nos do lethargico torpor que tão ignorantes nos trazia de tudo quanto lá por fóra se passava. Duas vezes obrigados violentamente a deixar a patria, pela aggressão estrangeira e pelas dissensões internas, tivemos que nos sujeitar a ver terras estranhas e estranhos costumes; percorremos essas terras, vivemos segundo esses costumes; mas, quando a sorte nos resti-

tuiu ao solo natal, preciosamente guardamos debaixo do alqueire a lição das nossas peregrinações, o segredo das nossas aventuras, as nossas observações e as nossas impressões. Livros de viagens ninguem os quiz escrever.

Por felicidade nossa, a immovel China fica na Asia oriental, e a nação portugueza habita o territorio europeu. Aquelle estado de coisas não podia conservar-se; tinha de ser substituido por outro. Comtudo a revolução não era das mais faceis. Precisava-se de um homem grande, grande e ousado, emprehendedor e popular, um d'esses homens que só de seculos a seculos apparecem! Outro que a tal se abalançasse veria baldados os seus esforços. Fazer viajar os Portuguezes era obra para gigantes, que não para pigmeus.

O homem existia, e tinha por costume acabar o que começava. Lembrou-se um dia de ir a Santarem: foi; quiz que fossemos com elle, e ficassemos com vontade e tenção de lá voltar, uma e muitas vezes, sempre pelo mesmo caminho e com o mesmo companheiro: escreveu as *Viagens na minha terra*.

D'este livro admiravel, que muitos comparam com a *Viagem em redor do meu quarto*, mas cujos legitimos congeneres são a *Viagem sentimental* e os *Reisbilder*, data a moderna litteratura de viagens em Portugal. No tempo de Garrett tudo convidava a ficar em casa; só um grande esforço arrostava felizmente com os incommodos e obstaculos inseparaveis de qualquer excursão. Mas as condições melhoraram, fizeram-se os caminhos de ferro dos barões em que o auctor de *D. Branca* protestava não andar, e outro notavel escriptor quebrou o encanto que nos prendia áquem das fronteiras.

*Ab Jove principium, sicut ait Aratus*. Veio de Paris o sr. Teixeira de Vasconcellos, e com tão discreto e experiente companheiro encetámos agradavelmente as nossas viagens na terra alheia. E, como os que viajamos commodamente sentados em nossas cadeiras ou indolentemente reclinados em nossos leitos não sabemos o que é cansar, acudimos depois pressurosos ao convite de quantos amaveis guias têm vindo solicitar a nossa curiosidade. Fomos a Paris com o sr. Ramalho Ortigão, a Madrid com o sr.

Pinheiro Chagas, do Chiado a Veneza com o sr. Julio Cesar Machado, a Vienna com o sr. visconde de Benalcanfor, á India com o sr. Thomaz Ribeiro, e, o anno passado, aproveitando o dom de ubiquidade que nós os leitores possuímos, viajámos ao mesmo tempo pelo Minho, pela Hespanha e pela França, com o sr. D. Antonio da Costa, com o sr. Teixeira de Vasconcellos e com o sr. Luciano Cordeiro. Actualmente estamos viajando *entre palmeiras* com o sr. Thomaz Ribeiro.

Viajamos... viajam os felizes mortaes que ainda não acabaram de ler o segundo volume das *Jornadas*. Não me succede a mim outrotanto. O livro está lido, a viagem terminada. Cumpria-me agora resumir as minhas impressões ácerca d'elle, e com tão boa ou tão má intenção peguei na penna; mas não sei que voluptuosa inercia se apodera do meu espirito, e lhe prohibe a analyse do prazer que acaba de experimentar. O sr. Thomaz Ribeiro sabe provavelmente o que é, elle que conhece de perto a exuberante natureza da India, e de perto lhe sentiu as mysteriosas influções. O meu espirito, em lugar de se prender ao livro, teima em se voltar para um assumpto ainda mais grato, que é o auctor; deixa a obra e considera o poeta; e, procurando formular em breve e conceituosa sentença os juizos que lhe acodem, sai-se com esta: *Original!*

«Boa novidade!» haverá logo quem diga. «Isso sabiamos nós ha muito tempo. Quando appareceu o *D. Jayme*, quizeram os os invejosos encontrar nelle a inspiração dos poetas castelhanos, mas os bons espiritos comprehenderam logo que o poema era uma obra excellente e portanto original, visto que a imitação não gera nem póde gerar senão cousas mediocres. Esta opinião tem sido reforçada pelas obras subsequentes do sr. Thomaz Ribeiro; hoje é corrente: ninguem a contesta. Não valia a pena gastar tempo a enuncial-a.»

Tudo isso é verdade, mas eu fico no que disse, e não ponho duvida em o repetir. Quando digo que o sr. Thomaz Ribeiro é original, não é só ao poeta, é ao homem principalmente que me refiro. Eis a minha descoberta, eis o que desejo mostrar.

Abro a segunda parte das *Jornadas*, e dou logo com uma coisa

singular. O sr. Thomaz Ribeiro crê em Deus, na acção salutar da religião, na virtude e na caridade. Não pretendo inquirir se as suas opiniões são orthodoxas, e não inculco que o são as minhas; mas basta esta observação para mostrar que o auctor das *Jornadas* pertence ao grupo, cada vez' menos numeroso, d'aquelles para quem a materia e a força (essas modernas divindades que a Allemanha talvez conheça mas não define) não são a ultima palavra da natureza e do destino do homem. Qualquer que seja o nosso symbolo, todos os que cremos em alguma coisa para alem das revelações da experiencia, somos membros da mesma communhão, da pequena phalange que resiste inabalavel aos assaltos do materialismo, do pantheismo, do scepticismo, do pessimismo, do nihilismo, da doutrina do absoluto, da philosophia do inconsciente... e *tutti quanti*. O sr. Thomaz Ribeiro, quando alguém espirra, tem o direito de lhe dizer: Deus vos salve! em lugar de dizer, como ha poucos dias em Paris um philosopho profundo: A materia vos salve!

Primeira originalidade.

Vamos a outra. O sr. Thomaz Ribeiro sabe que as pequenas sociedades chamadas nações não têm razão de ser, e que não existe já, em nome da sciencia, senão uma só associação, a humanidade. Sabe isto, e conhece, como todos nós, os dias fastos da nova era, Woerth e Saint-Privat, Sedan e Paris; vê de todas as partes unirem-se os povos numa grande e admiravel associação de idéas e instituições, levantando exercitos formidaveis, fabricando sem descanso e á porfia espingardas, canhões, couraçados, torpedos e mil outros engenhos civilisadores; ouve os soluços dos vencidos e as chufas dos vencedores, e mais que tudo, e, acima de tudo, vê e ouve a immensa e universal adhesão que saúda o triumpho. Pois, sem embargo, o sr. Thomaz Ribeiro crê na patria. Ama o paiz que o viu nascer, e não só o presente mas o passado, não só os parentes e os amigos mas os avós; ama os cruzados da fé e da sciencia, os cavalleiros e os navegadores, os que venceram o islamismo e os que devassaram o incognito. Entende que Portugal é uma unidade historica, membro da comunidade europea mas não da familia hespanhola, que tem vida

propria, creações originaes, direito a viver, e crê que ha de viver, pese a quem pesar. Não soltou elle dos labios indignados o formidavel conselho:

«*Se Portugal tem hydras, colha-as ás mãos e esmague-as!*»

Segunda originalidade.

Resta a terceira, a mais extraordinaria. O sr. Thomaz Ribeiro crê na liberdade politica (que sonho!), na liberdade de consciencia (que utopia!), na... liberdade (que blasphemia!). Ó sabia Allemanha, vela o rubor de tuas faces com as tuas venerandas mãos! Tu, para quem é um escandalo a doutrina do livre arbitrio, que realisaste no teu imperio o Estado ideal, que tens nas tuas leis confessionaes o codigo mais perfeito da legislação religiosa, e no teu *fundo de reptis* o mais seguro *palladium* da liberdade de pensamento, tu, para quem Hegel é Hegel e Bismarck o seu propheta, deixa-te mover de um sentimento que outr'ora se chamava commiseração, e dize a este scismador do Meio-Dia que não existe o dever nem a responsabilidade nem a justiça. Mas não... entoa antes um hymno entusiastico á casta Vaterland, colhe pensativa um ramo de *vergiss-mein-nicht*, empina com olympica serenidade um copo de cerveja, e, em quanto te dispões para a nocturna ronda habitual d'aquellas praças e d'aquelles jardins que bem conheces, encolhe os hombros, e pronuncia *fatalmente* a fatal sentença: É um original!

E a madre Germania, a India do Occidente, tem razão. Crer na patria, na liberdade, no ideal... *Quel original, mon Dieu!*

Não só nas coisas grandes se revelam os characteres. As pequenas são ainda ás vezes mais claros espelhos, mais seguros informadores. Um dos maiores cuidados do escriptor portuguez é aproveitar bem a primeira occasião opportuna para deixar de o ser. Raros são os martyres e confesores que vivem e morrem na grande religião das letras. Pois ainda aqui foi original o sr. Thomaz Ribeiro. Chamado ha quinze ou dezeseis mezes para um dos cargos mais importantes da administração publica, mil considerações lhe aconselhavam que fiasse a sua gloria dos livros que tinha publicado, e que se limitasse a fazer imprimir de vez em quando o seu nome na folha official. O que muitos, quasi todos,

faziam, não o quiz elle fazer, e do seu gabinete de director geral já nos enviou dois livros excellentes, e promette terceiro. Que dizia eu?

Vou agora fazer um requerimento. É vulgar entre nós que as obras fiquem incompletas ou que a publicação das suas partes se demore muito. A culpa temol-a todos, auctores, leitores, homens de estado principalmente, que ainda não chegámos a entender que nem só de pão vive o homem. Bem sei que Théophile Gautier dizia: *mieux vaut un poëme épique manqué qu'un vaudeville réussi*, e reconheço que é melhor começar e deixar incompleto um monumento admiravel tal como a *Historia de Portugal* do que acabar um artigo para o *Diario de Noticias* ou uma Revista do anno para o Theatro da rua dos Condes. Mas este symptoma é tristissimo. Reaja o sr. Thomaz Ribeiro contra a terrivel enfermidade. Publique muito breve a terceira parte das suas *Jornadas*. Seja mais uma vez original, que o póde ser e que o deve ser. Deve, tem obrigação. Sem consultar a nossa vontade, pela força magica do seu talento, levou-nos a todo o vapor do *Tejo ao Mandovy*; demorou-nos lá, em quanto bem lhe pareceu, guiando os nossos passos indolentes, *entre palmeiras*: o seu dever impre-terivel é restituir-nos á patria, quanto antes, *entre primores*<sup>1</sup>.

LUIZ GARRIDO.

<sup>1</sup> *Entre primores* é o titulo da terceira parte das *Jornadas*.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### REGULAMENTO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA

(Continuado do n.º 8, paginas 44)

#### CAPITULO IV

#### Da receita e contabilidade

**Art. 29.º** A receita especial da secção de archeologia constará das verbas que o Instituto destinar para os trabalhos da secção, de quaesquer quotas com que possam vir a concorrer os membros da secção; de donativos especiaes; do producto da venda das suas publicações; de qualquer auxilio, que a secção obtenha dos poderes publicos; e de quaesquer outros meios.

**Art. 30.º** A receita e a despesa da secção de archeologia serão escripturadas num livro identico ao mencionado no artigo 22.º por aquelle dos secretarios, que para esse fim for designado pela meza.

§ 1.º Este livro terá por titulo — *Livro do registo de toda a receita e despesa da secção de archeologia do Instituto.*

**Art. 31.º** Haverá mais os seguintes livros: um de contas correntes com todos os crédores e devedores da secção de archeologia; outro designado com o titulo — *livro de caixa*, contendo em resumo e em referencia aos dois antecedentes, por capitulos geraes de receita e despesa, os balanços semestraes e annuaes; e mais os que ficam mencionados nos artigos 22.º e 28.º

**Art. 32.º** Os balanços de receita e despesa semestraes e annuaes depois de examinados serão lançados no competente livro e assignados por toda a direcção, citando-se á margem as folhas dos livros das actas donde consta a approvação do referido balanço.

§ 1.º Estes balanços serão remetidos por cópia igualmente assignada por toda a direcção ao presidente da terceira classe, para esta os mandar examinar querendo, e os remetter ao presidente da assembléa geral a fim de solicitar a sua approvação.

§ 2.º No mesmo livro e em seguida se lançará a approvação da assembléa geral em conformidade com as disposições do artigo 5.º, § unico do regulamento interno do Instituto.

Art. 33.º A cobrança das receitas ordinarias da secção far-se-ha nas epochas do seu vencimento, e a das extraordinarias logo que d'ellas haja conhecimento.

§ unico. Os documentos da receita não cobrada serão entregues, oito dias depois de terem sido confiados ao cobrador, ao primeiro secretario, para este os apresentar á direcção a fim de tomar as providencias convenientes.

## CAPITULO V

### Do museu e conservador

Art. 34.º Em uma das salas do Instituto, que para isso for designada pela assembléa geral, será organizado um museu de archeologia.

§ unico. Alli os socios do Instituto, os associados correspondentes, quaesquer pessoas ou corporações poderão depositar os objectos, que queiram expor.

Art. 35.º Os objectos de maior valor estarão reservados em armarios fechados.

Art. 36.º Todos os objectos serão numerados, tendo a designação do que são, e da pessoa ou corporação a quem pertencem.

Art. 37.º Haverá um catalogo de todos os objectos do museu, onde elles serão designados pelo seu respectivo numero e descriptos o mais minuciosamente possivel.

§ unico. Em cada folha do catalogo haverá uma casa de observações, onde se lançará a procedencia do objecto, o nome da

pessoa ou corporação a quem pertence ou que o offereceu, o preço por que foi comprado, e o seu valor, quando o tenha apreciavel.

Art. 38.º O catalogo será em duplicado, e assignado por um dos secretarios e pelo conservador, na folha em que termine a descripção dos objectos; no verso d'ella, ou na immediata, lançará o conservador uma declaração de que no acto da sua posse recebeu todos os objectos que até alli tiverem sido descriptos.

§ unico. Um d'estes catalogos ira para o archivo, para ser guardado pelo primeiro secretario, o outro estará no museu, debaixo da guarda do conservador.

Art. 39.º Haverá mais dois catalogos especiaes, um descrevendo os objectos que pertencerem de propriedade ao museu, outro as moedas e medalhas, com as indicações que requer o estudo da numismatica.

§ unico. O catalogo de numismatica será organizado por ordem chronologica, e será assignado sómente pelo conservador.

Art. 40.º Haverá um conservador, eleito annualmente pela respectiva secção de archeologia d'entre os socios que a constituem, e esta eleição poderá recahir em qualquer dos membros da direcção, se algum d'elles a isso se prestar.

§ unico. O conservador poderá ser reeleito, mas não obrigado a aceitar a reeleição, a não ser que todos os membros da secção tenham já exercido aquelle cargo.

Art. 41.º O conservador é responsavel por todos os objectos confiados á sua guarda, e por isso os receberá pelo catalogo do museu, e no fim d'elle passará o recibo, que ficará annullado pelo que passar o conservador que o substituir.

Art. 42.º Incumbe ao conservador a guarda, conservação, arranjo, classificação e catalogação dos objectos que constituem o museu.

§ unico. O conservador poderá ser coadjuvado nas suas obrigações por qualquer membro da secção, que para isso tenha sido convidado por elle, mas sempre debaixo da sua immediata responsabilidade.

Art. 43.º Haverá um guarda do museu para todo o serviço

d'elle; estará ás ordens do conservador, e será pessoa de sua confiança.

§ 1.º O conservador poderá suspender temporariamente o guarda, dando parte á direcção dos motivos que assim o obrigaram a proceder, a qual resolverá ácerca do tempo que deve durar a suspensão, ou da substituição d'elle se assim o achar conveniente.

§ 2.º A nomeação do guarda do museu pertence á direcção; como porém este empregado tem de ser da confiança do conservador, a nomeação não poderá recahir senão em pessoa por elle proposta.

§ 3.º Todas as vezes que o conservador for substituído far-se-ha nomeação de guarda do museu segundo as disposições do § antecedente.

§ 3.º Os vencimentos do guarda do museu serão determinados pela direcção do Instituto em conformidade com as disposições que regulam os dos outros empregados da sociedade.

Art. 44.º O conservador poderá fazer-se substituir temporariamente em todas as suas funcções por qualquer membro da secção de archeologia, por elle escolhido.

§ 1.º Para se fazer substituir em todas ou em algumas das suas funcções dará por escripto parte ao presidente da secção do socio que escolheu, enviando tambem a acceitação do cargo feita pelo dicto socio em resposta ao seu convite.

§ 2.º O substituto tomará posse com todas as formalidades exigidas para o conservador em conformidade com as disposições dos artigos que regulam esta materia.

§ 3.º Quando o conservador tiver impossibilidade permanente que o iniba de preencher o cargo, participal-o-ha ao presidente ao presidente da secção, para se proceder a nova eleição.

Art. 45.º O museu estará patente aos socios e ao publico em dias e horas determinadas pela direcção, de accordo com o conservador.

Art. 46.º Os regulamentos de policia do museu serão feitos pelo conservador e approvados pela direcção.

§ unico. O conservador poderá suspender a execução de qual-

quer artigo dos regulamentos policiaes, o que fará constar por annuncio collocado na porta do museu, participando-o ao presidente, para que reuna a direcção a fim de providenciarem definitivamente sobre aquelle assumpto.

Art. 47.º O conservador, quando não for membro da direcção, tem direito de assistir a todas as sessões d'ella, em que se tractarem assumptos que tenham relação com o museu, e nesse caso poderá usar da palavra como os outros membros da direcção e terá voto consultivo.

§ unico. Nos assumptos que disseram respeito á administração interna do museu, e ás alterações do seu regulamento policial, terá voto deliberativo, como qualquer outro membro da direcção.

## CAPITULO VI

### Das sessões

Art. 48.º São applicaveis ás sessões d'esta secção as disposições do capitulo 11 do regulamento interno do Instituto.

## CAPITULO VII

### Dos cursos especiaes

Art. 49.º Com o fim de dar o maior desenvolvimento ao estudo da archeologia são creados no Instituto cursos publicos das disciplinas que constituem este ramo dos conhecimentos humanos.

Art. 50.º A secção de archeologia determinará o numero de cursos especiaes e materias que d'elles hão de fazer parte.

§ unico. O programma d'estes cursos, depois de discutido e approvado pela secção, será submettido á approvação da terceira classe do Instituto, que lhe dará execução se assim o achar conveniente.

Art. 51.º Os professores dos cursos serão membro da secção de archeologia, e este trabalho será considerado como serviço relevante feito á secção.

Art. 52.º Um regulamento especial, approved pela direcção do Instituto, determinará a parte policial dos mesmos cursos.

Approved em sessão da Direcção de 4 de julho de 1874.

*Joaquim José Paes da Silva Junior.*

*Julio Cesar de Sande Sacadura Botte.*

*José Epiphany Marques.*

*Manuel Marques Lima de Figueiredo.*

## SOCIOS DO INSTITUTO

Inscriptos na secção de Archeologia até 31 de janeiro de 1875

Abilio Augusto da Fonseca Pinto (2.º secretario)  
 Adolpho Ferreira de Loureiro  
 Dr. Antonio Augusto da Costa Simões  
 Dr. Antonio dos Sanctos Pereira Jardim  
 Antonio Xavier de Sousa Monteiro  
 Dr. Augusto Philippe Simões  
 Augusto Mendes Simões de Castro (1.º secretario)  
 Augusto Sarmiento  
 Bispo Conde  
 Candido de Figueiredo  
 Fernando Mattoso dos Sanctos  
 Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão  
 Dr. Francisco da Fonseca Corrêa Torres <sup>1</sup>  
 João Corrêa Ayres de Campos (conservador do museu)  
 Dr. João José de Mendonça Cortez (thesoureiro)  
 Joaquim Alves de Sousa  
 José Frederico Laranjo  
 Dr. José Joaquim Pereira Falcão  
 Dr. Julio Marques de Vilhena  
 Luiz Guedes Coutinho Garrido  
 Manuel da Cruz Pereira Coutinho (vice-presidente)  
 Manuel Marques Lima de Figueiredo  
 Miguel Osorio Cabral de Castro (presidente)  
 Visconde de Villa Mendo.

<sup>1</sup> Falleceu a 11 de dezembro de 1874.

## PUBLICAÇÕES NOVÍSSIMAS

offerecidas ao Instituto

Augusto Simões

Augusto Simões

Dr. Francisco Augusto Cortes Barata

*Da Architectura religiosa em Coimbra durante a idade media* — pelo doutor Augusto Filipe Simões, lente substituto da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto da mesma cidade e socio correspondente da Associação dos archeologos civis de Lisboa — 1 folh.

Dr. Luiz de Costa e Almeida

*Congresso meteorologico de Vienna de Austria em 1873* — Relatorio do conselheiro Joaquim Henriques Fradesso da Silveira.

*Resposta* — no inventario a que se procede na 6.<sup>a</sup> vara civil de Lisboa por fallecimento do conselheiro José Maria de Abreu, dada por parte da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz e Menezes e mandada publicar por seu filho Miguel Osorio Cabral de Castro.

*Observações Meteorologicas e Magneticas feitas no Observatorio Meteorologico e Magnetico da Universidade de Coimbra, 1873-1874*, pelo director, doutor Jacintho Antonio de Sousa.

*Elementos de analyse chimica qualitativa* — por Joaquim dos Sanctos e Silva.

*Bibliotheca da actualidade* — Obras poeticas de Bocage.

A correspondencia litteraria deve ser dirigida ao Dr. José Epiphânio Marques, e de administrativo e gerencia ao gabinete do Instituto, Coimbra.

## REDACTORES

Antonio Candido Gonçalves Crespo

Augusto Sarmiento

Dr. Francisco Augusto Corrêa Barata

Dr. João José de Mendonça Cortez

Dr. José Epiphânio Marques

José Frederico Laranjo

Dr. Luiz da Costa e Almeida.

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em Coimbra, por anno, ou 12 numeros . . . . . 1\$500

Numero avulso . . . . . 160

Para fóra de Coimbra, accresce o importe das estampilhas.

A correspondencia litteraria deve ser dirigida ao Dr. José Epiphânio Marques; a de administração e gerencia ao gabinete do Instituto, Coimbra.

# O INSTITUTO

SUMMARIO

Par.

## REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

BOSQUILO OU EXPOZIÇÃO SUMMARIO DA ORGANISZAÇÃO DAS  
 LEIANDA — pelo Dr. Toffans ..... 193  
 A FLORESTA DO RUSSAO — por A. M. Simões de Castro .. 199  
 CLASSIFICAÇÃO ZOOLOGICA — por Antonio José Gonçalves  
 Guimarães ..... 208  
 CATALOGO DA COLECCÃO DE PREPARAÇÕES MICROSCOPICAS  
 — por A. A. da Costa Simões ..... 218  
 HALLA DE LITTOLOGIA — por A. J. Vale .. 221  
 O RESGATE DO CAVALAR DE RAIHO — por A. J. Vale .. 221  
 CARTAS MANUSCRITAS — por A. A. da Fonseca Pinto ..... 228  
 CATALOGO DOS OBJECTOS EXISTENTES NA COLECCÃO DE AR-  
 CHEOLOGIA DO INSTITUTO DE GOIMBRA — por J. C. A. de C. 230

### VOLUME XX — MARÇO DE 1875

SEGUNDA SERIE — N.º 11

#### EXPERIMENTAL

Tendo-se este jornal suscitado muito na sua publicação, de-  
 libertaram os seus redactores de accordo com a Administração  
 da Imprensa da Universidade, publicar os numeros alternados  
 alternadamente com os novos, no mais curto espaço de tempo  
 que for possível, até que a publicação enire de novo em dia.  
 Por esse motivo sahir á luz o numero de Dezembro, alternado  
 com o de Maio preferito; e de Janeiro com o de Junho, o de  
 Fevereiro com o de Julho; agora o de Março com o de Agosto,  
 e assim por diante.

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

# OTUTITZMIO

## SUMMARIO

|                                                                                                                                         | Pag. |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| BOSQUEJO OU EXPOSIÇÃO SUMMARIA DA ORGANISAÇÃO DAS FACULDADES DE PHILOSOPHIA NAS UNIVERSIDADES DE AL-<br>LEMANHA — pelo Dr. Tollens..... | 193  |
| A FLORESTA DO BUSSACO — por A. M. Simões de Castro..                                                                                    | 199  |
| CLASSIFICAÇÕES ZOOLOGICAS — por Antonio José Gonçalves<br>Guimarães.....                                                                | 206  |
| CATALOGO DA COLLECÇÃO DE PREPARAÇÕES MICROSCOPICAS<br>— por A. A. da Costa Simões.....                                                  | 213  |
| FALLA DE PRIAMO PROSTRADO AOS PÉS DE ACHILLES PEDINDO<br>O RESGATE DO CADAVER DE HEITOR — por A. J. Viale..                             | 221  |
| CARTAS FAMILIARES — por A. A. da Fonseca Pinto .....                                                                                    | 223  |
| CATALOGO DOS OBJECTOS EXISTENTES NA COLLECÇÃO DE AR-<br>CHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA — por J. C. A. de C.                          | 229  |

II M — SERIE SEGUNDA

## EXPEDIENTE

Tendo-se este jornal atrazado muito na sua publicação, de-  
liberaram os seus Redactores, de accordo com a Administração  
da Imprensa da Universidade, publicar os numeros atrazados  
alternadamente com os novos, no mais curto espaço de tempo  
que for possivel, até que a publicação entre de novo em dia.  
Por esse motivo sahiu á luz o numero de Dezembro, alternado  
com o de Maio preterito; o de Janeiro com o de Junho, o de  
Fevereiro com o de Julho; agora o de Março com o de Agosto,  
e assim por diante.

COIMBRA

IMPRIMTA DA UNIVERSIDADE

## SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

### BOSQUEJO OU EXPOSIÇÃO SUMMARIA DA ORGANISAÇÃO DAS FACULDADES DE PHILOSOPHIA NAS UNIVERSIDADES DE ALLEMANHA

(Continuado do n.º 10, paginas 151)

#### AGRICULTURA

Os estabelecimentos consagrados ao estudo e progresso da agricultura são vastos e bem dirigidos.

Já dissemos que o dominio da agricultura está muitas vezes separado da Universidade; mas as academias agricolas frequentemente se encontram na mesma cidade, e os estudantes da Universidade podem frequental-as e vice-versa.

Têm ellas laboratorio de ensaios para o professor e para os assistentes, e salas para a instrucção practica dos alumnos. Alem d'isso ha estabulos e campo de experiencias, ou uma granja modelo.

Muitas d'estas academias ou *Estações de ensaio* possuem o aparelho de Mr. Pettenkofer para o estudo do producto da respiração dos animaes e do homem com o fim de reconhecer o valor nutritivo dos differentes alimentos.

#### BIBLIOTHECA

As sciencias historicas, philologicas e linguisticas não carecem de edificios espaçosos, mas occupam bastante logar na bibliotheca geral da Universidade.

Muitas vezes o professor de litteratura é ao mesmo tempo director da bibliotheca, porém a opinião geral tende para a sepa-

ração d'este cargo e do professorado, porque a direcção de uma bibliotheca um pouco consideravel exige só por si o emprego completo das forças de um homem.

As differentes Universidades compensam-se entre si tanto pelo que respeita aos cursos como ás bibliothecas. Cada uma d'ellas tracta de ser o mais completa possivel, mas é claro que ainda a mais rica dotação não seria sufficiente para aquisição de todos os livros que se publicam, e d'ahi se segue que as bibliothecas devem fazer escolha, que varia segundo as idéas dos bibliothecarios ou dos professores que sobre elles mais particularmente influem. Assim umas bibliothecas são ricas em manuscriptos, outras em obras de theologia, ou de direito, ou de medicina, ou de sciencias naturaes, ou de historia, etc.

Algumas bibliothecas contêm collecções especiaes, como são documentos diplomaticos, ou collecção numismatica, que estão debaixo da direcção dos professores que se occupam d'estes ramos.

#### GRÁU DE DOUTOR

Os candidatos, que aspiram ao gráu de doutor em philosophia, são obrigados a passar por exame e a apresentar uma these. As disputas publicas tendem successivamente a desaparecer. A these deve conter alguma investigação nova e de valor scientifico, em quanto que um simples thema ou uma composição ordinaria não são sufficientes. É esta ultima circumstancia que sobre tudo faz progredir enormemente as sciencias naturaes, onde ha tantos pontos a esclarecer, mas alem d'isso apresenta ainda outras vantagens aos professores e aos estudantes. Estes ultimos aprendem neste trabalho para o doutoramento os methodos de proceder na investigação de materias desconhecidas e em casos imprevistos, alcançando assim uma preparação util para a vida do magisterio, e ainda para as profissões scientificas e industriaes.

Ao mesmo tempo uma parte da gloria resultante do descobrimento scientifico reflecte naturalmente sobre o professor que dirigiu o trabalho do candidato, porque é evidente que um joven que tenha trabalhado alguns annos em physica, em botanica, em

chimica, etc. e que conheça os methodos de trabalho, não dispõe ainda dos conhecimentos sufficientes da litteratura scientifica, ou do thesouro inexgotavel das idéas fecundas e realisaveis. D'aqui resulta que é quasi sempre o professor que suggere a idéa do trabalho, ou que d'ella é o auctor intellectual.

As theses para os gráus de doutoramento são umas das mais uteis occupaões das Universidades no elevado proposito de fazer adiantar as sciencias, vindo assim a concorrer os doutores, quer fiquem ou não nas Universidades, para que estas cumpram uma das suas missões, que é o progresso das sciencias.

As Universidades, desde a sua fundação, têm sido na Allemanha a predilecção e a gloria dos principes que têm tido uma idéa justa do bem estar dos povos. São as Universidades que têm sempre alimentado o amor das sciencias e ao mesmo tempo as idéas liberaes. É ás Universidades que se tem sempre recorrido nas epochas mais difficeis, e nunca ellas desmereceram a confiança dos que as fundaram e sustentaram. E entre todas as faculdades é a de Philosophia a que tem dado mais provas de ser digna das suas irmãs, e que pelos seus estudos, quer em sciencias, quer nas letras, tem alargado o horizonte theorico e practico dos conhecimentos humanos aos sabios e ás nações.

Universidade de Goëttingen, 7 de janeiro de 1873.

#### Nota explicativa sobre o gráu de doutor nas Universidades allemãs

Em algumas Universidades, por exemplo em Berlim, exige-se que o candidato mostre que frequentou alguns annos (*trienium*) uma Universidade allemã, e que alcançou approvação no exame de madureza para os estudos universitarios — estudos classicos, historia e conhecimentos geraes. — Este exame corresponde ao de *bachelier-ès-lettres* da Universidade franceza. Todavia dispensa-se muitas vezes esta exigencia aos estrangeiros que desejam ser doutorados, com tanto que satisfaçam ás outras condições. Para verificar se possuem algum conhecimento da lingua latina, sub-

jeitam-se a um exame de traducção de algum classico, principalmente quando a these é escripta em latim (Heidelberg, Berlim).

1.º A these, ou dissertação, é em geral considerada a parte principal para obter o gráu de doutor. É necessario que ella contenga algum descobrimento novo e scientifico, quer seja de factos quer seja historico, no ramo especial do candidato. Deve tambem ter sido composta por este, o que elle é obrigado a asseverar por escripto. As theses em materia philosophica devem ser em latim; os outros objectos, principalmente as sciencias naturaes, apresentam bastante difficuldade para serem escriptas em linguas antigas, e muitos sabios, em Allemanha, distinctos na sua especialidade, não possuindo os necessarios conhecimentos da lingua latina, fizeram com que se adoptasse o alvitre de admittir as dissertações compostas em allemão, francez, inglez, etc. A Faculdade dirige-se tambem uma curta exposição biographica da vida scientifica do candidato, na qual elle deve expor a maneira por que adquiriu os seus conhecimentos nos cursos universitarios. Esta — VITA — deve em todo o caso ser escripta em latim, bem como a petição que dirige á Faculdade. A dissertação póde ser substituida no todo ou em parte por obras scientificas anteriores, de que o candidato seja auctor.

2.º Alcançando a dissertação ou as obras do candidato a approvação da Faculdade, passa-se aos *exames*, que constam de questões em tres especialidades do dominio philosophico, entrando nestas a de que tracta a these e mais duas á escolha do candidato. São naturalmente os professores das sciencias de que se tracta que nellas interrogam o candidato, e em geral são mais importantes e mais difficeis as interrogações sobre a sciencia principal que constitue a especialidade do candidato do que sobre as accessorias. Se, por exemplo, é um chimico que se quer doutorar, é elle examinado rigorosamente em chimica, e escolhe a physica ou a mineralogia ou a geologia, ou ainda a botanica ou a zologia para parte accessoria. As Universidades de Berlim, Leipzig, Heidelberg, Iena, etc. exigem duas especialidades accessorias, e em Bonn póde seguir-se a mesma regra, porém tem o direito de exigir mais. Em Goettingen não se pedem ao todo senão duas

especialidades, mas a differença entre a sciencia principal e accessoria é menos pronunciada, porque se se examina um chimico, a physica, a mineralogia, etc. são tractadas com a mesma força do que a chimica.

A maior parte das Universidades dispensam algumas vezes os exames. Esta concessão faz-se unicamente aos sabios que têm feito conhecer o seu nome de um modo favoravel, ou a funcionarios que por diversas causas não podem submeter-se a taes exames. Dá-se-lhe então o gráu — *in absentia*. — Estas promoções — *in absentia* — têm sido dadas mais facilmente aos estrangeiros, porque o exame, alem das difficuldades que lhe são inherentes, causar-lhes-hia outras de linguistica. Todavia as Universidades, que antigamente facilitaram esta concessão, são hoje mais reservadas nesse ponto.

3.º Sendo approvada a these, e sendo satisfactorio o resultado do exame, exigem ainda os regulamentos uma *lição* e uma *disputa* publicas feitas em latim, porque se tracta de provar que o candidato sabe expor bem a sua sciencia e defender os resultados da sua these, ou outras theses e asserções oraes contra os ataques que se lhes podem fazer.

As ceremonias do doutoramento tendem a desaparecer, mas antigamente faziam-se com grande apparato. Em sessão solemne, depois de acabada a lição publica, feita sobre um objecto qualquer á escolha do candidato e no campo da sua sciencia, tres ou mais adversarios oppõem ás suas asserções argumentos mais ou menos resistentes para se retirarem depois de convencidos pela defesa do candidato.

4.º Então o decano da Faculdade lhe toma o juramento de seguir sempre a estrada da sciencia, da moral e da religião, e o proclama solememente doutor, revestindo-o por um momento com o trajo competente.

Os argumentos do candidato e dos adversarios pronunciavam-se em latim; mas sendo hoje difficil fazer uso apropriado d'aquelle idioma na maior parte das sciencias naturaes, tem elle sido geralmente substituido pelo allemão.

Se o candidato obteve dispensa da lição e da disputa, o que

é o caso ordinario, fazem-lhe assignar o juramento de doutor, e é declarado — *Philosophiae doctor et artium magister.*—

Prepara-se-lhe então o diploma, mas geralmente só se lhe entrega este depois de impressa a sua dissertação, o que se faz á sua custa, dando elle caução para o numero de exemplares que a Faculdade tem de distribuir pelos professores, bibliothecas, etc.

O diploma menciona o numero dos exames feitos.

Os direitos, recebidos pelas faculdades, variam bastante. Em Leipzig são 66<sup>2</sup>/<sub>3</sub> Th. (250 fr.); Goëttingen 75 Th. (280 fr.); em Bonn 113<sup>1</sup>/<sub>3</sub> Th. (425 fr.); em Berlin 118 Th. (442 fr.); em Heidelberg 240 fl. (514 fr.), etc. Se o exame do candidato não alcança resultado satisfactorio, restitue-se a maior parte da somma entregue. Heidelberg abate uma parte dos direitos, quando o candidato entrega já a dissertação impressa.

#### DR. TOLLENS

(Aggregado á Universidade de Goëttingen).

## SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

### A FLORESTA DO BUSSACO

Ahi está a soberba matta do Bussaco, esse aprazivel tapete de verdura coroadando as penedias agrestes e escarpadas da montanha. Um estreito muro separa este magnifico arvoredado dos terrenos visinhos; mas a mão do homem soube crear tão grande e primorosa riqueza vegetal no meio da nudez d'aquelles cerros escalvados.

DR. J. A. SIMÕES DE CARVALHO.

Não conhecemos em o nosso paiz floresta mais povoada, mais rica de belleza e variedade de arvores, do que a majestosa e pittoresca matta do Bussaco.

Quem transpõe os muros da cêrca fica verdadeiramente surpreendido e encantado com a formosura, mimo e riquezas vegetaes que ella nos ostenta; e a surpresa é tanto mais agradável, quanto o resto da serra, pela maior parte, se mostra despida e escalvada.

Compacta multidão de arvores gigantescas e majestosas, no seu maior desenvolvimento e vigor, bracejando pittorescamente para todos os lados, entrelaçam e cruzam seus ramos em grande altura, formando esplendentes cupulas de folhagem, que os raios do sol não podem penetrar. Offerecem o mais bello contraste as folhas aciculares dos *Pinheiros* e dos *Cedros* misturadas com a ramagem dos *Loureiros*, dos *Carvalhos* e dos *Platanos*; ao lado dos troncos lisos, direitos e esguios, lenhos nodosos, espessos, irregulares; no meio de grupos de arvores novas, sahindo apenas da infancia, colossos abatidos e prostrados pelo peso de annos,

e que, apodrecendo agora, vão servindo de alimento ás que lhe succedem. Faxas de *Heras* e outras trepadeiras, cingindo os troncos musgosos, e passando de uns para os outros, sobem á maior altura do arvoredos, e d'ahi ficam pendentes em graciosos festões.

Por baixo das arvores mais corpulentas, e como protegidas por seus ramos colossaes, surge d'aquelle solo fecundo vasta republica de arbustos e moitas de plantas mais rasteiras, ostentando tambem uma vegetação vigorosa e exuberante. Não ha um palmo de terreno descoberto; as mesmas pedras e rochedos se vêem atapetados de viçosos e fofos musgos, de mimosas e variadas relvas.

Os estrangeiros, que têm viajado pelos formosos valles e pittorescos montes da celebrada Suissa, ficam surprehendidos e admirados do vigor, variedade e encantos que se encontram nesta extensa floresta.

O principe de Lichnowsky, que percorreu o nosso paiz em 1842, sentiu-se por tal modo entusiasmado quando a visitou, que disse julgar-se transportado aos antiquissimos bosques do Oriente, e não ter duvida em affirmar que a matta do Bussaco não tem egual na Europa.

Muito curiosa é a descripção que faz o elegante chronista fr. João do Sacramento das riquezas vegetaes do Bussaco, e por isso a transcrevemos:

«Mas quem poderá decifrar em numeros, ou numerar por seus nomes, não já os individuos, mas ainda as especies de arvores, que o auctor da natureza clausurou no recinto de Bussaco? Alem das plantas conhecidamente vulgares, se desentranha o terreno na producção de *Lentiscos*, *Azereiros*, *Azevinhos*, *Adernos*, *Espineiros*, *Cedros*, *Platanos* e *Cinamomos*; e com tal feracidade, que a mais vasta noticia d'esta frondosa republica o não poderá notar de mesquinho, na esterilidade de alguma. Discorria em certa occasião o sitio o reverendissimo padre fr. Jeronymo de Saldanha, D. abbade geral da ordem de S. Bernardo, acompanhado do prior actual da casa fr. Paulo do Espirito Sancto; e, notando a fecundidade da natureza na procreação de tão bastos e diversos arvoredos, a censurava de não produzir alli o *Teixo*, arvore de mais gala, que serventia, e de qualidades tão nocivas,

que dizem ter na sombra antipathia com a saude, e ainda com a vida de todos os animaes. Calava-se o prior á queixosa censura do geral; mas, chegando á fonte, que chamam Fria, lhe deram a resposta tres plantas da mesma especie, que buscava. Vendo a satisfação do queixume, e o desvanecimento da opinião, de que era singularidade de Alcobaça produzir a tal planta, teve de confessar a Bussaco por um mappa do arvoredo do mundo. D'ellas, já arruadas á corda, já em mattas cerradas, é tal a multidão de arvores, que havendo tempestade, que prostrou mil páos dos mais soberbos, não fez ao resto do vegetavel córte sensível, apparecendo depois vestido, como se não fôra rosto da tormenta.

«Das hervas cheirosas, como *Legação*, *Madresilva*, *Trevo real*, *Betonica*, e tantas outras que na penna não cabem, se ornã os estrados, e tecem alcatifas dos montes e valles, onde por ostentação da pompa, ou vaidade do caduco de suas verduras se senta e descança a primavera quasi todo o anno. As medicinaes, pelas qualidades dos tres elementos agua, terra e ar, são de sorte proficuas á restauração da saude, que Grisley, insigne herbolario italiano, em um tractado que da materia compoz, affirma que, havendo peregrinado a maior parte da Europa, encontrara na serra do Bussaco quasi todas as hervas, que descreve Laguna sobre Dioscorides; com a excellencia de serem vigorosas, sobre as que a herbolaria conhece. O mesmo contesta a pharmacopolea, sinaladamente do fillipodio; e, quando não cante a victoria, póde Bussaco jactar-se de competir inculto com os celebres parques ou jardins de Pavia e Veneza, cultivados para o mesmo intento e fim.»

As arvores e arbustos de que principalmente se compõe a matta e que nella vegetam espontaneas, ou quasi espontaneas, são as seguintes:

- Cercis siliquastrum* — Olaia.
- Fraxinus excelsior* — Freixo.
- Olea europæa* — Oliveira.
- Castanea vulgaris* — Castanheiro.
- Quercus racemosa* — Carvalho branco.
- Quercus pubescens* — Carvalho pardo da Beira.

- Betula alnus* — Amieiro.  
*Persea indica* — Vinhatico.  
*Cydonia lusitana* — Marmeleiro.  
*Corylus avellana* — Avelleira.  
*Buxus sempervirens* — Buxo.  
*Quercus suber* — Sobreiro.  
*Pyrus communis* — Pereira.  
*Acer campestre* — Bordo.  
*Pinus maritima* — Pinheiro bravo.  
*Pyrus pyraster* — Catapreiro.  
*Juglans regia* — Nogueira.  
*Cupressus clauca* — Cedro do Bussaco.  
*Ilex aquifolium* — Azevinheiro.  
*Viburnum tinus* — Folhado.  
*Crataegus oxyacantha* — Pilriteiro.  
*Robinea pseudo-acacia* — Acacia bastarda.  
*Hedera helix* — Hera.  
*Myrtus communis* — Murta.  
*Spartium junceum* — Giesteira.  
*Laurus nobilis* — Loureiro ordinario.  
*Betula alba* — Vidoeiro.  
*Cerasus lusitana* — Azereiro.  
*Rhamnus frangula* — Sanguinho d'agua.  
*Citrus aurantium* — Laranjeira.  
*Phillyrea angustifolia* — Lentisco bastardo.  
*Sambucus nigra* — Sabugueiro.  
*Cerasus padus* — Azereiro dos damnados.  
*Pyrus malus* — Macieira.  
*Prunus domestica* — Ameixieira mansa.  
*Rhamnus alternus* — Sanguinho das sebes.  
*Prunus cerasus* — Cerejeira.  
*Salix atro-cinerea* — Salgueiro preto.  
*Arbutus unedo* — Medronheiro.

Das madeiras de todos estas especies appareceu na exposiçãõ do Porto de 1865, uma bem disposta collecção, organisa da pelo distincto agronomo, o sr. D. José de Alarcão, que acompanhou

as amostras com os nomes vulgares e scientificos que acima transcrevemos.

As especies referidas são só as indigenas, que, segundo disse-  
mos, vegetam no Bussaco espontaneamente ou quasi espontaneas.

Em plantas exoticas é tambem riquissima a matta do Bussaco: esta riqueza porém só lhe proveio, depois que a floresta foi in-  
corporada na administração geral das mattas do reino. Desde  
então têm-se feito alli numerosas e variadas plantações, que já  
se apresentam vigorosas e com grande desenvolvimento.

Do notavel incremento que tem tido nos ultimos tempos a ar-  
boricultura do Bussaco, poder-se-ha fazer idéa pela auctorizada  
informação do respeitavel agronomo e eximio redactor do *Archivo*  
*Rural*, o sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares, que, tendo  
ido passar alli parte do verão de 1859, publicou as seguintes no-  
ticias naquelle excellente periodico:

«Residimos toda a temporada na matta do Bussaco, que é a  
dama dos nossos pensamentos. Por encarecimento de seus dons,  
alguns lhe chamam Cintra do norte, mas parece-nos que desfazem  
no que pretendem engrandecer e louvar. Em Cintra o que ha-  
verá que ver, alem do que alli tem feito um principe de alto en-  
tendimento e ardente dedicação pelas cousas de Portugal? No  
Bussaco não sobresahe, é verdade, a obra dos homens, mas ha  
muito que admirar na obra de Deus, que revela a sua omnipo-  
tencia na majestade da vegetação.

.....  
«E não se attribua a mania esteril a nossa afeição pelo Bus-  
saco. A belleza e amenidade d'este antigo e sancto retiro inspira  
uma doce e mysteriosa melancholia a quem o contempla; mas  
não é só por este lado que nos arrebatá o pensamento: conside-  
rações menos poeticas e mais positivas é que de todo nos pren-  
dem ao seio d'aquella deliciosa floresta.

«Na matta do Bussaco vegeta a Laranjeira (*Citrus aurantium*)  
e o Videiro (*Betula alba*). Está claro que entre os extremos de  
uma escala formada por estas duas plantas, podem florescer mi-  
lhares d'ellas; e por isso acreditamos que alli se podem fazer  
extensos ensaios de aclimação de arvores florestaes exoticas, com

acrescentamento da natural belleza da cêrca, e por conveniencia dos interesses economicos do paiz.

«E acreditamol-o, não só fundados em razões de analogia, mas já em provas directas e factos concludentes. Vai para quatro annos que o governo incorporou na administração geral das mattas do reino a matta do Bussaco. Então havia perto de vinte especies florestaes indigenas; e hoje muitas exoticas, já alli radicadas, promettem esperançosos resultados. Varias especies de *Carvalhos* e *Freixos do Mexico*, diversos exemplares do genero *Acer*, *Betulas*, *Faias*, *Nogueiras pretas*, *Tilias*, *Catalpas*, *Pawlonias*, *Choupos*, e muitas outras especies indigenas completam uma consideravel collecção de plantas folhosas, novamente introduzidas no Bussaco. Dois exemplares da *Casuarina equisetifolia*, que apenas tem dois annos, apresentam um vigor de vegetação admiravel. As *Coniferas* exoticas estão tambem alli representadas por curiosos individuos das tribus das *Cupressineas*, das *Abietineas*, das *Taxineas*, e das *Podocarpeas*. Os *Juniperos bermudianos*, os da Virginia, e outros medram no Bussaco a olhos vistos, assim como os *Cedros deodara*, os do Libano e atlanticos. Encanta ver o desenvolvimento rapido de uma *Araucaria Conninghami*; as *Brasiliensis*, de que ha para cima de vinte exemplares, estão muito viçosas. Das *Taxineas* temos lá varias especies; o *Taxodium sempervirens* avanta-se a todas. Encontram o terreno caroavel cinco especies de *Abetos*; do *Pectinata*, e do *Picea* ha para mais de quarenta exemplares. Os *Pinheiros* elevam-se com ufanía; o *Sylvestris*, *Canariensis*, *Nigra*, *Laricio*, *Insignis*, desenvolvem-se admiravelmente. Dos *Pinheiros* novos do Mexico possui o Bussaco uma collecção de vinte especies; foram alli semeados ha pouco mais de um anno, e estão bem dispostos. Do *Pinus pinsapo* ha um exemplar lindissimo de tres annos, e para mais de cem ainda novinhos. De outras arvores menos notaveis tem-se feito uma soffrivel collecção.

Quando a matta do Bussaco era respeitada como logar de penitencia, devoção e sanctidade, ainda os seus arvoredos se não julgavam bem guardados pela constante vigilancia de seus venerandos habitadores; tanto que em 1643 Urbano VIII fulminou uma

excommunhão a quem destruisse qualquer arvore dentro d'aquelle sagrado asylo. Naquellas eras o successor de S. Pedro fechava as portas do céu aos que attentavam contra as arvores do Bussaco; fulminar-se-hão hoje com desconsiderações os que promovem a sua conservação e accrescentamento?

De 1859 até hoje têm continuado as novas plantações no Bussaco. As arvores modernamente plantadas apresentam-se promettedoras o mais possivel, e muitas ostentam já um desenvolvimento admiravel. Merecem especial menção os formosos grupos ao lado e para baixo do mosteiro, os que ficam superiores á fonte de Sancta Theresa, e as plantações da clareira ao lado e inferior á rua da Rainha.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

### INTRODUÇÃO

Quando tentamos o estudo da natureza, encontramos logo no começo um certo embaraço causado pela multiplicidade dos objectos que se nos apresentam. Não há, porém, nos nossos princípios de botânica, constata-se um certo embaraço devido ao grande número de conhecimentos, de modo que para o futuro os trabalhos de encontrar e recortar nos livros de botânica, depois de percorrer a nossa collecção com alguns comentários, elevamos-os para a parte por uma serie não interrompida de abstracções e generalizações, a descoberta das leis que os regem, e procuramos finalmente subordinar estas mesmas leis a um pequeno numero de principios gerais. Empraticamente não há estes principios gerais, a sciencia não existe.

Portanto a consideração d'uma sciencia applicada como fundamental, 1.ª a observação e a verificação dos factos; 2.ª a sua classificação; isto é, a distribuição dos objectos (ou factos) comparados em grupos, subordinados uns aos outros segundo os seus principios de similitude.

Praticamente dividem-se as classificações em naturaes e artificiaes. As primeiras applicam-se a objectos que se encontram na natureza segundo os principios que constam d'ella, e as naturaes applicam-se a objectos que se encontram na natureza artificial; as

## CLASSIFICAÇÕES ZOOLOGICAS

Il est des difficultés communes à toutes les sciences ; il en est aussi de propres à chacune. Celles que nous rencontrons dans l'étude de la nature organique sont telles que, nulle part ailleurs, l'esprit humain ne saurait avoir à en surmonter de plus grandes et, en apparence, de plus invencibles. Immensité du nombre, complexité et instabilité des phénomènes, multiplicité des causes d'erreurs, tout ici se réunit contre nous.

I. GEOFFROY SAINT-HILAIRE, *Hist. Nat. Gen.*,  
tom, 1.º cap. iv.

## INTRODUÇÃO

Quando tentamos o estudo da natureza, encontramos logo no começo um certo embaraço causado pela multiplicidade dos objectos que se nos apresentam. Então um dos nossos primeiros trabalhos consiste em os irmos agrupando segundo as suas qualidades conhecidas, de modo que para o futuro os possamos facilmente encontrar e recordar-nos d'essas qualidades. Depois, enriquecendo a nossa collecção com outros conhecimentos, elevamo-nos pouco a pouco, por uma serie não interrompida de abstracções e generalisações, á descoberta das leis que os regem, e procuramos finalmente subordinar estas mesmas leis a um pequeno numero de principios geraes. Emquanto não ha estes principios geraes, a sciencia não existe.

Portanto a constituição d'uma sciencia suppõe como fundamento: 1.º a observação e a verificação dos factos; 2.º a sua classificação, isto é, a distribuição dos objectos (ou factos) comparados em grupos, subordinados uns aos outros segundo os seus graus de similhaça.

Practicamente dividem-se as classificações em naturaes e artificiaes. As primeiras applicam-se a objectos ou a seres dispostos segundo os principios que constituem a sua natureza intima; as

segundas ordenam os objectos em relação a um ou a pequeno numero de caracteres escolhidos arbitrariamente, e têm por fim auxiliar a memoria no estudo d'estes objectos ou d'estes seres.

Verdadeiramente logicas são apenas as classificações naturaes; mas na infancia d'uma sciencia, enquanto não é conhecida a estrutura dos objectos, é forçoso recorrer, ao menos provisoriamente, ás classificações artificiaes, que facilitam o estudo e acabam mais tarde por desaparecer, sendo substituidas pelas primeiras.

Convem todavia advertir que, para um systema ser natural, é necessario e basta que as relações estabelecidas estejam completamente d'accordo com a observação dos mesmos objectos ou seres na natureza; embora para isso o seu auctor tenha de recorrer a qualquer artificio. Por outras palavras, devemos dispor os objectos em harmonia com as suas relações intimas, e ao mesmo tempo systematisar esta disposição, definindo-a d'um modo claro ao espirito. D'aqui a necessidade da formação dos grupos.

Se nos limitassemos a collocar os objectos por forma que os mais proximos fossem tambem os mais semelhantes, diriamos que os *ordenavamos em serie*, mas não que os *classificavamos*.

Da definição de classificação resulta que é necessario: 1.º comparar os objectos; 2.º distribuil-os em grupos; 3.º subordinar estes grupos uns aos outros segundo os seus graus de similhaça.

Num objecto, mesmo dos que se nos apresentam como muito simples, ha sempre uma grande variedade de circumstancias a attender; é, pois, necessario olhal-o por todos os lados, notando todos os seus aspectos, todas as suas qualidades, não só em cada instante, mas ainda nos diferentes instantes successivos; o que se costuma resumir dizendo: que os objectos se devem estudar em todas as suas *faces* e em todas as suas *phases*.

Por este rigoroso exame o espirito é naturalmente levado a fazer uma analyse tambem rigorosa, preparando assim os materiaes para a comparação; e esta, examinando as idéas que são communs a um certo numero de objectos, é, por sua vez, o meio de que a generalisação se serve para reunir cada grupo de idéas communs numa só idéa geral, que se estende a todos elles. Mas

a formação das idéas geraes, e portanto dos grupos, não deve ser feita arbitrariamente, como, á primeira vista, se pode entender pelo que precede; é tambem necessario que os objectos reunidos em cada um, apezar das suas differenças individuaes, tenham sempre entre si maior numero de analogias do que com quaesquer outros.

Não devemos esquecer que a idéa geral é unicamente formada pelos elementos communs a todos os objectos do grupo, para não a confundirmos com a *idéa classica*<sup>1</sup>. Esta, alem dos elementos communs, comprehende as differenças individuaes: assim a idéa que nós fazemos de *peixe* é uma *idéa classica*, e não uma *idéa geral*; porque, alem dos characteres proprios do grupo, comprehende todos os que se notam em cada individuo.

Pelo processo precedente temos conseguido formar de todos os objectos um certo numero de grupos, a cada um dos quaes corresponde uma idéa geral. Agora, operando em relação a estas idéas geraes do mesmo modo que operámos em relação aos primeiros objectos, conseguiremos formar uma segunda ordem de grupos, a que correspondem idéas geraes menos comprehensivas, mas mais extensivas do que as primeiras; e, continuando do mesmo modo, chegaremos a obter uma só idéa geral, a menos comprehensiva de todas, extendendo-se a todos os objectos primitivos. Este grupo é o que se chama *genero maximo*; os grupos menos extensivos são as *especies minimas* ou *infimas*.

A expressão ideographica do que temos feito será:

$$\begin{array}{l}
 \alpha X \dots \\
 \beta X' \dots \\
 \gamma XX'' \dots \\
 \dots \dots \dots
 \end{array}
 \left\{
 \begin{array}{l}
 \lambda XX'X'' \\
 \mu XX'X''' \\
 \dots \dots \dots \\
 \pi XX''X''' \\
 \rho XX''X'''' \\
 \dots \dots \dots \\
 \dots \dots \dots
 \end{array}
 \right.$$

<sup>1</sup> Não esqueçamos tambem que se tracta de classificação geral, para não a confundirmos com a idéa de *classe*.

á qual chamaremos — prototypo de classificação geral —.  $X$ ,  $X'$ ,  $X''$ ..., são as idéas elementares; as letras gregas referem-se á extensão. As differentes ordens de grupos que se formaram têm o nome de *successivas*; por exemplo, o nosso prototypo tem tres *successivas*. As idéas geraes que se agrupam em cada *successiva* têm o nome de *parallelas*, de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>,... ordem, conforme a *successiva* a que pertencem. Finalmente, duas *parallelas* da mesma ordem dizem-se *irmãs*, quando resultam da subdivisão d'uma mesma *parallelas* da *successiva* antecedente; então esta diz-se *mãe* em relação ás outras, que são *filhas*. Fica portanto evidente que a extensão de qualquer *parallelas* é sempre igual á somma das extensões das suas filhas.

Supponhamos agora que a *parallelas*  $\lambda XX'X''$  abrange todos os peixes, com exclusão dos outros animaes;  $XX'X''$  é a idéa geral do grupo, ao passo que a idéa classica será representada por  $XX'X''\Sigma x$ , sendo  $\Sigma x$  a somma dos caracteres necessarios para, com a idéa geral, podermos constituir um individuo.

Formados que sejam os grupos, e subordinados uns aos outros, como o prototypo indica, resta nos ainda ordenar as partes de cada grupo. Esta operação varia segundo a natureza da classificação e a ordem do grupo; comtudo numa classificação natural, os objectos mais semelhantes devem ser tambem os mais proximos.

Na classificações temos ainda a distinguir a *fórma* e o *fim*.

A *fórma* é caracterisada pelo numero de *parallelas* irmãs em cada *successiva*. Se este numero é 2, a *fórma* é *dichotomica* ou *bifurcada*; se é superior a 2, a *fórma* é *polychotomica* ou *multifurcada*.

A *dichotomica* pode ser de duas especies, a saber: *omnicomprehensiva*, quando abrange todos os objectos que deve abranger: *exhaustiva*, quando o character d'um dos dois grupos é contradictorio com o do seu irmão. A esta ultima podem reduzir-se todas as classificações *polychotomicas*.

Fim da classificação é o conhecimento mais geral e importante que pode ser extrahido de qualquer grupo isolado e do todo harmonico formado pelos grupos. Por exemplo, o fim das classificações zoologicas naturaes é a *synthese* de todos os nossos conhe-

cimentos scientificos ácerca dos animaes. A classificação deve ter todas as suas partes encaminhadas para o mesmo fim, isto é, deve ter *unidade*.

Uma classificação resumida quanto possivel, ficando os desenvolvimentos para outras classificações completas, tem o nome de *clave*; mas ordinariamente dá-se este nome á que termina nos grupos que o auctor chama propriamente *classes*.

## CAPITULO PRIMEIRO

**SUMMARIO.** — Grupos extremos. A sciencia não toma conta das diferenças individuaes. Necessidade de fixar algumas successivas intermedias e dar-lhes uma nomenclatura propria. Ramos, classes, ordens, familias, generos, especies. Idêa typica.

Princípio da subordinação dos characteres. Sua importancia. Afinidades naturaes e analogias. Transição lenta entre os diferentes typos paralelos de cada successiva. Tentativas para agrupar os animaes numa grande serie linear; opinião de M. Edwards. Homologias e homotypias.

### I

Quando se tracta de classificações zoologicas, o genero maximo é todo o reino animal, e não se costuma dar o nome de *especies*<sup>1</sup> senão aos grupos menos extensivos, isto é, ás especies minimas da classificação geral; os objectos são todos os individuos do reino.

Dissemos que o estudo completo de cada individuo deve ser feito em todas as suas faces e em todas as suas phases; mas, como a Historia Natural não tem interesse nas diferenças meramente individuaes, e só pode occupar-se do conhecimento da especie, torna-se necessario que os characteres de que houvermos de lançar mão para a distinguir, sejam independentes da phase e da região do globo onde se encontre qualquer animal.

O prototypo de classificação geral mostra evidentemente que a idêa de especie é egual á somma da idêa mais geral (a do reino animal, no nosso caso) com as differenciaes proprias das outras

<sup>1</sup> Era muitos casos a especie divide-se ainda em *raças*, e estas em *variedades*.

successivas. Ora, se nós tivéssemos de indicar todas estas differencias, a descripção das especies seria em extremo fastidiosa, e de tal modo difficil que a sciencia não podia progredir. Tornou-se, pois, necessario fixar algumas successivas intermedias e dar-lhes uma nomenclatura propria; partindo do reino para a especie, as principaes são: o *ramo*, a *classe*, a *ordem*, a *familia* e o *genero*.

«D'este modo indicariamos perfeitamente qualquer especie: dizendo o nome da parallela correspondente a cada uma d'estas successivas, e ajunctando em seguida a sua differencial em relação ás outras especies do mesmo genero.

Toda a difficuldade consiste agora em determinar com bastante nitidez os caracteres que hão de corresponder a cada successiva principal. Neste ponto a sciencia encontra-se ainda muito atrasada, apesar dos esforços empregados pelos naturalistas, não sendo raro encontrar agrupadas numa mesma successiva parallelas de ordens realmente differentes. L. Agassiz é de todos o que mais tem concorrido para preencher esta lacuna; as idéas que vão seguir-se são extrahidas de um seu livro — *Da especie* —; nós faremos quanto possivel para não alterarmos as proprias expressões do auctor:

«Todos concordam, diz elle, em considerar a estrutura como o guia mais facil, senão o mais seguro, que pode seguir quem tenta determinar as relações existentes entre os animaes; mas no modo como se deve entrar em consideração com este elemento é que se encontram as divergencias.

«A estrutura pode ser encarada debaixo de diversos pontos de vista. Pode-se-lhe considerar: 1.º o plano adoptado pelo seu auctor; 2.º o papel que ella tem a desempenhar e os meios empregados para a edificar; 3.º a sua perfeição ou gráu de complicação; 4.º a fórma do todo e a das partes; 5.º a execução das particularidades nas partes individuaes.

«A observação mostra que, na natureza, a estrutura está subordinada a um certo numero de planos diversos. D'aqui a formação d'outros tantos grupos primordiaes ou ramos.

«Para determinar a classe é necessario procurar o modo como

a idéa fundamental do plano se acha realisada em todos os animaes que a apresentam.

«As ordens resultam dos diversos gráus de perfeição ou de complexidade de estructura, nos limites da classe.

«As familias são grupos naturaes characterizados pela fórma tal como ella é determinada pelas particularidades da estructura.

«Os generos são grupos de animaes muito estreitamente allia- dos, que differem, não pela fórma nem pela complicação de estru- ctura, mas pelas particularidades infimas da estructura de algumas partes.

«Especie é um grupo de animaes characterizados por todas as relações definidas com o mundo exterior.»

Posto isto, voltemos novamente á formação da idéa geral, re- ferindo nos agora ás classificações historico-naturaes. Quando se estudam os seres organisados, nunca se encontra uma propriedade repetida do mesmo modo em dois individuos; por tanto, em rigor, a idéa geral não se poderia formar, se não estivessemos habitua- dos a abstrahir d'essas variações. D'aqui resulta que essa idéa geral não se comprehende exactamente na dos individuos da sua extensão, mas é antes um limite para que todos elles parecem tender, sem nunca o chegarem a atingir; chamou-se-lhe por isso *idéa typica*.

Ora é esta *idéa typica* que, nas successivas principaes, consti- tue o *typo do ramo*, o *typo da classe*, da *ordem*, da *familia*, etc.; e é a este *typo* que se referem propriamente as descripções dos tractados de zoologia.

(Continúa) ANTONIO JOSÉ GONÇALVES GUIMARÃES.

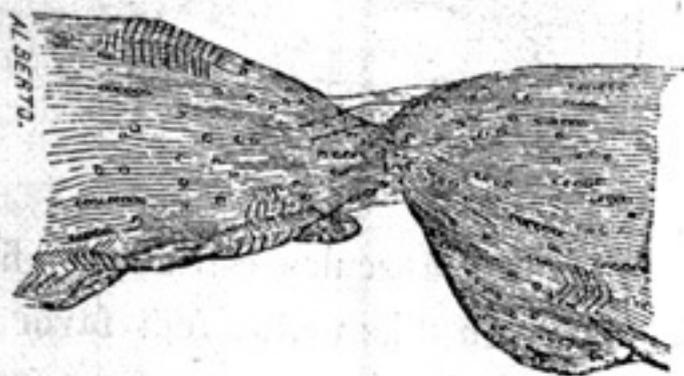
### CATALOGO DA COLLECÇÃO DE PREPARAÇÕES MICROSCOPICAS <sup>1</sup>

Nesta collecção de peças microscopicas do gabinete de histologia de Coimbra, em numero de 870, acham-se 242 preparadas por alumnos da cadeira respectiva; algumas das quaes eu aproveito para o meu livro, ainda inedito, *Physiologia geral dos musculos com a histologia correspondente*.

Como simples amostra do aproveitamento e dedicação d'aquelles alumnos por este genero de trabalhos, e da pericia bem conhecida do preparador d'este gabinete, apresento aqui 18 das gravuras destinadas ao meu livro, todas relativas á histologia dos musculos, as unicas de que posso dar conhecimento na actualidade. O desenho sahiu com a maior fidelidade que poderia esperar-se d'um esculpulo empregado da camera clara; e o trabalho de gravura foi desempenhado pelo habil gravador de Lisboa, Cactano Alberto da Silva, cujo merecimento se torna aqui mais notavel por ser este o seu primeiro trabalho de gravuras de histologia.

(Fig. 1.) Musculosestriados — fibra muscular da rã, partida, mostrando nesse ponto o sarcolema. Tractada pela soda.

Augmento 250 diametros.

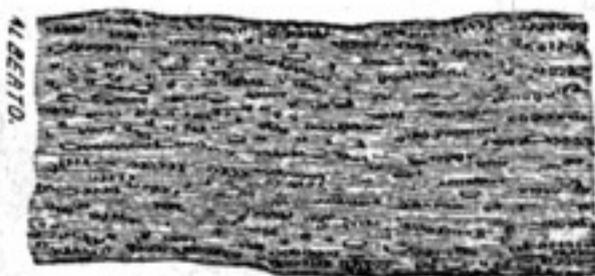


Preparação e desenho de Sousa Nazareth (estudante).

<sup>1</sup> Extrahido d'um catalogo publicado em 1873 com o — *Programma da cadeira de histologia e de physiologia geral da Universidade de Coimbra*.

(Fig. 2.) Musculos estriados — fibra muscular da rã, com gottinhas de gordura em series longitudinaes. Tractada pela soda.

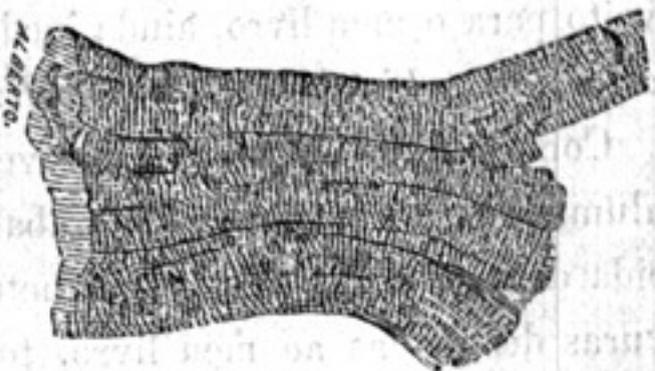
*Augmento 250 diametros.*



*Preparação e desenho de Sousa Nazareth.*

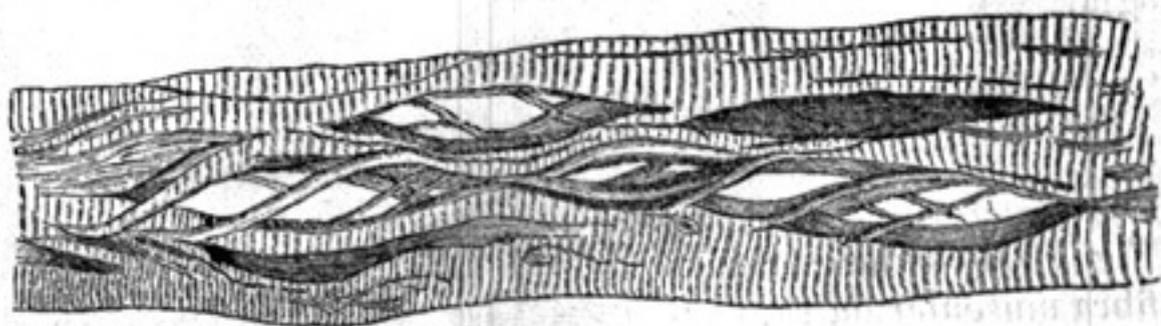
(Fig. 3.) Musculos estriados — fibra muscular do boi, mostrando-se quasi desfiada num dos topos (em favor da sua estructura fibrillar). Sem re-agente.

*Augmento 250 diametros.*



*Preparação de Costa Simões (director do gabinete de histologia).*

*Desenho de Sousa Nazareth.*

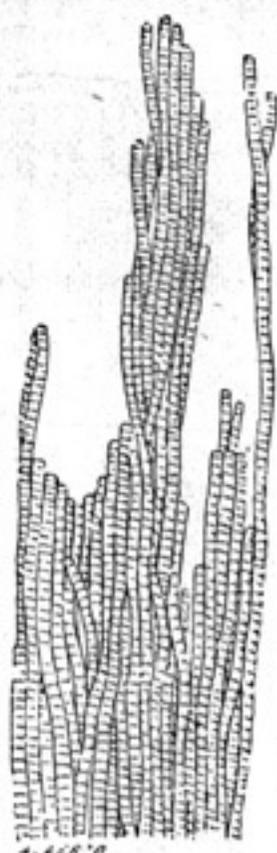


(Fig. 4.) Musculos estriados — fibra muscular da rã, decompondo-se em filamentos (em favor da sua estructura fibrillar). Tractada pelo alcool.

*Augmento 300 diametros.*

*Preparação de Costa Duarte (preparador do gabinete de histologia).*

*Desenho de Julio Henriques (professor de botanica).*

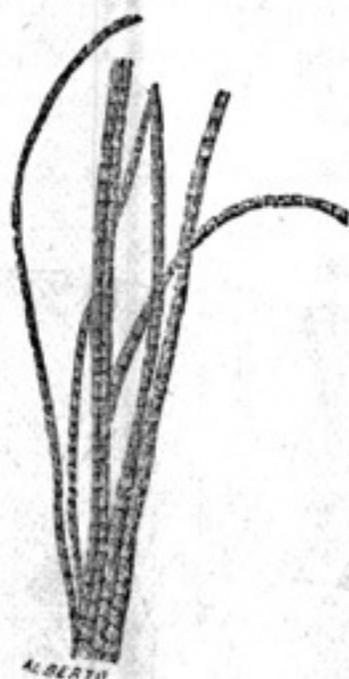


(Fig. 5.) Musculos estriados — fibra muscular da rã, desfiada (em favor da sua estrutura fibrillar). Tractada pelo acido chromico e depois pelo acido chlorhydrico.

*Augmento 250 diametros.*

*Preparação de Ayres d'Ornellas (estudante).*

*Desenho de Sousa Nazareth.*

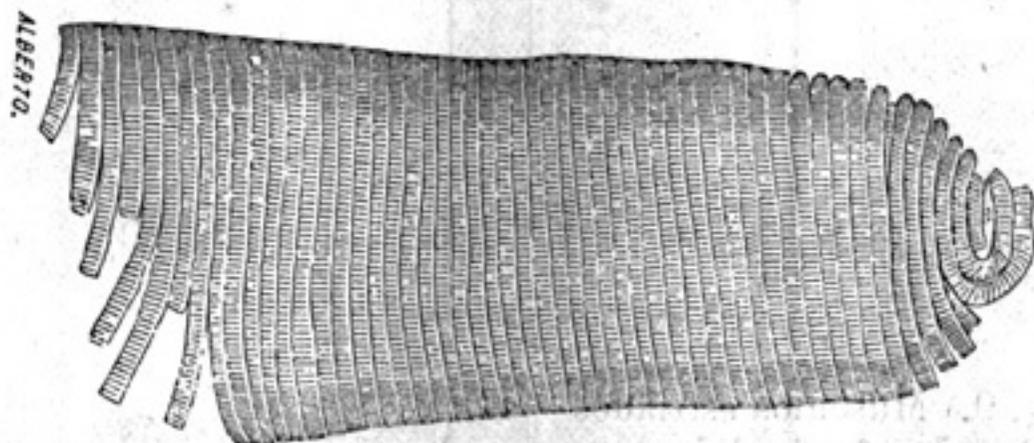


(Fig. 6.) Musculos estriados — filamentos desligados d'uma fibra ou fasciculo primitivo (em favor da sua estrutura fibrillar). Tractada pelo acido chromico e depois pelo acido chlorhydrico.

*Augmento 300 diametros.*

*Preparação de Ayres d'Ornellas.*

*Desenho de Saraiva (stud.º).*

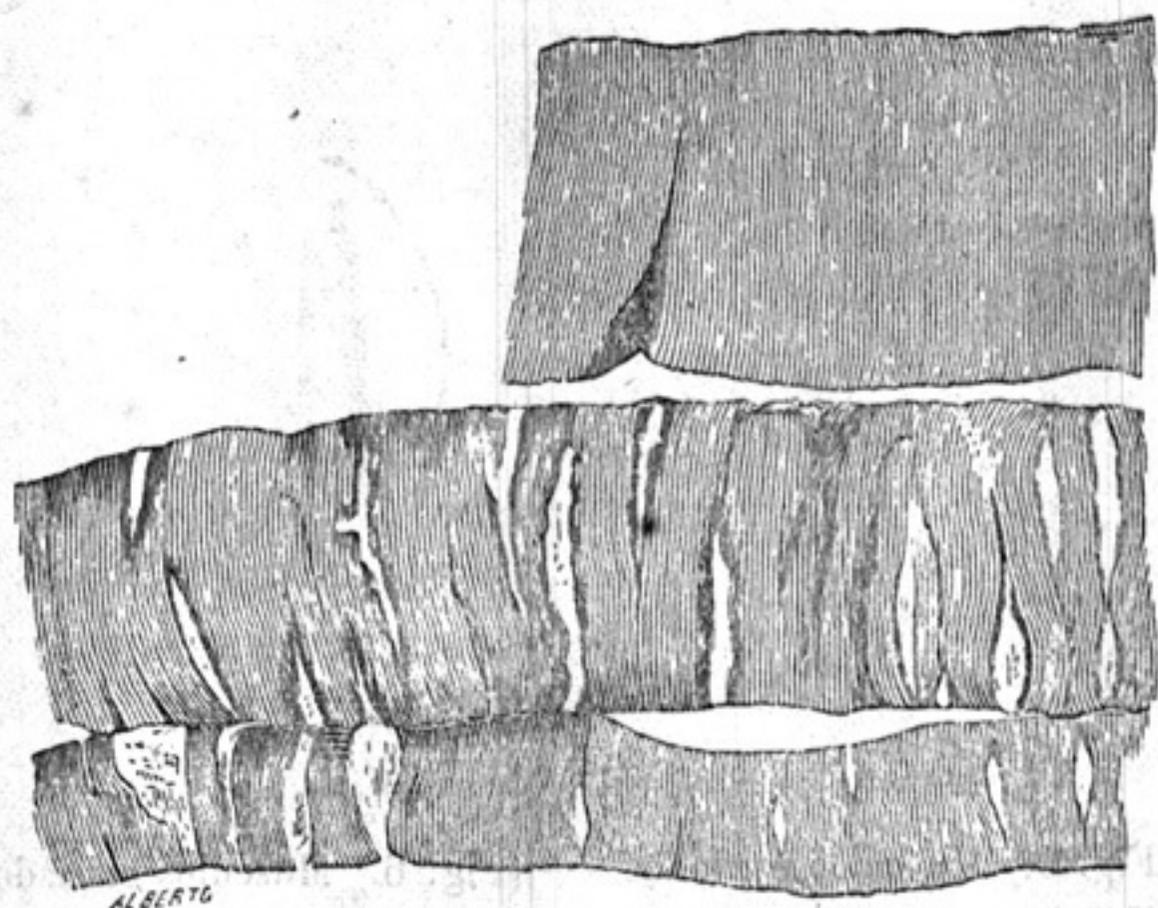


(Fig. 7.) Musculos estriados — fibra muscular do *hydrophilus pistaceus*, a decompor-se em rodelas ou discos (em favor da sua estrutura discoide). Sem reagentes.

*Augmento 250 diametros.*

*Preparação de Costa Simões.*

*Desenho de Sousa Nazareth.*



(Fig. 8.) Musculos estriados — fibras musculares da rã, fendidas transversalmente (em favor da sua estrutura discoide). Tractadas pelo acido chlorhydrico.

*Augmento 300 diametros.*

*Preparação de Costa Duarte.*

*Desenho de Julio Henriques.*

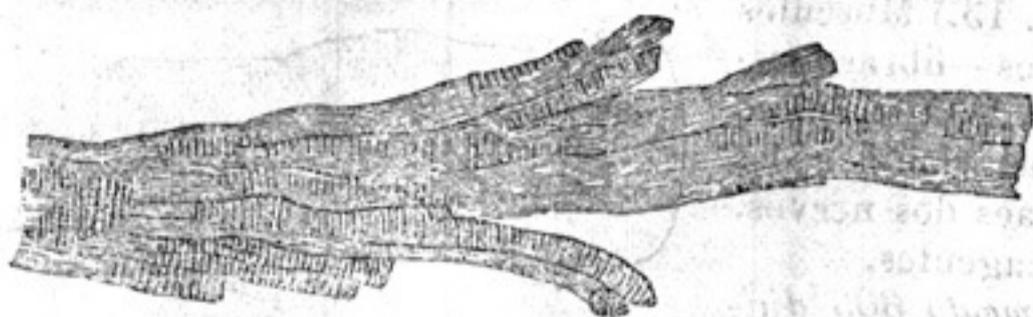
(Fig. 9.) Musculos estriados — fibra muscular da rã, fendida transversalmente, deixando ver o sarcolema em alguns pontos (em favor da sua estrutura discoide). Tractada pelo acido chlorhydrico.

*Augmento 300 diametros.*

*Preparação de Costa Duarte.*

*Desenho de Saraiva.*





(Fig. 10.) Musculos estriados — fibras musculares do coração da vitella, ramificadas e ligadas por anastomose. Maceração em agua por seis dias.

*Augmento 250 diametros.*

*Preparação de Costa Simões.*

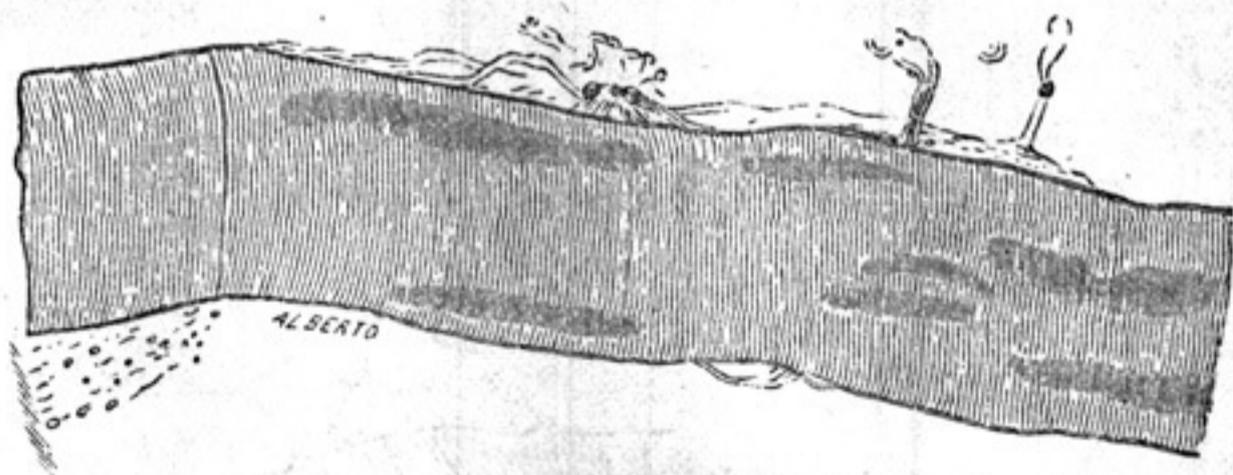
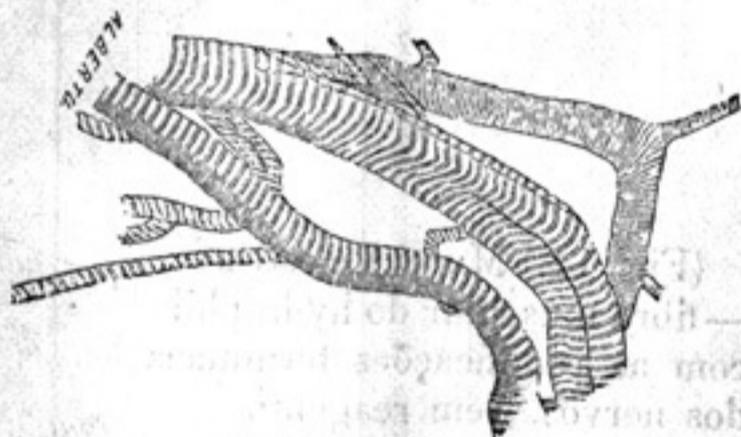
*Desenho de Sousa Nazareth.*

(Fig. 11.) Musculos estriados—fibras musculares do coração da vitella, ramificadas e ligadas por anastomose. Sem reagentes.

*Augmento 250 diametros.*

*Preparação de Costa Simões.*

*Desenho de Sousa Nazareth.*



(Fig. 12.) Musculos estriados — fibra muscular de hydrophilo com os filamentos nervosos que alli terminam. Sem reagentes.

*Augmento 300 diametros.*

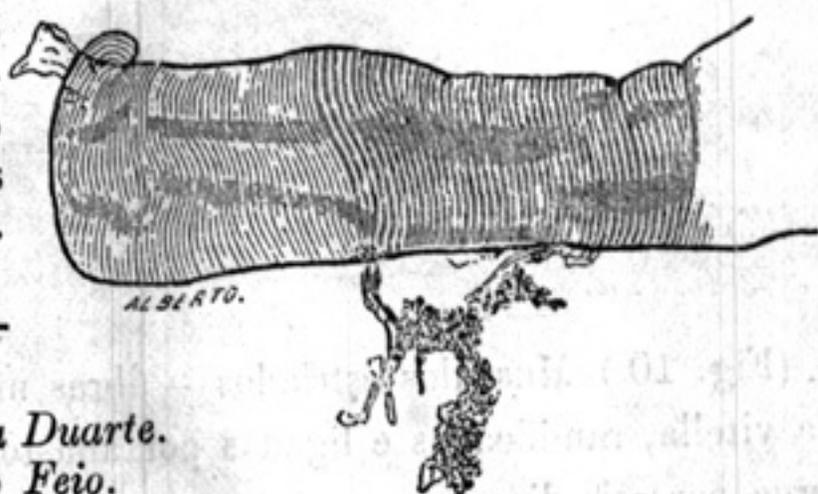
*Preparação de Costa Duarte.*

*Desenho de Araujo Feio (desenhador da commissão geologica de Lisboa).*

(Fig. 13.) Musculos estriados—fibras musculares do hydrophilo com as ramificações terminaes dos nervos. Sem reagentes.

Augmento 300 diametros.

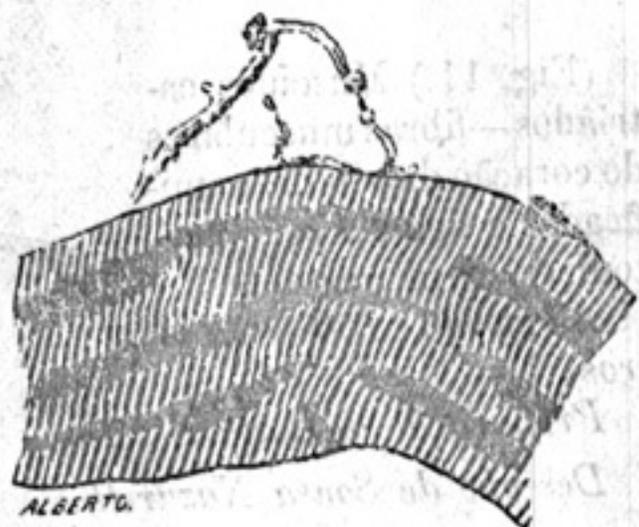
Preparação de Costa Duarte.  
Desenho de Araujo Feio.



(Fig. 14.) Musculos estriados—fibra muscular do hydrophilo com as ramificações terminaes dos nervos. Sem reagentes.

Augmento 300 diametros.

Preparação de Costa Simões.  
Desenho de Araujo Feio.

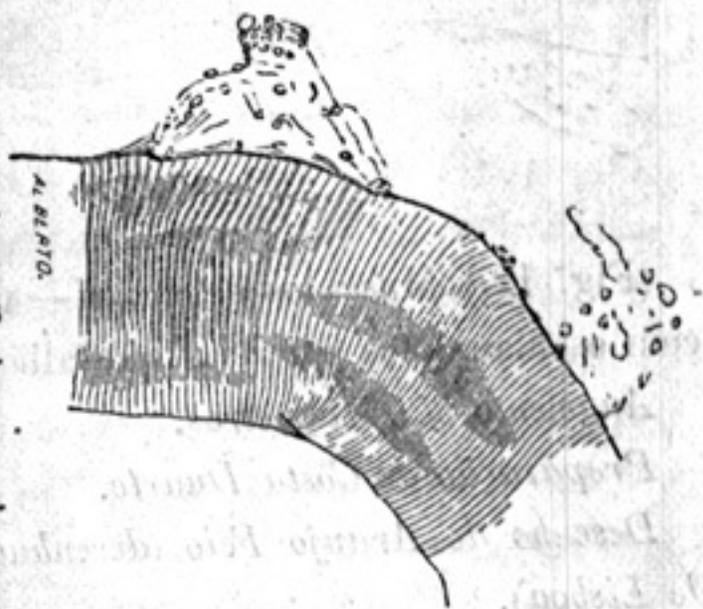


(Fig. 15.) Musculos estriados—fibra muscular do hydrophilo com as ramificações terminaes dos nervos. Sem reagentes.

Augmento 300 diametros.

Preparação de Costa Simões.

Desenho de Araujo Feio.





(Fig. 16.) Musculos lisos —  
fibras musculares lisas do esto-  
mago do boi, isoladas. Tractadas  
pelo acido chlorhydrico.

*Augmento 400 diametros.*

*Preparação de Costa Duarte  
Junior (preparador de anato-  
mia pathologica).*

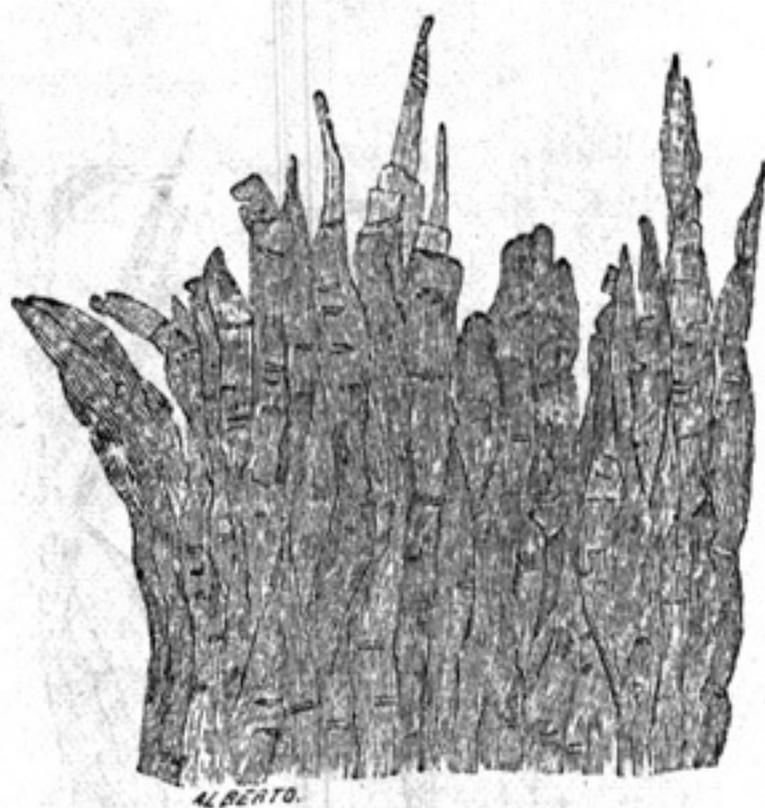
*Desenho de Saraiva.*



(Fig. 17.) Musculos lisos —  
fibras musculares lisas do esto-  
mago do boi, ligadas nos topos  
em series, assimilhando-se a fi-  
bras estriadas. Tractadas pelo  
acido chlorhydrico.

*Augmento 250 diametros.*

*Preparação e desenho de  
Sousa Nazareth.*



(Fig. 18.) Musculos lisos — fibras musculares lisas do estomago do boi, em grupo. Tractadas pelo acido chlorhydrico.

*Augmento 250 diametros.*

*Preparação e desenho de Sousa Nazareth.*

A. A. DA COSTA SIMÕES.

## LITTERATURA E BELLAS ARTES

FALLA DE PRIAMO PROSTRADO AOS PÉS DE ACHILLES  
PEDINDO O RESGATE DO CADAVER DE HEITOR

De teu pae te recorda, ó divo Achilles,  
 Que a idade tem que eu tenho, já chegado  
 Ao liminar da misera velhice.  
 Elle agora, talvez, cercado esteja  
 Por turba hostil de barbaros visinhos,  
 Nem haja quem lhe valha em tal perigo;  
 Mas, ouvindo dizer que a vida logras,  
 Se alenta, e folga no intimo do peito;  
 E, em ti pensando, de continuo espera  
 Ver d'Ilión voltar seu caro filho.  
 Eu, porém, sou de todos os humanos  
 O mais desventurado. Em Troia outr'ora  
 Filhos gerei fortissimos, e d'elles  
 Já não posso dizer que um só me fique.  
 Eram cincoenta quando ás minhas praias  
 Veio aportar, infesta, a frota argiva  
 — Dezenove, de um ventre produzidos,  
 Filhos de mães diversas, os restantes.—  
 Á maior parte o horrifico Mavorte  
 Prostrou mortos no campo: um me ficava,  
 Sem igual em valor, commum defesa  
 Da cidade e dos seus: ha pouco a morte  
 Lhe déste, quando bravo pelejava  
 Da patria em defensão — Heitor. — Agora  
 Por causa d'elle eu venho ás náos achivas,  
 Redimil-o de ti. Resgate off'reço  
 De subido valor. Acata, Achilles,

Os sanctos numes, e de mim te apieda,  
 Que mais do que ninguem a todos devo  
 Inspirar compaixão, pois me é forçoso  
 Desventura arrostar nunca provada  
 Por outro algum mortal — chegar aos labios  
 Mão que a tantos meus filhos deu a morte! <sup>1</sup>

(*Iliada*, canto XXIV, v. 486-506).

A. J. VIALE.

<sup>1</sup> A situação do rei Priamo aos pés de Achilles, o mais terrível de todos os caudilhos confederados contra Troia, e que tirara a vida a tantos filhos d'aquelle desditoso principe, é a mais pathetica de quantas se pintam nos poemas homericos, e uma das mais interessantes e sentimentaes memoradas na historia, ou phantasiadas por poetas e romancistas. Neste logar da *Iliada* admira-se aquella felicissima concisão (*quantum opus, quantum satis*) tão preconizada pelos preceptistas da eschola classica. Aqui, como em muitos outros casos, o principe da epopéa não mereceu a censura (se bem que temperada com elogio) que lhe fez o grande escriptor, o severo critico Voltaire, na estrophe seguinte:

Plein de beautés et de défauts,  
 Le bon Homère a mon estime;  
 Il est, comme tous ses héros,  
 Babillard outré, mais sublime.

## CARTAS FAMILIARES

### XI

## RUINAS DO CARMO

(A FRANCISCO GOMES DE AMORIM)

### II

A abobada, que devia  
soffrer dos tempos a guerra,  
eil-a! os seculos voaram,  
quasi toda está por terra.

Uma alampada contínua  
alli brilhava pendente;  
o tecto já não existe;  
vê-se agora o céu patente.

VISCONDE DE CASTILHO.

Meu amigo. A 14 de agosto de 1385 feriu-se nos campos de Aljubarrota a batalha mais memoravel nos fastos nacionaes. As espadas famosas do Mestre e do Condestavel asseguraram neste dia a independencia da patria, e iniciaram o periodo aureo da nossa grandeza politica.

A epocha dos Affonsos foi apenas eschola de cavallaria, rude eschola, onde o portuguez se adestrou nas armas, e adquiriu na aspereza dos combates a robusta virilidade que tão galhardamente provou no reinado de D. João I. As proezas de Ourique e do Salado eram os primeiros vôos da aguia, os ensaios validos d'uma nação de heroes; Aljubarrota foi a façanha do guerreiro, que tinha a consciencia do seu direito e a segurança do seu valor.

A primeira dynastia, meu amigo, fórma o prologo da nossa nacionalidade, é o seu periodo genesiaco. As espadas alargam as fronteiras e alimpam o terreno de infieis; a lingua a custo balbucia as primeiras articulações. Mas a dynastia joannina colhe o

paiz já adulto; as espadas não alargam, consolidam; a lingua traduz as manifestações do espirito em termos apropriados.

A mesma architectura acompanha as vicissitudes politicas da sociedade, encarna se na vida intima do povo e perpetua-se como monumento. E olhe que não encontramos typo mais fiel, expressão mais genuina e characteristic d'uma epocha. A poesia é filha do genio, e o genio não tem idade. Quem descobriu jámais uma ruga em Virgilio ou uma cã em Homero?... A historia é o reflexo do escriptor, e nem sempre a photographia d'um povo. A tradição é um echo, e o echo um som vago e indeciso. A architectura vale mais do que esta trindade, porque a consubstancia toda depurando-a das suas imperfeições. Ella póde ser um poema sem a ficção da poesia; tem a consciencia da historia sem a versatilidade do auctor, e é superior á tradição porque é o seu signal, o sello da sua veracidade. Alem d'isso, é um espelho, onde se reproduzem bem distinctas as feições d'um povo; um livro, onde se registam com segurança os seus annaes. Vêde-me, por exemplo, a Sé velha de Coimbra ou a cathedral de Evora, que são incontestavelmente paginas dos primeiros tempos da monarchia. O mosteiro de Sancta Maria da Victoria e o templo de Nossa Senhora do Vencimento são monumentos authenticos da epocha de D. João I e da batalha de Aljubarrota.

E eis-nos portanto outra vez em frente das ruinas do Carmo, de que lhe prometti um esboço historico. Mas mal posso desempenhar a minha promessa cabalmente, porque me fallecem tempo e saude, e só me sobra boa vontade, o que não é bastante.

O templo de *Nossa Senhora do Vencimento*, que é hoje todo ruinas, foi edificado pelo Condestavel na descida oriental d'um dos montes em que assenta Lisboa, ficando em correspondencia com o do Castello de S. Jorge. A sua fabrica se concluiu em cerca de trinta annos, pois começando em 1389 veio a concluir-se em 1422. Na batalha de Aljubarrota, dada na vespera da Assumpção da Virgem, fez Nun'Alvares o voto de erigir-lhe este templo, que por isso tomou o nome de *Senhora do Vencimento*. Esta é a opinião corrente e mais verosimil, mas por alguns impugnada, attribuindo uns esta fundação á victoria de Valverde,

outros a milagres do céo, estes á devoção sómente do Condestavel, aquelles á sua conversão, com que, despindo a couraça de guerreiro, se amortalhou no habito de religioso. Mas todos se conformam em que aos favores e mercês da Virgem devêra o fundador a inspiração de tão insigne fabrica. Ora a mercê assignada da Virgem, a corôa de todos os seus favores, foi enramar-lhe a espada de louros na batalha de Aljubarrota, e isto na vespera do dia em que a egreja celebra um dos seus mysterios. Postos frente a frente os dois exercitos, desproporcionados no numero porque o castelhanos excedia a trinta e tres mil soldados e o portuguez não chegava a sete mil, deseguaes nas armas porque a artilheria inimiga troava pela primeira vez no reino, o vencimento foi julgado milagre da Providencia. E assim o reconheceram os dois valentes caudilhos portuguezes, levantando em memoria da peleja e honra da soberana protectora el-rei D. João I o mosteiro de *Sancta Maria da Victoria*, e o Condestavel o templo de *Nossa Senhora do Vencimento*.

Ha poucos mezes um erudito hespanhol, o sr. C. Ximenez de Sandoval, publicou em Madrid uma notavel monographia historica, *Batalla de Aljubarrota*, estudo critico-militar que muito o honra. Neste livro falla tambem do convento do Carmo; e ainda que não siga a opinião de Jorge Cardoso e Manuel de Faria e Sousa e d'outros, encostando-se á de frei José Pereira de Sancta Anna, que não baseia a origem do convento na victoria de Aljubarrota, comtudo não se exime de enumerar esta fundação entre outras dedicadas áquella batalha, por ter sido obra do Condestavel e a sua ultima residencia <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> No puede, pues, considerarse este edificio como los anteriores, dedicado exclusivamente á dicha batalla; mas, teniendo presente la fecha en que el lo determinó, la probable certeza del voto de erigir á la Virgen un templo digno de su culto; y la consideracion de que las honras y mercedes que de ella creyó recibir fueron en esa guerra, cuyas acciones principalmente señaladas y gloriosas para él son las de Aljubarrota y Valverde, no será despropósito darle lugar en nuestra reseña, cuando, por otra parte, es allí donde cambiando el guerrero y el opulento señor la armadura por el hábito de la órden del Carmen, pasó en oracion los postremos años de su vida. C. Xim. de Sandoval, *Batalla de Aljubarrota*, pag. 271.

Seja porém como for, o Condestavel epilogou a sua vida con-  
dignamente com esta veneranda edificação, que por mais de tres  
seculos foi admirada e respeitada de nacionaes e estrangeiros, e  
que ainda hoje nas suas ruinas é monumento d'arte e padrão de  
gloria como precioso specimen de architectura gothica e recor-  
dação do glorioso reinado *de boa memoria*.

A 16 de julho de 1389 se abriram os alicerces do templo com  
toda a solemnidade, prevenidas as licenças do rei e bullas do  
papa, e *sobre o sitio melhor da cidade* (como diz o *Agiologio Lu-  
sitano*<sup>1</sup>), campeou por fim com majestoso donaire a sacrosanta  
casa da Virgem. Era esta a melhor cidadella, o mais nobre capi-  
tolio dos triumphos navaes da rainha do Oceano. Os horizontes  
eram extensos, os panoramas variados. Alem de se descobrir uma  
grande parte da cidade, dilatando-se os olhos para o meiodia,  
descançavam agradavelmente sobre o limpido cariz do Tejo, ven-  
do-o coberto de basta floresta de navios; as naus de guerra esta-  
cionavam sobre as ancoras, as embarcações ligeiras, faluas e ber-  
gantins, sulcavam a corrente em differentes direcções. Da banda  
do norte o paiz era delicioso, matizado de casas de campo e bor-  
dado de odoriferos pomares, hortas e jardins, que na primavera  
com flores e no estio com verduras compunham um quadro ame-  
nissimo<sup>2</sup>. É o que dizem as chronicas do tempo, e que ainda hoje  
se vê em grande parte.

A fabrica foi sempre melhorando successivamente; accrescen-  
taram-se capellas; substituiram-se e melhoraram-se muitos traba-  
lhos e alfaias, e com o correr do tempo parece que tão primoroso  
sanctuario chegaria a tocar o zenith da grandeza. No 1.º de no-  
vembro de 1755 toda esta maravilhosa construcção, como obra  
fragil do homem, foi destruida pelo temeroso terremoto! Cele-  
brava-se missa alta manhã, e o templo apinhava-se de fieis, quando,  
rebentando o furioso cataclysmo, se abriram as formosas naves e  
se fenderam as solidas paredes, desabando o edificio e sepultando  
sob as suas ruinas innumeradas victimas!

<sup>1</sup> Jorge Cardoso, *Agiol. Lusit.*, tom. III, pag. 215.

<sup>2</sup> Fr. José Pereira de Sancta Anna, *Chronica dos Carmelitas*, tom. I,  
pag. 562.

Poupar-lhe-hei a descripção minuciosa da casa e templo na epocha antiga, e só lhe apontarei as dimensões que ainda conserva<sup>1</sup>:

|                                         |            |
|-----------------------------------------|------------|
| Comprimento da porta ao altar mór.....  | 327 palmos |
| Largura das tres naves.....             | 100 »      |
| Altura do templo.....                   | 112 »      |
| Vão dos arcos que separam as naves..... | 27 »       |
| Largura da capella mór.....             | 30 »       |
| Largura do cruzeiro.....                | 40 »       |

Emquanto ao aspecto geral da igreja, reporto-me ás gravuras conhecidas. A capella mór e collateraes, que, segundo os chronicistas, representavam *uma inexpugnavel e soberba fortaleza*, levantavam-se do chão em cinco corpos semi-circulares por entre reforçados pilares de cantaria lavrada, que assentavam sobre escarpas firmissimas. São estes os restos principaes que ainda hoje existem.

A historia do convento do Carmo e da sua majestosa igreja anda tractada em muitos livros, tanto nos agiologios e chronicas antigas, como nos jornaes contemporaneos. Os primeiros desenvolvem miudamente a sua fundação e progressos, os segundos tractam das ruinas que deixou o terremoto. E uns e outros são o echo da profunda veneração, que a todos os portuguezes mereceu sempre esta obra do Condestavel. O valor de Nun'Alvares, immortalisado nos golpes da sua espada e nas pelejas homericas da independencia, reunido com a piedade dos seus ultimos annos, grangearam-lhe popularidade extraordinaria. O povo o cantou nas suas trovas e festejou nos seus folguedos; e a sua imagem veneranda sobresahe nos nossos fastos como um dos deuses indigetes, tão falados nas epochas remotas.

Mas advirtamos ainda mais. Dois sentimentos poderosos e unicos, a religião e o patriotismo, crearam o nosso reino, desenvolveram-n'o e sustentaram-n'o em mais de sete seculos. A cruz da espada de Affonso Henriques arvorou-se em labaro, e é ainda

<sup>1</sup> Póde ver-se o *Panorama*, 1.º vol. (1837), pag. 4.

hoje, a despeito de elementos deletérios, o mais solido fundamento da nacionalidade portugueza. O esforço do nosso braço, avigorado pela fé, realisou prodigios, não os prodigios das lendas, mas os milagres da historia. Ao lado d'uma batalha eleva-se um templo, isto é, o valor e a piedade unem-se em laço estreito, e d'esta união resulta a nossa grandeza. Por isso a igreja de Nossa Senhora do Vencimento tem, alem da significação religiosa, a commemoração politica, mas politica que é tambem uma religião, o amor da patria.

Dizia o nosso Garrett, e dizia muito bem, que é preciso crer em alguma cousa para ser grande — não só poeta — grande, seja no que for. Mas Garrett falava do Dante, do Goethe, do Camões. E se o fervor da crença dá a immortalidade ao homem, tambem a dá ao povo que fórma a sua Iliada com batalhas e descobertas. Eu bem sei que ha hoje uma sciencia mephistophelica, que de tudo ri, mas a *duvida* que ella gera e que vai lavrando no presente, é mil vezes peor do que o chamado *fanatismo* do passado. Nestes casos confesso que me quero antes com a credulidade das crianças, do que com o scepticismo dos philosophos. A fé, que funda imperios, vale bem mais do que o cynismo, que os desmoralisa.

Curvemo-nos portanto diante das ruinas do Carmo, e, se não podemos imitar nem o valor que originou a sua construcção, nem a arte que a dirigiu tão elegante e perfeita, não neguemos ao menos o tributo do respeito ao que é de si verdadeiramente grande.

E ponho ponto, meu amigo; desejava alongar-me mais, mas não posso. Desculpe as minhas imperfeições á conta da minha muita amizade. Adeus.

Coimbra, 20 de março de 1873.

A. A. DA FONSECA PINTO.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### CATALOGO DOS OBJECTOS EXISTENTES NA COLLECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA

A CARGO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO MESMO INSTITUTO

#### EPOCHA ROMANA

##### N.º 1

Lapide sepulchral, de 0,<sup>m</sup>80 de largo por 0,<sup>m</sup>45 de alto, moldurada e com alguns ornatos.

CHRYSIS SIBI

POSVIT

Foi descoberta aos 7 de agosto de 1773 juncto ao alicerce do terreiro do antigo castello de Coimbra, cuja demolição principiára em 19 de abril para a construcção de um observatorio astronomico<sup>1</sup>. Collocada, pouco tempo depois, com outras lapides no terreiro da Universidade sobre um pedestal de alvenaria, á esquerda do portico da bibliotheca, ahi se conservou até 23 de dezembro de 1867, em que foi apeada e recolhida em uma casa terrea do collegio de S. Pedro. Por auctorisação do ex.<sup>mo</sup> visconde de Villa Maior, actual reitor da Universidade, foi depositada neste Instituto em maio de 1873<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Carta Regia de 11 de outubro de 1772. *Mem. Hist. da Faculdade de Mathematica* pelo doutor F. de Castro Freire, pag. 38.

<sup>2</sup> Actas das sessões da commissão de archeologia do Instituto, de 1 e 29 d'este mez, no livro das mesmas actas, a fl. 4 e 5.

São conformes nas datas, e circumstancias principaes d'este achado em 1773, o doutor Luiz de Sousa Reis e o beneficiado da collegiada de S. Thiago, Joaquim da Silva Pereira. Contemporaneos ambos da demolição do castello, d'ella deixaram memorias, este, mais extensamente, na sua *Coimbra Gloriosa*<sup>1</sup>, aquelle em um apontamento avulso, que, com outros manuscriptos do mesmo auctor<sup>2</sup>, possui o seu bisneto, o sr. dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco.

N.º 2

Outra lapide sepulchral, de 0,<sup>m</sup>80 de largo por 0,<sup>m</sup>39 de alto, com uma cavidade oblonga na face superior.

<sup>1</sup> Manuscripto em 4 vol. existente na bibliotheca nacional de Lisboa, e de que faz menção o sr. I. F. da Silva no seu *Dicc. Bibliog. Port.*, tom. iv, pag. 155.

A esta *Coimbra Gloriosa* cumpre, porém, acrescentar os seguintes escriptos do mesmo beneficiado:

«Historia da Igreja Collegiada de Santiago da cidade de Coimbra, em a qual se dá noticia da antiguidade da mesma Igreja e dos edificios mais notaveis, que se acham debaixo do territorio della, com outras noticias concernentes á mesma historia — Dedicada e offerecida ao Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> D. Vicente da Gama Leal, Bispo Coadjutor do Rio de Janeiro e governador do Arcebispado de Evora — Dado á luz por Joaquim da Silva Pereira, natural de Coimbra e Beneficiado na dita Igreja de Santiago.

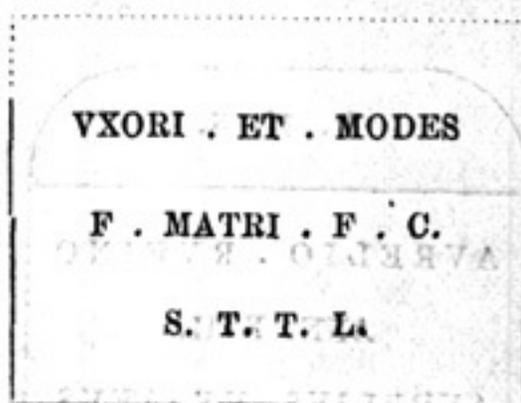
Volume manuscripto em 4.º de 156 folhas sem numeração, encadernado como a *Coimbra Gloriosa*, e tendo na ultima folha a nota seguinte — *Suprimido. Mesa 9 de setembro de 1768 — Coelho — Gama — Vasconcellos Pereira.* Existia em 1865 no archivo nacional de Lisboa.

«Resumo ou Index dos Alvarás, Cartas, Decretos, Foraes, Leys, Privilegios, Provisoes e Regimentos, que alguns Monarchas deste Reino de Portugal passaram para bom regimen dos seus Vassallos, dos quaes faz menção Manuel Alves Pegas, etc.

Volume em 8.º, de 176 pag. e index no fim, impresso em Coimbra na real impressão da Universidade em 1786. Acha-se mencionado no citado *Dicc. Bibliog.* mas sob o nome de Joaquim da Silva Ferreira.

<sup>2</sup> Luiz de Sousa Reis, filho de Antonio Gomes da Maia e de Theresa de Jesus e Sousa, nascido em fevereiro de 1707 e fallecido aos 8 de abril de 1783, doutor e oppositor na faculdade de leis, foi um curioso investigador das cousas de Coimbra, sua patria. Alem da *Historia breve dos varões e mu-*

Falta a pedra, que cobria a dicta cavidade, e na qual devia estar aberta a primeira linha da inscripção,



Como a lapide precedente tambem esta foi descoberta em 1773 juncto ao terreiro do antigo castello, e exposta no pateo da Universidade em um pedestal de alvenaria á esquerda do portico da bibliotheca. Tirada d'este local em dezembro de 1867, veiu como deposito para o Instituto em maio de 1873.

Na noticia, que d'este achado escreveram os mencionados J. da S. Pereira e L. de S. Reis, um e outro copiaram tambem a primeira linha da inscripção, cuja pedra desapareceu depois, lendo aquelle I. PV. D. A.º G.º CIVT, este IPVDACSºEIVT. É facil, porém, de conhecer que ambas estas leituras são deficientes e obscuras, não sendo já agora possivel interpretal-as e acertal as pelos traços dispersos e falhados, que na pedra existente apenas se entrevêm das extremidades inferiores das letras I . V . D . C . S . L .

*lheres de Coimbra, illustres em santidade e virtudes, etc.*, de que faz menção a *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa, algumas outras memorias deixou manuscriptas, entre as quaes avulta o *Rayo da Luz Catholica que illustra os fieis de Coimbra, vibrado por Leandro de S. Fulgencio, filosofo e jurista conimbricense, contra os malditos frades jacobeus de S. Cruz, fonte copiosa de varias noticias, concluido em 24 de abril de 1763 e continuado no Appendix e Notas até 5 de março de 1783.*

D'estas memorias acham-se publicadas as seguintes :

•Discurso Historico da fundação e antiguidade da Igreja collegiada de Sam Thiago da real cidade de Coimbra — no jornal politico *A Epocha*, de outubro e novembro de 1856, n.ºs 19, 20, 21, 22 e 23.

•Catalogo dos Portuguezes doutos, lentes nas Universidades estrangeiras — no *Conimbricense*, de outubro e novembro de 1861, n.ºs 810, 811, 812, 813, 814 e 816.

## N.º 3

Outra lapide sepulchral, moldurada, de 0,<sup>m</sup>75 de largo por 0,<sup>m</sup>57 de alto.

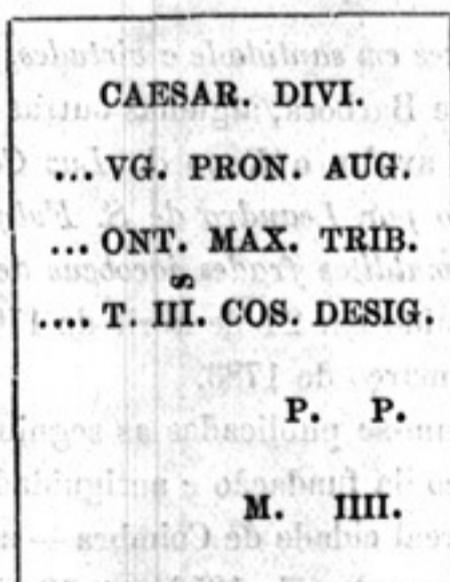


Foi descoberta com as lapides precedentes no dia e lugar já indicados, e também mencionada pelos referidos auctores da *Coimbra Gloriosa* e do *Rayo da Luz Catholica*<sup>2</sup>.

Como exemplar da pureza da lingua latina acha-se a inscrição publicada nas *Diss. Chron.* tom. I, pag. 348, d'onde fielmente a trasladou o academico L. M. Jordão para o seu *Port. Inscript. Romanae*, vol. I, pag. 182.

## N.º 4

Columna milliaria, cylindrica e fracturada em parte, de 0,<sup>m</sup>81 de alto por 0,<sup>m</sup>42 de diametro.

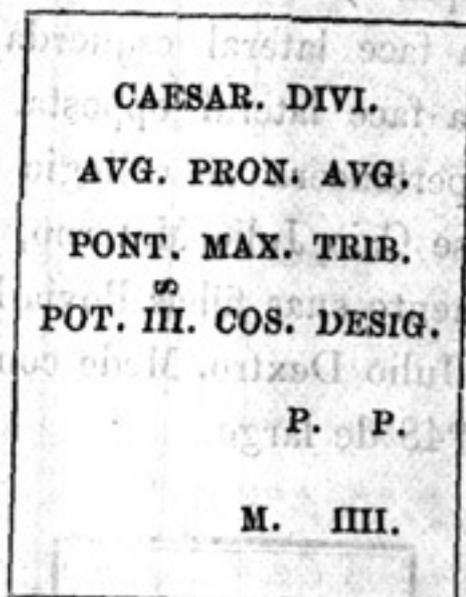


<sup>1</sup> Diis Manibvs Sacrvm. Avrelio Rvfino; annorum septemdecim, Avrelivs Mvsaevs, filio piissimo, faciendvm evravit.

<sup>2</sup> Havendo mais apparecido na mesma occasião o fragmento de outra la-

Foi descoberta em 1774 nas ruínas da couraça de Lisboa juncto ao antigo castello de Coimbra, e collocada á esquerda do portico da bibliotheca da Universidade com as lapides, já mencionadas, sobre a portugueza da torre quinaria.

Confrontando-a com outras semelhantes columnas, ou marcos milliarios, pode completar-se a sua inscripção pela fórma seguinte:



Faz d'ella menção, attribuindo-a ao tempo de Caligula, o sr. Emilio Hübner, professor da Universidade de Berlim, nas suas *Noticias Archeolog. de Portugal*, traduzidas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, a pag. 67.

Foi tambem uma das tres lapides, apresentadas pela repartição das obras da Universidade na exposição districtal de Coimbra em julho de 1869 — *Conimbricense*, de 10 de julho de 1869, n.º 2291, *Tribuno Popular*, de 24 dos dictos mez e anno, n.º 1405, e *Exposição Districtal etc. de Coimbra*, em 1869, pag. 213 e 255.

pide, que logo se extraviou, e na qual os dictos contemporaneos poderam apenas decifrar as palavras,

ALA.....  
 BVIF.....  
 I. S. S.

<sup>1</sup> Caesar, Divi Avgvsti Pronepos Avgvstvs, Pontifex Maximvs, Tribvntia Potestate, tertivm (ou *tertio*) Consvl Designatvs, Pater Patriae. Millia Quator.

Por esta se deve corrigir a leitura publicada no *Instituto*, vol. x, n.º 10, pag. 219.

N.º 5

Lapide sepulchral com molduras e labores tanto na face da inscripção como nas lateraes, e mais profusamente na parte superior ou cupula.

Afóra os cordões e rosetas de ornato em volta da inscripção, vêem-se tambem esculpidas, e bem conservadas ainda, duas *pateras* e um *guttus* na face lateral esquerda, e um *codex*, um *stylus* e um *liber*, na face lateral opposta. Todas estas esculpturas indicam que pertencera ao collegio dos sacerdotes e á ordem dos scribas esse Caio Julio Materno, a cuja memoria levantaram este monumento suas filhas Boyia Materna e Julia Maxima, e o seu liberto Julio Dextro. Mede com a pedra do remate 1,<sup>m</sup>50 de alto por 0,<sup>m</sup>48 de largo.

D. M. S.  
C. IVLI  
MATERNI  
ANN. LXIIII.  
BOVIA . MA  
TERNA . ET  
IVLIA . MA  
XIMA . PATRI  
PIISSIMO  
F. C.  
CVRANT....  
IVLIO DEX  
TRO LIBER  
TO OB MERI  
TA PATRONI

1 Diis Manibus Sacrum. Caii Ivlii Materni, annorum sexaginta et quatuor.

Como a lapide precedente tambem esta foi achada nas ruinas da couraça de Lisboa em 1774, e collocada nesse tempo sobre um pedestal de alvenaria, encostado á parede da capella da Universidade. Tirada d'este local em 23 de dezembro de 1867 para uma casa do collegio de S. Pedro, veiu como deposito para o Instituto em maio de 1873, havendo nestas mudanças e transportes soffrido algumas pequenas mutilações.

A sua inscripção acha-se impressa com a da lapide n.º 3 nas *Diss. Chron.*, tom. 1, pag. 348, e no *Port. Inscript. Romanae*, vol. 1, pag. 193. Publicaram-na tambem, como objecto apresentado na exposição districtal de Coimbra de 1869, o *Tribuna Popular* de 28 de julho d'esse anno, n.º 1046, e a *Exposição Districtal de Coimbra*, pag. 213 e 257.

Na sua fórma e esculptura tem este monumento sepulchral bastante similhaça com as duas aras romanas, existentes em Chester, e desenhadas ambas no *The Art-Journal*, june, 1873, pag. 164.

Vê-se, por tanto, de todas as indicações, apontadas com relação ao achado d'estas lapides romanas, quanto era menos exacta em 1861 a affirmativa do citado professor, E. Hübner, de que ellas foram descobertas modernamente no lugar de Condeixa Velha<sup>1</sup>. São tambem uma solemniissima negação do que em 1860 escrevia, ácerca de Coimbra, um illustre contemporaneo, que *nem uma só inscripção lapidar alli se tem encontrado coeva dos romanos, nem coisa alguma que indique terem alli residido os altivos conquistadores do mundo*<sup>2</sup>.

## N.º 6

Cabeça de homem imberbe, com a corôa de louro.

Foi descoberta em 1844 nas proximidades da villa de Boba-

Bovia Materna et Iulia Maxima patri piissimo faciendum curaverunt, curante Iulio Dextro liberto ob merita patroni.

<sup>1</sup> *Noticias Archeolog. de Portugal*, trad. da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pag. 58.

<sup>2</sup> *Revelações da minha vida* etc. por S. J. da L. Soriano, pag. 101. Veja-se o artigo *Apontamentos Historicos de Coimbra no Instituto*, vol. XII, n.º 5, pag. 218.

della, do concelho de Oliveira do Hospital, e d'ali remetida em agosto de 1853 ao sr. dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, governador civil do districto de Coimbra, que logo a offereceu ao museu da Universidade. A pedido da secção de archeologia do Instituto veio como deposito para a sua collecção em 28 de janeiro de 1875. Tem 0,<sup>m</sup>52 d'alto.

D'esta e d'outras antiguidades romanas, achadas naquella povoação e seus arredores, deram noticia a *Mem. Hist. Chorographica dos diversos concelhos do Districto Administrativo de Coimbra*, por A. L. de S. H. Secco, pag. 103 e seg. <sup>1</sup>, e a *Carta* do mesmo auctor ao sr. José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, no *Portuguez*, de 24 de janeiro de 1853, n.º 239, e no *Appendice*, n.º 1, da *Carta de J. B. C. de F. Castello Branco ao sr. A. L. de S. H. Secco acerca da sua censura aos apontamentos da villa de Soure*, pag. 25. Como objecto apresentado na exposição districtal de Coimbra de 1869, tambem fizeram d'ella menção o *Tribuno Popular*, de 17 de julho de 1869, n.º 1403, e a *Exposição Districtal de Coimbra*, pag. 134 e 253.

#### N.º 7

Amphora de barro vermelho e ordinario, com 0,<sup>m</sup>85 de comprimento por 0,<sup>m</sup>99 de circumferencia no bojo.

Tem a configuração vulgar d'estes azados (*διδυμι*), que, destinados especialmente para conter liquidos, só podiam, pela fórma pontaguda do seu fundo, estar deitados ou enterrados no solo.

Foi ha annos descoberta dentro da cêrca de Condeixa Velha, e ao Instituto offerecida pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro em maio de 1874 <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Onde, com relação a esta esculptura, se lê a pag. 105:

«A cabeça que agora baptisaremos de Augusto Cesar, visto que os bobadellenses assim o querem, mostra pelas suas dimensões, que deveria pertencer a um corpo de cêrca de 20 palmos: é de granito desconhecido nas pedreiras de Portugal, branco de neve, e tão transparente como jaspe: tem em torno de si uma cercadura de folhas de louro, e ainda hoje mostra o delicado talento dos artistas romanos.

<sup>2</sup> Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 24 v.

O seu desenho é o mesmo, que, de outra amphora semelhante da bibliotheca de Lisboa, se acha publicado no *Archivo Pittoresco*, vol. III, pag. 376.

## N.º 8

Fragmento de uma lapide, sepulchral provavelmente, na qual se decifra apenas

... VS . SILVANV ...

... ISIPONENSI ...

... ATVRNINO . F...

.....

Foi achada ha annos nas ruinas de Condeixa Velha, e ao Instituto remettida pelo sr. dr. Augusto Filippe Simões em junho de 1874<sup>1</sup>.

## N.º 9

Dois fragmentos de mosaico, formado de pequenas pedras quadradas (*tesserae* ou *tessellae*), pretas e brancas.

Foram tirados do pavimento de um edificio romano, descoberto em 1866 dentro da cêrca de Condeixa Velha, e ao Instituto offerecidos pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro em maio de 1874<sup>2</sup>.

## N.º 10

Outro fragmento de mosaico com o fundo branco, listrado de preto e amarello

Fazia parte do pavimento de uma das casas romanas, descobertas em 1874 juncto a S. Miguel de Machede (Alemtejo) na herdade da Morgada, pertencente ao conde de Rio Maior<sup>3</sup>.

Offereceu-o ao Instituto o sr. dr. Augusto Filippe Simões em julho do mesmo anno.

<sup>1</sup> Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 7 v.

<sup>2</sup> Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 24 v.

<sup>3</sup> Descoberta, de que o sr. Antonio Francisco Barata deu noticia no *Panorama Photographico de Port.* vol. IV, n.º 5, pag. 38.

## EPOCHIA DOS GODOS

N.º 1

Lapide sepulchral de 0,<sup>m</sup>34 de alto por 0,<sup>m</sup>21 de largo, commemorativa do fallecimento de Sereniano, de quatro annos de idade, aos VIII das kalendas de dezembro da era de 579 (24 de novembro do anno de 541).

Contém, em romano degenerado, a inscripção,

|                          |
|--------------------------|
| SERENIA                  |
| NVS FAMV                 |
| LVS D <sup>s</sup> VIXIT |
| ANVS III ET              |
| REQV IN PA               |
| CE VIII KL DE            |
| CEMRRES E                |
| RA DLXXVIII              |

Foi descoberta em 1872 na abertura de um alicerce, proximo á igreja de Condeixa Velha, e offerecida ao Instituto pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro em 5 de junho de 1873<sup>1</sup>.

Acha-se publicada no *Instituto*, vol. XVII, junho de 1873, a pag. 82.

N.º 2.

Fragmento de pedra com labores nas quatro faces, de 0,<sup>m</sup>32 de alto por 0,<sup>m</sup>17 de largo nas duas faces anterior e posterior, e de 0,<sup>m</sup>13 nas lateraes.

A sua configuração e esculptura parecem indicar que talvez fizesse parte da haste superior, ou dos braços de alguma cruz.

<sup>1</sup> Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 5.

Como a lapide precedente foi tambem achada em umas ruinas de Condeixa Velha, e ao Instituto offerecida pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro em junho de 1873.

## N.º 3

Fragmento de pedra com labores em uma só face, talvez parte de algum friso, ou de outra peça de ornato. Tem 0<sup>m</sup>,31 de alto por 0<sup>m</sup>,41 de largo.

Foi descoberto no mesmo local do fragmento precedente, e offerecido ao Instituto pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro em junho de 1873.

## N.º 4

Capitel de 0<sup>m</sup>,30 de alto, com duas figuras de animaes e outros labores.

Tirou-o o sr. Bento Pereira de Miranda da primitiva capella mór da igreja de S. Thiago de Coimbra, quando em outubro de 1858 foi descoberta e entulhada em parte para o alargamento da antiga rua de coruche. Em 24 de abril de 1873 foi offerecido ao Instituto pelo sr. dr. Augusto Philippe Simões<sup>1</sup>, que d'este, e de outro capitel mais pequeno da mesma capella, faz menção nas *Reliquias de architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*, a pag. 14.

Inteiramente semelhante a este nos ornatos é o capitel do portico principal da igreja, que nas citadas *Reliquias* se acha desenhado na estampa 1.<sup>a</sup>, n.º 3.

## N.º 5

Outro capitel de duas faces com 0<sup>m</sup>,20 de alto, tendo esculpidos em cada face uma ave e outros ornatos.

Foi tirado com o precedente da antiga capella mór da igreja de S. Thiago de Coimbra, sendo como elle mencionado nas citadas *Reliquias*, pag. 14.

<sup>1</sup> Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 3 e 8 v.

Pela sua pequena dimensão é de supôr que pertencesse a algum columnello ou pilastra das janellas lateraes da dicta capella, descobertas, e tambem entulhadas, em outubro de 1858.

A conjectura de que ambos os capiteis são obra do seculo XI, auctorisam-na o estylo da sua esculptura, e a tradição, geralmente recebida, de que o templo de S. Thiago fôra fundado pelo alvazil e governâdor de Coimbra, o conde D. Sesnando<sup>1</sup>.

### EPOCHA DOS ARABES

Dois pequenos fragmentos de estuque com labores de folhas e fructos.

Foram ha annos descobertos nas ruinas de um edificio arabe, no alto do castello de Montemór Velho, onde ao presente se acha construido o cemitério d'aquella povoação.

Pela analyse, que nelles fez o fallecido socio do Instituto, o dr. Francisco Antonio Alves, verificou-se que eram compostos de certa massa, em que predominava o gêsso e a argila.

São os proprios ornatos, que o sr. dr. Augusto Filippe Simões mencionou nas citadas *Reliquias da architectura romano-byzantina*, nota 1 *in fine*, e para a collecção do Instituto offereceu em 26 de janeiro de 1874<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Em honra do apostolo e patrono das Hespanhas, a cuja intervenção milagrosa se attribuiu a tomada da cidade aos serracenos em 24 ou 25 de julho de 1064.

D. Sesnando falleceu em Coimbra aos 25 de agosto de 1091 — *Chron. Gothorum*, nas *Diss. Chron.* cit. tom. III, pag. 19, e *Port. Mon. Historica. Scriptores. Fasc. 1*, p. 10.

<sup>2</sup> Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 13 v.

(Continúa).

J. C. A. DE C.

## PUBLICAÇÕES NOVISSIMAS

offerecidas ao Instituto

*Da Architectura religiosa em Coimbra durante a idade media* — pelo doutor Augusto Filippé Simões, lente substituto da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto da mesma cidade e socio correspondente da Associação dos architectos civis de Lisboa — 1 folh.

*Resposta* — no inventario a que se procede na 6.<sup>a</sup> vara civil de Lisboa por fallecimento do conselheiro José Maria de Abreu, dada por parte da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz e Menezes e mandada publicar por seu filho Miguel Osorio Cabral de Castro.

*Elementos de analyse chimica qualitativa* — por Joaquim dos Sanctos e Silva.

*O Cenaculo*, revista contemporanea da Litteratura Portugueza. — Director Candido de Figueiredo. Publicaram-se os tres primeiros fasciculos.

*Uma pagina da nossa historia litteraria* — 1828-1834, por F. A. Rodrigues de Gusmão, bacharel formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, socio honorario do Instituto da mesma cidade, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Delegado de saude no districto de Portalegre, etc., etc., etc.

*Indice chronologico dos pergaminhos e foraes existentes no archivo da Camara Municipal de Coimbra*. Primeira parte do Inventario do mesmo archivo. Fasciculo unico. Segunda edição, por João Corrêa Ayres de Campos.

*Mosaico* — Folha quinzenal, litteraria e scientifica, n.<sup>o</sup> 7 — Março de 1875.

*Artes e Letras* — 3.<sup>a</sup> serie, n.<sup>o</sup> 9.



# O INSTITUTO

SUMARIO

## REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

VOLUME XX — ABRIL DE 1875

SEGUNDA SERIE — N.º 12

COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

## SUMMARIO

|                                                                                                                | Pag. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| ESTUDO SOBRE O ARTIGO 741 DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ<br>— por João Jacintho Tavares de Medeiros .....           | 241  |
| CLASSIFICAÇÕES ZOOLOGICAS — por Antonio José Gonçalves<br>Guimarães.....                                       | 255  |
| BREVE ESTUDO SOBRE A CHLOROSE — por V. Urbino de<br>Freitas .....                                              | 264  |
| O CONDE UGOLINO — por A. J. Viale .....                                                                        | 277  |
| CATALOGO DOS OBJECTOS EXISTENTES NA COLLECÇÃO DE AR-<br>CHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA — por J. C. A. de C. | 281  |

---

## EXPEDIENTE

Tendo-se este jornal atrasado muito na sua publicação, de-  
liberaram os seus Redactores, de accordo com a Administração  
da Imprensa da Universidade, publicar os numeros atrasados  
alternadamente com os-novos, no mais curto espaço de tempo  
que for possivel, até que a publicação entre de novo em dia.  
Por esse motivo sahiu á luz o numero de Dezembro, alternado  
com o de Maio preterito; o de Janeiro com o de Junho, o de  
Fevereiro com o de Julho; o de Março com o de Agosto, agora  
o de Abril com o de Setembro, e assim por diante.

## SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

### ESTUDO SOBRE O ARTIGO 741 DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

O estudo das questões de jurisprudencia civil foi sempre considerado de uma importancia transcendente, não só pelo grande numero de relações que os homens, destinados a viver no meio social, estabelecem constantemente, mas tambem porque, não sendo obra de momento, e pelo contrario a evolução do principio do direito, tem acompanhado a sua noção, ou modo por que mais ou menos claramente se revela na consciencia da humanidade. A jurisprudencia tem compartilhado sempre dos progressos da civilização, e como evolução do principio não podia nem devia conservar-se *estacionaria*; mas, concreção do ideal, adequada ás circumstancias do meio que era destinada a regular, deu sempre lugar a gigantescas luctas do espirito. A diversidade dos systems, resultante da differente determinação do conteúdo do principio do direito, fez que não só numa mesma epocha as legislações positivas variassem segundo os povos, mas tambem que o mesmo povo experimentasse a successão dos systems e a transformação das suas leis. Umas e outras, sem unidade que as ligasse, collocavam os interpretes no vago e indeterminado, e no campo da hesitação e incerteza estavam sempre prestes a sosso-brar, qual outro baixel sem leme e sem norte, no pélagos revoltoso. E nós, se já muito nos avantajamos sobre o passado, por conseguirmos levantar a legislação civil d'um estado imperfeito e cahotico, todavia o presente não é ainda tão lisougeiro, que não embarace muito o espirito com algumas das questões que actualmente se agitam. Ainda ha pouco tempo que temos um Codigo civil, que, não primando demasiadamente em systema nas suas disposições, e colhido de diversas fontes de Direito patrio e estrangeiro, se resente em alguns pontos de obscuridade e carencia

de unidade harmonica, de que resultam controversias e debates vigorosos, em que não poucas vezes a força da razão cede á da auctoridade dos tribunaes. Se isto, porém acontece aos ornamentos do magisterio e do fôro, agrava-se sobre modo com relação aos que incetam agora o estudo do direito, antevendo apenas as difficuldades que as lides da jurisprudencia podem offerecer. Isto mesmo nos deve servir de incentivo e estimulo para nos dedicarmos ao trabalho, procurando, neste meio accidentado de escolhos, aplanar a vereda que nos ha de conduzir ao mesmo fim.

Posto isto, vamos estudar uma das questões que pode levantar-se sobre a interpretação do nosso Codigo, e se não com proficiencia, como desejavamos e a materia reclama, por não nos permittirem tanto as nossas forças, nem a estreiteza do tempo de que podemos dispor, esforçar-nos hemos ao menos por sermos claros e precisos na idêa, embora a fôrma careça de galas e atavios, mais proprios para entreter a imaginação e alimentar o sentimento, do que para esclarecer a intelligencia.

### I

Serve de texto a este nosso trabalho o art. 741 do Codigo civil portuguez, que diz o seguinte: — O cumprimento da obrigação, ainda que tenha praso estabelecido, torna-se exigivel fallindo o devedor, ou se por facto d'elle diminuíram as seguranças, que no contracto haviam sido estipuladas a favor do credor.

A sua fonte é o art. 1188 do Cod. civ. fr., que diz: Le débiteur ne peut plus réclamer le bénéfice du terme lorsqu'il a fait faillite, ou lorsque par son fait il a diminué les suretés qu'il avait données par le contrat à son créancier.

É o art. 741 uma disposição, que o Codigo estabelece para reger os contractos em geral, relativa ao tempo da prestação, atacada do vicio que ordinariamente affecta as provisões genericas, e que, ao passo que revela carencia de unidade no systema, colloca o interprete em grandes difficuldades e o julgador no campo da arbitrariedade irresponsavel.

Não sabemos com que fim apresenta o legislador provisões ge-

raes, uma vez que as differentes hypotheses comprehendidas na generalidade da materia tenham de reger-se pela sua especialidade; porque, se umas e outras são harmonicas, submettidas ao mesmo principio de unidade, é sempre desnecessaria e perigosa num Codigo a superfluidade, pelos embaraços que offerece á interpretação; se pelo contrario as sentenças legislativas se encontram, mal vai á ordem social, collocada na triste situação de se submeter á arbitrariedade do julgador elevada á categoria d'uma lei suprema. E infelizmente este ultimo caso é o que se dá com mais frequencia. Lemos nos commentadores: — «Tal hypothese ha de reger-se pela especialidade da materia, porque esta regula *especial e determinadamente* as hypotheses a que respeita, sobre a prescripção de tal artigo, que estabelece *apenas uma regra geral sem determinar nenhum dos casos especiaes a que ella é applicavel.*» De que serve assim a generalidade? É isto uma prova cabal e completa da sua inutilidade e dos perigos a que expõe os interpretes e julgadores.

Todavia umas e outras disposições, tanto genericas como especiaes, circumscriptas ao seu verdadeiro campo, são d'uma vantagem e utilidade real. Aquellas, regulando tão sómente o que ha de commum numa certa e determinada ordem de relações jurídicas, evitam repetições demasiadas, e como que estabelecem um laço de unidade a que as mesmas relações se subordinam; as especiaes, regendo as differenças características, traduzem uma natureza particular, segundo o ponto de vista diverso sob que se encaram os factos. Posta a questão nestes termos, nada colhe o argumento de que a especialidade se contém na generalidade.

Passando á analyse do artigo em questão, vemos que o Cod. concede ao credor a faculdade de exigir do devedor o cumprimento da obrigação ainda antes do seu vencimento, nos seguintes termos:

- 1.º Se o devedor falliu;
- 2.º Se, por facto do devedor, diminuíram as seguranças estipuladas no contracto a favor do credor.

Estas seguranças podem ser de tres especies: fiduciarias, pignoraticias e hypothecarias.

Relativamente ao primeiro caso previsto pelo Código, isto é, quando haja fallencia, apresentou o legislador uma provisão de muitíssima justiça, porque, baseando-se o contracto na confiança que o devedor inspira ao credor, é certo que a fallencia é a prova mais evidente e cabal de que a confiança desapareceu, e por isso não ha motivo plausivel para tirar do contracto todas as suas consequências, quando o seu fundamento deixou de existir. E com effeito, o credor que concede termo para pagamento ao devedor é sempre determinado pela segurança que encontra tanto na solvabilidade pessoal do devedor, como nas garantias reaes que elle estipula. Tal é o fundamento do termo, segundo Pothier; de sorte que, deixando de existir o mesmo fundamento, cessa o seu effeito. O termo é concedido *rebus sic stantibus*, isto é, sob a condição resolutoria tacita de que permanecerá o estado de cousas existente ao tempo em que o mesmo termo foi concedido.

Dissemos que a fallencia é a prova mais evidente e cabal de que a confiança desapareceu, e por isso justa a disposição do artigo que estamos analysando; mas ha outras considerações de grande importancia, que apresenta Demolombe commentando o art. 1188 do Cod. civ. fr., fonte do art. 741 do nosso Código.— Em primeiro lugar, a fallencia, como ruina do credito, destroe evidentemente o fundamento do termo, e portanto é logico e justo que o credor, vendo que o devedor cessou seus pagamentos, e perdeu o credito, que lhe inspirava a confiança testemunhada na solvabilidade pessoal, quando lhe concedeu o termo, seja restituído ao estado primitivo. Em segundo lugar, a fallencia é um estado de liquidação geral, cujo fim é repartir por todos os credores o dividendo que lhes deve pertencer no activo do devedor commum; e por isso as necessidades da liquidação exigem a concurrencia de todos os creditos tanto exigiveis como não exigiveis; além de que seria cruel que os credores a termo ficassem espectadores immoveis da repartição de todo o activo do devedor, esperando que a massa se esgotasse completamente. É isto o que se deve concluir da doutrina do artigo, sem distincção das diferentes categorias de credores, que por ora não podemos apreciar, nem a generalidade da disposição nos auctorisa a deduzir.

Convém notar ainda que a palavra fallencia, de que usa o Cod. no art. 741, não pode aqui ser tomada no sentido commercial, mas deve entender-se como estado de insolvabilidade do devedor nas dividas civis, manifestada pela falta de pagamentos.

Passando á segunda causa, pela qual o credor pode exigir o cumprimento da obrigação, diz o Código: — Se, *por facto do devedor*, diminuíram as seguranças estipuladas no contracto a favor do credor:

Duas condições exige o artigo: 1.<sup>a</sup> — que as seguranças tenham sido estipuladas no contracto a favor do credor; 2.<sup>a</sup> — que as mesmas seguranças tenham diminuído por facto do devedor.

É pois necessario que se tracte de seguranças dadas no contracto, isto é, de seguranças especiaes, que provem que o credor não confiou na boa fé do devedor, nem teve em consideração que a universalidade dos bens d'este se achava obrigada a todas as suas dividas. Sendo assim as seguranças dadas no contracto o fundamento do termo concedido pelo credor, como diz Pothier, devemos concluir que, deixando de existir o mesmo fundamento, e verificada a condição resolutoria tacita sob que o termo foi concedido, não pode o devedor reclamar o beneficio do mesmo termo, e isto ainda que as seguranças não tenham sido sempre contemporaneas do contracto primitivo, porque, como diz Demolombe, pode muito bem acontecer que o devedor, com o fim de obter uma prorrogação, offereça seguranças ao credor, e que este, por uma nova convenção accessoria da primeira, a conceda effectivamente. Parece-nos pois evidente a necessidade da applicação do artigo 741 a esta ultima hypothese, não só porque ainda as seguranças foram o fundamento do termo, mas tambem porque foram dadas no contracto.

Posto isto, poderá applicar-se a doutrina do artigo 741 ao caso das seguranças legaes, como por exemplo ás hypothecas designadas segundo o art. 919 e 920 pelo conselho de familia ou juiz de direito contra o devedor, não obstante a sua resistencia?

A idéa de contracto, que implica a de livre consentimento, exclue evidentemente a de resistencia e de auctoridade; e o art. 741,

exigindo como condição que as seguranças sejam estipuladas no contracto, só pode referir-se ás seguranças voluntarias, e não ás legaes ou dadas em juizo, de que tractam os artt. 905, 918 e seg. Tal é a opinião de Demolombe sobre esta questão, não obstante ella ter sido muito controvertida na jurisprudencia franceza.

Entremos agora na analyse da segunda condição que exige o artigo 741 — de as seguranças terem diminuido por facto do devedor.

A generalidade d'este artigo comprehende todas as seguranças, que em geral são dadas nos contractos de fiança, penhor e hypotheca, e a causa efficiente da diminuição das mesmas exclue da applicação do dicto artigo os casos em que a mesma diminuição provier, ou de uma causa inherente ás proprias seguranças, ou de um caso fortuito e força maior, ou finalmente do facto de um terceiro.

Sem enumerarmos todos os factos, pelos quaes o devedor pode diminuir as seguranças dadas ao credor, podemos estabelecer em principio, seguindo Demolombe, como entrando na applicação do artigo 741, todo o facto posterior de administração, de goso ou disposição, cujo resultado seja modificar para menos o valor da obrigação, ou tornar mais difficil ou mais dispendioso o seu cumprimento, e quer a mesma modificação seja produzida por um acto de má fé do devedor, quer por um acto de simples negligencia, basta que se impute ao devedor.

E é esta uma doutrina de toda a justiça e equidade, porque — *Nemo ex alterius facto praegravari debet.*

Se, por exemplo, o devedor deu ao seu credor uma hypotheca voluntaria, constituida sobre uma casa, ou sobre uma matta, e demoliu ou deixou arruinar aquella, ou finalmente fez o corte da matta antes do tempo determinado, temos outros tantos factos que auctorisam o credor a invocar a applicação da generalidade do artigo 741.

Pode acontecer tambem que o devedor aliene em todo ou em parte a propriedade hypothecada, e neste caso poderá o credor invocar a disposição do artigo 741?

Se a alienação tem logar na totalidade da propriedade hypo-

thecada, não pode dizer-se que haja diminuição das seguranças dadas no contracto pelo simples facto da alienação, porque em virtude do artigo 802 a hypotheca onera os bens em que recáe, e sujeita-os directa e immediatamente ao cumprimento das obrigações a que serve de segurança, seja quem for o possuidor dos mesmos bens; mas já assim não acontece, quando a propriedade seja alienada em differentes parcelas, ou mesmo os productos e partes integrantes dos predios rusticos e urbanos de que tracta o n.º 1.º do art. 375, e que na conformidade do art. 890 podem ser objecto de hypotheca. No caso, porém, de alienação total, fica o comprador sujeito á decadencia do termo concedido ao devedor, quando pratique facto que importe diminuição de garantias, porque neste caso fica subrogado nas suas obrigações.

Relativamente á alienação parcial ou dividida, é que pode questionar-se se ha ou não effectivamente diminuição de seguranças; e Demolombe, commentando o citado art. 1188 do Cod. civ. fr., é de opinião que, além da depreciação resultante da divisão, tanto na parte alienada como na conservada, o credor se acha reduzido á necessidade de executar separadamente muitos terceiros detentores, ou de receber por partes o pagamento do seu credito, se os possuidores quizerem usar da faculdade de expurgação que a lei lhes concede. Com a venda porém dos bens immobilizados mencionados no citado n.º 1.º do artigo 375, não nos resta duvida alguma de que tem logar uma effectiva diminuição de seguranças, e de que o credor pode invocar em seu favor a generalidade do art. 741. Os immobilizados apenas por disposição de lei não perdem todavia a sua natureza movel, e com facilidade podem ser separados dos immoveis de que fazem parte, e transmitidos sem as solemnidades e requisitos que a lei exige para a venda dos immoveis por natureza, o que produz uma ruina parcial da hypotheca, de que não deve com justiça tornar-se victima o credor.

## II

Temos apresentado as consequencias, que se podem deduzir da generalidade do art. 741; como porém se encontram no Co-

digo outras disposições relativas a cada uma das especies das seguranças, artt. 825, 860, n.º 4, e 901; e partindo do principio, que estabelecemos, de que as disposições geraes regem o que ha de commum a todas as relações juridicas, ao passo que a especialidade regula as differenças characteristics, necessitamos combinar umas com outras disposições e ver a applicação que das mesmas pode ter logar.

Diz o artigo 825: «Se o fiador prestado mudar de fortuna, de fórma que haja risco de insolvencia, poderá o credor exigir outro fiador.» A fiança é uma segurança comprehendida na disposição do art. 741, e como este artigo se applica a todas as seguranças dadas no contracto, e em cuja diminuição intervier facto do devedor, segue-se que o credor tem direito de exigir immediatamente o cumprimento da obrigação do devedor, quando por facto d'este o fiador mudar de fortuna, de fórma que diminua a segurança dada no contracto; quando porém o fiador prestado mudar de fortuna, de fórma que haja risco de insolvencia ou por uma causa inherente á propria segurança, ou por um caso fortuito e força maior, ou finalmente pelo facto de um terceiro, hypotheses excluidas da generalidade do art. 741, então o credor só pode exigir outro fiador, e na falta d'este o cumprimento da obrigação.

Mas diz o art. 825: . . . poderá o credor exigir outro fiador. Como se vê, é isto uma disposição facultativa, que tem logar ainda mesmo no caso d'a diminuição se tornar effectiva por facto do devedor, porque, sendo a segurança estabelecida em favor do credor, *invito non datur beneficium*, e não pode elle ser forçado a exigir o cumprimento da obrigação, uma vez que tenha motivos de acreditar na punctualidade do pagamento, findo o praso estabelecido. E esta doutrina concorda ainda com as proprias palavras do art. 741 — torna-se exigivel — porque d'estas se não pode concluir que a exigencia tenha necessariamente logar.

O Cod. civ. fr., o projecto do Cod. civ. hespanhol e o art. 924 do nosso primitivo projecto, correspondente ao artigo que estamos analysando, exceptuavam o caso de ter sido o fiador escolhido pelo credor, porque então não era o devedor responsavel,

em virtude da escolha feita, pela mudança que occorresse na fortuna do fiador; mas, eliminando a commissão revisora a mesma excepção, manteve em toda a sua generalidade, como diz o sr. Dias Ferreira, o preceito de que a insolvabilidade do fiador, seja por quem for feita a escolha, obriga a nova fiança.

### III

Combinando agora o art. 741 com o 860, n.º 4, diz este: O credor adquire pelo penhor o direito de exigir do devedor outro penhor, ou o cumprimento da obrigação, ainda antes do prazo convencionado, se o objecto do penhor se perder ou diminuir sem culpa sua, ou se for exigido por terceiro, a quem pertença, e que não haja consentido no penhor.

Sendo esta disposição complexa, devemos, para a boa intelligencia da mesma, dividil-a primeiramente nos seus elementos fundamentaes, depindo-os das diversas fórmulas que possam vestir na applicação aos casos practicos, e apresentando-os do modo mais claro e simples. Assim, pode o citado n.º 4 reduzir se ás duas proposições seguintes: 1.ª Tem o credor o direito de exigir do devedor outro penhor, ainda antes do prazo convencionado, se o objecto do penhor se perder ou diminuir sem culpa sua; — 2.ª ou o cumprimento da obrigação, se for exigido por terceiro, a quem pertença, e que não haja consentido no penhor.

Da necessidade, que temos na interpretação, de subordinar a especialidade á generalidade, e applicando aqui o mesmo raciocinio que fizemos ácerca do art. 825, é facil de concluir que, quando o objecto do penhor se perder ou diminuir por facto do devedor, tem o credor o direito de exigir immediatamente o cumprimento da obrigação antes do prazo convencionado (art. 741).

Quando porém não intervier facto do devedor, tem o credor o direito, em primeiro logar, de exigir outro penhor e, na sua falta, o cumprimento da obrigação quando o primeiro se perder ou diminuir sem culpa d'elle credor, isto é, por caso fortuito e força maior, ou pelo facto de um terceiro a quem o penhor não pertença, hypotheses tambem excluidas da generalidade do art. 741; em

segundo lugar tem também o direito de exigir o cumprimento da obrigação, quando o objecto do penhor for exigido por terceiro a quem pertença, e que não haja consentido no penhor.

Do caso do n.º 4 do art. 860, além do *facto do devedor*, a que se refere o art. 741, quiz o legislador excluir também o *facto do credor*, quando diz «sem culpa sua» porque nada mais injusto e cruel de que o credor de propósito fazer perecer ou diminuir o objecto do penhor para poder exigir do devedor outro, ou o cumprimento da obrigação, ainda antes do prazo convencionado; além de que, segundo nos parece, a natureza do adjectivo possessivo exige geralmente que se attribua ao sujeito da oração principal, que neste caso é o credor. É verdade que em vista do art. 861 o credor é obrigado a conservar a coisa empenhada, como se fôra sua propria, e a responder pelas deteriorações ou prejuizos que ella padecer por culpa ou negligencia sua, etc.; mas este dever não o priva de pedir o cumprimento da obrigação antes do prazo, uma vez que a culpa mencionada no n.º 4 do citado art. 860 se attribuisse ao devedor, embora no pagamento houvessem de encontrar-se os prejuizos por elle occasionados. Não deve pois argumentar-se com a responsabilidade imposta ao credor pelo art. 861, para a intelligencia do n.º 4 do art. 860, porque este, estabelecendo uma regra relativa ao tempo da prestação nos contractos de penhor, analoga á regra do art. 741 para os contractos em geral, nada tem com a mesma responsabilidade, que nem por isso deixa de produzir todos os seus effectos. A questão é simples: da mesma fórma que no art. 741 se tracta do saber no art. 860, n.º 4, quando é que o devedor decae do termo estabelecido no contracto, isto é, em que circumstancias pode o credor fazer com que o tempo assignado para o cumprimento da obrigação se retrotraia a uma certa e determinada occasião.

A responsabilidade do credor lá fica sempre de pé, embora haja de avaliar-se hoje ou amanhã.

Supponhamos que as palavras empregadas pelo Codice — *sem culpa sua* — se devem referir ao devedor e não ao credor, e vejamos as consequencias que d'aqui se deduzem. Em primeiro lo-

gar é necessario que o devedor não tenha culpa no perecimento ou diminuição do penhor, para lhe poder ser exigido outro, ou o cumprimento da obrigação, o que realmente não é justo, nem está em harmonia com o art. 741; em segundo logar pode o credor por culpa sua fazer decair o devedor do termo assignado no contracto, o que importa uma penalidade para o devedor por um facto de que não deve ser responsavel. Pedro pede a Paulo a quantia de 20\$000 réis por um anno, para a segurança da qual lhe offerece um relógio; Paulo, porém, arrependido do contracto, ou desejando reaver os 20\$000 réis antes de findo o anno, quebra uma peça do relógio, diminuindo assim o valor da garantia, e em seguida exige o cumprimento da obrigação (supposta a alternativa que alguém admitte). Será isto justo? Não deverá Pedro invocar o prazo de um anno assignado no contracto? Não podemos admittir estas conclusões.

Que importa que Paulo, em conformidade do art. 861, seja responsavel pelas deteriorações? porventura pode esta responsabilidade affectar o prazo estipulado? Decidimo-nos pela negativa. Paulo é responsavel pelas deteriorações; mas só findo o termo é que pode exigir os 20\$000 réis, respondendo então pelos prejuizos que houver occasionado. O facto do credor, que importe portanto diminuição de garantias, não produz decadencia do termo em prejuizo do devedor.

Devemos pois concluir que para que o credor possa invocar em seu favor tanto a generalidade do art. 741, como a especialidade do art. 860, n.º 4, é necessario que não concorra por facto seu para o perecimento ou diminuição da segurança constituida no penhor.

Interpretados assim estes dois artigos conjunctamente, não podemos descobrir nelles contradicção alguma, antes pelo contrario vemos que se harmonisam perfeitamente; assim como tambem não vemos que oCodigo dê ao credor acção alternativa para o pedido, uma vez que se combinem, como logicamente devemos combinar, as duas proposições disjunctivas, estabelecidas no citado n.º 4.

Para melhor exprimirmos o nosso pensamento vejamos as qua-

tro hypotheses que se podem figurar na disposição que analysamos:

1.<sup>a</sup> Se, por exemplo, Pedro é credor de Paulo da quantia de 20\$000 réis, para a segurança dos quaes tem em seu poder um penhor, e este pereceu ou diminuiu por facto do devedor Paulo, tem Pedro, na conformidade do art. 741, o direito de lhe exigir immediatamente o prompto cumprimento da obrigação, embora possa tambem em primeiro logar exigir outro penhor. Tem logar a applicação do principio: *Nemo ex alterius facto*, etc. É necessario, porém, notarmos que esta hypothese raramente pode ter logar, porque o penhor passa sempre para o poder do credor.

2.<sup>a</sup> Se o objecto do penhor pereceu ou diminuiu por culpa do credor Pedro, o que pode dar-se frequentemente, o devedor Paulo nem por isso decáe do termo ou praso convencionado, e só findo este é que pode ser chamado a contas.

3.<sup>a</sup> Se o objecto do penhor pereceu ou diminuiu por caso fortuito e força maior, ou por facto de um terceiro a quem o penhor não pertença, o devedor Paulo decáe do termo, porque, com quanto elle não tenha para isso concorrido por facto seu, todavia o penhor, ainda que esteja na mão do credor, não deixa de pertencer ao devedor, e *res suo domino perit*.

Mas neste caso o credor Pedro tem o direito de pedir novo penhor ou seu reforço, e só na falta tem o direito de exigir o prompto pagamento da obrigação.

4.<sup>a</sup> Se o objecto do penhor for exigido por um terceiro a quem pertença, e que não haja consentido no mesmo penhor, o devedor Paulo decáe logo do termo, e o credor Pedro tem o direito de exigir-lhe immediatamente o cumprimento da obrigação, embora possam convencionar a entrega do novo penhor. É esta a quarta hypothese, que pode figurar-se no citado n.º 4, em vista da segunda proposição disjunctiva, e que, segundo nos parece, deve ser regulada pela primeira. — E parece-nos de muita justiça esta disposição, segundo a interpretamos, porque é pouco digno de contemplação o devedor que garante uma obrigação com um penhor alheio sem consentimento do dono, collocando o credor na situação de lhe ser tirado o mesmo penhor, e ficar assim sem garantia da divida.

## IV

Passando finalmente á confrontação do art. 741 com o art. 901, achamos aparentemente uma contradicção; porque diz o mesmo art. 901: Quando, por *qualquer motivo*, a hypotheca se tornar insufficiente para segurança da obrigação contraída, o credor tem o direito de exigir que o devedor a reforce; e não o fazendo este, pode o credor pedir o inteiro pagamento da divida, como se estivesse vencida.

Segundo o art. 741, como vimos, havendo diminuição das seguranças dadas no contracto por *facto do devedor*, este é obrigado ao cumprimento da obrigação ainda antes do praso vencido; e segundo o art. 901, quando por *qualquer motivo*, em que está comprehendido o facto do devedor, a hypotheca se tornar insufficiente, etc., tem o credor o direito de exigir em primeiro logar o reforço de hypotheca, e em segundo o inteiro pagamento da divida. Segundo o art. 741 tem o credor acção para o pagamento da divida, e na conformidade do art. 901 tem uma acção subsidiaria.

Supponhamos, como já dissemos na primeira parte d'este trabalho, quando apresentámos alguns casos em que pode ter logar a diminuição de garantias por facto do devedor, que este demoliu ou arruinou uma casa, em que se achava constituida uma hypotheca voluntaria: é evidente que, em vista do art. 741, ao credor assiste o direito de exigir o prompto cumprimento da obrigação, muito embora possa primeiramente pedir reforço de hypotheca; mas, se regermos a hypothese simplesmente pelo art. 901, o credor não pode pedir o cumprimento da obrigação senão quando o devedor não reforçar a segurança, quer o facto da diminuição provenha do mesmo devedor, quer d'um terceiro, etc. — Eis a antinomia. No primeiro caso agrava-se a situação do devedor, e é da escolha do credor pedir ou o reforço da segurança ou o cumprimento da obrigação; no segundo equipara-se o caso fortuito e facto de um terceiro ao do devedor, e fica ao seu arbitrio fazer o reforço ou o pagamento. Além d'isto, pelo

art. 741 o facto do devedor, que produza *diminuição da segurança*, estipulado no contracto, confere ao credor o direito de pedir o cumprimento da obrigação, emquanto que pelo art. 901 é necessario que a hypotheca se *torne insufficiente*, para que deva pedir-se o reforço, e na sua falta o pagamento.

Ora, como nem toda a diminuição torna a hypotheca insufficiente, porque pode acontecer que esta tenha um valor superior á divida, segue-se que as duas disposições não podem rigorosamente conciliar-se. Se attendermos, porém, a que o legislador teve em vista, tanto numa como noutra, assegurar os direitos do credor sem comtudo prejudicar o devedor, concluiremos, como já dissemos, que todo o facto, posterior ao contracto, de administração, de goso, ou disposição, cujo resultado seja modificar para menos o valor da obrigação, produz uma diminuição ou insufficientencia de seguranças; isto é, a decadencia do termo consignado no contracto só tem logar quando a diminuição tornar a hypotheca insufficiente.

Finalmente, devemos lembrar-nos de que o art. 901 contém uma disposição especial, que só rege o que ha de particular aos contractos de hypothecas; e que o art. 741 contém uma generalidade, que regula o que ha de commum a todos os contractos; e, como a palavra *segurança* do dicto art. 741 comprehende as hypothecas, e o facto do devedor pode intervir na diminuição de todas as seguranças, concluimos que a disposição do art. 901 só pode applicar-se quando não houver facto do devedor para a diminuição das mesmas seguranças, isto é, quando houver caso fortuito, força maior ou facto de um terceiro.

JOÃO JACINTHO TAVARES DE MEDEIROS.

## SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

### CLASSIFICAÇÕES ZOOLOGICAS

(Continuado do n.º 11, paginas 212)

#### II

É evidente que o conhecimento perfeito da estructura exige sempre a destruição do individuo; e só esta circumstancia bastaria para diminuir consideravelmente o valor practico das definições dadas dos grupos naturaes; porque na maior parte dos casos é necessario reconhecer a especie sem prejudicar o animal. Mas felizmente a correlação que se encontra entre as differentes partes de cada organismo permite muitas vezes, pelo exame d'um pequeno numero de caracteres exteriores, chegar ao conhecimento perfeito de toda a estructura. Mais ainda, os orgãos correlacionados não gozam geralmente d'uma importancia igual entre si, podendo uns ser mais ou menos independentemente modificados, e havendo outros, chamados *dominadores*, cujas modificações não podem operar-se sem affectarem conjunctamente aquelles com que se relacionam.

É o principio da *subordinação*<sup>1</sup> dos caracteres. A sua vantagem practica consiste principalmente na maior fixidez dos caracteres dominadores em relação aos seus subordinados; quanto maior fôr o numero dos caracteres que se acharem subordinados a um só character, tanto mais extensivo será o grupo a cujo typo elle corresponde: logo os caracteres mais dominadores serão

<sup>1</sup> Esta subordinação é apenas apparente; na realidade os caracteres acham-se meramente correlacionados.

tambem os mais geraes, e corresponderão aos primeiros *typos successivos*, isto é, aos *typos* das primeiras successivas. Inversamente, os characteres menos dominadores corresponderão ás ultimas divisões, isto é, aos *typos* mais comprehensivos, ou, por outras palavras, quanto menor é a importancia dos órgãos em que se funda a distincção d'um grupo, tanto mais intimas serão as relações ou *affinidades naturaes* entre as parallelas suas filhas.

Estas *affinidades naturaes* não devem ser confundidas com as *analogias* propriamente dictas; as primeiras «são devidas á identidade mais ou menos completa dos *typos*;» as segundas são quaesquer relações de similhaça entre órgãos de estructura diferente. Póde servir de exemplo a analogia entre as azas d'um insecto e as d'uma ave, dois orgãos de estructura inteiramente diversa, a pezar de serem ambos conformados para o vôo, e pertencentes a grupos sem nenhuma *affinidades*.

A respeito dos *typos parallelos* ou, o que é o mesmo, dos *typos* comprehendidos numa mesma successiva, a observação descobre, em geral, transições lentas d'uns para os outros, a ponto de se tornar ás vezes difficil assignar precisamente os seus limites.

Parece que o mesmo orgão passa realmente por todas as transformações possiveis. O que não se descobriu ainda foi o menor vestigio de passagem d'um ramo para outro; em compensação, dentro de cada ramo encontra-se muitas vezes um grande numero de especies formando uma serie não interrompida, cujos termos se manifestam por modificações graduas de estructura; outras vezes faltam algumas das fórmis intermediarias, mas vão-se encontrar entre os vestigios dos representantes das epochas geologicas passadas.

Estes factos levam-nos, por inducção, a suppor que a falta de termos actuaes de transição entre certos *typos parallelos* d'um mesmo ramo é na realidade devida ao seu desaparecimento, por qualquer circumstancia que não é possivel indicar.

Alguns naturalistas têm querido levar as suas vistas muito mais longe, procurando uma serie linear desde a monada até ao homem; mas todos os esforços para a sua realisação têm ficado frustrados diante dos factos. Adeante veremos exemplos de ten-

tativas feitas neste sentido. Milne Edwards diz que «se quizessemos representar por uma figura o encadeamento natural dos animaes e os diversos gráus de perfeição da sua estructura, não é com uma escala que se deveria comparar o reino animal, mas antes com um rio, que, fraco juncto da origem, augmentaria á medida que se aproximasse do mar, mas dirigiria todas as suas aguas por um mesmo leito, dividindo-se muitas vezes em braços mais ou menos numerosos, que ora se reuniriam depois d'um trajecto mais ou menos longo, ora ficariam para sempre separados, ora se perderiam nas areias e desappareceriam para sempre, ou surgiriam de novo a alguma distancia, para continuarem o seu caminho para o fim commum.»

Uma outra ordem de relações, que resultam do estudo comparativo das especies animaes, é a das chamadas *homologias*. Dá-se este nome ás relações que nascem da identidade de estructura, num mesmo animal, ou entre diversos animaes, a respeito de caracteres da mesma ordem. Assim ha homologia nos planos de estructura de dois animaes pertencentes ao mesmo ramo, nos modos de execução d'esses planos, se os animaes pertencem á mesma classe, etc.

Num individuo separado apenas se dizem homologos os orgãos que têm o mesmo nome, ou as duas metades d'um orgão symetrico; por exemplo: os dois braços d'um homem, as duas metades da cabeça em relação ao plano antero-posterior, etc. Ás vezes chamam-se tambem, impropriamente, homologos dois orgãos da mesma ordem (dois musculos, dois ossos, dois membros, etc.), quando apresentam um certo numero de partes primitivamente communs, ainda que na actualidade sejam muito differentes pela fórma e pelo volume; mas, para distinguir estes casos das homologias verdadeiras, Owen designa-os pelo nome especial de *homotypias*. A mão do homem, por exemplo, é homotypica com o pé, o carpo é homotypico do tarso, etc.

Temos assim resumido, como nos foi possivel, as partes principaes da doutrina das classificações geraes e zoologicas.

Mostrámos tambem como existem typos de transição de muitas especies para outras. Agora vem a proposito ligar estes factos por uma theoria; tal será pois, o objecto do capitulo seguinte.

## CAPITULO SEGUNDO

SUMMARIO.— Theoria da variabilidade da especie.

Até aqui temos considerado os typos principaes que fazem parte de qualquer classificação zoologica, por assim dizer, no seu estado estatico; indaguemos agora o que resultará, se não abstrahirmos da idéa de tempo.

Ninguém acredita já na fixidez completa das especies, os factos mostram evidentemente que ellas variam; mas o que se questiona é: se esta variabilidade é indefinida ou limitada.

Se a verdade está na primeira opinião, evidentemente a definição dada por Agassiz perde todo o seu valor scientifico, porque, nesse caso, as especies deixariam de ter uma existencia real, por falta de limites que as separassem umas das outras. O mesmo diríamos dos generos, das familias . . . e, em geral, dos outros grupos. Se é verdadeira a segunda opinião, os grupos precedentes ficam solidamente fundados nos factos da natureza, comtanto que seja possivel assignar precisamente os limites da sua variabilidade.

Muitos naturalistas argumentam contra a primeira opinião, dizendo que, para ella ser admissivel, deviam existir actualmente todos os typos de transição d'umas especies para as outras. É certo que a sciencia se acha na posse de muitos d'estes typos intermedios; mas nem por isso deixa de ser importante explicarmos agora a falta dos que ainda não se descobriram nem talvez venham a ser descobertos.

O desaparecimento das raças póde ser motivado por um grande numero de circumstancias mais ou menos conhecidas, por exemplo: a variação rapida das condições climatericas, a escassez ou a falta de alimentos, o apparecimento de animaes inimigos, a aproximação de raças mais robustas, etc. Se assim não fosse, a descendencia d'um unico par invadiria em pouco tempo a maior parte da superficie do globo; mas na lucta geral pela existencia morre talvez a maior porção d'esta prole, e subsistem unicamente os individuos que gozam de alguma vantagem sobre os outros.

Por outro lado ninguem ignora que as variedades comprehendidas entre dois typos proximos acabam em breve por se fundir num ou noutro d'esses typos por effeito do cruzamento repetido com qualquer d'elles. Logo a theoria da variabilidade indefinida precisa de: 1.º suppor uma tendencia geral á variação; 2.º explicar o modo como a propensão das fórmas divergentes a fundirem-se nos typos normaes não impede o estabelecimento d'uma especie nova e permanente.

Se considerarmos quanto as variações do meio affectam a vida dos seres organisados, e attendermos tambem ás grandes modificações por que têm passado o clima e a geographia physica da terra nas differentes epochas geologicas successivas, não será difficil conceber que a estructura d'esses seres deve ter sido profundamente alterada. Ora esta concepção acha-se perfeitamente de accordo com os factos; mas ella só de per si não basta para justificar a transformação das especies umas nas outras, como queria Lamarck. As circumstancias exteriores podem, é certo, crear um grande numero de habitos; mas estes é que, em geral, não são sufficientes para produzirem as differenças que se encontram de certas especies para outras.

Por isso Darwin, sem desprezar os argumentos d'aquelle naturalista, recorre tambem a um complexo de causas, que denomina *selecção natural*; consistindo esta *selecção* na escolha que a propria natureza faz dos seres vivos, já pela extincção d'uma grande parte na lucha pela existencia, já por um certo instincto de separação, que se nota nos animaes de duas ou mais raças differentes<sup>1</sup>. No primeiro caso a selecção natural reduz-se ao que muitos chamam a *sobrevivencia do mais apto*.

O fundamento da idéa de Darwin está principalmente nas variações, que se têm obtido, das differentes especies domesticas. Os pombos domesticos, por exemplo, offerecem um grande numero de variedades differentes entre si e do typo original, a *columba livia*. Tem-se já dado nomes, diz elle, a mais de 150 raças,

<sup>1</sup> Com esta separação fica explicado o modo como a natureza póde evitar a fusão das variedades nas raças primitivas por effeito dos cruzamentos.

e algumas d'estas, sendo apresentadas a um ornithologista que não as conhecesse, seriam sem hesitação classificadas como especies distinctas. A prova de que todas ellas provêm da *columba livia* está não só nas transições insensíveis, que se encontram entre esta ultima e todas as outras raças, mas tambem no facto de que os cruzamentos d'ellas, por mais differentes que sejam, offerecem sempre, principalmente na plumagem, os characteres particulares da especie brava.

Admittindo, pois, o facto de existir em todos os seres vivos uma tendencia a divergirem uns dos outros e de seus pais, a acção do mundo exterior e a transmissão hereditaria d'estas variações por via da geração, taes são os meios por que se opéra a transformação das especies pela theoria de Darwin.

Pelo que diz respeito á tendencia das variedades a separarem-se, cita-se um exemplo interessante, succedido na Inglaterra. Achan-do-se num certo districto alguns grandes carneiros do Lincolnshire, creados junctamente com carneiros de Norfolk, verificou-se que as duas raças se separavam, logo que eram postas em liberdade; os primeiros procuravam os solos ricos, e os segundos os solos leves e seccos.

A theoria da transformação das especies, embora não se possa ainda acceitar como completamente demonstrada e isenta de objecções, tem comtudo a seu favor muitos argumentos importantes.

As observações paleontologicas mostram, em geral, que as affinidades naturaes dos fosseis são tanto maiores, quando mais proximos elles se acham segundo a ordem chronologica das camadas.

Wallace, depois de muitos annos de estudo sobre a fauna do Archipelago Malaio, formulou o seguinte principio: «Que toda a especie, na sua origem, coincide em tempo e em logar com outra especie existente e proxima alliada.»

É notavel que Darwin, inteiramente afastado dos trabalhos d'aquelle zoologo, chegasse, quasi ao mesmo tempo, a concluir exactamente do mesmo modo. E, a proposito d'este ponto, insiste elle com empenho sobre a ausencia de mammiferos nas ilhas afastadas dos continentes. Não se póde dizer, continúa elle, que estas

ilhas eram desfavoraveis ao desenvolvimento organico; a multiplicação rapida das cabras deixadas no estado livre em Sancta-Hellena, a d'estes ultimos animaes e dos cães em Juan-Fernandez, onde foram introduzidos pelos hespanhoes, e emfim a dos coelhos em Porto-Sancto, provenientes d'um só par, que para lá foi importado em 1418, provam quanto algumas pequenas ilhas convêm á conservação dos quadrupedes no estado livre, uma vez que estes animaes tenham podido alcançar aquellas paragens.

O grande inconveniente, o unico talvez, da theoria de Darwin consiste em não se poder demonstrar por meio de factos que, pelo menos, uma das especies conhecidas teve a sua origem noutra especie preexistente; mas, em compensação, a sua antagonista tambem não está isenta de difficuldades. No estado actual tão difficil me parece demonstrar que a variabilidade da especie é indefinida, como demonstrar que é limitada, e, ainda mais, assignar-lhe os seus limites.

Por falta de espaço não apresentamos aqui um grande numero de consequencias interessantes da theoria da variabilidade, como por exemplo as que dizem respeito aos centros de criação e á origem do homem. Mas no proximo capitulo, posto que já debaixo de diverso ponto de vista, apresentaremos alguns dos principaes caracteres que o aproximam do resto da animalidade.

### CAPITULO TERCEIRO

SUMMARIO.— Reinos organicos. Divisões do reino animal. Lugar do homem nas classificações zoologicas.

#### I

As difficuldades que temos encontrado para estabelecer nitidamente os limites de separação dos grupos animaes continuam a encontrar-se, quando se tracta de separar um do outro os dois reinos organicos; e tanto, que os naturalistas modernos hesitam

ainda sobre o reino em que devem classificar um grande numero de especies.

Estas difficuldades são ha muito tempo conhecidas, e mais d'uma vez as quizeram evitar augmentando o numero dos reinos do imperio organico. Porém assim, bem longe de se conseguir o effeito desejado, complicava-se cada vez mais a questão que se tractava de resolver.

A maioria dos auctores concordam ainda na antiga classificação dos seres vivos nos reinos animal e vegetal, embora a sua separação apresente grandes difficuldades nos seres inferiores das duas escalas. Tracta-se agora de estabelecer as divisões a que o primeiro se pôde prestar em harmonia com os factos conhecidos.

Já vimos que a primeira divisão do reino animal é fundada na subordinação de todas as variedades de estructura a um certo numero de planos diversos. Este numero não é o mesmo para todos os auctores; mas geralmente admittem-se quatro, ou, segundo alguns, cinco, accrescentando o typo dos protozoarios. Todavia o mais racional é talvez rejeitar este grupo, pela obscuridade que reina ainda na sciencia ácerca dos seres que o compõem. Agassiz considera, por exemplo, os infusorios como uma reunião dos elementos mais dissimilhantes, sendo uns verdadeiras algas, e devendo os outros distribuir-se pelas classes: dos crustaceos, dos vermes e dos acalephos.

Acceitando assim a existencia de quatro planos de organização, dividiremos o reino animal em quatro ramos correspondentes, comprehendendo successivamente: vertebrados, articulados, moluscos, radiados.

Os primeiros dividem-se communmente em cinco classes: mamíferos, aves, reptis, batracios e peixes. Agassiz substitue esta ultima classe pelas quatro seguintes: selacianos, ganoides, peixes propriamente dictos e myozontes.

O typo dos articulados comprehende tambem cinco classes: insectos, myriapodos, arachnides, crustaceos e vermes: ou sómente tres, se adoptarmos a opinião de Agassiz, que reúne as tres primeiras classes numa só.

O typo dos molluscos contém tres classes: cephalopodos, gasteropodos (comprehendendo tambem os pteropodos), acephalos (comprehendendo os tuniceiros e os bryozoarios).

Finalmente, o typo dos radiados acha-se representado tambem em tres classes: echinodernes, acalephos e polypos.

Parece-me desnecessario estar a augmentar a extensão d'esta dissertação com a cópia das ordens, familias, etc.

(Continúa)

ANTONIO JOSÉ GONÇALVES GUIMARÃES.

**BREVE ESTUDO SOBRE A CHLOROSE**

O espirito scientifico induz; porque nisso está uma das suas mais bellas prerogativas, uma das suas mais poderosas tendencias, e que elle jámais deixará de accusar em suas manifestações.

E na inducção está a alavanca mais poderosa do progresso scientifico. Mas, por isso mesmo que o seu poder é grande, pulso vigoroso a deve manejar; sem o que ou o movimento é nullo ou retrogrado. Eis uma verdade, para firmar a qual simultaneamente concorrem a historia e o bom senso. A experiencia, como meio de aquisição de verdades medicas, é de velha data.—Todos, pequenos e grandes, temos sido e continuaremos a ser obreiros; no emtanto aos segundos cabe muitas vezes abrir novos caminhos, encontrar relações para que não bastaria o simples confronto dos factos adquiridos. A relação apontada é justa? corresponde á verdade? exprime a manifestação do verdadeiro genio scientifico? No caso affirmativo a experiencia virá confirmal-a, e num só momento ter-se-hão aberto horizontes mais vastos á sciencia. No caso contrario, mais tarde se reconhecerá, que o desvario da imaginação se quizera impôr por manifestação do verdadeiro genio. Que papel caberá aos primeiros?—Continuar incessantemente na aquisição de novos materiaes scientificos, tentar o descobrimento das relações mais proximas, e — saber distinguir entrè inducção justa e desvario da imaginação. Nestas ultimas palavras, que são bem poucas, se acha resumida toda a historia da medicina, e, direi mais — a historia de todas as sciencias.

Que luctas, que tempo perdido por se não saber realizar tal distincção!

Que o pequeno numero dos grandes induza; e que a grande massa dos pequenos critique; mas que esta critica seja digna da sciencia e de nós que a estudamos; que se faça sob o influxo do verdadeiro methodo; e a sciencia avançará constantemente no caminho do progresso.

Eis o programma que se offerece ao meu espirito como o mais justo, por isso que corresponde á natureza dos nossos meios de aquisição scientifica.

• Que elle se imponha á actividade de todos, e o gozo supremo da verdade será o premio dos nossos esforços.

• Se ha pensamentos que me enlevem e arrastem, que despertem em mim o mais fervoroso e sancto enthusiasmo, são seguramente os que acabo de expor. Maravilhado a principio de encontrar na palavra e na escripta dos mestres a expressão de igual sentir, a fé robusteceu-se-me, e firme, como é firme o amor da mãe que se curva sobre o berço, eu a sustentarei sempre, quer inclinado sobre a banca do estudo, quer juncto ao leito do soffrimento.

• Julgando-me compenetrado, tanto quanto possivel nas minhas condições proprias, do modo mais justo de apreciar o que se me offerece ao estudo; e despido de um falso respeito, sem prejuizo da muita consideração que sempre tenho ligado e ligarei á palavra e á escripta dos mestres, aventure-me no campo da critica unica e exclusivamente como meio de estudo. Eis a verdade das minhas intenções, e o motivo d'este trabalho.

• Esclarecer-me no diagnostico e tractamento da chlorose é o fim que tenho em vista.

• Conheçamos e apreciemos primeiramente as opiniões, que têm tido maior curso no campo da sciencia.

• A diminuição da hemoglobina é a lesão verdadeiramente característica e fundamental da chlorose; e a este resultado, obtido pela sciencia moderna, andam ligados os nomes de Duncan, Corazza, etc.<sup>1</sup>

• Debaixo do ponto de vista anatomo-pathologico, é aquella lesão considerada como o facto principio, donde parece derivar, á luz da mais sã physiologia, todo o quadro symptomatologico da

<sup>1</sup> S. Jaccoud -- *Traité de pathologie interne*, 1872, 2.<sup>o</sup> vol., pag. 825 e seguintes.

chlorose. Assim, sendo a hemoglobina o unico<sup>1</sup> agente fixador do oxygenio, é facil deduzir-se a formula pathogenica, que em si resume todas as manifestações chloroticas — insufficiencia na hematose pulmonar e intersticial, perturbações funcionaes generalizadas, descoramento e depressão nutritiva em todos os tecidos.

Finalmente, em uma classificação nosologica de base anatomica, a chlorose fica assim incluída entre as dyscrasias.

Eis a opinião de Jaccoud, que vai mais longe que outros auctores modernos, que vai até onde talvez não podéra nem devera ir. Espirito claro e de um poder de comprehensão pouco vulgar, deixa-se comtudo dominar muitas vezes pela brilhante imaginação que o arrasta; e daqui talvez as incoherencias que se lhe notam. Niemeyer, que me parece ter-lhe servido muitas vezes de norma, é mais moderado nesta parte, contentando-se com a opinião de Vogel em considerar a chlorose como uma oligocythémia<sup>2</sup>.

Com effeito, Jaccoud, considerando a diminuição da hemoglobina como a lesão characteristic e fundamental, obedece a meu ver a esta tendencia de querer encontrar num resultado de observação recente a solução completa de uma questão importante. Tem empenho em mostrar que a chlorose é uma dyscrasia muito especial, que muito se distingue das demais que constituem o grupo; nada mais natural que especialisar tanto quanto possível o elemento anatomo-pathologico, que defina a molestia á face de uma classificação anatomica. A intenção é justa, não o é porém o modo como se pretende satisfazel-a. Como se póde ver da formula da hemoglobina —  $C^{4200} Z_{O}^{960} A_{Z}^{154} Fe^2 O^{354} 3$  (Preyer) d'ella faz parte o ferro; e assim, diminuindo aquella, diminue tam-

<sup>1</sup> Os resultados experimentaes mais recentes, e devidos a Dybkwky, Hoppe-Seyler, Plüfger, Setschenow, tendem todos a mostrar que o oxygenio contido no sangue se acha unido á hemoglobina quasi na sua totalidade; no entanto os admiraveis trabalhos de Fernet mostram tambem á evidencia que parte d'aquelle elemento se acha unido ao sôro, e ainda uma outra parte aos restantes elementos solidos do sangue. Vid. *Leçons sur la physiologie comparée de la respiration*, Paul Bert, 1870, pag. 81 e seguintes.

<sup>2</sup> F. de Niemeyer — *Traité de pathologie interne*, 1872, 2.º vol., pag. 891.

<sup>3</sup> Dr. Ern. Hardy — *Principes de chimie biologique*, 1871, pag. 218.

bem este. Daqui o tractamento pelo ferro, daqui o poder dizer-se que este meio therapeutico constitue *uma pedra de toque*<sup>1</sup> no diagnostico, por isso que satisfaz á lesão fundamental.

Succede, porém, que o proprio Jaccoud, citando os trabalhos de Carl Schmidt e dando-lhes todo o valor positivo, conclue que nos globulos persistentes no sangue chlorotico não diminue o ferro. Se a diminuição da hemoglobina não importa a do ferro, segue-se que este não intervem na lesão characteristic; e portanto — como poderá servir de *pedra de toque*? Ou este valor diagnostico é um dado empirico? Mas, recorrendo á experiencia, vemos practicos assegurarem que ha chloroses que não obedecem ao ferro, que se curam pelo applicação de outros meios, e que em muitos casos o ferro aproveita com tanta vantagem na anemia como na chlorose.

Concluindo: Se definirmos a chlorose — uma diminuição na hemoglobina — não destruimos as difficuldades diagnosticas, e o tractamento da molestia permanece obscuro.

Querendo ver, seguindo o exemplo de Niemeyer, Vogel e outros, na oligocythemia a lesão primordial e characteristic, não me parece resultarem maiores vantagens para a practica.

Apoz uma hemorragia, condição para que se estabeleça um caso de anemia typo, vemos que a parte liquida do sangue se regenera mais promptamente que a parte solida; donde parece devermos concluir que a lesão anemica é uma oligocythemia. Póde porém objectar-se que a oligocythemia é pura na chlorose; isto é, que a diminuição affecta apenas os globulos rubros, não succedendo já o mesmo com os leucocytos e restantes elementos solidos, que permanecem nas suas proporções normaes em relação áquelles<sup>2</sup>.

A diminuição em relação á massa do sangue dá-se em todo o caso na totalidade dos elementos solidos, e apenas no sentido da evolução hemopoiética é que permanecem algumas das condições normaes, por isso que continúa physiologica a relação quantita-

<sup>1</sup> Jaccoud, loc. cit.

<sup>2</sup> Noël Gueneau de Mussy — *Clinique médicale*, 1874, 1.º vol., paginas 188 e 189.

tiva entre o globulo rubro, ultimo termo d'aquella evolução, e os termos anteriores. Se aquellas condições não são primitivas na anemia, quem assegura que num dado momento se não dá o mesmo na crase anemica, onde se manifestam tendencias tão poderosas para a regeneração, e onde portanto a evolução hemopoietica tenderá, mais que nenhum outro facto, a collocar-se em condições normaes? Assim, justo é suppor-se uma oligocythemia pura num momento da evolução anemica.

Mas que a distincção anatomo-pathologica permaneça, será ella de ordem a corresponder-lhe uma differença de manifestações exteriores, symptomaticos, que facilite o diagnostico? A resposta a esta pergunta importa a revelação do valor practico, que actualmente têm todos estes modos de encarar a natureza da chlorose á face dos resultados das analyses do sangue.— Quer de uma diminuição de hemoglobina, quer de uma oligocythemia pura, quer ainda de uma alighemia, podemos egual e indifferentemente deduzir a mesma formula pathogenica, que atrás expuz e que em si resume toda a symptomotologia da chlorose.

Que luera pois o diagnostico em definirmos a molestia por qualquer d'aquelles elementos anatomo-pathologicos? E a therapeutica permanece ainda obscura, empirica, acanhada; ou, a querer desferir vôo, vemol-a despenhar-se no pégo de um *pharmacologismo* absurdo.

E, no emtanto, é convicção minha que anemia e chlorose são duas affecções bem distinctas; assim como tambem creio podermos ter actualmente idéas fecundas sobre o tractamento da chlorose. A auctoridade de Grisolle não me arrasta nesta parte; porque os argumentos de que se serve, tirados todos de um confronto symptomatologico, não os creio de importancia para a solução de uma questão tão importante como a da natureza de uma molestia.

Antes de expor a opinião que se me antolha como mais justa, porque é a mais fecunda para a practica, apreciarei um outro modo de encarar a natureza da chlorose, e que é auctorisado por um nome respeitabilissimo. Trousseau define a chlorose — uma nevrose —<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> A. Trousseau — *Clinique médicale de l'Hôtel de Dieu*, 1873, 3.º vol., pagina 544.

O ponto de partida não foi aqui uma analyse do sangue; o elemento dyscrasico fica assim posto inteiramente de lado; a observação clinica, e só esta, é que creou uma tal convicção no espirito do illustre practico.

Vejamos as condições em que Trousseau observou, e as interpretações particulares que lhes deu:

1.<sup>a</sup> Muitas vezes na evolução chlorotica a crase sanguinea modifica-se a ponto do elemento dyscrasico se substituir por um estado opposto — plethora — ; e no entanto os phenomenos nevro-pathicos proprios permanecem;

2.<sup>a</sup> As influencias moraes representam um papel importantissimo na etiologia da molestia; e cita-se um facto de chlorose confirmada passados quatro dias apoz um susto;

3.<sup>a</sup> A amenorrhœa assignala muitas vezes o começo da chlorose; e no entanto é uma perturbação bem impropria para o estabelecimento de um estado dyscrasico; pelo contrario, restabelece-se o fluxo, dá-se assim uma perda de sangue, e a molestia debella-se<sup>1</sup>.

E é á face de taes argumentos que se conclue: a chlorose é uma nevrose, e o elemento dyscrasico é secundario e contingente na evolução da molestia.

O primeiro argumento colhe, se previamente assentarmos — que as perturbações nervosas chloroticas constituem a característica da molestia. Então, e só então, é que, permanecendo aquellas, ainda que exclusivamente, poderemos dizer que a molestia continúa. Estabelecer porém uma tal premissa para se chegar á conclusão — a chlorose é uma nevrose — não será um verdadeiro circulo vicioso?

Os factos sobre que assentam os dois ultimos argumentos não auctorisam mais que uma confirmação, aliás muito vulgar, da influencia reciproca, que, directa ou por via reflexa, se dá entre os diferentes aparelhos da economia; e ainda da acção regularisadora, que o mais importante dos systemas organicos — o nervoso — leva a todos os pontos. Assim, dada uma perturbação

<sup>1</sup> A. Trousseau, loc. cit.

nervosa, um susto, comprehende-se bem que num ponto do organismo se estabeleça a lesão chloritica primordial; dada ainda uma perturbação na vida uterina, que tão poderosamente domina a organização da mulher, comprehende-se, e bem, que directamente ou por via reflexa se determine aquella mesma lesão. O que é que nos auctorisa a ver na perturbação nervosa o primeiro facto chlorotico? Se um elemento etiologico, quando intrinseco, constitue a essencia da molestia, a chlorose será então nuns casos uma amenorrhœa, noutros uma dysmenorrhœa, etc.; a pneumonia será em muitos casos uma supressão da transpiração cutanea; e o mesmo para outras molestias.

Alem da modificação nervosa, que num caso, susto, foi a primeira produzida no organismo, e no outro caso já consecutiva á perturbação uterina, está o que nós devemos considerar como lesão primordial e characteristica da chlorose. Não apreciando por esta fórma, teremos de assignar á molestia tantas characteristics differentes, quantas as lesões variadissimas que se possam estabelecer no organismo anteriormente ao apparecimento definitivo da molestia.

A evolução pathogenica é-nos quasi sempre desconhecida nas modificações intimas que encadêm e relacionam entre si os phenomenos que nós podemos apreciar; e se o elemento nervoso interviesse primordial e constantemente na pathogenese chlorotica, nenhuma duvida deveria haver em presumir-lhe a natureza da molestia. Aquella intervenção primordial não é constante; e se os phenomenos nevropathicos entram quasi sempre e por muito no quadro symptomatologico da chlorose, tem este facto, a meu ver, uma outra explicação mais justa e que passo a expor: Ensinam-nos a physiologia<sup>1</sup>, e a observação clinica confirma-o a cada passo, que o systema nervoso influencia e muito poderosamente os phenomenos intimos da nutrição; ora representando a chlorose — *uma perturbação nas faculdades nutritivas* — como adeante terei occasião de mostrar, explicado fica porque o elemento ner-

<sup>1</sup> Dr. Poincaré — *Leçons sur la physiologie normale et pathologique du système nerveux*, vol. 1.º, 1873, pag. 7, e em outros pontos tanto d'este volume como do 2.º publicado em 1874.

voso intervem muitas vezes na etiologia da molestia. Por outro lado a dyscrasia influencia o elemento nervoso, e de ha muito que a imaginação feliz de alguns praticos define os phenomenos nevropathicos — *queixumes do nervo pedindo um sangue mais generoso*—. Se accrescentarmos a estas considerações — que a chlorose é mais frequente no sexo feminino, onde predomina o temperamento nervoso, chegaremos á verdadeira conclusão sobre a importancia do elemento nervoso na genese e no quadro symptomatologico da molestia.

Eis como entendo dever julgar das differentes opiniões sobre a natureza da chlorose, e reunindo-as em uma apreciação commum, direi: Todas derivam dos abusos do espirito inductivo. Porque a observação mostra certa alteração na crase sanguinea, ou porque tem revelado em alguns casos uma perturbação nervosa anterior ao estabelecimento da molestia, conclue-se que em taes factos se deve encontrar a characteristic da chlorose! Generalisa-se, induz-se, dizendo — no seu fundamento, e portanto em todos os casos, a molestia será: ou uma diminuição na hemoglobina, ou uma oligocythemia, ou uma nevrose!

Mal vai ao clinico que se não inspira da riqueza scientifica, que os variados ramos da medicina lhe fornecem a cada passo. Importa porém que o dado scientifico, para não permanecer estéril, seja applicado;— nisto é que vai todo o perigo. Aquelle tornar-se-ha util ou nocivo, conforme o valor da applicação. Tem-se pretendido evitar o perigo pela expectação systematica. Quem acreditaria que a medicina continuasse nas palavras de alguns medicos a denominar-se sciencia, confessando-se todavia absolutamente estéril e inutil!!! A expectação systematica, qualquer que seja o nome com que se acoberte, está julgada pelos homens da sciencia que reúnem ao saber a moralidade<sup>1</sup>, e não serei eu, principiante ainda, quem vá levantar aqui recriminações bem justas, mas improprias a uma penna destituida de toda a auctoridade.

<sup>1</sup> J. B. Fonssagrives — *Principes de thérapeutique générale*, 1875, pag. 5 a 29.

É pois inevitável o perigo. Procuremos as forças na consciencia plena da nossa missão, e as armas no estudo; — e, de posse d'estes dois elementos, caminhemos, seguros de encontrar no gozo da verdade, e muitas vezes — nas alegrias de um convalescente — o premio dos nossos esforços.

Aproxima-se a occasião de me expor á critica que me honrar com a sua apreciação.

Li nos livros e li já em alguns doentes, e confrontando a molestia (a descripção que d'ella dão os livros) com o doente, dando a cada um o que lhe era proprio, e tirando de ambos o que julguei dever considerar commum a todos os chloroticos, cheguei á seguinte conclusão: a chlorose exprime um vicio radical nas faculdades nutritivas<sup>1</sup>.

Não é original este modo de ver, e em Gueneau de Mussy<sup>2</sup> encontramo-lo bem expresso. Cabe-me apenas a responsabilidade da interpretação e da adhesão.

O elemento dyscrasico, qualquer que seja a sua expressão especial, é um producto immediato d'aquella perturbação primordial e verdadeiramente characteristic. Offerece-se-nos porém uma difficuldade: que logar deverá occupar a molestia no quadro nosologico? Entre as dyscrasias? Importaria isto uma outra definição; e como pelas mesmas necessidades de classificação teriamos de assignar á molestia um logar entre aquellas, levar-nos-hia ainda isto a uma outra definição, e então a chlorose passaria a ser ou uma diminuição na hemoglobina, ou uma oligocythemia, ou uma olighemia.

As necessidades do estudo auctorizam conciliações e não concessões que prejudiquem a verdade. Colloque-se a chlorose entre as dyscrasias, visto que é na crase sanguinea que primeiro e mais profundamente se manifesta a perturbação fundamental; quanto

<sup>1</sup> De la muito que voga na sciencia uma outra interpretação, que se poderia julgar identica a esta. Considerar porém a chlorose *um estado geral de asthenia* é encarar a molestia á luz vaga de um systema que teve a sua epocha como tantos outros, ou exprimir um symptoma que não é constante nem primitivo na evolução da molestia.

<sup>2</sup> Gueneau de Mussy, loc. cit.

porém á interpretação que devemos dar a esta, procuremola á cabeceira do doente e não nas analyses do sangue. Que a sciencia tente transpor o mais breve possivel o espaço que vai do effeito dyscrasico á causa que o produz; que no emtanto a arte de curar irá accitando as interpretações que mais segura e facilmente a levarem ao seu fim.

O primeiro resultado util da opinião que adopto manifesta-se no diagnostico. Um vicio radical nas faculdades nutritivas é uma condição productora de dyscrasia muito differente da inanição, da hemorragia, da destruição directa (intoxicações e viciação diathesica) dos elementos do sangue. Num caso falta a força, no outro os materiaes, conservando-se neste ultimo toda a virtualidade das faculdades nutritivas, pelo menos primitivamente<sup>1</sup>. Daqui resulta uma distincção profunda e real entre anemia e chlorose. Collocado o doente em condições favoraveis de alimentação, a diminuição de materiaes tenderá a desapparecer, por isso que no organismo permanece toda a virtualidade nutritiva, a menos que a causa destruidora não continue a actuar sobre os materiaes da nutrição. Eis o character de dependencia que distingue a anemia. No tractamento d'esta, a indicação causal é a de maxima importancia, e até em muitos casos a sufficiente a guiar-nos para a cura. Já o mesmo não succede suppondo um vicio primitivo nas faculdades nutritivas. Que o elemento etiologico deixe de actuar, fica a impressão, permanece a fraqueza no acto nutritivo, porque se acha affectado o fundo de forças. Eis o character de independencia que distingue a chlorose, eis a verdadeira interpretação da sua essencialidade. No seu tractamento póde proscrever a

<sup>1</sup> A face d'esta distincção, e portanto da interpretação que ella suppõe, e lembrando as idéas tão justas que Pidoux nos deu sobre a natureza da diathese tuberculosa; depois, recordando ainda a importancia histogenica que Virchow concedeu ao tecido plasmatico, iamos assim de élo em élo percorrendo uma serie brilhante das mais ricas acquisições da sciencia moderna até chegarmos á importante questão, tão ventilada entre practicos illustres, sobre se ha ou não um verdadeiro antagonismo entre chlorose e tuberculose. É assim que no estudo as grandes questões se offerecem ao espirito ligadas e todas convergindo para um fim unico — a acquisição da verdade.

indicação causal, por já não existir o elemento etiologico, que fica, como mais importante para a cura, a indicação morbida, a da molestia em si e que em si é independente. Casos ha em que vemos esta independencia accentuar-se ainda mais: Na chlorose genital persiste ordinariamente a perturbação uterina que determinou a molestia, permanecendo assim a indicação causal; não se julgue porém que importe muito para a cura da molestia satisfazermos áquella indicação, poisque a practica tem mostrado muitos casos em que a molestia se debella, a pezar da insistencia da perturbação uterina.

Eis como uma tal interpretação da molestia veio esclarecer o diagnostico. — Será no conhecimento das influencias productoras da molestia, no maior ou menor gráu de independencia que esta revelar em relação áquellas, e portanto na marcha do padecimento e nos resultados da therapeutica, que, muito superiormente a um confronto symptomatologico, encontraremos os fundamentos de uma apreciação diagnostica segura.

Por outro lado facil nos é reconhecer quanto se alargou o campo da therapeutica.

Collocado o doente nas melhores condições de alimentação, onde encontrar acção mais poderosa para debellar uma depressão na energia nutritiva alem d'estes grandes meios: satisfação moral, luz, calor, movimento, ar puro, etc.? A hygiene é tudo no tractamento da chlorose: — *En général, c'est plutôt par des moyens hygiéniques que par des médicamens qu'il faut combattre la chlorose, lorsqu'elle est simple et récente*<sup>1</sup>.

E comprehende-se que mais tarde a hygiene não baste; assim como tambem é possivel, e a practica mostra-o, que se devam evitar seus poderosos agentes, porquanto as grandes estimulações tornam-se muitas vezes nocivas a organismos consideravelmente depauperados.

Na vida do campo encontram-se as condições mais favoraveis para uma acção util da luz e do ar puro.

<sup>1</sup> L. Ch. Roche — *Dictionnaire de médecine et chirurgie pratiques*, 1830, article: chlorose.

Na hydrotherapia<sup>1</sup>, principalmente marina, teremos um meio com que utilizar os bons effeitos do calor, e ainda a estimulação produzida pelos principios contidos na agua do mar e na atmosphaera que o cobre. Na somascetica teremos ainda um outro auxiliar poderosissimo<sup>2</sup>. Finalmente, as distracções, a realisação de um desejo ardente, a energia moral adquirida por uma educação elevada, e a cultura do espirito pela contemplação intelligente dos grandes movimentos da natureza e da arte<sup>3</sup>, são outros tantos elementos que completam a formula mais fecunda em todo o estudo da chlorose, porque é a que nos leva á sua cura.

O ferro? Como obra o ferro? Porque empregar o ferro?

Se lançarmos soluções ferruginosas sobre plantas definhadas, vemol-as voltarem ás condições de uma nutrição normal (Gueneau de Mussy). Eis um resultado que, muito mais que as analyses do sangue, nos leva a uma interpretação justa da acção do ferro. E o ferro obra naquelle caso apenas como estimulante do acto nutritivo, porquanto, não entrando na composição normal da chlorophylla, não podemos suppor alli o restabelecimento de um elemento que faltasse.

Aqui a aproximação é justa, porque a chlorose na sua essencia póde affectar tudo o que se nutre, e portanto o vegetal.

O ferro cura, porque estimula os actos nutritivos, ou ainda porque lhe imprime uma outra qualquer modificação que nos é desconhecida, assim como tambem não conhecemos a alteração nutritiva intima que constitue a essencia da chlorose. Á expressão vaga — *vicio radical nas faculdades nutritivas* — fica assim correspondendo esta outra não menos vaga — *o ferro cura porque eleva os actos nutritivos*. Eis a therapeutica racional dentro dos limites justos da verdadeira sciencia.

Descobriu-se o ferro no globulo rubro, attribuiu-se-lhe á face da chimica um importante papel na fixação globular do oxygenio

<sup>1</sup> Vid. dr. Beni-Barde — *Traité théorique et pratique de hydrothérapie*, 1874.

<sup>2</sup> Vid. dr. Schreber — *Gymnastique de chambre*, Paris, 1872, 3.<sup>o</sup> édit.

<sup>3</sup> Vid. E. de Feuchtersleben — *Hygiène de l'ame*, Paris, 1870.

(Hardy), e todos estes resultados têm hoje um valor positivo. É já muito sobre o que o ferro representa nos phenomenos intimos da nutrição; mas ainda não é tudo, ou pelo menos não basta para que possamos explicar a acção therapeutica que elle realisa no tractamento da chlorose.

V. URBINO DE FREITAS.

O ferro. Com o ferro a chlorose, porém, é a que nos leva a sua cura.

Os ferros. Com o ferro a chlorose, porém, é a que nos leva a sua cura.

Após a exposição ao facto, porém, a chlorose na sua essência não afecção, tudo o que se apresenta é a chlorose.

Desobrigado o ferro no estado natural, attribui-se-lhe a facção de...

## LITTERATURA E BELLAS ARTES

## O CONDE UGOLINO

## EPISODIO DO INFERNO DE DANTE

O episodio do conde Ugolino foi traduzido em verso portuguez, no anno de 1864, por benevolo convite do sr. Marquez de Sousa Holstein. Publicou-o s. ex.<sup>a</sup> na *Revista Contemporanea*, junctamente com um bello artigo seu acompanhando uma gravura do insigne pintor Domingos Antonio de Sequeira, que representa uma situação do sublime episodio dantesco. A mesma traducção foi depois inserida na *Miscellanea Hellenico-Litteraria* estampada na Imprensa Nacional em 1868. A versão começava no 1.<sup>o</sup> terceto do canto xxxiii livro da 1.<sup>a</sup> parte da trilogia, e acabava no terceto 25. Hoje sáe completa, na parte narrativa, principiando no terceto 42 do canto xxxii, e acabando no terceto 26 do canto xxxiii

Aquella sombra <sup>1</sup> tinhamos deixado :

Eis dois de gelo em cóvam immergidos ;

De um a cabeça era elmo ao tormentado ;

Vi, quaes n'um pão famintos insoffridos,

Fincar os dentes no outro o sobranceiro,

Aonde craneo e nuca estão unidos :

<sup>1</sup> *Bocca degli Abbati*, por cuja traição foram trucidados em *Mont'Aperti* quatro mil homens do seu partido *guelfo*. O poeta põe na *Antenora*, isto é, no compartimento do inferno onde são punidos os traidores, o individuo que militando nas fileiras dos *guelfos* atraiçoou estes, fazendo assim um assignalado serviço aos *gibelinos*, em cuja facção militava o poeta. Lêa-se a interessante obra do sr. Conselheiro d'Estado José Silvestre Ribeiro, intitulada: *Dante e a Divina Comedia*, pag. 208, onde s. ex.<sup>a</sup>, commentando este logar, faz sobresair o nobre e elevado character do principe da poesia toscana, superior a quaesquer considerações de espirito e interesses partidarios em pontos de dignidade e de honra.

Como as fontes Tydeo, feroz guerreiro,<sup>1</sup>  
 Roera a Menalippo, elle comendo  
 Lhe ia craneo e miolos, carniceiro.

Ó tu, disse eu então, que estás pascendo  
 Rancor tão féro n'esse miserando,  
 A causa me declara, pois pretendo,  
 Se justa a causa for do tracto infando,  
 E se eu souber quem sois e o seu peccado,  
 Vingar teu nome, ao mundo regressando,  
 Se a minha bocca não se houver seccado.

O peccador cessou do fero pasto,  
 Os beiços aos cabellos alimpando  
 Da cabeça roída em tal repasto.

Queres, disse depois, que exacerbando,  
 Com tal recordação, a dôr presente,  
 Te conte o caso misero e execrando?

Se o referil-o tem de ser semente  
 Que brote infamia ao trédo scelerado,  
 Escuta: eu narro e choro junctamente.

Não sei quem és, nem como aqui chegado  
 Tenhas; porém pareces florentino  
 No modo de fallar, como hei notado.

O conde eu fui, miserrimo, Ugolino,  
 Este o arcebispo, perfido, Rogeiro:  
 Ouve a causa de tracto tão ferino.

Não hei mister contar o traçoeiro  
 Seu hostile proceder, com que, illudido  
 Eu preso e morto fui por derradeiro  
 Porém, (isto não podes ter ouvido)

Direi quanto foi crua a minha morte;  
 Verás se fui, ou não, d'elle offendido.

<sup>1</sup> Tydeo, filho de *Enéo*, rei da *Caledonia*, e *Menalippo*, thebano, feriram-se mortalmente um ao outro no cerco de *Thebas*. Menalippo morreu primeiro que *Tydeo*: este, em paroxysmos de atroz furor, ordenou que lhe fosse trazida a cabeça do seu inimigo, e poz-se a roel-a na presença de todos. V. a *Thebaida* de *Stacio*, no livro VIII.

Uma fresta na torre, escura e forte,  
 Da fome, após meu fim intitulada,  
 Em que outros jazerão da mesma sorte,  
 Ver me deixava a lua apressurada,  
 Em mais de um curso, quando tive um sonho,  
 Preannuncio da desdita a mim fadada.  
 Qual amo, qual senhor ver este eu sonho,  
 Que um lobo e seus cachorros acoçava  
 Para o São Julião,<sup>1</sup> com ar medonho:  
 Cadellas magras, finas açulava  
 E os Guarlandis, Sismondis e Lanfrancos  
 Diante poz de si, quando caçava...  
 Em breve, filhos, pae, lassos e mancos  
 Se me afiguram, miseros: eu via  
 Canina sanha lacerar seus flancos.  
 Acordo antemanhã, e logo ouvia  
 Os filhos meus: em sonhos, a taes horas,  
 Pão, cada qual, chorando, me pedia.  
 Tens coração bem cru, se não deploras,  
 Já pelo agouro infausto a magoa minha:  
 E de que soes chorar, se aqui não choras?  
 Despertos são: a hora se avizinha  
 De parca refeição nos ser trazida:  
 Em susto um triste sonho a todos tinha.  
 Eis que a porta da lôbrega guarida  
 Por baixo ouço cravar... sem dizer nada,  
 Volvo a meus filhos vista espavorida.  
 Tornou-me pedra a dor reconcentrada,

<sup>1</sup> O texto vertido litteralmente diz: «O monte que impede que os *pisanos* vejam *Luca*,» isto é, o monte que separa o territorio de *Pisa* do territorio de *Luca*. Ora aquelle monte chama-se *S. Julião*, como explicam os commentadores. Não era possivel fazer entrar no correspondente terceto a periphase do original: fica substituida pelo nome proprio. — O facto historico, fundamento d'este episodio, é bem conhecido de todos os leitores estudiosos, por isso se omitta a sua exposição, que, *aliás*, pode ler-se na citada obra do sr. José Silvestre Ribeiro.

Não chorei; elles sim: eis Anselminho  
 Assim 'nos olhas pae? que tens? me brada.  
 Não choro, não respondo — ais e carinho  
 Eu, dia e noite, suffoquei no peito:  
 O sol repete o solito caminho.  
 Quando luziu, com brilho inda imperfecto,  
 Do carcere no horror, vejo exprimido  
 Em quatro aspeitos o meu proprio aspeito.  
 Mordi ambas as mãos, de dôr transido,  
 Elles julgando ver de fome antojo,  
 Erguem-se e soltam brado dolorido:  
 «Ah! não prosigas n'esse infando arrojo,  
 De nós te nutre, ó pae: tu nos vestiste  
 D'estes membros: teu seja este despojo.»  
 Quedei, poupando aos meus pezar mais triste:  
 Por dias dois nós mudos estivemos.  
 Ah! dura terra, porque não te abriste?  
 O quarto dia emfim chegado vemos:  
 Gaddo cae a meus pés... diz expirando:  
 «Não me acodes, ó pae, n'estes extremos?»  
 Morreu; como és presente, ao termo infando  
 Dos tres, um após outro, eu fui presente,  
 Do quarto ao quinto dia: então buscando,  
 De rojo os fui, já cego, e, em som plangente,  
 Por elles, mortos já, chamei dois dias:  
 Mais poude a fome, emfim, que a dor puñgente:  
 Disse, e estorcendo os olhos, as porfias  
 Do furor renovou, cravando o dente  
 No craneo do infeliz, como verias  
 Um cão roer um osso avidamente.

A. J. VIALE.

N.º 3

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

CATALOGO DOS OBJECTOS EXISTENTES NA COLLECÇÃO DE ARCHEOLOGIA  
DO INSTITUTO DE COIMBRA

A CARGO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO MESMO INSTITUTO

(Continuado do n.º 11, paginas 240)

### EPOCHA PORTUGUEZA

#### N.º 1

Lapide sepulchral, de 0<sup>m</sup>,47 de alto, com a cruz de templario em uma só face<sup>1</sup>.

Foi descoberta por alguns membros da commissão de archeologia do Instituto no terreno de um antigo cemiterio, proximo á egreja matriz de Tentugal, e recolhida na collecção do mesmo Instituto em janeiro de 1874<sup>2</sup>.

#### N.º 2

Outra lapide como a precedente, tendo em uma das faces a cruz de templario, e na face opposta uma variante da mesma cruz com um quadrado no centro, e dentro d'este um pequeno circulo.

Tem 0<sup>m</sup>,59 de alto, havendo tambem sido encontrada no mesmo logar da lapide precedente em janeiro de 1874.

<sup>1</sup> Cruz muito semelhante á da lapide sepulchral de Vermudo, da era de 1224, anno de 1186, existente na capella de S. Marcos da egreja do Salvador de Coimbra, e estampada no *Antiquario Conimbricense*, n.º 6, pag. 72.

São vulgares nos monumentos sepulchraes dos seculos x e proximos seguintes estas, e outras fórmulas de cruces, com mais ou menos ornatos, letras e divisas, allusivas na maior parte ás dignidades, familias e profissões dos finados. Vid. *The Art-Journal*, november, december, 1873, pag. 329 e 361.

<sup>2</sup> Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 13 v.

## N.º 3

Capitel de 0<sup>m</sup>, 32 de alto, com labores de folhas e cordões entrelaçados.

Estava embebido na parede arruinada de um pardieiro ao fundo do quintal, que foi claustro da igreja antiga de Sancta Justa de Coimbra,<sup>1</sup> a partir com o adro de Sancta Justa e a rua direita d'esta cidade.

Por deliberação da juncta de parochia da freguezia de Sancta Cruz, a pedido da secção de archeologia do Instituto, foi depositado nesta collecção aos 24 de fevereiro de 1875<sup>2</sup>.

## N.º 4

Sarcophago de pedra, com 2<sup>m</sup>,87 de comprimento e 0<sup>m</sup>,56 de altura por 0<sup>m</sup>,87 de largo na cabeceira, e 0<sup>m</sup>,60 nos pés, faltando a tampa ou cobertura, de que nenhum vestigio se encontrou.

Em romano gothico com algumas lettras conjunctas, de quasi um centimetro de alto, decifra-se na face externa da cabeceira e na lateral da direita a inscripção,

▲   ▲  
E : M : CC : III : IDVS : IVNII : OBIT :

MARIA : MENENDICI : VXOR : IHNS : PELAGII : <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Igreja fundada nos annos proximos ao de 1100, e que em 1708 foi abandonada por effeito das inundações do Mondego, principiando-se em agosto de 1710 o novo templo no fim da rua da Sophia, que sómente se concluiu em 1724. Alguns estragos do terremoto de 1755, na frontaria d'esta igreja, reparou-os completamente a juncta de parochia da freguezia de Sancta Cruz em agosto e setembro de 1874. *Conimbricense* de 22 de setembro de 1874, n.º 2834.

<sup>2</sup> Sancta Justa era uma das antigas freguezias da cidade, que o decreto de 20 de novembro de 1854 extinguiu, annexando-a á de Sancta Cruz, na conformidade do *Plano da redução, suppressão, arredondamento e erecção de parochias na cidade de Coimbra, e seus suburbios*, pelo mesmo decreto approved e mandado cumprir.

<sup>3</sup> Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 28.

<sup>4</sup> Na era de 1204 (anno de 1166) nos idos de junho (13 de junho) se finou Maria Mendes, mulher de João Palagio.

Estava servindo de canteiro de flores no quintal, que foi clausura da igreja antiga de Sancta Justa de Coimbra, a partir com o adro de Sancta Justa e a rua direita d'esta cidade.

Por deliberação da junta de parochia da freguezia de Sancta Cruz, a pedido da secção de archeologia do Instituto, foi nesta collecção depositado com o capitel, n.º 3 d'esta epocha, em 24 de fevereiro de 1875<sup>1</sup>.

É a propria sepultura ou arca de pedra, de que já deram noticia o *Instituto*, vol. x, n.º 3, art. *Apontamentos Historicos de Coimbra*, pag. 63, o *Guia Historico do Viajante em Coimbra*, pag. 22, e a *Historia Breve de Coimbra*, por B. de B. Botelho, segunda edição annotada pelo sr. A. Francisco Barata, not. 23 a pag. 65<sup>2</sup>.

## N.º 5

Lapide sepulchral de Pedro Affonso, fallecido aos VII das kalendas de setembro (26 de agosto) da era de mil duzentos e...

Contém em romano gothico a seguinte inscripção, em cuja linha quinta faltam as ultimas lettras, que completavam a era.

|                                       |
|---------------------------------------|
| HOC : IACET : IN TVMVLO               |
| QVI : EST : IN MEDIO : PORTE :        |
| PETRVS : ALFONSVS : QVI : OBIIT       |
| •     •<br>VII KLS : SETEMBRIS : IN : |
| ERA : M : CC : .....                  |

<sup>1</sup> Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 28.

<sup>2</sup> Havendo tambem tratado da historia e antiguidades d'esta igreja de Sancta Justa, e antigo hospicio dos monges de Sancta Maria da Caridade, o sr. R. de Gusmão no *Instituto*, vol. vi, n.º 15 art. *Monumentos de Coimbra*, pag. 186, o sr. A. Francisco Barata no *Commercio de Coimbra*, de 18 de

Estava metida ás vexas como material de construcção na frontaria da antiga capella de S. João, hoje de S. Braz, no castello de Montemór-Velho, á direita do portal juncto ao alicerce. D'este logar foi tirada, e remettida para a collecção do Instituto, pelo sr. Adolpho de Sousa Loureiro em fevereiro de 1874<sup>1</sup>.

Tem 0<sup>m</sup>,35 de largo por 0<sup>m</sup>,20 de alto.

## N.º 6

Lapide de 0<sup>m</sup>,90 de largo por 0<sup>m</sup>36 de alto, commemorativa da fundação da torre quinaria do antigo castello de Coimbra por D. Sancho I na era de 1236, anno de 1198.

Contém em romano gothico, com muitas letras conjunctas e inclusas, e algumas falhas e mutilações, a inscripção

+ :ERA:M:CC:XXX...REGNANTE:AP...PORTVG:ALE:REGE:SANCIO:INCLITI:REGIS:ALP....  
 ET:REGINE:MAHALDE:FILIO:ET:ILLVSTRIS:COMITIS:HENRICI:ET:NOBILISSIME:TAR...  
 REGINE:NE...OTE:IPSO:IVBENTE:CONSTRVCTA:EST:HEC:TVRRIS:ANNO:REG....  
 ....SIVS:ET:VXORIS:EIVS:REGINE:DVLICIE:TERCIO:DE....  
 A CAPTIONE:VER...IVITATIS:COLIMBRIE:PER:REG....  
 NANDVM:EX:SERRACENIS:CENTESIMO:TRICESI....  
 PRESIDENTE:TVNC:IN:PREDICTA:CIVITATE:EPISCOPO:DNO:PET....

Estava collocada sobre a porta da torre, cuja fundação commemorava, e donde a Academia Real de Historia mandou tirar o desenho, que publicou o seu socio F. Leitão Ferreira no *Catalogo Chronologico Critico dos Bispos de Coimbra*, pag. 76<sup>2</sup>. Principiada a demolição do castello em 19 de abril de 1773, foi a pedra apeada do seu logar aos 15 de março de 1774, sendo logo recolhida em um armazem do museu da Universidade<sup>3</sup>, e

dezembro de 1863, n.º 328, e o sr. A. M. Seabra d'Albuquerque no *Zephiro*, de 31 de maio de 1872, n.º 8.

<sup>1</sup> Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 15.

<sup>2</sup> Na *Collecção dos Doc. e Mem. da A. R. de Hist. Port.* tom. iv, de 1724.

<sup>3</sup> *Coimbra Gloriosa*, manuscripto já citado. No dizer, algum tanto exa-

mais tarde exposta com outras lapides no terreiro da mesma, sobre um pedestal de alvenaria, á esquerda do portico da bibliotheca. Tirada d'este logar, em 23 de dezembro de 1867, para uma casa terrea do collegio de S. Pedro, veio d'ahi transferida como deposito para o Instituto em maio de 1873.

Além do desenho mencionado, ainda outras copias se tiraram e publicaram com diversas interpretações, particularmente quanto ás lacunas das datas na primeira, quarta e sexta linhas. A difficuldade estava, com effeito, em completar essas datas de fórma que acertassem exactamente com as eras conhecidas da conquista de Coimbra, e do principio do governo de D. Sancho I. Essas duvidas parece, porém, havel-as resolvido, depois de escrupuloso exame no monumento, o auctor das *Diss. Chron.* tom. I, pag. 27, e tom. II, pag. 102, cuja interpretação foi tambem adoptada no *Instituto*, vol. X, n.º 10, pag. 218.

No conceito d'aquelle laborioso antiquario a falha da primeira linha, depois da ERA : M : CC : XXX..., devia conter o numeral romano VI e não o II, como suppozeram fr. Leão de S. Thomaz, o conego Nogueira, e os academicos F. L. Ferreira, fr. Manuel da Rocha e A. C. de Sousa.

Repara-se attentamente na dicta falha, e ahi parece, com effeito, divisar-se a parte inferior da primeira haste obliqua do V, e o espaço, que ainda sobeja, para a perpendicular da letra I.

No final da quarta linha, em continuação do DE, suppoz o mesmo antiquario, como antes d'elle advertira o academico Leitão, que se deviam acrescentar as syllabas CIMO para assim completar o ordinal DECIMO.

Examina-se bem a lapide, e ahi se distingue muito visivel a extremidade superior do C quadrado (gothico), e o intervallo sufficiente para as letras restantes.

gerado provavelmente, do seu auctor, tinha a torre ou castello das cinco quinhas cento e quatro palmos de alto, e tam seguro estava que para se deitar abaixo foi preciso ir a fogo, em que se gastaram mais de oito mil crusados e sete mezes de trabalho.

A demolição acabou aos 19 de novembro de 1774.

E allusivo, por ventura, a essa segurança de construcção seria o letreiro

seguida ao TRICESI, nella se pode medir espaço bastante, não só para a syllaba MO, como para o TERCIO, que entreviu o mencionado J. P. Ribeiro, completando assim a leitura d'esta data CENTESIMO TRICESIMO TERCIO.

E substituidas por esta fórma as dictas lacunas, fica determinada a fundação da torre na era de 1236, a que correspondem os cento e trinta e tres annos, completos ou iniciados, depois da conquista de Coimbra em julho da era de 1102<sup>1</sup>. Com a mesma era de 1236 vem acertar tambem os treze annos do reinado de D. Sancho I, a contar do fallecimento de D. Affonso Henriques em 6 de dezembro da era de 1223, e o episcopado de D. Pedro Soares, que da era de 1230 se prolongou até á de 1271<sup>2</sup>.

Quanto ás outras falhas ou lacunas é facilima a sua reconstrução<sup>3</sup>.

Considerando, finalmente, a grande lacuna na sexta linha em *Quinaria turris herculea fundata manu*, que estava dentro do mesmo castello, no dizer do padre A. Carvalho, e que elle e outros credulos tomaram á letra como prova evidente, de que fôra Hercules o fundador da mesma torre. *Conquista de Coimbra* por A. C. Gasco, pag. 16. *Corog. Port.* tom. 2, pag. 11. Vid. o art. *Castello de Coimbra* do sr. R. de Gusmão na *Rev. Univ. Lisbonense* de 1842, n.º 27, pag. 318.

E certo, porém, que como *torre de Hercules* era vulgarmente conhecida esta torre quinaria, apparecendo com essa indicação (*tore dercules*) no apontamento, feito em 1573, da *Obra de pedraria e alluenaria que se ha de fazer no castello desta cidade*, trasladado no *Registo da Cam. Municipal*, tom. III, e citado nos *Indices e Summarios dos livros e doc. mais antigos e importantes do arch.* da mesma corporação, fasc. II, pag. 166.

<sup>1</sup> Cit. *Diss. Chron.* tom. I, pag. 39, not. 1, e tom. II, pag. 102, not. e.

<sup>2</sup> *Not. Hist. do mosteiro da Vacariça* pelo fallecido socio do Instituto, M. R. de Vasconcellos, *Continuação da part. II*, pag. 2. Instituto vol. VIII, n.º 6, pag. 94.

<sup>3</sup> Principalmente combinando os dizeres d'esta com os da inscripção da torre da estrella ou de *belcouce*, fundada tambem por D. Sancho I em 1209 (era de 1247), o 24 anno do seu governo e 146 da conquista de Coimbra. Cit. *Diss. Chron.* tom. I, pag. 39, e tom. II, pag. 103. *Mem. acêrca da combinação das epochas que contem a inscripção da torre da estrella da cidade de Coimbra*, na *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sciencias*—1848, 2.ª serie, tom. 2, part. I, e *Indices e Summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo da Cam. Municipal de Coimbra*, fasc. II, pag. 120.

Pode, portanto, completar-se a leitura da inscripção pela fórma seguinte :

†:ERA:M:CC:XXX:VI:REGNANTE:APVD:PORTOGALE:REGE:SANCIV:INCLITI:REGIS:ALFONSI:  
 ET:REGINE:MAHALDE:FILIO:ET:ILLVSTRIS:COMITIS:HENRICI:ET:NOBILLISSIME:TARASIE:  
 REGINE:NEPOTE:IPSO:IVBENTE:CONSTRVCTA:EST:HEC:TURRIS:ANNO:REGNI:  
 IPSIVS:ET:VXORIS:RIVS:REGINE:DVLCE:TERCIO:DECIMO:  
 A:CAPCIONE:VERO:CIVITATIS:COLIMBRIE:PER:REGEM:FER:  
 NANDVM:EX:SERRACENIS:CENTESIMO:TRICESIMO:TERCIO:  
 PRESIDENTE:TYNC:IN:PREDICTA:CIVITATE:EPISCOPO:DNO:PETRO:

## N.º 7

Lapide sepulchral de D. Honorio, sacerdote da egreja de S. Pedro de Cantanhede, fallecido aos xv das kalendas de abril (18 de março) da era de 1320, anno 1281 da Incarnação e 1282 do Nascimento.

Occupá o centro da lapide um baixo relevo, representando N. Senhora na cadeira com o Menino no regaço, uma flor de liz na mão direita, e aos pés um clérigo ajoelhado, de mãos postas e levantadas como em oração. Pela parte superior, e aos lados d'esta esculptura, corre em gothico maiusculo e minusculo, com abreviaturas e algumas pequenas falhas, a inscripção seguinte, que transcrevemos como no proprio original se acha collocada.

<sup>1</sup> Na era de 1236 (anno de 1198), reinando em Portugal o rei Sancho (1), filho do inclito rei Affonso e da rainha Mafalda e neto do illustre conde Henrique e da nobilissima rainha Theresa, por seu mandado foi construida esta torre no anno decimo terceiro do seu reinado e da rainha Dulce, sua mulher, e no centesimo trigesimo terceiro da tomada da cidade de Coimbra aos serracenos pelo rei Fernando, presidindo então na predicta cidade o bispo D. Pedro.

|                                         |                        |
|-----------------------------------------|------------------------|
| : † : ANNO : AB INNCARNACION...         |                        |
| : M : CC : LXXI : E : M : CCC : XX : XV |                        |
| KLS : APRILIS                           | OBIIT : D <sup>o</sup> |
| NVS : HONORI                            | CVS : ECCLESIE :       |
| SANCTI : PETRI                          | DE : CANTO             |
| NETV : SA                               | CERDOS : IN I          |
| STO : SEP V                             | LCRO : NOBILI :        |
| TVMVLA                                  | TVS : CVIVS :          |
| MORS : DEO                              | ET : HOMI              |
| NIBVS : GRA                             | TA : FVIT :            |
| CREATORI                                | OMNIVM : SEM           |
| PER : GR                                | ... TES : AMEN         |

Pertencia este monumento á sé velha de Coimbra, da qual foi, ha muitos annos, removido para a sé nova da mesma cidade. Por deliberação do reverendo cabido, a instancias do fallecido conego, o doutor Francisco da Fonseca Correia Torres, veio como deposito para o Instituto em agosto de 1874<sup>1</sup>.

Mede toda a lapide 0<sup>m</sup>,40 de alto por 0<sup>m</sup>,30 de largo.

<sup>1</sup> Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 25.

(Continúa). J. C. A. DE C.

## PUBLICAÇÕES NOVISSIMAS

offerecidas no Instituto

*Elementos de analyse chimica qualitativa* — por Joaquim dos Sanctos e Silva.

*O Cenaculo*, revista contemporanea da Litteratura Portugueza. — Director Candido de Figueiredo. Publicaram-se os cinco primeiros fasciculos.

*Indice chronologico dos pergaminhos e foraes existentes no archivo da Camara Municipal de Coimbra*. Primeira parte do Inventario do mesmo archivo. Fasciculo unico. Segunda edição, por João Corrêa Ayres de Campos.

*Mosaico* — Folha quinzenal, litteraria e scientifica, n.º 9 — Março de 1875.

*Artes e Letras* — 3.ª serie, n.º 10.

*Album litterario*, periodico mensal. Redactores, Narciso Arelhanjo Fialho e Antonio Felix Pereira. N.º 1.º Anno 1.º

*Orüm* — na typographia da «India Portugueza» — 1875. O escriptorio da redacção é na rua 4 de abril (Nova Goa).

*A Tribuna*, n.º 70.

*Revista de Legislação e de Jurisprudencia*. Proprietarios e Redactores — drs. Joaquim José Paes da Silva Junior, José Joaquim Fernandes Vaz e Manuel de Oliveira Chaves e Castro, lentes da faculdade de direito na Universidade de Coimbra. — Collaboradores, José Ribeiro Rosado e Constantino Antonio Alves da Silva, advogados. Sahiram os primeiros numeros do volume 8.º

**REDACTORES**

**Antonio Candido Gonçalves Crespo**

**Augusto Sarmento**

**Dr. Francisco Augusto Corrêa Barata**

**Dr. João José de Mendonça Cortez**

**Dr. José Epiphanio Marques**

**José Frederico Laranjo**

**Dr. Luiz da Costa e Almeida.**

---

**CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA**

Em Coimbra, por anno, ou 12 numeros..... 1\$500

Numero avulso..... 160

Para fóra de Coimbra, accresce o importe das estampilhas.

A correspondencia litteraria deve ser dirigida ao Dr. José Epiphanio Marques; a de administração e gerencia ao gabinete do Instituto, Coimbra.